FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.766 — DOMINGO, 9 DE JUNHO DE 2024 — R$ 9,90

‘Não deixem de viver’, afirma refém do Hamas

Confinado por 129 dias em um cativeiro palestino, o argentino-israelense Luis Har, 71, conta como encontra forças para viver depois do trauma enfrentado por sua família. “Por fora, estou bem. Por dentro é que vai demorar”, diz em depoimento direto de Tel-Aviv. “Não deixem de viver.” A família de Har é a única que não teve mortos ou feridos entre os sequestrados. Mundo A14



Portuguesa radicada no Brasil tinha 94 anos e foi intelectual-chave do desenvolvimentismo Leo Pinheiro 29.ago.2014/Valor/Ag. O Globo

Morre a economista Conceição Tavares, referência da esquerda

Mercado p.4

Aterros sanitários se tornam polos de reciclagem energética

Resíduos sólidos urbanos são matéria-prima para produção de biometano, utilizado em fábricas e veículos

A reciclagem energética é uma das modalidades de reaproveitamento de resíduos que mais avançam no Brasil, fazendo de aterros sanitários, destino de 60% dos resíduos urbanos do país, complexos com captação de biogás e geração de energia.

Um exemplo é o aterro da Ciclus Ambiental em Seropédica, no Rio de Janeiro, o maior da América do Sul.

Ele fornece matéria-prima para a Gás Verde, principal produtora de biometano da América Latina. O gás é obtido a partir da purificação do biogás, emitido de material orgânico em decomposição, como lixo. Usado em fábricas e veículos, o produto é idêntico ao gás natural dos poços petrolíferos, com vantagem de emitir menos gases de efeito estufa.

O biometano ganhou força a partir de 2016, quando foi regulamentado, mas o país não explora todo o seu potencial, incluindo, além do lixo, áreas promissoras como o esgoto e o agronegócio. O Brasil poderia produzir 6 milhões de metros cúbicos de biometano por dia e gerar 800 mil empregos, mas só chega a 985 mil metros cúbicos diários. Mercado p.1



EUA e China travam nova corrida espacial

Ciência B5

‘Eleitor da Europa pede proteção’, diz ex-premiê da Itália

O resultado da votação para o Parlamento Europeu estará ligado à percepção dos eleitores sobre a capacidade de políticos protegerem a União Europeia, avalia Enrico Letta, ex-premiê da Itália, mencionando questões como guerras e migrações. Mundo A13

Ilustrada Ilustríssima C4 a C7

Camões, 500 anos

Há cinco séculos nascia o visionário poeta português, que aproximou a tradição greco-romana da invenção do futuro da lusofonia em trabalhos como o épico “Os Lusíadas”. Autores analisam o significado de sua obra.

Milei pode sofrer quando a maré política virar, diz economista C8

MÔNICA BERGAMO

Neca Setubal publica memórias e defende taxar super-ricos C2

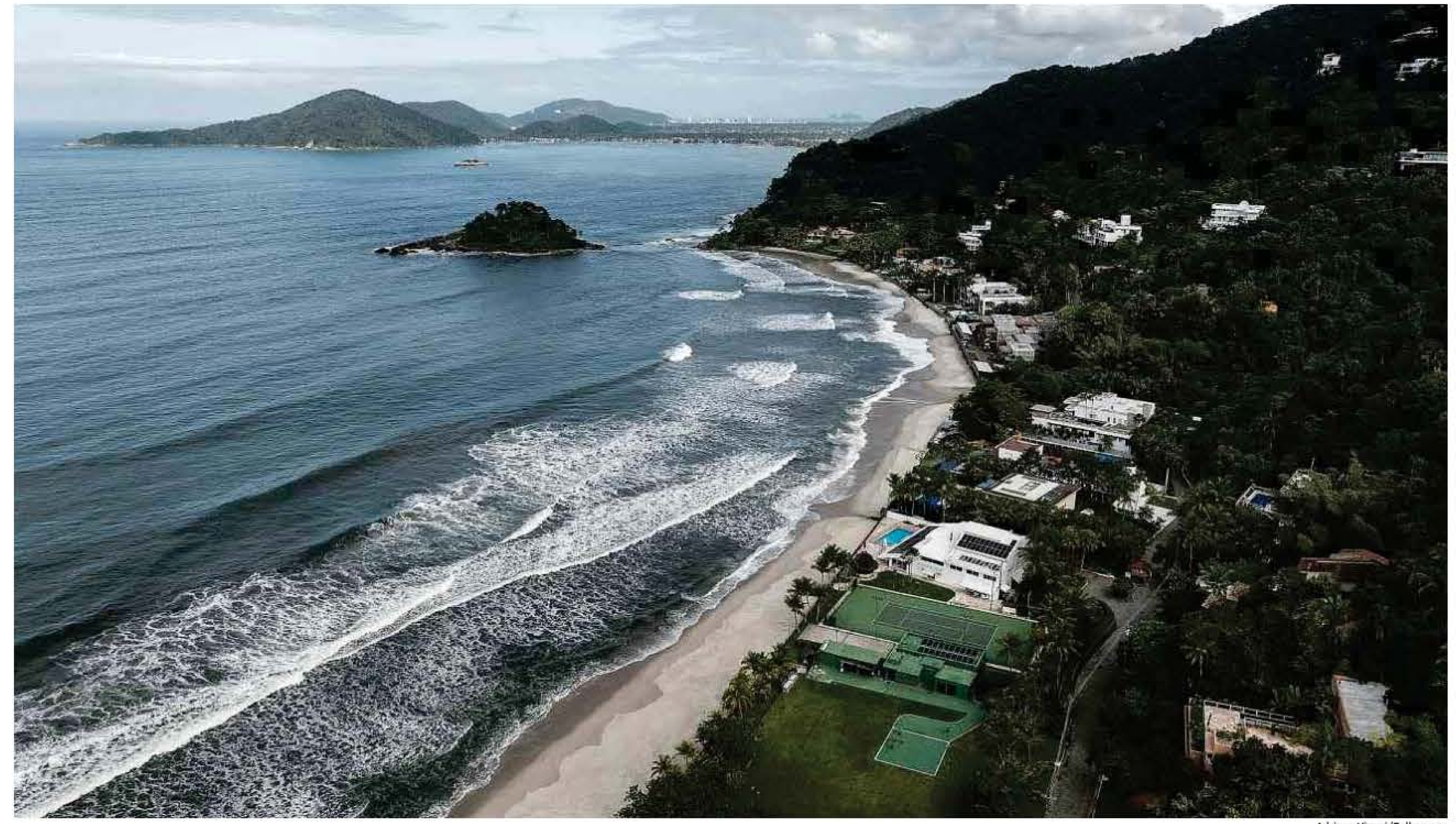
Pensão de ‘mortos fictícios’ custa ao Exército R$ 20 mi

O Exército gasta R$ 20 milhões por ano com o pagamento de pensões a familiares de 238 “mortos fictícios”, como são chamados 38 oficiais e 200 praças expulsos da Força por condenações na Justiça. Dados foram tornados públicos pela primeira vez. Mercado p.2

6 em cada 10 famílias de baixa renda esperam repasses no RS

Mais de 20 dias após o governo do Rio Grande do Sul anunciar o repasse de R$ 2.000 a pessoas de baixa renda afetadas pelas enchentes, 6 em cada 10 famílias ainda aguardam o benefício. O montante foi arrecadado com doações à gestão Eduardo Leite (PSDB).

A chave Pix divulgada pelo governo estadual desde o início das cheias acumulou R$ 120,9 milhões até quinta-feira (5). Desse total, cerca de R$ 51 milhões irão para as famílias mais pobres. Até o momento, apenas 10 mil foram beneficiadas em 60 municípios. Cotidiano B3



Adriano Vizoni/Folhapress

CONDOMÍNIOS RESTRINGEM ACESSO A PRAIAS PÚBLICAS DO LITORAL DE SÃO PAULO

Trecho da praia de São Pedro, no Guarujá, que só permite entrada de visitantes pelo loteamento; leis municipais amparam controle enquanto Congresso debate PEC sobre o tema Cotidiano B1

Senado dá vazão à pauta ideológica bolsonarista

Política A4

ISSN 1414-5723



ATMOSFERA

São Paulo hoje: 29º / 14º

	Hoje	Amanhã
Rio	17º 31º	18º 32º
Brasília	15º 28º	16º 28º
Ribeirão	15º 31º	15º 31º

Fonte: www.climatempo.com.br

EDITORIAIS A2

Desvincular Orçamento é reforma urgente

Em razão de mecanismos extravagantes de indexação de despesas mandatórias, 90% do desembolso federal hoje tem a sua destinação assentada em pedra.

Recolocar as instituições fiscais num caminho sustentável passa por uma reforma do Orçamento que desvincule os gastos obrigatórios e reduza seu peso.

Alexandra Moraes

Folha demora a adotar termos como ‘PEC das Praias’ e ‘taxa das blusinhas’

A **Folha** demorou a incorporar termos populares no Congresso, no governo e nas redes sobre uma PEC e um imposto de importação.

O jornal perde ao resistir em usar esses nomes pois adia a explicação sobre as versões que esses epítetos querem contar. Política A7

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão



EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Desvincular Orçamento é reforma urgente

Destinação obrigatória já enrijece 90% do gasto federal, impulsiona dívida e juros e embota debate sobre prioridades e eficiência das políticas públicas

Alguns indicadores econômicos brasileiros, de tão destoantes do padrão no mundo desenvolvido, deveriam fazer soar alertas para a correção urgente dos rumos.

Um deles, sem dúvida, é o nível extravagante das despesas de execução obrigatória no Orçamento da União, permanentemente alimentado por engrenagens legais de indexação automática. Em razão desse mecanismo, 90% do desembolso federal hoje tem a sua destinação assentada em pedra.

Nos EUA, a taxa de rigidez orçamentária do governo nacional pouco supera os 60%. A da Coreia do Sul, caso exemplar de enriquecimento acelerado nas décadas finais do século 20, fica em torno de 50%.

Algumas das desvantagens e dos custos de sustentar tamanha calcificação financeira tornaram-se evidentes na resposta ao desastre das enchentes no Rio Grande do Sul.

Impossibilitado por regras constitucionais de rever parcela majoritária da execução orçamentária vigente diante de uma emergência, restou ao governo federal o recurso, caríssimo, de autorizar a tomada de ainda mais dinheiro emprestado dos credores do Tesouro.

O apoio federal à reconstrução da infraestrutura gaúcha, a qual se estenderá pelos próximos anos, tampouco terá o volume e a fluidez possíveis num regime orçamentário mais flexível. Comprimida pelos dispêndios obrigatórios, a rubrica dos investimentos da União em obras e melhorias para todo o país nem sequer atinge 0,8% do PIB.

Se nada for feito, vai continuar o processo de esmagamento dos gastos chamados de discricionários —aqueles cuja destinação pode ser objeto de deliberação pelos representantes da população.

Entre os defeitos das leis que criaram o atual marco fiscal, precocemente desgastado pela inclinação à gastança do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), consta o de ter voltado a destampar a caixa de Pandora da feroz vinculação de despesas com saúde e educação.

Antes submetidas à correção pela inflação do sepultado teto de gastos, elas agora assumem um percentual da arrecadação federal. Essa arapuca transforma qualquer aumento de receita tributária —o único modo perseguido por este governo perdulário de diminuir o rombo fiscal— em elevação obrigatória de despesa no ato seguinte.

Some-se a isso o retorno, pela mão da administração petista, das correções do salário mínimo acima da inflação. Como o piso salarial indexa 60% dos benefícios da Previdência, o resultado é um crescimento veloz e insustentável desse item polpudo da despesa federal.

Quando os desembolsos obrigatórios crescem rapidamente, e quando o aumento de receita implica mais gasto, a compressão dos discricionários só não é inexorável com recurso ao endividamento.

Não é por outra razão que a dívida bruta do governo federal, hoje de 76% do PIB, deve continuar a crescer pelos próximos anos se o statu quo das instituições fiscais não for alterado. Esperar que o país retome juros civilizados nesse contexto equivale a crer em magia.

Recolocar as instituições fiscais no caminho condizente com o crescimento sustentável da economia passa por uma reforma do Orçamento que desvincule as despesas e reduza sobremaneira o peso dos gastos obrigatórios.

A boa prática internacional, adotada só no papel pelo Brasil, preconiza que se discutam antes de tudo o mérito e o objetivo dos programas candidatos a ser financiados pelo erário. O custeio deve estar submetido a esse debate, ao cotejo de prioridades e à avaliação constante dos resultados.

Por que a política social no Brasil protege muito mais os idosos do que as crianças? A lógica dos reajustes e pisos automáticos dificulta que se chegue a uma outra alocação desses recursos, de acordo com a vontade dos políticos eleitos hoje, e não num passado em que os desafios eram diferentes.

Já está demonstrado fartamente que a simples garantia —ou mesmo o aumento— de verbas não assegura uma boa política pública. Reservas orçamentárias frequentemente alimentam mais os lobbies bem posicionados do que atacam o problema do cidadão na ponta.

Por isso não há nenhuma surpresa no fato de a governança política brasileira ter entrado numa espiral que combina descontrole fiscal —com aumento contínuo e insustentável de despesas— e péssimos serviços prestados à população.

Para escapar da maldição, que retarda o desenvolvimento do país, cumpre recuperar a centralidade do debate orçamentário na política nacional. Há pouca coisa mais importante na democracia do que estabelecer os níveis e modos da tributação e da despesa feita com o suor e em nome dos cidadãos.

Despesas primárias em 2024

Em R$ bilhões

Despesa	Valor
Previdência Social	917,8
Pessoal	372,8
Não obrigatórias	208,8
Benefícios assistenciais e trabalhistas	186,4
Bolsa Família	168,6
Outras obrigatórias	154,1
Ações em saúde	153,5
Fundeb	47

Fonte: Relatório bimestral de receitas e despesas

Novas guerras frias

Hélio Schwartsman

Se você é um daqueles que acreditou na tese do fim da história, de Francis Fukuyama, ou comprou a ideia de que a integração econômica com o Ocidente levaria a uma liberalização da China, então precisa ler "New Cold Wars", de David Sanger. Vai descobrir não apenas que estava errado como também que estava errado em boa companhia. Grande parte da elite dos servidores públicos dos EUA, civis e militares, ao longo de cinco administrações, atuou com base em crenças semelhantes. Mas, desde a consolidação de Xi Jinping no poder na China e especialmente desde a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022, ficou claro que essas teorias estavam erradas.

Sanger é o principal correspondente do jornal The New York Times em Washington, cobrindo a Casa Branca e relações internacionais. Conversa diariamente com secretários, generais do Estado-Maior e líderes mundiais. São essas as pessoas que lhe servem de fonte para o livro, que pode ser descrito como um obituário da era pós-Guerra Fria, em que os EUA atuaram de forma quase hegemônica. Esses tempos acabaram. A nova ordem inclui um mundo bem mais instável, do que dão exemplo a Ucrânia e a guerra em Gaza, e uma China ascendente que não deixará de desafiar os EUA —embora não necessariamente os dois países chegarão às vias de fato.

O livro tem uma pegada bem jornalística. Lê-se-o como se fosse uma série de longas reportagens. É bastante didático também. Oferece, por exemplo, explicações convincentes para o fiasco militar inicial dos russos, algo que me intrigava.

Taiwan ocupa lugar central, não apenas por ser território cobiçado pela China como também por sediar a principal fábrica de chips avançados do planeta, que não pode ser facilmente transportada para outro lugar. Há discussões interessantes sobre o futuro das tecnologias de guerra. O grosso, porém, é geopolítica, com alertas para o perigo de uma volta de Trump à Casa Branca.

helio@uol.com.br

Bolsonaro quer amarrar Tarcísio

Bruno Boghossian

Como tantos conflitos no bolsonarismo, este ganhou a luz do dia com uma postagem caótica de Carlos Bolsonaro. No fim de maio, ele se queixou de quem fala em sucessão na direita sem considerar um retorno do pai às urnas. Chamou o movimento de "oportunista" e disse que a intenção era enfraquecer o ex-presidente.

A briga ganhou a adesão de agitadores e personagens influentes do grupo. Silas Malafaia disse que Bolsonaro deveria "dar uma prensa" em Tarcísio de Freitas, que se mexe para ser a alternativa ao ex-presidente. Michelle Bolsonaro criticou aqueles que tentam "acelerar o processo" e reduzir a importância do marido.

A fúria tem relação direta com passos recentes do governador paulista. Os aliados mais fiéis de Bolsonaro entendem que a consolidação de Tarcísio como opção para 2026 e sua aceitação por um grupo mais amplo do que o núcleo do bolsonarismo limita a ação do ex-presidente.

A naturalidade com que a candidatura do governador passou a ser tratada em alguns segmentos da direita atrapalha dois planos de Bolsonaro. O primeiro é o sonho de reverter sua inelegibilidade e concorrer ao Planalto. O segundo é o controle sobre uma eventual transição para Tarcísio, exercendo influência quase absoluta sobre o afilhado.

Bolsonaristas trabalham com a convicção de que certas elites trocaram o ex-presidente por Tarcísio porque o governador abriu essa porta.

Os mais raivosos também reclamam que o ex-ministro de Bolsonaro vem buscando se firmar com acenos a um trio que incomoda o padrinho: Alexandre de Moraes, a TV Globo e Gilberto Kassab. Tarcísio defendeu uma aproximação com o ministro do STF, jantou com o apresentador Luciano Huck e tem o presidente do PSD como operador político.

As piores desconfianças de Bolsonaro recaem sobre o perfil de Tarcísio como candidato e, eventualmente, como governante. O ex-presidente quer um sucessor que abrace suas guerras culturais e políticas, garanta sua blindagem e, acima de tudo, ofereça acesso irrestrito ao poder.

Coisa de cinema

Ruy Castro

Foi hoje, mas em 1964. Quando, na tela, Geraldo Del Rey se arrastava de joelhos e em tempo real com uma pedra de 20 quilos de verdade na cabeça, metade do cinema suspirava: "Rossellini!". Quando Maurício do Valle, de capa e chapéu no papel de Antonio das Mortes, disparava seu rifle e a cena se repetia em alta velocidade, a outra metade exclamava: "Eisenstein!". E, quando Othon Bastos, como Corisco, falava nos olhos do espectador, rodopiava e era metralhado gritando "Mais fortes são os poderes do povo!", a terceira metade se extasiava: "Godard!". Eu sei, não há três metades. Mas, nos filmes de Glauber Rocha, havia. Em "Deus e o Diabo na Terra do Sol", daquele ano, mais ainda.

Foi há incríveis 60 anos. Para a crítica brasileira, assistir a "Deus e o Diabo" pela primeira vez era uma epifania, uma revelação, a visão de um quasar. Nunca houvera nada parecido no Brasil, nem o lendário "Limite" (1930), de Mario Peixoto, que ninguém tinha visto, nem o recente (1963) "Vidas Secas", em que Nelson Pereira dos Santos trouxera Antonioni para a caatinga. "Deus e o Diabo" era a maturidade de um cinema que não tivera sequer uma adolescência. Com ele, passávamos direto da infância, das calças curtas e do nariz escorrendo, para a vida adulta, prontos a ser reconhecidos pelo Cahiers du Cinéma.

E o Cahiers fazia a sua parte. Cada novo filme brasileiro era um acontecimento na revista. Glauber foi fotografado jogando pelada com Godard num terreno baldio em Paris. Nossos cineastas eram os xodós em Cannes, Berlim, Veneza. Alguns até namoraram as atrizes dos mestres europeus.

José Luiz de Magalhães Lins, dono do Banco Nacional, lhes oferecia dinheiro para filmar. Os exibidores nacionais tentavam enterrar seus filmes, lançando-os no Carnaval —em vão. A arte vencia o comércio. Era o Cinema Novo.

Hoje tudo isso parece inacreditável. Coisa de cinema, mesmo.

Avalanche de trevas

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Uma avalanche é feita do acúmulo de pequenas coisas, físicas ou morais, que convém esmiuçar para estimar os riscos. Foi assim obsceno, coisa de fazer tremer a compostura do espírito público, o prognóstico do governador paulista sobre escolas cívico-militares: daqueles alunos poderá surgir no futuro um novo Bozo. Não é a primeira vez que se pode pensar em obscenidade como categoria aplicável a esse político. Foi como o jornal inglês "The Guardian" se referiu a uma das famigeradas motociatas em que ele, em plena pandemia, subiu na garupa presidencial.

Obscenidade, na acepção da crítica pós-modernista da cultura, não faz referência à pornocultura, mas à ausência das mediações socialmente requeridas para a apresentação de fatos sensíveis da vida. É a cena crua, exibida sem véus. Algo pertinente aos tempos de estupidez sistêmica em que se rompem limites para proliferação de discursos alheios à verdade e ao consenso. Não se consultaram famílias para saber se elas confiariam seus filhos a uma escola que tivesse como bedel ou professor um misógino, homofóbico, fetichista armado, expulso do exército, cujo ídolo é o único torturador condenado pela Justiça brasileira. Mas o governador do estado mais opulento da federação pode declarar, sem qualquer mediação pedagógica ou comunitária, que a excelência educacional de jovens será aferida pelo padrão desse mesmo indivíduo.

"Os homens querem ser enganados", dizia Ernst Bloch (O Princípio Esperança), mas ainda havia abrigos contra a mentira. A obscenidade, entretanto, tipifica a falência da representação mediadora, portanto, da razoabilidade que lastreia bem ou mal as instituições. Entrou-se no ciclo radioativo do vazio de sentido. A regra do tudo dizer nas redes é obscena por seu anonimato. O mesmo acontece de viva voz, porém, quando uma autoridade anuncia candidamente a pais e mães que o futuro de seus filhos será moldado pelo binômio fascista das armas e do retrocesso ideológico. Acrescenta-se escola ao ecossistema digital da mentira.

Obscenamente, para muito além do que supunha a pedagogia de Émile Durkheim, equacionou-se o problema da disciplina: spray de pimenta e algemas. É o que já ocorre em escolas cívico-militares paulistas, agora avalizadas por lei. A famílias às voltas com naturais dificuldades de seus adolescentes, isso pode parecer de somenos. Mas é também matéria de avalanche moral, já pressentida.

Na mentalidade plástica do jovem, disciplina militarizada, ainda mais sem a finalidade institucional do exército, é manufatura de hostilidade à consciência civil e de enrijecimento humano na mobilidade social: pedagogia para autômatos, desinteligência degenerativa. A avalanche por vir será feita de trevas.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O desafio dos deepfakes nas eleições

Combate exige tecnologia, leis e educação pública

Fernando Neisser e Renato Opice Blum
Mestre e doutor em direito (USP), é professor de direito eleitoral (FGV/SP)
Advogado, economista e professor; é mestre pela Florida Christian University; presidente da Comissão de Estudos de Novas Tecnologias, Neurodireitos e Inteligência Artificial do Iasp

Em outubro próximo teremos eleições municipais, e uma ameaça tecnológica tira o sono de quem se preocupa com a democracia: os deepfakes. Se campanhas massivas de desinformação já se mostraram um desafio desde ao menos 2018, o que dizer de áudios e vídeos produzidos sinteticamente, simulando imagens e voz de quaisquer pessoas?

Como sempre, há quem anteveja a catástrofe. Não será, contudo, o primeiro desafio tecnológico que enfrentamos a testar nossa capacidade de detectar tentativas de engano.

Em 1917, na Inglaterra, vieram à tona as fotografias das fadas de Cottingley, supostamente tiradas por duas crianças. O furor foi geral, levando gente racional como Sir Arthur Conan Doyle a crer na história. Somente nos anos 1980 admitiu-se a farsa.

Vinte anos depois, em 1938, Orson Welles, convenceu os Estados Unidos de que estávamos sob ataque marciano, no famoso episódio da Guerra dos Mundos.

Cada novo meio de mídia traz seus desafios à nossa capacidade de desconfiar da realidade que nos mostra. O motivo para isso é simples, já que o cérebro humano mudou pouco desde quando migramos da savana. Seguimos programados, geneticamente, para fugir dos predadores e buscar alimento, não para identificar deepfakes.

Se não há tempo para que a evolução resolva esse problema, é preciso que a cultura e a criatividade humana entrem em campo.

O Tribunal Superior Eleitoral aprovou uma resolução inovadora, regulando o uso da inteligência artificial nas eleições e proibindo, de forma contundente, o uso de deepfakes pelas campanhas. Quem for pego terá a campanha cassada e ficará inelegível por oito anos.

Agora, qualquer conteúdo fabricado ou manipulado por meio de inteligência artificial deve ser acompanhado de informação explícita e destacada desse fato. O desafio central é assegurar que todas as medidas legais sejam efetivamente implementadas.

Mas como podemos determinar o que é real e o que foi manipulado? Quais estratégias podem ser adotadas para melhorar a detecção de deepfakes?

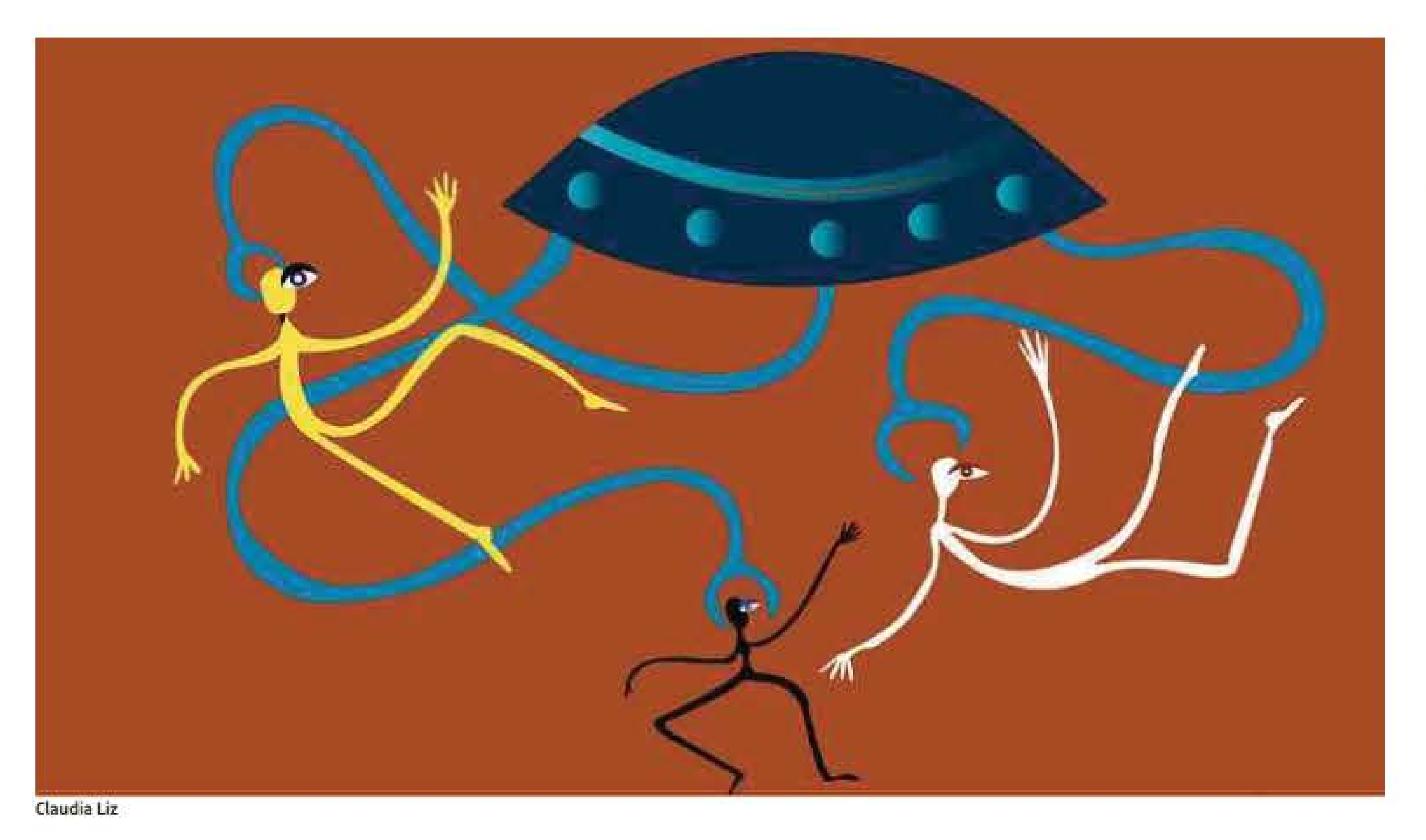
Existem ferramentas comerciais que podem auxiliar nessa tarefa, mas elas necessitam de treinamento e atualização constantes. Dependendo da sofisticação da tecnologia, pode ser possível detectar a falsificação a olho nu, enquanto especialistas podem precisar analisar o conteúdo em outros casos. Ferramentas de inteligência artificial podem ser mais eficientes do que a análise manual, mas esse é um processo que requer tentativa e erro.

Do ponto de vista social, os indivíduos devem verificar a credibilidade das fontes de mídia antes de compartilhar informações. Muitos não compreendem o que são deepfakes ou os danos que podem causar, mas, com a educação adequada, podem aprender a identificar sinais de falsificação.

Ao tentar identificar uma imagem ou vídeo falso, alguns sinais podem incluir: desfoque evidente no rosto que não corresponde ao resto da mídia; mudanças de tom de pele nas bordas do rosto; queixos, sobrancelhas ou bordas duplas; desfoque do rosto quando parcialmente coberto; seções de qualidade inferior no mesmo vídeo; formas semelhantes a caixas ou efeitos recortados ao redor da boca, olhos e pescoço; padrões de piscar (ou ausência de piscar) e movimentos não naturais; assim como inconsistências no fundo e na iluminação.

Áudios também podem ser falsificados e podem conter frases truncadas; variações de tom inflacionadas no discurso; inconsistências no modo de comunicação do orador; falta de relevância do contexto da mensagem para discussões recentes; e inconsistências nos sons de fundo em relação ao local presumido do orador.

A abordagem eficaz para combater deepfakes nas eleições envolve uma combinação de ferramentas tecnológicas avançadas, legislação robusta e educação pública. Dessa forma, aumentamos a resiliência da sociedade, especialmente em períodos eleitorais. O TSE está encarando o problema com a seriedade devida e cabe a nós reagirmos coletivamente, construindo os meios para barrar mais esse ataque à democracia.



Claudia Liz

Papai, eu quero ser como a princesa Elsa

Idealização étnica e estética provoca sofrimento

Ivan Martins
Psicanalista, escritor e pai de três filhos

Por alguma razão que escapa ao meu entendimento, meninas são loucas pela princesa Elsa, a personagem do filme "Frozen" —tão loucas que querem ser iguais a ela. Usam o seu vestido azul, repetem no chuveiro a música que ela canta no filme —"Livre estou, livre estou!"— e sonham em ter, quando crescerem, os mesmos cabelos louros platinados.

Só que estamos num país de gente majoritariamente preta e parda, não? Além disso, sabemos que nem todas as meninas crescerão com o manequim esguio da heroína do desenho —e ainda menos com seu rostinho de proporções milimetricamente artificiais.

Começa a se esboçar assim, de forma precoce, a idealização étnica e estética que vai causar sofrimento a tantas meninas brasileiras no futuro: elas gostariam de ser como Elsa, mas tendem a ser mais parecidas com Moana, a princesa polinésia de outro desenho da Disney.

Historicamente, o tema da aparência e da feminilidade é território das mulheres, coisa que as meninas resolvem imitando ou rejeitando o modelo da mãe. Mas eu me pergunto, como pai, se nós, homens, não podemos ter influência positiva sobre a maneira como nossas filhas enxergam a si mesmas, ajudando-as a construir identidades estéticas menos opressivas.

Em tese, estamos num lugar privilegiado para isso. O pai presente é, depois da mãe, a grande referência afetiva da menina. É o primeiro homem da vida dela, uma presença carregada de afeição e de autoridade. Não é infrequente que o pai se constitua num modelo de parceiro a ser buscado pela mulher na vida adulta. Ele certamente ocupa uma posição de poder em relação ao psiquismo da filha e pode ajudar a conduzi-lo em diferentes direções.

Mas há um porém nisso: ao passar de "consumidor a fornecedor" —na frase canalha dos homens da minha geração—, o sujeito que vira pai de uma menina carrega consigo os seus preconceitos, e os projeta sobre a filha. Se ele pensar como a maioria, a menina será percebida como objeto estético, seu valor determinado pela sua aparência. Ele vai achar a filha linda, porque isso é parte do narcisismo dele, mas estará transmitindo a ela, subjetivamente, um valor danoso: o de que ser bonita é a coisa mais importante do mundo, a via privilegiada, talvez a única, para o amor dos homens e do mundo em geral.

As meninas têm sobrevivido a esse reducionismo há incontáveis gerações, mas com sofrimento. Crescem em desvantagem em relação aos meninos, que são julgados pelo conjunto das suas habilidades, não só pela aparência. Mesmo garotas que se encaixam nos padrões estéticos caem vítimas de ideais inatingíveis de magreza ou sensualidade, com terríveis consequências.

Talvez os pais desta geração possam ajudar a mudar esse quadro. Seu olhar amoroso e seus incentivos podem ser voltados à personalidade de suas filhas, sem privilegiar tanto os aspectos físicos. Isso parece contrário à nossa natureza, mas é apenas oposto à nossa cultura.

Também seria importante que nossas crianças crescessem em meio à diversidade estética, étnica e comportamental, aprendendo, afetivamente, que não há corpos ou jeitos de ser melhores do que os outros. As meninas continuariam amando Elsa, mas sem o imperativo impossível de serem iguais a ela.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Reféns liberados em Gaza

Que bom que libertaram esses reféns mas infelizmente também é uma carta branca para Bibi eliminar mais milhares de crianças. ("Israel anuncia resgate de quatro reféns vivos em Gaza", Mundo, 8/6)
Rodrigo Negrão (São Paulo, SP)

*

O povo trabalhador dessa região está sendo trucidado há 8 meses. Bom para os libertados, não para os outros. E não justifica a atrocidade contra o povo trabalhador.
Maria de Felipe Martinez (Brasília, DF)

*

Primeira boa notícia em muito tempo. Todos esperamos que o povo trabalhador da região fique logo livre de seus atuais líderes.
José Cardoso (Rio de Janeiro, RJ)

Pablo Marçal

Tem conhecimentos superficiais, parece um livro de autoajuda falando ("Entrei para tirar Boulos do caminho, e Nunes não é compatível com Bolsonaro, diz Marçal, Política, 7/1). Capacidade de persuasão para argumentos sem conteúdo.
Enir Antonio Carradore (Criciúma, SC)

*

São Paulo é Pablo Marçal.
Gilberto Marques da Silva (Ilhabela, SP)

Contra delação

Esse projeto é a coroação do princípio: o Brasil existe apenas para sustentar políticos e poderosos. Na hora de se beneficiar não existe esquerda, direita, Lula, Bolsonaro: todos se unem como irmãos para nunca construir uma Nação. ("Aval de Lira e 13 partidos impulsiona projeto contra delação sob incerteza de beneficiar Bolsonaro", Política, 7/6)
Neli Faria (São Paulo, SP)

*

Que todos os culpados sejam presos e cumpram as penas. O Brasil precisa aprender a punir a corrupção e os que atentam contra a democracia.
Antonio Araújo (Salvador, BA)

Taxa das blusinhas

As empresas que pagam salários direitos e impostos vão concorrer como contra quem tem custo zero? Algum dos gênios comentaristas já tentou exportar para EUA ou Comunidade Europeia? ("'Taxa das blusinhas': mais um episódio do protecionismo brasileiro", Deborah Bizarria, 7/6)
Angelo Guilherme Grassi Scomazzon (Porto Alegre, RS)

*

É justo cobrar impostos das blusinhas, mas com endereço de onde vai aplicar o valor arrecadado. A arrecadação desse imposto deveria ser investida integralmente na formação de estilistas para produzir confecções modernas para abastecer o mercado interno e exportar confecções.
João Leite Leite (Osasco, SP)

Perdendo o arco-íris

A refundação da África do Sul não é um mito e o Nelson Mandela se mantém vivo como um dos mais importantes líderes mundiais do século 19, certamente é o maior da África. ("Perdendo o arco-íris", Demétrio Magnoli, 7/6)
Luiz Candido Borges (Rio de Janeiro, RJ)

*

O conceito de país do arco-íris foi crucial para unir uma nação profundamente dividida racial e economicamente, simbolizou a diversidade e a inclusão. Gostaria que continuasse assim.
Alexandre Marcos Pereira (Ribeirão Preto, SP)

ASSUNTO QUAL É SUA OPINIÃO A RESPEITO DA 'PEC DAS PRAIAS', LEITOR DA FOLHA?

A visão de benefício vem apenas de personagens mais interessados em lucro imobiliário e exploração turística hoteleira. Além de representar perigo à natureza, favorecer a devastação, aumentando do lixo, trata-se também de risco à própria população que seria usuária das explorações na costa, pois é sabido que há grande possibilidade das alterações climáticas repercutirem na mudança das marés e no nível do mar.
Carlos Caramori (Botucatu, SP)

*

Acho esta proposta uma aberração. Com toda a certeza querem restringir o direito de ir e vir do povo.
José Wilson Mariano Pires (Curitiba, PR)

*

A PEC é uma vergonhosa ação para favorecer especulação imobiliária.
Vilarino Escobar da Costa (Viamão, RS)

*

Totalmente maléfica, tal medida é sectária, visando a destruição do meio ambiente e muitos lucros para uma minoria em detrimento da maioria da população brasileira.
Silvia R. B. de Almeida Negretti (Taboão da Serra, sp)

*

Os riscos à natureza são descomunais. Em uma rápida volta no entorno de Porto de Galinhas, dá para ver a explosão de resorts de luxo que vedam o acesso à praia. Esse projeto só vai agravar ainda mais o problema, gerar mais esgotos, sujeiras, plásticos e afins.
Valdeci Manoel (Assis, SP)

*

Há elementos no projeto que indicam a possibilidade concreta de se repetir de forma mais grave a construção de muralhas de espigões de concreto ao longo das praias. Além do que aconteceu em Porto Alegre, merece ser observada a sucessão de quedas de falésias em praias do Nordeste, em sinal claro de que as mudanças climáticas não são fantasia.
Antonio Agenor de Lemos (Brasília, DF)

*

Os riscos são altíssimos! Propor uma emenda como essa no mesmo mês em que praticamente todo um estado da federação (RS) ficou embaixo d'água em função dos extremos climáticos é uma audácia sem precedentes. Precisamos o mais rápido possível ouvir os apelos gritantes da ciência.
Fernando Lima Rodrigues da Cunha (Itajaí, SC)

*

É benéfica para quem tem dinheiro e os supostos proprietários. A praia sempre foi de uso comum a todos e muitas vezes é a única alegria do cidadão que já é pisoteado pela sociedade todos os dias, com um salário que não dá nem para pagar as contas direito.
Thaís Rocha (Caraguatatuba, SP)

*

Acho que é benéfico, além de trazer um bom retorno, não afeta o público. Pelo o que eu entendi, pessoas que têm território na beira da praia irão poder meio que comprar aquele espaço em frente, para uso privado, gerando também mais privacidade, onde um monte de pessoas em praia aberta não teria.
Patrick Araujo de Lacerda (São Paulo, SP)

*

Como a privatização das praias vira uma pauta? Que tempos esquisitos são esses? A praia é uma das poucas coisas que é de graça, assim como a vergonha na cara. Aprendam.
Eduardo Paco (São Paulo, SP)

*

O projeto vai restringir o acesso da população às praias e ambientalmente as construções de resorts à beira-mar vão interferir de forma negativa nos ecossistemas, trazendo mais desequilíbrio ambiental.
Beatriz Regina Alvares (Campinas, SP)

*

É benéfica, não trata de questões ambientais nem muda nada em relação a isso, apenas passa a propriedade aos atuais proprietários de fato, e acaba com a taxação absurda.
Bruno Maya (Garopaba, SC)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*
painel@grupofolha.com.br

Cartada final

Aliados do prefeito Ricardo Nunes (MDB) dizem que o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) é a última esperança para demover Jair Bolsonaro (PL) da intenção de forçar a indicação do ex-coronel da Rota Ricardo de Mello Araújo (PL) para vice na disputa em SP. Eles avaliam que Araújo é um nome pesado, alinhado ao bolsonarismo mais radical, e que, devido à sua vinculação às forças de segurança, traria dificuldade para a campanha, especialmente em regiões periféricas da capital.

PENSA BEM... A avaliação no núcleo mais próximo de Nunes é que Tarcísio é sensível aos argumentos e está disposto a ajudar no meio de campo com Bolsonaro. Aliados do prefeito pretendem insistir que a prioridade deve ser vencer a eleição na capital, missão que se tornaria mais difícil com Mello Araújo na vaga de vice.

NEÓFITO A manifestação deste domingo (9) na avenida Paulista que pede o impeachment de Lula está sendo organizada por um movimento recém-criado e praticamente desconhecido, o Liberdade, que se define como de direita, liberal, conservador e de "cidadãos de bem e de família". Segundo Guilherme Sampaio, um dos organizadores, o grupo foi registrado no ano passado. A deputada Carla Zambelli (PL-SP) é uma das presenças confirmadas.

AFUNILA O PSOL abriu mão da pré-candidatura da deputada estadual Bella Gonçalves à Prefeitura de Belo Horizonte (MG) e vai apoiar o petista Rogério Correia. "A disputa em Belo Horizonte vem sendo liderada por candidatos de direita, e nós chegamos à conclusão de que, nesse cenário, não dá para a esquerda ficar muito fragmentada", diz a presidente nacional do PSOL, Paula Coradi.

PONTO DE HONRA Ministros de Lula começaram a fazer reuniões com os pré-candidatos apoiados pelo presidente para prefeito de São Bernardo, seu berço político. O PT lançará o deputado estadual Luiz Fernando Teixeira. Nesta sexta (7), ele se encontrou com Jader Filho (Cidades). No sábado (8) foi a vez de Silvio Almeida (Direitos Humanos). As agendas mostram como Lula colocou como prioridade vencer na cidade em que surgiu para a política, nos anos 1970.

SINUCA 1 A lista tríplice para uma vaga de ministro do STJ pode deixar Lula em uma enrascada, a depender dos indicados. Um nome que deve constar da relação é Ney Bello, do TRF-1, apoiado por Flávio Dino e Gilmar Mendes, do STF. Outro bem cotado é Carlos Brandão, também do TRF-1, apadrinhado por Nunes Marques. Escolher entre Bello e Brandão, portanto, será desagradar a alguma poderosa ala do STF.

SINUCA 2 Rogerio Favretto, do TRF-4, vem sendo bastante citado. Próximo de lideranças do PT, foi o responsável por ter dado uma polêmica decisão que soltou Lula em 2018, depois revogada. Caso o presidente o nomeie, poderá ser acusado de aparelhar o STJ. A lista, formada por desembargadores a partir de pré-seleção do STJ, deve ser encaminhada a Lula ainda neste semestre para que o presidente faça sua escolha.

AMPARO O Governo do Pará inaugurou um Centro Especializado em Atendimento às Mulheres para acolher vítimas de violência doméstica na ilha de Marajó, que tem alguns dos índices mais altos de violência contra mulheres e gravidez precoce do país. O espaço, no município de Breves, tem estruturas para acolhimento, atendimento psicossocial e jurídico, além de encaminhar vítimas para estruturas de apoio.

REAÇÃO Quase 30 frentes parlamentares do Congresso fecham nesta terça-feira (11) a articulação para derrubar a medida provisória que impõe restrições à compensação de créditos de PIS/Cofins ainda na comissão mista, formada por deputados e senadores. Desta forma, a MP, publicada na última terça-feira (4), teria seus efeitos em vigor por pouco tempo. O relatório final, mesmo que seja pela rejeição do texto, teria que ser apreciado pela Câmara dos Deputados.

Três Poderes

VENCEDOR DA SEMANA
O coach **Pablo Marçal** (PRTB), que vem sendo cortejado por diversos partidos e candidatos desde que surpreendeu com boa pontuação em pesquisas para a Prefeitura de SP.

PERDEDORES DA SEMANA
Os deputados **André Janones (Avante-MG) e Nikolas Ferreira (PL-MG)**, que chegaram às vias de fato em um corredor da Câmara.

FIQUE DE OLHO
Câmara deve sacramentar **"taxa das blusinhas"**; governo tenta dobrar resistência do Congresso a restrição de crédito tributário de PIS/Cofins para compensar **desoneração.**

Com Guilherme Seto e Danielle Brant

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
	R$ 29,90	R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO FOLHA (verificado por PwC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa. Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), que deve tentar ser próximo presidente da Casa, durante sessão da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado, em dezembro passado Geraldo Magela - 6.dez.2023/Agência Senado

Senado deixa de ser barreira contra pauta ideológica bolsonarista

Senadores à esquerda afirmam em conversas reservadas que 'boiadinha ideológica' tem avançado diante de novo perfil da Casa

Thaísa Oliveira

BRASÍLIA O Senado Federal tem dado vazão a pautas ideológicas e avançado em temas antes restritos à Câmara dos Deputados, como a castração química para estupradores, bandeira histórica de Jair Bolsonaro (PL).

Apesar de ter sido proposta pelo ex-presidente em 2013, quando era deputado federal, e reapresentada por Eduardo Bolsonaro (PL-SP) em 2020, foi pelas mãos dos senadores que a castração química voluntária de fato avançou, mais de uma década depois.

O projeto de lei, de autoria do senador Styvenson Valentim (Podemos-RN), foi incluído na pauta da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) pelo presidente do grupo, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e aprovado por 17 votos a 3.

A aprovação na CCJ abriu caminho direto para a Câmara dos Deputados. O projeto tramitava em caráter terminativo e só seria discutido no plenário do Senado se houvesse pedido de recurso até quinta (6), o que não aconteceu.

Só neste ano, o Senado também votou e aprovou a emenda à Constituição que criminaliza o porte e posse de drogas e o projeto que acaba com as saidinhas temporárias de presos, que havia sido validado por deputados federais em 2022.

Diante dos últimos movimentos, parlamentares mais à esquerda têm dito em conversas reservadas que a "boiadinha de costumes", ironicamente, já passou mais no governo Lula (PT) que nos quatro anos do governo Bolsonaro.

"Passar a boiada" é uma referência à fala do então ministro do Meio Ambiente na gestão Bolsonaro, Ricardo Salles, atual deputado federal pelo PL-SP, que sugeriu durante reunião ministerial que o governo aproveitasse o foco da imprensa na pandemia de Covid-19 para afrouxar normas ambientais.

Parte da base afirma que a frustração é ainda maior porque o governo federal não tem nem sequer tentado conter a agenda ideológica, o que faz com que as pautas bolsonaristas sejam aprovadas com pouco ou nenhum combate.

O diagnóstico é o de que a situação deve ser ainda pior se Alcolumbre for mesmo eleito presidente do Senado no ano que vem. Ele deve concorrer ao cargo. O senador tem afirmado a pessoas próximas que vai ser difícil "fazer o certo" após as eleições municipais —frase que, para governistas, soa como aceno ao grupo de Bolsonaro.

Outra previsão feita nos corredores do Congresso por Alcolumbre é a de que a eleição de 2026, quando cada unidade da federação vai escolher dois senadores, deve inverter o quadro de forças e consolidar maioria para bolsonarismo.

A mudança de postura do Senado coincidiu com a intensificação da articulação de bastidores para que Alcolumbre substitua Rodrigo Pacheco (PSD-MG) no comando da Casa em fevereiro de 2025. O político do Amapá é o favorito e busca evitar que o grupo mais bolsonarista, que reúne cerca de 30 dos 81 senadores, lance uma candidatura concorrente.

Apesar da decepção da esquerda com matérias de costumes, até mesmo um senador ligado a Bolsonaro disse à reportagem que, no quadro geral das comissões, vê hoje um vácuo de ideias relevantes para o país.

Já um senador de esquerda afirma que a Casa tem se rendido à ideias do senso comum. Ele diz que, apesar de o conservadorismo sempre ter existido, ex-governadores e ex-ministros que integravam o Senado ajudavam a barrar projetos inconstitucionais.

O sociólogo e cientista político Sérgio Abranches, que cunhou o termo "presidencialismo de coalizão", afirma que alguns fatores explicam a perda de qualidade política no Congresso Nacional.

Um deles, avalia, é o enfraquecimento de partidos que antes organizavam oposição e governo, como MDB, PT, PSDB e PFL/DEM (batizado de União Brasil após a fusão com o PSL), notadamente entre 1994 e 2014.

Ele aponta que o crescimento de legendas do chamado centrão leva, inclusive para o Senado, a preocupação municipalista e que há, no quadro geral partidário, ausência de canais de renovação política.

"O centrão é uma coalização de chefes locais. São partidos muito fragmentados. Com a elevação da representação do centrão, você tem naturalmente uma depreciação do tipo de liderança que você tem no Congresso", afirma.

"Você vai passar a ter lideranças mais voltadas para questões puramente locais e com muito pouca visão nacional, geral. O Congresso hoje não tem essa capacidade de discussão de temas mais estratégicos, sobretudo fora da economia."

Para Abranches, a relação direta entre desempenho econômico e popularidade —não só para o presidente da República, mas também para os próprios parlamentares— faz com que o ambiente seja mais "organizado" nesta área.

O defensor público do Distrito Federal Felipe Zucchini, coordenador do Núcleo de Execuções Penais, vê na agenda do Senado uma antiga fórmula de capitalização eleitoral por meio de projetos de lei punitivistas.

Ele diz que a preocupação cada vez maior dos parlamentares com as redes sociais também encurtou o debate sobre os projetos encampados neste ano —proposta antidrogas, fim das saidinhas e castração química.

"Temas de relevância que antes poderiam ser submetidos a maior debate, esclarecimentos técnicos e sedimentação de consenso hoje viram propaganda e tensionamento entre os Poderes", diz.

"Um parlamentar minimamente moderado poderia frear [um projeto], negociar e racionalizar seu voto. Mas hoje há o julgamento imediato da pauta diante do receio de ser cancelado pelas redes."

+ TEMAS QUE AVANÇARAM NA CASA

Castração química para estupradores Comissão de Constituição e Justiça aprovou projeto que abre possibilidade de criminoso voluntariamente se submeter ao procedimento

Criminalização do porte e posse de drogas Casa deu aval a mudança constitucional que caracteriza como crime possuir ou carregar drogas, independentemente da quantidade e da substância

Fim das saidinhas de presos Projeto que acaba com as saídas temporárias de presos em datas comemorativas foi aprovado pelos senadores e depois referendado pelos deputados



Com a elevação da representação do centrão, você tem naturalmente uma depreciação do tipo de liderança que você tem no Congresso. [...] O Congresso hoje não tem essa capacidade de discussão de temas mais estratégicos, sobretudo fora da economia

Sérgio Abranches
sociólogo e cientista político que cunhou o termo 'presidencialismo de coalizão'



Plenário do Senado Federal, Casa que ao lado da Câmara dos Deputados vem impondo dificuldades e derrotas ao governo Lula (PT) Jefferson Rudy/Agência Senado

Lula enfrenta obstáculos em série na relação com Congresso; entenda

Empoderamento de parlamentares e do centrão expõe esquerda minoritária e articulação frágil

Ranier Bragon

BRASÍLIA Os últimos dez anos marcaram uma inflexão na relação do governo com o Congresso Nacional, invertendo em parte uma relação de forças que nos anos 1980, 1990 e 2000 pendia muito mais para o Executivo, salvo alguns períodos.

Os atuais percalços na articulação do governo Lula (PT) com deputados e senadores não se explicam só pela fragilidade da esquerda e pelas falhas da atual gestão, mas também por essa evolução histórica.

Até 2014, último ano do primeiro mandato de Dilma Rousseff (PT), vigorava um modelo que se moldava em grande parte pela prevalência quase total no Congresso da agenda do governo, que montava sua base de apoio muito em razão da distribuição de ministérios e cargos aos partidos e da liberação das chamadas emendas parlamentares.

Principalmente nos anos do tucano Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e nos dois primeiros mandatos de Lula (2003-2010), os governos conseguiam montar coalizões menos instáveis, salvo períodos de turbulência, e debelavam traições na base do corte de cargos e emendas.

De 2014 em diante ocorreu uma mudança crucial. Trata-se da engorda das emendas, que subiram de cerca de R$ 10 bilhões naquele ano (em valores atualizados) para cerca de R$ 50 bilhões agora, com um detalhe não menos importante: aprovações de projetos para tornar sua execução impositiva —reduzindo bastante o poder de barganha do Palácio do Planalto.

O processo de empoderamento dos congressistas por meio das emendas ocorreu concomitantemente à chegada do centrão ao comando da Câmara dos Deputados, em 2015, com Eduardo Cunha (RJ), então no MDB.

Ele derrotou o candidato do Palácio do Planalto, Arlindo Chinaglia (PT-SP), colocando fim a uma quase ininterrupta lista de presidentes da Câmara alinhados, e começou a promover uma agenda própria de seu grupo político, claramente antigoverno, que culminaria, no ano seguinte, no impeachment de Dilma Rousseff.

Desde então, os presidentes da Câmara mantiveram postura mais independente, de fomento de agendas próprias, afastando a figura de um comandante da Casa submisso às ordens do Planalto.

Os gigantescos protestos de rua que abalaram o país em 2013 também simbolizaram o recrudescimento de um fenômeno que afeta diretamente o posicionamento dos parlamentares, a pressão popular.

Vigorosa atualmente por meio das redes sociais, ela influencia hoje em dia o voto e a posição de parlamentares com muito mais força e rapidez do que nos anos 1980 e 1990, por exemplo, quando o feedback mais relevante era sentido, em geral, apenas nas urnas.

Nesse ponto, os problemas do atual governo aumentam no sentido de que a direita tem se mostrado mais eficaz ao influenciar as redes.

Presidentes nunca conseguiram no atual período democrático eleger deputados e senadores de seus partidos em número suficiente para ter hegemonia no Congresso, sendo necessária a montagem de coalizões. Assim é com a esquerda atualmente, que controla apenas cerca de um quarto das cadeiras no parlamento.

A diferença em relação às décadas passadas é que a massa de congressistas de partidos que se alinham a qualquer governo que seja obteve um mecanismo muito mais poderoso na relação com o Executivo —as turbinadas e, em grande parte obrigatórias, emendas parlamentares— e estão sob implacável escrutínio de grupos de pressão nas redes sociais.



Pacheco, Lula e Lira na assinatura do ato de calamidade no RS Pedro Ladeira - 6.mai.2024/Folhapress

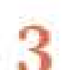
+ Em 10 pontos, os problemas do governo

1

Esquerda minoritária Apesar da vitória de Lula, PT e demais partidos de esquerda elegeram apenas cerca de 1/4 de Câmara e Senado.

2

Bolsonarismo ainda forte O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) ainda tem grande capital político e uma legião de apoiadores na Câmara e no Senado, apesar da derrota em 2022 e da inelegibilidade. O seu partido, o PL, é a maior bancada na Câmara, com 95 das 513 cadeiras.



3

Geleia partidária Câmara e Senado têm atualmente 20 partidos com representação nas duas Casas, o que tende a dificultar o trabalho de negociação de qualquer governo, por fragmentar as costuras e estimular novas cobranças e ameaças.



4

Interesses do centrão e outros aliados Dominantes ao atuar em bloco, o que fazem com certa frequência, PP, União, Republicanos, MDB e PSD formam maioria que contrasta em vários casos com os interesses do governo na área econômica e, na quase totalidade dos casos, nos projetos da chamada pauta de costumes, que envolvem questões como aborto, segurança e direitos de minorias.



5

Eleições municipais A disputa de outubro irá colocar em campos opostos, em várias cidades, integrantes da base do governo, da esquerda à direita, o que tende a ter reflexo na coesão da base no Congresso.



6

Articulação deficiente Os articuladores políticos do governo são frequentes alvos de críticas por parte de congressistas, segundo quem eles não têm autonomia suficiente para cumprir acordos e frequentemente batem cabeça entre si. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), por exemplo, está rompido com o ministro responsável pela articulação, Alexandre Padilha.



7

Disputa entre Câmara e Senado Há rivalidade entre o comando da Câmara e do Senado, além de desacordo entre as duas casas sobre temas da agenda do governo, o que frequentemente impacta resultados esperados pelo Palácio do Planalto.



8

Divisão entre aliados Também são comuns as disputas internas dentro da esquerda e no bloco de apoio a Lula, sendo um dos casos mais simbólicos a rivalidade entre o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e o senador Renan Calheiros (MDB-AL).



9

Pressão das redes sociais Políticos de direita têm conseguido nos últimos anos um domínio do uso das redes sociais para projeção própria e para pressão sobre votos de deputados e senadores.

10

Emendas impositivas De 2015 em diante o Congresso implantou e vem ampliando a obrigatoriedade da execução das emendas parlamentares, o que diminuiu bastante o poder do governo de barganhar votações e apoio em troca da liberação desses recursos.

+ Entenda como funcionam as emendas

O que são emendas? É a forma com que deputados e senadores conseguem enviar dinheiro para obras e projetos em suas bases eleitorais e, com isso, ampliar o capital político.

Quais são os tipos? Individuais (a que todo deputado e senador tem direito), as de bancada (parlamentares de cada estado definem prioridades para a região) e as de comissão (definidas por integrantes dos colegiados do Congresso).

Decisão do governo A execução das emendas era uma decisão política do governo, que poderia ignorar a destinação apresentada pelos congressistas. O total em 2014 era de pouco mais de R$ 10 bilhões, em valores já atualizados.

Execução obrigatória A emenda constitucional 86/2015 estabeleceu a execução obrigatória das emendas individuais, o chamado orçamento impositivo

Emendas de bancada O Congresso ampliou o orçamento impositivo ao aprovar a emenda constitucional 100, que tornou obrigatórias também as emendas de bancadas estaduais. Emplacou um valor expressivo para as emendas feitas pelo relator-geral do Orçamento, R$ 20 bilhões. Bolsonaro deu autonomia para a cúpula do Congresso decidir o destino do montante.

Aumento no valor Com o acordo de 2019, feito por Bolsonaro para manter uma base de apoio no Congresso, o valor destinado às emendas deu um salto e chegou a R$ 44 bilhões.

Promessa de Lula Na campanha eleitoral, Lula criticou o modelo de negociação com o Congresso e prometeu sepultá-lo, mas não fez isso.

Valor em dobro Cada deputado teve R$ 32 milhões em emendas individuais (senadores, R$ 59 milhões), com execução obrigatória. Valores podem mais que dobrar em decorrência das emendas feitas às bancadas e das "emendas extras".

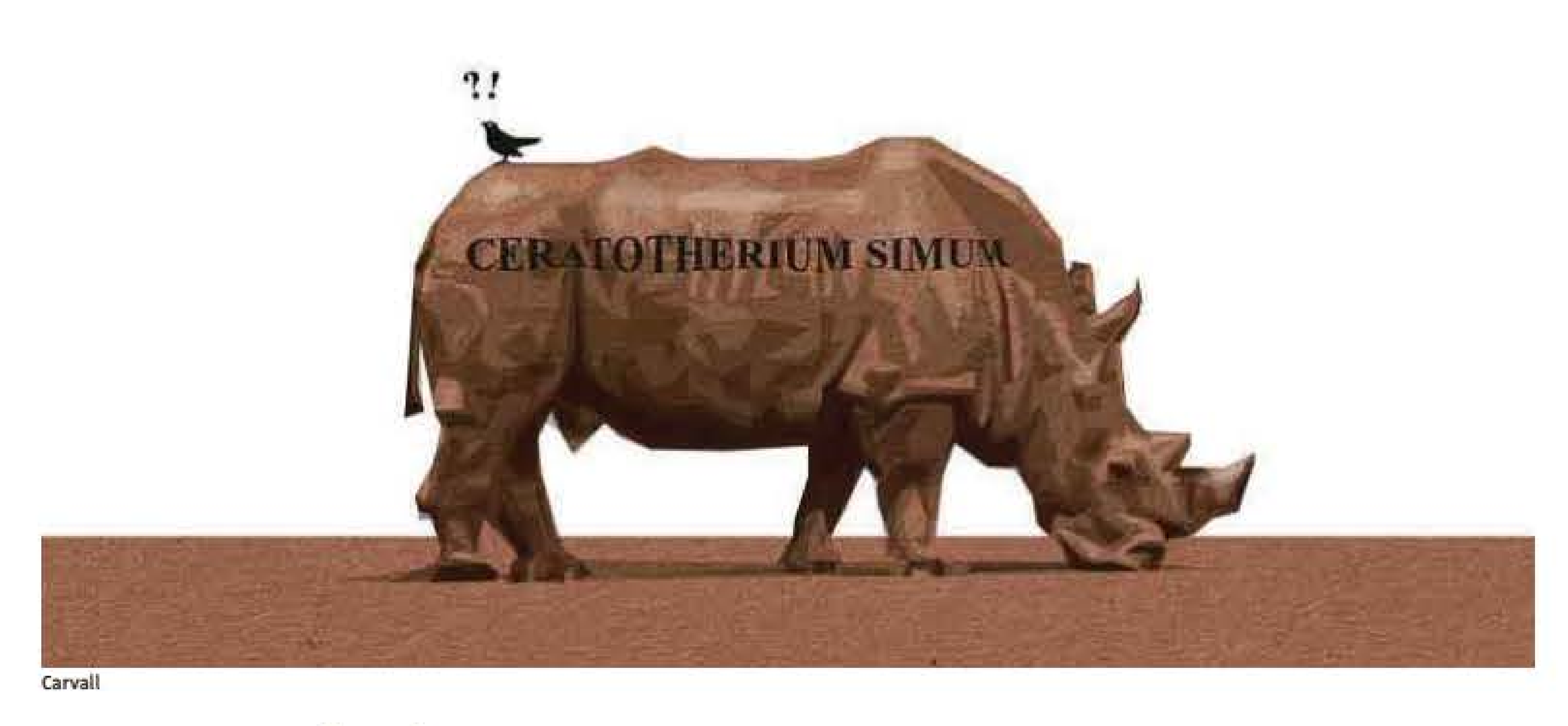
Recorde Valor das emendas chegou a cerca de R$ 50 bilhões, um recorde.

INÊS 249

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895



Carvall

O que há em um nome?

Com contexto, apelidos de temas legislativos deixam cobertura mais didática

Alexandra Moraes

Na semana em que praias e blusinhas se cruzaram bem longe da areia, a **Folha** *demorou a incorporar os nomes populares de uma Proposta de Emenda à Constituição e de uma taxa de importação que pipocaram no Congresso, no governo e nas redes sociais. Eram a "PEC das Praias" e a "taxa das blusinhas".*

"Taxa para compras de até US$ 50 será retirada do projeto do Mover, diz relator" era o título inicial e correto do texto em que a **Folha** *narrava o quiproquó no Senado que acabaria em aprovação da taxa de 20% sobre as importações.*

O problema? O termo "taxa das blusinhas" havia se popularizado, e o jornal colocava no ar um material totalmente sem "blusinha", enquanto congressistas, governo e comentaristas já tratavam o tributo com essa intimidade.

Teria sido só mais um dia normal de ajustes e correções de rumo no jornalismo se algo parecido não houvesse ocorrido com a polêmica que abriu a semana, uma briga sobre terrenos de marinha e praias.

Coube ao jogo de pressão das redes sociais colocar as faixas de areia no apelido da PEC. Foi assim, então, que as praias se tornaram pivôs da querela virtual entre Neymar e Luana Piovani, na qual embarcariam outros famosos e a funkeira MC Naninha, cuja resposta ao jogador com uma oferta extemporânea de privatização vaginal a **Folha** *julgou digna de registro em seu site.*

A Proposta de Emenda à Constituição 03/2022, de autoria do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), não fala em privatizar praias, mas abre a possibilidade de transferir terrenos de marinha em áreas urbanas da União para estados, municípios ou seus ocupantes particulares.

O jornal evitava usar o apelido "PEC das Praias", o que parecia um esforço de não ceder a termos incorretos. Mas tropeçou nas praias ao incluí-las, num subtítulo, entre as áreas afetadas pela PEC. O erro foi reconhecido e corrigido.

Parece natural, porém, que as praias sejam centrais na discussão, assim como se destacam na vizinhança de boa parte desses terrenos de marinha, como mostraram sucessivas explicações e "entendas" produzidos em sites, jornais e TVs. O Globo foi o primeiro dos jornais a desenhar a questão em bons gráficos, além de ter encampado e destrinchado logo a nomenclatura.

Para além do sim e do não, a proposta e sua capacidade de gerar polêmica converteram-se em bons motivos ("ganchos", no jargão jornalístico) para novas apurações sobre a existência de privatização informal nessas áreas e a real capacidade de a União garantir sua preservação ambiental.

Ao longo da semana, a **Folha** *passou a usar "PEC das Praias" nos textos sobre o assunto e começou a entregar o que ficara devendo ao leitor.*

Reportagens como "Após quase 200 anos, Brasil não sabe qual a linha que define terrenos envolvidos em 'PEC das Praias'", "Praias públicas têm acesso restrito em loteamentos privados no litoral de SP", entre outras, e até uma notícia sobre o impedimento, na Justiça, da derrubada de um muro particular em Pernambuco ajudam a entender do que se fala quando se fala em venda de praias no Brasil.

No caso das importações, a omissão do apelido do tributo para compras de até US$ 50 foi sanada mais rapidamente. Faltou explicação, no entanto, para a origem e o sucesso do nome "taxa das blusinhas".

Compra-se de tudo pelos apps chineses, mas em algum momento das últimas semanas quem acabou levando a fama (ou a culpa) foi a blusinha. Quando o governo ainda falava em vetar a medida, o próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva definiu a massa importadora como "meninas e moças que querem comprar uma bugiganga".

O leitor da **Folha** *só viu alguma ponderação a respeito do nome dado à taxa em uma coluna de Mariliz Pereira Jorge e uma charge de Laerte.*

Nas redes sociais circulam há anos memes sobre compra de "brusinhas", grafadas assim mesmo. Teria a brusinha da piada digital se rendido à ortografia para virar a blusinha da taxa? Ou sai mais barato politicamente associar a cobrança a um item que pode ser percebido como feminino e fútil? O leitor não fica sabendo.

O jornal, por sua vez, perde mais do que cliques ao recusar termos populares. Acaba demorando a elucidar aspectos destacados nos epítetos.

Versões conflitantes deles apareceram no noticiário da medida provisória que restringe o uso dos créditos tributários do PIS/Cofins. Sem causar tanta comoção nas redes, a MP fez estragos mais importantes na relação entre Congresso, governo e setores produtivos.

Tendo já vindo batizada das respectivas trincheiras, a MP ganhou não um mas dois nomes, mostrou a **Folha***: "MP do fim do mundo" e "MP do equilíbrio fiscal", ao sabor do juízo de cada lado.*

É, afinal, uma maneira eficiente de resumir a contenda e dar nomes aos bois.

Ministério Público pede que TCU apure aumento de diárias para juízes

Constança Rezende

BRASÍLIA O Ministério Público junto ao TCU (Tribunal de Contas da União) solicitou à corte, na sexta-feira (7), que apure se há ilegalidade na resolução do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) que, na prática, dobrou valores de diárias nacionais que juízes e ministros podem receber ao mês.

O pedido, feito pelo subprocurador-geral Lucas Rocha Furtado, afirma que o aumento aos magistrados "é potencialmente nocivo aos cofres e interesse públicos".

Como a **Folha** mostrou, a medida aprovada no fim de 2023 gerou um efeito cascata nos tribunais superiores, que têm turbinado salários de magistrados em mais de R$ 10 mil mensais.

As diárias são pagas aos servidores que se deslocam a serviço, em caráter eventual ou transitório, para outra localidade do território nacional. O subprocurador disse que o CNJ não tem competência para estabelecer, por meio de normativo próprio, o aumento de vantagens a juízes, "sendo flagrante a inconstitucionalidade do aumento de remuneração concedido".

Segundo Furtado, para isso deve haver participação do Legislativo, "a quem compete aprovar a lei específica que deve tratar de tal aumento".

"Em meu entendimento, é clara a ilegalidade dessa concessão de vantagem a tais carreiras por via administrativa. A Constituição estabelece que a remuneração dos servidores públicos e o subsídio dos membros de Poder somente poderão ser fixados ou alterados por lei específica, observada a iniciativa privativa em cada caso", escreveu.

Ele também destacou que a Constituição define "claramente" que os membros do Judiciário serão remunerados exclusivamente por subsídio fixado em parcela única.

Por essa norma, é vedado o acréscimo de qualquer gratificação, adicional, abono, prêmio, verba de representação ou outra espécie remuneratória.

"Os membros das carreiras beneficiadas pelo normativo do CNJ passaram a contar com gratificação definida ilegalmente via resolução e em acúmulo ilegal ao subsídio, que já era percebido pelas carreiras, ato maculado pela inconstitucionalidade de acima levantada", disse.

O subprocurador acrescentou que a medida viola os princípios da moralidade administrativa e economicidade e defendeu a atuação do TCU "de forma a sanar os efeitos danosos advindos dessas ilegalidades, nos termos definidos pela Constituição".

De 2016 a 2023, o valor máximo que os magistrados recebiam por uma diária era de R$ 700. Havia ainda um limite de 6,5 diárias por mês, o que representava um teto próximo de R$ 4.500 para esse benefício.

> Em meu entendimento, é clara a ilegalidade dessa concessão de vantagem a tais carreiras por via administrativa. [...] Entendo importante que esta corte [TCU] atue de forma a sanar os efeitos danosos advindos dessas ilegalidades, nos termos definidos pela Constituição
>
> **Lucas Rocha Furtado**
> subprocurador-geral do Ministério Público junto ao TCU

Com a decisão do CNJ, o valor subiu para R$ 1.055,22, e a limitação foi expandida para até dez diárias ao mês. Em tese, a quantia autorizada para o pagamento das diárias é ainda maior, de R$ 1.318. O corte de quase R$ 300 ocorre devido a um teto estipulado na LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias).

As diárias são verbas indenizatórias, portanto podem extrapolar o limite legal de remuneração no serviço público, hoje de R$ 44 mil.

Neste ano, o STF (Supremo Tribunal Federal) gastou ao menos R$ 1,2 milhão para pagamentos referentes a dez diárias mensais (que somam R$ 10,6 mil). Foram feitos 117 pagamentos para juízes auxiliares e de instrução.

Segundo o STF, há 36 juízes designados para atuar na corte, e somente dois, que moram em apartamentos funcionais, não recebem diárias.

No CNJ, 35 juízes auxiliares receberam "cotas de diárias mensais" em abril, sendo que 26 receberam o valor máximo de R$ 10,6 mil. Outros quatro receberam R$ 9.400.

O conselho justificou que todo servidor ou magistrado em atividade fora de seu domicílio recebe diárias, como prevê a legislação. Valores e critérios são objeto de regulamentação própria. Também afirmou que as atualizações seguem a LDO, que autoriza desde 2015 pagamento de diária para deslocamento a serviço no território nacional.

O novo valor, afirma o órgão, foi atualizado pelo IPCA acumulado desde a entrada em vigor da lei. Além disso, acrescentou que recebem o valor os juízes auxiliares que moram em Brasília e não possuem domicílio permanente no Distrito Federal.

INÊS 249

Ajuste fiscal e política

Ninguém vai fazer grandes sacrifícios de popularidade pelo mercado se a turma continuar financiando bancada do TikTok

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Nas últimas semanas, os ricos brasileiros fizeram duas coisas: declararam seu amor incondicional por bolsonaristas como Tarcísio de Freitas e pediram que Lula tome medidas de ajuste fiscal impopulares, como a desvinculação entre o piso das aposentadorias e o salário mínimo ou a revisão dos mínimos constitucionais para saúde e educação.

A equipe econômica de Lula parece acreditar que alguma versão dessas medidas é necessária. Nos últimos tempos, a desvinculação na Previdência foi defendida pela ministra do planejamento, Simone Tebet. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, compartilhou no Twitter um texto do economista Bráulio Borges que defende, além da desvinculação na Previdência, que os mínimos constitucionais sejam atrelados a pisos reais de gasto per capita, e não mais à receita.

O PT não gostou de nada disso.

Em geral, esta coluna defende a equipe econômica de ataques vindos da esquerda. Continuo defendendo. Mas, neste caso, também entendo a resistência do PT. As desvinculações são impopulares.

Se os defensores das desvinculações já estiverem fechados com o bolsonarismo, os petistas têm todo o direito de perguntar ao establishment brasileiro o seguinte: ô bonitão, você está me pedindo para tomar as medidas mais impopulares do seu programa (que não estavam no meu) para te ajudar a ganhar a eleição sem mim, em aliança com uma rapaziada que quer me colocar no pau de arara?

Afinal, os ricos não estão exigindo que seus bolsonaristas de estimação defendam as medidas que exigem de Lula. Tanto quanto eu sei, nem Tarcísio nem Caiado, para não falar da família Bolsonaro ou de Silas Malafaia, declararam apoio à desvinculação do piso da Previdência ou à revisão dos mínimos constitucionais.

Notem bem: estou falando de declaração de apoio com efeitos reais, que circule nos grupos de WhatsApp de igreja de periferia e lhes custe popularidade. Nada de repetição da campanha de 2018, quando Bolsonaro exibia os discursos de Guedes na Faria Lima e os escondia do povão.

Da mesma forma, ninguém vai fazer grandes sacrifícios de popularidade pelo mercado se a turma continuar financiando bancada do TikTok que vai para o plenário gravar vídeo com fake news. Digamos que hoje Lula decida que quer negociar novas grandes medidas de ajuste fiscal. Se Lula quiser falar com uma direita adulta, que consiga levar seus radicais na coleira, deve ligar para quem?

Aliás, na semana passada mostramos aqui que o ajuste fiscal de Tarcísio é só uma versão fraca do ajuste de Haddad. Bota fraca nisso: nos últimos dias, o governador de São Paulo anunciou que as igrejas em São Paulo terão isenção de ICMS em importações.

E convenhamos: se Lula hoje fizer tudo que o mercado quer, perder popularidade e passar a faixa para Tarcísio em 2027, os amigos do mercado na imprensa dirão que os bons resultados da economia daí em diante terão sido resultado da isenção de ICMS para as igrejas de São Paulo em 2024.

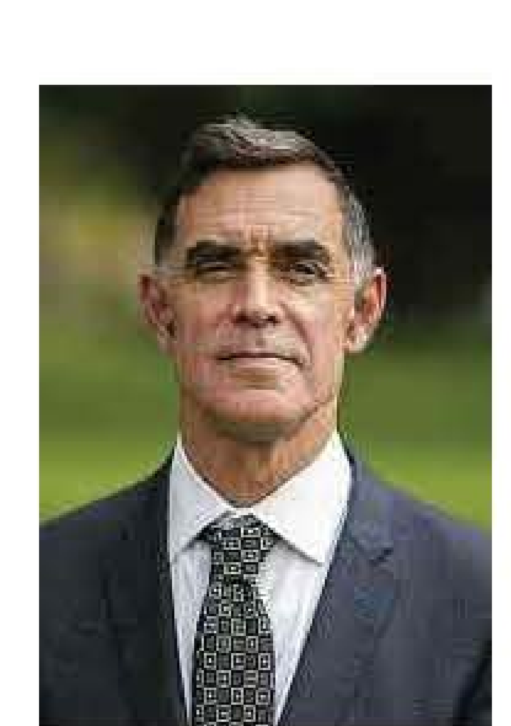
Se a economia precisar de novas grandes reformas, lamento, a política brasileira não está caminhando na direção de torná-las possíveis. Seria necessário algo como o pacto de Moncloa, que garantiu a democratização da Espanha na década de 70. Mas ninguém do lado de cá vai topar Moncloa se a turma de lá ainda estiver sentada no colo do Franco.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Deborah Bizarria, **Camila Rocha** | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli


Fachada do prédio principal do Supremo Tribunal Federal, em Brasília Gustavo Moreno/SCO/STF

Ministros do STF têm que ser mais discretos, afirma brasilianista

Para Anthony Pereira, tribunal faz papel importante, mas ida de membros a eventos e elos políticos são prejudiciais


O brasilianista Anthony Pereira Divulgação

ENTREVISTA
ANTHONY PEREIRA

Angela Pinho

SÃO PAULO O Judiciário brasileiro tem exercido papel importante para proteger a democracia no país, mas ministros dos tribunais superiores deveriam ter uma conduta mais discreta e menos informal, avalia o brasilianista Anthony Pereira.

Ele entende que casos como o da ida de ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) a eventos no exterior patrocinados por empresas com ações na corte comprometem a imagem do tribunal.

Professor e diretor do centro de estudos de América Latina da Florida International University, Pereira afirma ainda que outros comportamentos dos ministros, como os frequentes encontros com políticos, seriam motivo de escândalo mesmo nos EUA, onde a Suprema Corte enfrenta uma série de questionamentos após revelações comprometerem a imagem de imparcialidade de ministros.

Recentemente, o New York Times mostrou que uma bandeira americana foi hasteada de cabeça para baixo em 2021 na casa de Samuel Alito, em um gesto que replicou o discurso de Donald Trump e seus seguidores sobre fraude nas eleições.

No ano passado, o site Pro Publica havia revelado que o magistrado Clarence Thomas, aceitou presentes luxuosos de um bilionário do ramo de imóveis.

*

Como vê o protagonismo que o Judiciário assumiu na cena política brasileira? É uma tendência mundial. O que vimos em 2022 no Brasil foi um Supremo muito protagonista, defendendo a Constituição, e isso tem uma certa lógica, porque houve um pacto no Congresso, e o STF foi o ator mais relevante em termos para barrar ou inibir algumas iniciativas do governo Bolsonaro.

A recente audiência no Congresso dos EUA sobre o Brasil [que tratou de decisões judiciais de remoção de conteúdo nas redes] influencia de alguma forma a percepção sobre o país? Ela refletiu uma polarização nos Estados Unidos que tem afinidades com a polarização no Brasil em torno da legitimidade do Supremo e do TSE em algumas áreas, especialmente liberdade de expressão. Não sei se mudou a opinião de alguém porque não há muita informação sobre o Brasil e a tendência é os políticos seguirem a linha do partido.

Se são republicanos, têm mais afinidade com a linha dos bolsonaristas, de que o Supremo ultrapassou os limites. E os democratas têm mais afinidades com o governo Lula e a oposição ao bolsonarismo, pensando que as ações do Supremo e do TSE foram razoáveis devido às ameaças à democracia.

O que diria sobre a atuação do TSE em relação à liberdade de expressão? Entendo as pessoas que têm uma fé muito forte na liberdade de expressão. Mas, quando há um grupo muito poderoso capaz de criar uma rede de desinformação de larga escala, com ameaça de não respeitar o resultado da eleição, é totalmente ultrapassado usar uma noção do século 18 sobre liberdade de expressão, como se estivesse tratando de uma pessoa que entra na praça pública de uma aldeia e emite alguma opinião sobre a democracia.

Temos que reconhecer que é um tema muito complexo, em que não há soluções prontas. É preciso debater. Não estou dizendo que todas as decisões do TSE e do Alexandre de Moraes foram necessariamente certas. Possivelmente houve excessos nas ações do Judiciário para proibir formas de expressão que os juízes acharam que estavam ameaçando a democracia, mas houve uma ameaça real.

No Brasil, Bolsonaro foi declarado inelegível. Nos EUA, Trump foi liberado para concorrer. O que é melhor: que um candidato que atente contra a democracia seja julgado pelo voto popular ou que nem concorra? Algumas pessoas avaliam que é melhor para a democracia permitir que esse tipo de candidato seja julgado pelo voto e não pelo Judiciário. Pode até ser, mas é um risco também. Trump prometeu, se ganhar, anistiar todas as pessoas que foram presas por atos de violência que resultaram em mortes, danificação do Capitólio, em uma tentativa séria de reverter o resultado de uma eleição em que não houve evidência nenhuma de fraude. O risco no Brasil talvez seja outro, a percepção dos seguidores de Bolsonaro que o Judiciário foi politizado, e isso cria um risco de ilegitimidade.

Mas a grande impressão que eu tenho é que, no Brasil, houve grande consenso sobre o 8 de janeiro de 2023 entre políticos, governadores, representantes do Congresso e da mídia em geral, de rejeitar essa depredação dos três Poderes. E isso é um sinal forte e positivo da democracia brasileira. Nos Estados Unidos, nunca tivemos isso. Então, acho que talvez o perigo aqui seja mais grave.

Bolsonaro também tem pedido anistia para os participantes do 8 de janeiro. Que consequências institucionais costumam ter medidas de anistia? A ideia de justiça de transição é, depois de um período de violência ou violações de direitos humanos, criar um novo sistema de incentivos para adesão às regras da democracia. Anistiar todo mundo que tentou reverter uma eleição democrática não é necessariamente um bom sinal para o futuro do sistema.

Algo que também coloca o Judiciário sob pressão no Brasil é uma característica singular, o fato de todas as sessões do Supremo serem televisionadas. Esse nível de transparência é positivo? Acho que sim. As pessoas no Brasil sabem quem são os juízes, e eles não são figuras puramente judiciais, têm um caráter político de certa maneira. O outro lado da moeda é que, às vezes, as falas de juízes são feitas para a televisão, o que pode criar um grau de teatralidade mais alto.

A Suprema Corte americana não admite câmeras, mas isso não significa que seja imparcial e não tenha ligações políticas. É extremamente politizada, basta ver o caso do juiz Alito e do Clarence Thomas. Essa ideia que existiu no passado, de que a Suprema Corte é imparcial, caiu totalmente nos Estados Unidos. Então, acho que falta de televisão não protege a Suprema Corte do processo de polarização e politização. Pelo menos, o cidadão pode assistir e acompanhar o raciocínio dos juízes. Porque, afinal das contas, a legitimidade de uma corte depende da lógica das decisões.

E a participação de ministros em eventos patrocinados por empresas, às vezes com casos na corte? Recentemente, ministros do STF foram a Londres a um fórum patrocinado por uma empresa de tabaco e um banco, por exemplo. É grave. As omissões do Clarence Thomas são pequenas em relação às omissões do Judiciário brasileiro.

Além desse caso que você mencionou, há ligações de juízes com empresas, juízes com esposas ou filhos em escritórios de advocacia que têm casos no Supremo. Essa informalidade dos juízes do Supremo de jantar com ministro, jantar com presidente, políticos em geral, não é vista em outros sistemas. Pelo menos nos Estados Unidos, seria um escândalo.

É preciso uma discrição e uma separação mais severa, porque gera possibilidades ou aparência de conflito de interesse muito grande. A Suprema Corte americana hoje em dia provavelmente precisa de uma regulação mais explícita para deixar claro que não se pode aceitar presentes tão grandes. O Brasil talvez possa considerar alguma regulação mais explícita para o comportamento dos juízes.

Como vê o governo Lula até o momento? A minha impressão é que o primeiro ano do governo Lula foi um pouco melhor do que as expectativas que muita gente tinha no início do ano. Em parte porque os ataques de 8 de janeiro geraram um clima de consenso. Além disso, o crescimento econômico foi um pouco além das expectativas e houve a reforma tributária. Mas, com o tempo, pode ficar mais complicado, porque uma vitória do Trump nos Estados Unidos pode dar um ânimo muito grande à oposição.

Anthony Pereira, 65
Cientista político formado pela Universidade de Sussex (Inglaterra), com mestrado e doutorado pela Universidade Harvard (EUA), dirige o Centro Latino-Americano e Caribenho Kimberly Green, na Universidade Internacional da Flórida, nos EUA. É autor de "Ditadura e Repressão" (2012, Paz e Terra), entre outros livros

> Essa informalidade dos juízes do Supremo [...] não é vista em outros sistemas. Pelo menos nos Estados Unidos, seria um escândalo



Gilberto Kassab (à esq.) e Tarcísio de Freitas (centro) em cerimônia no Palácio dos Bandeirantes Danilo Verpa -6.mai.2024/Folhapress

Tensão entre Bolsonaro e Kassab pressiona Tarcísio

Ex-presidente avalia que dirigente do PSD tentou sabotar sua gestão federal

Ana Luiza Albuquerque

SÃO PAULO A reunião foi tensa. Deputados estaduais alinhados ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) haviam sido chamados pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) ao Palácio dos Bandeirantes, diante de pressões públicas do grupo às vésperas da votação da privatização da Sabesp. Tarcísio queria aparar as arestas.

Irritado com críticas à gestão da segurança pública, que os deputados acreditavam que deveria ser mais dura contra o crime, o governador chegou a bater na mesa.

Um dos incômodos manifestados pelos quatro deputados do PL presentes, Lucas Bove, Tenente Coimbra, Gil Diniz e Major Mecca, era compartilhado com o próprio Bolsonaro e voltaria a ser motivo de desgaste muitas vezes: o poder reservado ao secretário Gilberto Kassab (PSD).

Homem forte da gestão Tarcísio, Kassab é presidente do PSD, partido que comanda três ministérios no governo Lula (PT).

Os parlamentares disseram ao governador que era inaceitável ter Kassab como seu secretário de Governo, considerando a relação próxima com a administração petista e as críticas públicas que ele já havia feito a Bolsonaro.

Tarcísio respondeu que não faria mudanças porque confiava em Kassab e disse que ele tinha um papel importante em azeitar o relacionamento com o governo federal.

Em 2023, o ex-presidente vivia mais um momento de irritação com Kassab. Ele tinha a expectativa que o PSD criasse dificuldades para a aprovação no Senado da indicação do então ministro da Justiça Flávio Dino para o STF (Supremo Tribunal Federal) —que acabou sendo avalizado com 47 votos a favor e 31 contrários.

Desde o início da gestão Tarcísio, a figura de Kassab tem sido o calcanhar de aquiles do governador entre bolsonaristas. Eles avaliam que o ex-ministro de Dilma Rousseff (PT) concentra muito poder e influência sobre o governador. Um exemplo frequentemente citado é a indicação de Paulo Sérgio de Oliveira e Costa para a chefia do Ministério Público no estado —Costa foi secretário de Kassab na prefeitura.

Kassab é responsável por trabalhar nas relações entre o Palácio dos Bandeirantes e prefeitos e deputados, além de controlar a verba de emendas e convênios. Durante o governo Tarcísio, o PSD quase quintuplicou o número de prefeitos filiados em São Paulo.

Em março deste ano, começaram a circular rumores de que Ciro Nogueira, ministro da Casa Civil de Bolsonaro, ocuparia o mesmo cargo na gestão Tarcísio, no lugar de Arthur Lima (PP), braço direito do governador. O movimento, que não se concretizou, seria uma tentativa de impulsionar uma figura política mais forte na pasta e delimitar o espaço de Kassab.

Quando bolsonaristas fustigam o governador por fazer gestos ao centro —como nas últimas semanas, após Tarcísio participar de um jantar organizado pelo apresentador da TV Globo Luciano Huck—, Kassab não escapa da crítica.

Na semana passada, por exemplo, o pastor Silas Malafaia citou o secretário ao defender à **Folha** que Bolsonaro desse "uma prensa" em Tarcísio. "Bolsonaro tinha que chamá-lo e dizer assim: 'Amigão, você tem que escolher o que você quer. Se você quer ser aliado do Kassab, então segue seu caminho'", afirmou.

A irritação de Bolsonaro nasceu na Presidência: ele avaliava que Kassab tinha feito de tudo para sabotar seu governo. No primeiro ano da gestão, congressistas da sigla votaram muitas vezes alinhados aos projetos defendidos pela administração, mas a pandemia da Covid-19 mudou esse cenário.

O afastamento da legenda do governo ficou claro durante a CPI da Covid, refletido nas atuações combativas do relator Omar Aziz (PSD) e do senador Otto Alencar (PSD). Ao mesmo tempo, Kassab passou a fazer críticas públicas à gestão. Em entrevista ao UOL, em outubro de 2021, questionado se Bolsonaro era o pior presidente da história, ele respondeu: "Dos presidentes com quem convivi, com certeza".



> Eu tive relevância no projeto, me envolvi muito. Era Tarcísio governador e Bolsonaro presidente
>
> **Gilberto Kassab (PSD)**
> secretário estadual de Governo, em comentário sobre as eleições de 2022

A CPI do 8 de janeiro agravou o incômodo de Bolsonaro, que atribui a Kassab o relatório final. O texto, que pedia o indiciamento de 61 pessoas, entre elas o próprio ex-presidente, foi aprovado por todos do PSD que integravam a comissão. A sigla também ficou com a relatoria, sob responsabilidade da senadora Eliziane Gama (PSD).

Em fevereiro de 2024, como mostrou o Painel, Bolsonaro compartilhou com aliados uma mensagem crítica a Kassab: "Para manter seus 3 ministérios no governo Lula, Kassab se comporta como ventríloquo de toda a podridão da esquerda. A única preocupação desse farsante são seus três ministérios".

No mesmo mês, o jornal O Estado de S. Paulo revelou áudio em que Bolsonaro falava sobre as eleições em Presidente Prudente (SP) e dizia que não apoiaria ninguém do "PSD do Kassab". Hoje, o entorno do ex-presidente minimiza a fala e diz que ele se referia apenas às eleições na cidade.

Visto como um notório estrategista político, Kassab se aproximou de Tarcísio durante a campanha, em 2022. Pessoas próximas aos dois afirmam que o então ministro de Bolsonaro precisava da orientação de alguém que conhecesse bem o estado. Ainda que o PL do ex-presidente estivesse na coligação de Tarcísio, quem esteve envolvido nas eleições diz que o presidente da sigla, Valdemar Costa Neto, atuou pela reeleição de Rodrigo Garcia (sem partido).

Embora a relação entre Tarcísio e Valdemar esteja mais azeitada hoje, os dois eram desafetos. Isso porque, no primeiro mandato de Dilma, quando diretor do Dnit (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes), Tarcísio promoveu demissões de apadrinhados de Valdemar.

Sem o apoio de Valdemar na corrida eleitoral, Tarcísio também sentiu que seu próprio partido não se engajou como esperado na campanha. Figuras da política estadual avaliam que o Republicanos não via o ex-ministro como alguém que tinha raízes no partido —o entendimento era o de que a sigla não teria tanta influência sobre a administração.

Em meio a esse cenário, Kassab estava ali para oferecer sua experiência e seus contatos.

Felício Ramuth, que era até então o pré-candidato do partido, tornou-se vice de Tarcísio, e Kassab passou a atuar como o principal articulador político da campanha do governador. Ele percorreu todo o estado e atraiu centenas de prefeitos.

"Eu tive relevância no projeto, me envolvi muito", diz Kassab à **Folha**. "Era Tarcísio governador e Bolsonaro presidente."

O entorno do secretário nega problemas pessoais com Bolsonaro, diz que o partido foi independente na sua gestão e lembra que havia parlamentares da sigla em sua base.

Sou bolsonarista, vou continuar sendo, diz governador de SP

Fernanda Brigatti

GUARUJÁ (SP) O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), disse neste sábado (8) em Guarujá (SP) que é bolsonarista e que não vê problema em ser de uma corrente política sob atenção da Polícia Federal —atenção essa que, segundo ele, não é compreensível.

Em evento do grupo empresarial Esfera, sentado próximo ao ministro Alexandre Silveira (Minas e Energia) e do ministro Bruno Dantas, do Tribunal de Contas da União, Tarcísio foi provocado pelo jornalista William Waack, que mediava a conversa, a dizer se era bolsonarista.

A pergunta fazia referência a um editorial publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo neste sábado.

"A primeira pergunta que a gente tem que saber é o que é ser bolsonarista. Eu sou bolsonarista, vou continuar sendo bolsonarista. Isso significa que eu sou conservador, sou liberal e acredito em um Brasil que vai ter economia de mercado", disse.

Questionado sobre as investigações da PF em torno de Bolsonaro e seus aliados por causa de declarações e ações golpistas, Tarcísio minimiza: "Não vejo porque a gente está na atenção da Polícia Federal, porque essa corrente está na atenção da Polícia Federal".

Ele ainda defendeu seu padrinho político, ao dizer que, durante o governo Bolsonaro houve o enfrentamento de uma pandemia e "entregou o Brasil crescendo, gerando emprego, com déficit em queda".

Cidade da Grande SP sem jornalismo local tem pleito acirrado

Sarah Fernandes, Jacqueline Maria da Silva e Arthur Ferreira

AGÊNCIA MURAL Imagine morar em uma cidade sem acesso a informações confiáveis sobre a administração pública. Como saber sobre o uso do dinheiro público? O que prefeitos e vereadores estão fazendo?

Essas são as dúvidas de 26,7 milhões de brasileiros em quase metade (48,7%) dos municípios considerados desertos de notícias pelo Atlas da Notícia. Nesses lugares, não há jornalismo local acompanhando e fiscalizando a vida na cidade, funções essenciais da imprensa na democracia.

Um desses municípios é Pirapora do Bom Jesus, na Grande São Paulo, um dos mais pobres da região metropolitana.

A cidade é conhecida por sua importância religiosa e cultural. Fundada com base em relatos de milagres, transformou-se em um destino religioso e culturalmente rico.

No entanto, enfrenta desafios socioeconômicos, com baixo índice de emprego formal e a necessidade de restauro de seu santuário.

Sem jornais locais, os moradores dependem de carros de som da prefeitura, redes sociais e boca a boca para se informarem.

"É difícil se informar porque a cidade não tem um jornal próprio. Se você não frequentar a igreja ou a sessão da Câmara, você não é informado", diz Antônio Juarez de Oliveira, comerciante local.

A lista de fontes de informação dos piraporanos inclui ainda grupos de WhatsApp, site da prefeitura, perfis em redes sociais e avisos nas igrejas, além dos canais de vereadores.

São nove vereadores no legislativo municipal, com presenças diversas nas redes sociais, especialmente no Instagram. Na oposição estão Helton Bananinha (Republicanos), Elias Araújo (Republicanos) e Roge Baudichon (União), pré-candidato a vice-prefeito e conhecido como "fiscal do povo".

Com seu "gabinete móvel", ele percorre a cidade gravando vídeos sobre falta de remédios, saneamento e atendimento médico, além de divulgar suas ações sociais.

"Tudo da cidade a gente ouve da boca de um vereador. Ficamos sem notícias que não sejam de um político", lamenta Jeanderson Gomes dos Santos, trabalhador da construção civil e morador do bairro periférico Parque Paiol, o mais populoso do município de Pirapora.

Esse tom de "assessoria de imprensa", como define o morador e designer Mário Rodrigues, incomoda.

"Eu percebo que nas cidades vizinhas as pessoas têm voz mais ativa para cobrar da gestão pública, acho que por terem mais acesso à informação."

A população do Parque Paiol enfrenta mais dificuldades, muitas vezes precisando ir ao centro confirmar informações sobre campanhas de vacinação ou atividades extracurriculares para crianças.

"É como se fossem cidades divididas: o centro e o Parque Paiol", define a cabeleireira Aline Morais.

O bairro reúne um comércio aquecido, tem o maior número de eleitores e também os principais problemas socioeconômicos, inclusive a falta de informações oficiais e confiáveis sobre a cidade.

"Minha filha fez Projovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens), conseguiu o primeiro emprego, estudou e hoje está em Portugal", conta a estudante de pedagogia Maria de Fátima, moradora do centro da cidade.

"Meu filho não se matriculou no programa porque as vagas acabaram antes de eu ficar sabendo que estavam abertas", lamenta a profissional de apoio escolar Josiane Rocha dos Santos, 47, moradora do Paiol.



Esse desencontro de informações não é incomum em um deserto de notícias.

"A população periférica acaba sendo mais afetada porque está mais distante do centro de decisões da cidade", afirma Dubes Sônego, pesquisador da organização Atlas da Notícia.

Em 2012, apenas 28 votos separaram o primeiro e o segundo colocado nas eleições para prefeito de Pirapora do Bom Jesus.

Gregório Maglio (então PMDB) venceu Raul Bueno (PSDB), e desde então os dois seguem presentes no poder municipal com seus aliados.

A margem de diferença nas votações de 2016 e 2020 também se manteve pequena.

Segundo Eugênio Bucci, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, o jornalismo é um passo no processo de resolução de problemas, mas não é a solução final.

"O jornalismo deve informar a sociedade para conectá-la a debates de interesse público, mas isso é pouco para resolver todos os problemas. Se o jornalismo trouxer informação de qualidade, ele já ajuda muito", afirma o professor da USP.

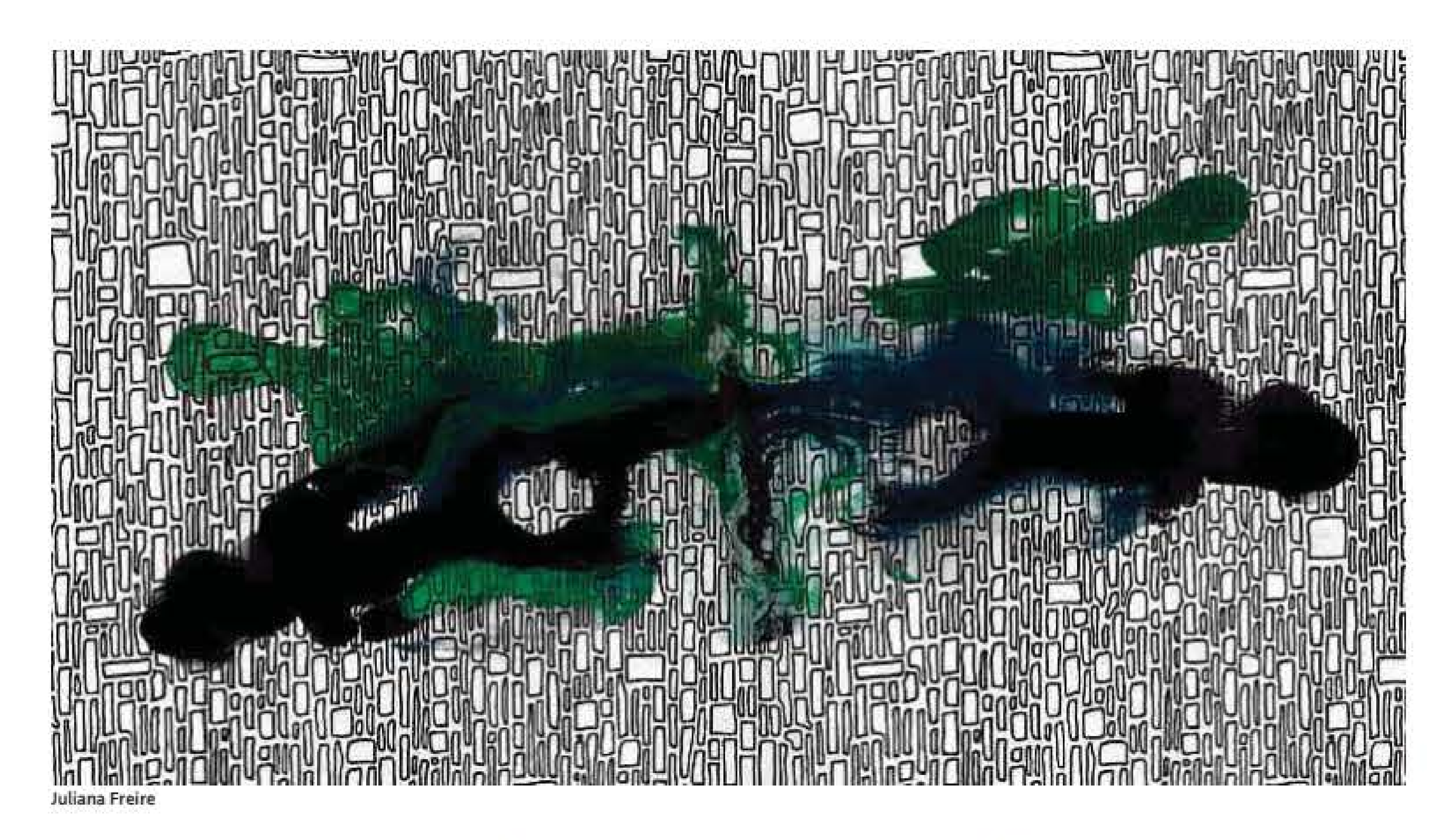
O poder público tem a obrigação de garantir transparência nas informações, de acordo com a Lei de Acesso à Informação.

Em Pirapora, tanto a prefeitura quanto a Câmara Municipal possuem portais de transparência, mas ambos apresentam limitações.

O mais recente balanço de contas do Executivo disponibilizado é de 2018.

Em 1884, um jornal paulistano divulgou que a imagem de Bom Jesus encontrada em Pirapora realizava milagres, transformando a cidade em um dos principais destinos religiosos de São Paulo.

A partir de 1980, o fluxo de turistas diminuiu significativamente. Atualmente, apenas 15,52% dos moradores têm emprego formal.


Juliana Freire

Anatomia de uma empulhação

A fila do INSS era uma vergonha e continua sendo

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

No dia de sua posse, em 2023, Lula prometeu: "Estejam certos de que vamos acabar, mais uma vez, com a vergonhosa fila do INSS".

Semanas depois, o ministro da Previdência, Carlos Lupi, anunciou que mutirões reduziriam as filas de 930 mil pessoas e, "até o final do ano", a análise das requisições seria feita em até 45 dias.

Em maio a fila havia crescido para 1,05 milhão, e Lupi tocou o velho realejo, pedindo mais verbas. Em agosto veio uma boa notícia, haviam sido retiradas 223 mil pessoas da fila. Era apenas uma manipulação estatística, pois em outubro ela tinha 1,6 milhão de vítimas.

2023 terminou, e as promessas de Lula e Lupi revelaram-se pura parolagem.

Agora os repórteres Geralda Doca e Dimitrius Dantas revelaram o que acontecia por trás da fila. Não havia falta de recursos. De janeiro de 2023 a abril passado, os sistemas de atendimento do Ministério da Previdência pifaram 164 vezes, com apagões que somaram 13 dias e 13 horas. O sistema que opera pedidos de licenças de maternidade somou dias fora do ar.

Promessas de mutirões e reforços nas verbas são inúteis se a máquina convive com apagões dos sistemas. Afinal, quando se compram equipamentos eletrônicos e montam-se redes de atendimento, os maganos se apresentam como representantes da modernidade.

Por trás desses negócios estão sempre dois interesses, o do vendedor da máquina e a necessidade da manutenção. O segundo negócio muitas vezes é melhor que o primeiro e pode ser passado à empresa de um cunhado.

A administração pública nacional está infestada por modernos sistemas que não falam uns com os outros e, invariavelmente, estão fora do ar quando a vítima vai a ele.

O culto da tecnologia a serviço da empulhação dá nisso, há tempo, pelo mundo afora.

Em 1969 aconteceu um choque de tropas russas com chinesas numa zona remota da fronteira dos dois países. O primeiro-ministro soviético Alexei Kosygin queria baixar a tensão e pegou o telefone vermelho para falar com o premier Zhou Enlai. Era a tecnologia a serviço da diplomacia.

A telefonista chinesa não passou a ligação. Ele teve que ligar para a embaixada soviética em Pequim, pedindo que passasse o recado.

Odylo Costa, filho, um homem bom

Está nas livrarias "JB - A Invenção do Melhor Jornal do Brasil, Conduzida por Odylo Costa, Filho", do repórter Luiz Gutemberg. Conta a gênese da reforma do Jornal do Brasil, que transformou uma publicação de pequenos anúncios no veículo que mudou a forma de se fazer jornais e melhor expressou as mudanças culturais e de costumes do país.

Fala-se muito dessa transformação e pouco da condessa Maurina Pereira Carneiro, de seu genro, Manoel Francisco Nascimento Brito, e muito menos da doce figura de Odylo Costa, filho. Ela era a dona do jornal, Brito dirigia a empresa, e Odylo assumiu o comando da Redação em 1957. Gutemberg fala dos três, sobretudo de Odylo. Ele era um maranhense, poeta, falava baixo com a doçura de quem gostava de fazer o bem.

Juscelino assumiu a República em 1956, e Odylo, o Jornal do Brasil 11 meses depois. "Udenista de carteirinha", ele não gostava da política de JK. Nada a ver com o panfletarismo de Carlos Lacerda. Sua oposição tinha uma nuance jornalística e cultural.

Como o jornal incomodava o palácio, outro poeta, Augusto Frederico Schmidt, amigo de JK, diria: "O obstáculo único nas relações do presidente com o Jornal do Brasil tem nome, sobrenome e indicativo de filiação: Odylo Costa, filho".

No dia 6 de agosto de 1958 o secretário de Estado americano, John Foster Dulles, passou pelo Rio e reuniu-se com JK. No dia seguinte, o JB publicou uma fotografia da reunião, na qual aparecem um Juscelino expressivo, de pé, com as mãos espalmadas e um Dulles, carrancudo, sentado e lendo um papel.

JK era um expressivo contumaz, e Dulles, um carrancudo profissional. No Brasil de então cantava-se a marchinha "Me Dá um Dinheiro Aí" e o governo queria empréstimos dos Estados Unidos. À época, a fotografia foi vista como uma ofensa ao presidente, sobretudo por causa de sua legenda. Ela teria repetido a marchinha.

O ministro da Justiça queixou-se a Odylo, e o palácio mandou congelar o processo de importação das sobrecarregadas rotativas do jornal, bem como as conversas para a concessão de um canal de televisão.

Em dezembro, dentro de um projeto de equilíbrio financeiro, Nascimento Brito pediu a Odylo o corte de 40 pessoas numa Redação de 87. Ele preferiu ir-se embora e despediu-se da Redação no dia 31 de dezembro.

O livro de Luiz Gutemberg é um mapa do Brasil, de sua política e da imprensa daquele tempo. Pesquisa bem-feita, revela muitas coisas, inclusive que a legenda da fotografia nunca foi "Me Dá um Dinheiro Aí", mas "Tenha Paciência... Mister".

Serviço: A fotografia, de Antônio Andrade, está na rede, basta pedir "me dá um dinheiro aí" e "JK".

Corda esticada no STF

Uma minoria (apertada) dos ministros do Supremo Tribunal Federal está esticando a corda. Uns produzem decisões escalafobéticas e metem-se em situações bregas. Essa minoria associa-se a farofas no circuito Elizabeth Arden.

Num serviço público que restringe o acesso ao luxo em viagens aéreas, os doutores viajam na primeira classe e os seus seguranças e assessores, na executiva. Cobrados, respondem com a soberba dos antigos coronéis do sertão.

Essa história vai acabar mal, levando na bacia a criança de uma instituição austera, respeitada e centenária.

Dia D

Passou o 80° aniversário do Dia D, a maior operação militar da história. Cerca de 3 milhões de soldados aliados desceriam na Normandia e menos de um ano depois a Segunda Guerra estava terminada na Europa. Desse dia ficou uma lição para militares de todos os tempos.

O desembarque foi comandado pelos generais americanos Dwight Eisenhower e Omar Bradley. Um tinha 53 anos, pressão alta e zumbia-lhe o ouvido. O outro, de 51 anos, estava com o nariz inchado.

Eisenhower tinha no bolso uma nota manuscrita que dizia:

—Nosso desembarque na área de Cherbourg-Havre para fixar uma cabeça de ponte falhou e eu recolhi as tropas. Minha decisão de atacar agora e nesse lugar baseou-se na melhor informação disponível. [...] Se houve algum erro na tentativa foi só meu.

O papel não saiu do seu bolso, porque o desembarque foi bem-sucedido, por conta da bravura dos soldados e, quem sabe, graças às seis moedas de nações aliadas que carregava num saquinho desde 1942.

Fala-se muito na eficiência dos blindados alemães, mas no Dia D a tropa nazista se surpreendeu ao ver que os aliados não desembarcaram cavalos. Em 1942 o exército alemão dependia de 150 mil cavalos.

O ministério de Lula

O atual ministério não chega ao Natal.

Quando será feita a mudança e quais os ministros que serão trocados, só Lula sabe.

Prefeito é favorito, e PT vai apoiar aliado em Salvador

Bruno Reis e vice-governador Geraldo Júnior replicam polarização estadual

João Pedro Pitombo

SALVADOR Eles atropelaram crises internas, uniram desafetos e agregaram aliados em torno de uma única candidatura. Agora, a quatro meses das eleições, apresentam seus trunfos e afiam suas armas para mobilizar o eleitorado de Salvador.

O prefeito Bruno Reis (União Brasil) e o vice-governador Geraldo Júnior (MDB) lançaram nesta semana suas pré-candidaturas à prefeitura, em atos marcados pela ode à força de seus grupos políticos.

A disputa em Salvador caminha para mimetizar as eleições estaduais e replicar o cenário de polarização entre dois principais grupos políticos da Bahia, liderados pelo PT e União Brasil.

Bruno Reis vai em busca de mais um mandato em um pleito que representa mais que uma mera reeleição, mas a própria sobrevivência e coesão do grupo político liderado pelo ex-prefeito ACM Neto (União Brasil).

Na outra ponta, Geraldo Júnior tem como missão apontar um horizonte para o grupo liderado pelo governador Jerônimo Rodrigues (PT), partido que governa a Bahia há 18 anos, mas nunca venceu uma eleição em Salvador.

A candidatura à reeleição do prefeito foi confirmada na segunda (3) em uma solenidade simples em um hotel de Salvador. A decisão foi precedida de uma intensa negociação com partidos da oposição ao PT na Bahia.

Bruno Reis, 47, recebeu adesões de legendas que abdicaram de suas pré-candidaturas para manter a unidade no campo da direita, movimento que incluiu o PL do ex-presidente Jair Bolsonaro.

O partido é liderado na Bahia por João Roma, que foi ministro da Cidadania e rompeu com o então padrinho político ACM Neto ao assumir o cargo no governo Bolsonaro em 2021. Na solenidade, ambos se encontraram e apertaram as mãos em um cumprimento protocolar.

Mesmo com o apoio do PL, Reis tem rejeitado a pecha de candidato do bolsonarismo e quer evitar a influência da polarização nacional. A União Brasil faz parte da base do governo Lula, com três ministros, mas tem adotado postura independente nas votações no Congresso Nacional.


Bruno Reis (União Brasil) e Geraldo Júnior (MDB), pré-candidatos em Salvador Fotos União Brasil e Ulisses Dumas/Divulgação

Para contrabalancear a aliança, o prefeito manteve em sua chapa a vice-prefeita Ana Paula Matos (PDT). Com a escolha, terá ao seu lado um nome de sua estrita confiança e garante protagonismo ao aliado de centro-esquerda.

Ao confirmar sua candidatura, Reis destacou sua trajetória política, realizações de seu mandato e sobretudo a força do seu grupo político, que inclui uma megacoligação com 13 partidos e o apoio de 32 dos 43 vereadores.

Seu principal desafiante será um antigo aliado. Com 54 anos, Geraldo Júnior foi vereador em Salvador por quatro mandatos e presidente da Câmara. Foi aliado de Bruno Reis e ACM Neto, de quem chegou a ser secretário municipal.

Em 2022, chegou a anunciar apoio ao ex-prefeito na eleição para governador da Bahia, mas rompeu com o aliado para compor a chapa com Jerônimo Rodrigues. Sua adesão ao grupo governista foi articulada pelo senador Jaques Wagner com os irmãos Geddel e Lúcio Vieira Lima, que controlam o MDB da Bahia.

Dois anos depois, Geraldo foi escolhido para disputar a prefeitura, unificando os 10 partidos da base do governador. Mas decisão foi precedida por crises e embates.

O PT trabalhou para ter candidato próprio em Salvador e o ministro Rui Costa (Casa Civil) tentou emplacar um aliado pelo PSB. Prevaleceu a tese do senador Jaques Wagner, que apoiou o vice-governador e mobilizou a base petista.

Na quarta (5), Fabya Reis (PT) foi apresentada como candidata a vice-prefeita na chapa. Com trajetória ligada ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), ela era secretária estadual de Desenvolvimento Social.

A escolha teve como objetivo alicerçar a parceria política e engajar a militância petista, diante de um histórico e atuação de Geraldo Júnior no campo da centro-direita. Havia um temor de migração do eleitorado da esquerda para a candidatura do sindicalista Kleber Rosa (PSOL).

O PT também reforçou a estratégia de nacionalizar a campanha, apresentando Geraldo como o candidato de Lula e associando Reis ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

Temas como ocupação urbana, meio ambiente, transporte público e desemprego devem estar no centro do debate da campanha.

O prefeito deve ser cobrado pelos problemas na frota de ônibus e pelo controverso projeto do BRT, sistema de linhas exclusivas de ônibus com viadutos que custou R$ 795 milhões.

Outro ponto de polêmica é a desafetação de 40 terrenos na capital baiana, incluindo áreas verdes, demandada por Reis em dezembro. Um dos terrenos fica em uma encosta no Corredor da Vitória e é alvo de interesse de um grupo de investidores que inclui o ex-prefeito ACM Neto. A compra da área permitiria o aumento do potencial construtivo para um empreendimento que será erguido em um terreno ao lado.

Em inserções comerciais do MDB na televisão, Geraldo inseriu o assunto no debate eleitoral, acusando o prefeito de trocar áreas verdes por concreto e se guiar pela especulação imobiliária.

Mas adversários e até aliados admitem que o vice-governador possui telhados de vidro no tema ambiental.

Quando esteve à frente da Câmara Municipal, Geraldo comandou a aprovação de leis que afrouxaram regras de proteção ambiental e foram contestadas pelo Ministério Público. Também ajudou a aprovar a autorização para a venda de outros terrenos na capital baiana.

Em entrevistas recentes, ele tem afirmado que mudou sua visão de e despertou para importância do debate ambiental.



O israelense Almog Meir Jan, 21, encontra familiares em hospital após oito meses como refém do Hamas na Faixa de Gaza Exército de Israel - 8.jun.24/via AFP

Israel resgata quatro reféns vivos em operação em Gaza

Há relatos de dezenas de mortes; Tel Aviv fala em 'menos de cem' e culpa Hamas

SÃO PAULO As forças de Israel resgataram quatro reféns vivos de dois locais diferentes durante operação em Nuseirat, na área central da Faixa de Gaza, neste sábado (8). Moradores locais relataram que, na mesma região, houve uma série de ataques aéreos que deixou dezenas de mortos; as Forças Armadas de Tel Aviv disseram ter conhecimento de "menos de cem" óbitos e culparam o Hamas por lutar em uma área cheia de civis.

Os quatro reféns resgatados, três homens e uma mulher, haviam sido sequestrados pelo Hamas em um festival de música em Israel em 7 de outubro. Segundo os militares israelenses, eles foram levados ao hospital para exames e estavam com boa saúde.

Eles foram identificados como Noa Argamani, 25, Almog Meir Jan, 21, Andrey Kozlov, 27, e Shlomi Ziv, 40.

Um vídeo de Argamani reunida com seu pai mostra os dois sorrindo e se abraçando. Ela foi sequestrada com seu namorado, Avinatan Or. Acredita-se que ele ainda permaneça em cativeiro.

O primeiro-ministro Binyamin Netanyahu afirmou no sábado que Israel não cede ao terrorismo e que está operando "de forma criativa e corajosa" para trazer para casa os reféns detidos pelo Hamas em Gaza. "Estamos comprometidos em fazer isso também no futuro. Não desistiremos até completarmos a missão e devolvermos para casa todos os reféns —tanto os vivos como os mortos", disse Netanyahu.

Apesar da reiterada promessa, o premiê continua sendo alvo de imensos protestos em Israel devido ao que os manifestantes chamam de má condução do país durante o conflito. Milhares de pessoas foram às ruas neste sábado em atos contra o governo.

O jornal The Times of Israel divulgou uma pequena biografia de cada um dos quatro reféns soltos neste sábado.

Almog Meir Jan, 21, havia sido liberado do serviço militar três meses antes de ser capturado. Ele também foi levado da festa. Andrey Kozlov, 27, estava trabalhando como segurança na rave quando foi capturado. Shlomi Ziv, 40, também estava trabalhando como parte da equipe de segurança na festa; estava acompanhado de um amigo e de um parente de sua esposa, ambos mortos pelo Hamas.

O porta-voz militar de Israel Daniel Hagari disse que a operação de resgate foi realizada sob fogo em bairro residencial, onde ele disse que o Hamas estava escondendo reféns entre os civis de Gaza sob a guarda armada de militantes. As forças israelenses revidaram, inclusive com ataques aéreos, disse Hagari.

Nessa resposta é que teria havido dezenas de mortes, segundo a afirmação do grupo terrorista. O número incluiria uma quantidade não informada de combatentes do Hamas, além de mulheres e crianças, segundo o Ministério da Saúde local. As informações não puderam ser verificadas de forma independente.

As Forças de Defesa de Israel reconheceram que mataram civis palestinos durante os combates, mas atribuíram a culpa ao Hamas por manter reféns e lutar num ambiente civil denso. "Sabemos de menos de 100 vítimas [palestinas]. Não sei quantos deles são terroristas", disse Hagari.

O presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, pediu uma sessão de emergência do Conselho de Segurança da ONU sobre "o massacre sangrento realizado pelas forças israelenses" no campo de refugiados de Nuseirat, relatou a agência de notícias oficial WAFA.

Um alto funcionário do Hamas, Sami Abu Zuhri, disse à agência de notícias Reuters que "recuperar quatro prisioneiros após meses de combates é um sinal de fracasso e não uma conquista". Outro porta-voz da facção afirmou que alguns reféns foram mortos durante os combates.

É a terceira vez que as forças de segurança conseguem resgatar reféns com vida na Faixa de Gaza. Após oito meses de guerra na região, 116 dos cerca de 250 reféns sequestrados por militantes ainda estão no território palestino, de acordo com contagens de Israel —pelo menos 50 dos quais foram declarados mortos à revelia pelas autoridades.

Com Reuters, AFP e The New York Times



Nunca quis deixar de viver, diz refém do Hamas por 129 dias

MINHA HISTÓRIA
LUIS HAR, 71

TEL AVIV Entre tantas histórias de perdas e dor causadas pelos terroristas do Hamas nos ataques do 7 de Outubro, chama a atenção o caso do argentino-israelense Luis Har, 71. Sequestrado dentro de casa, no kibutz Nir Yitzhak, a 2 km da fronteira com Gaza, foi levado junto com sua esposa, Clara, e três parentes dela, além de um pequeno cachorro, que uma das sequestradas manteve escondido sob a blusa.

Nascido na Grande Buenos Aires, Har passou 129 dias num cativeiro no território palestino, até ser resgatado em fevereiro pelo Exército israelense junto com o cunhado, Fernando Simón Marman, 60, irmão de Clara.

A esposa e as outras duas mulheres do grupo foram libertadas pelo Hamas antes, no fim de novembro, durante a vigência de um cessar-fogo entre os terroristas e Tel Aviv.

Kibutzim como o de Har permanecem intocados. Alguns deles ainda conservam as marcas de sangue pelo chão das casas, mobília carbonizada, janelas quebradas e buracos feitos por disparos de fuzil e de granadas lançadas pelo Hamas no dia do ataque. É o caso de Nir Oz, visitado pela **Folha**, que fica 15 km ao norte de Nir Yitzhak.

Com sua casa destruída, Har e Clara vivem hoje com a filha em Or Aqiva, ao norte de Tel Aviv. A seguir, o depoimento de Har, concedido na sede do Fórum de Reféns e Famílias Desaparecidas, em Tel Aviv, ao lado da chamada praça dos Reféns, onde são feitos vigílias e protestos.

*

Fui sequestrado na manhã de 7 de outubro em Nir Yitzhak. Os terroristas fizeram um buraco na cerca do kibutz e chegaram até a janela da minha casa. Entraram atirando com fuzis e conseguiram invadir o quarto-forte em que tínhamos nos escondido, mas não nos mataram.

Eles, então, nos jogaram dentro da caçamba de uma caminhonete que estava cheia de fuzis, cartuchos de balas e lançadores de granadas no assoalho. Cinco terroristas subiram junto conosco. Eles tinham os olhos arregalados. Claramente estavam dopados. Tinham um comportamento absolutamente selvagem. A ponta do fuzil que era levado por um deles ficava batendo no meu rosto, conforme a caminhonete se movia em alta velocidade, com todos apertados na carroceria.

Clara tentou afastar a ponta do fuzil do meu rosto, mas eu segurei a mão dela dizendo que não devíamos fazer nada que eles interpretassem como uma reação. Falávamos em espanhol entre nós, para que não nos entendessem.

Depois de cruzar a fronteira com Gaza, eles nos desceram da caminhonete e nos obrigaram a entrar num túnel que descia em declive suave. Acho que devemos ter descido uns 40 metros. Ficamos entre três e quatro horas andando numa escuridão total, pisando um chão que era coberto de terra e de cabos. Tenho a impressão de que era um túnel que não estava completo, talvez não tivesse sido terminado ainda. No fim do caminho, eles nos fizeram subir uma escada vertical que me cortava os dedos da mão conforme eu me segurava nos degraus.



Luis Har, 71, argentino-israelense que ficou 129 dias como refém do Hamas na Faixa de Gaza Hannah McKay - 27.mar.24/Reuters

A saída do túnel dava ao lado de uma gaiola onde eles criavam perus. Assim que saímos na superfície, eles vestiram as mulheres com véus árabes. Fomos colocados, então, dentro de um carro e avançamos pelo que eu acredito que fosse Rafah [cidade no extremo sul de Gaza], até chegar a uma casa na qual fomos levados ao segundo andar. Ficamos uns dias nessa casa, antes de sermos transferidos para outra.

Nesses dias de cativeiro, conseguimos estabelecer relação com um dos terroristas, que não andava armado. Ele conversava conosco e era gentil. Parecia ser o dono da casa. Tinha 41 anos. Nós nos comunicávamos como dava: em hebraico, em árabe, em inglês, com gestos, com as mãos, com as pernas. Ele nos disse que não nos preocupássemos, pois ele nos protegeria de seus companheiros e do povoado, porque serviamos para sermos trocados por presos palestinos.

Os demais na casa eram violentos. Andavam sempre armados, eram brutos e gritavam conosco. Todos nos diziam que [Binyamin] Netanyahu [primeiro-ministro de Israel] nos queria mortos. Eles nos contavam quantos reféns já tinham morrido. Diziam que o Exército israelense estava matando os reféns nos ataques feitos a Gaza. Eles nos perguntavam por que queríamos voltar para casa se, dali a dois ou três anos, eles voltariam a cruzar a fronteira para nos sequestrar e matar.

Éramos cinco pessoas e um cachorro num quarto. Eles nos deixavam abrir uma fresta para olhar pela janela, mas sempre fechavam quando passavam drones de Israel. Éramos proibidos de conversar na maior parte do tempo.

Fazíamos uso de um banheiro normal na casa. Passamos vários dias sem água. Quando havia, não era água corrente. A água era racionada. Vinha num balde, e usávamos uma caneca para nos lavar e dar descarga na privada. Não dávamos descarga quando fazíamos xixi, para não desperdiçar. Deixávamos acumular.

No cativeiro, havia uma cozinha. Eles nos traziam o que havia para cozinhar no dia —podia ser batatas, ervilha ou tomate. Houve vários dias em que não havia nada além de pão sírio para comer. Mas não nos faltaram alimentos nem fomos torturados.

Durante esse tempo, não senti medo. Nós estávamos em choque, na verdade. Estávamos numa situação na qual não sabíamos se viveríamos ou não. Eu estava completamente frio. Tinha decidido fazer o que eles dissessem. Não podíamos enervar ninguém, não podíamos criar nenhum tipo de conflito.

Tenho a sensação de que, do lado de lá [referindo-se ao Hamas], não há com quem falar. Não há diálogo nem negociação possível. Eles me diziam que, se eu tinha nascido na Argentina, deveria voltar para lá, porque os israelenses, cedo ou tarde, serão todos empurrados até o mar.

As mulheres passaram 53 dias em cativeiro até serem trocadas por presos do Hamas, na quinta troca desse tipo. Eu fiquei ao todo 129 dias, junto com o Fernando [cunhado de Har]. As Forças de Defesa de Israel entraram na casa às 2h da manhã [de 12 de fevereiro], pela sacada. Fomos colocados num blindado e, de lá, num helicóptero que nos levou direto para um hospital, do lado israelense. Somos o único caso em que cinco membros de uma mesma família foram sequestrados e, depois, soltos, sem mortos e feridos.

Hoje, por fora, estou bem. Por dentro é que vai demorar. Às vezes, eu me ponho a chorar [começa a chorar enquanto fala]. Mas precisamos ser fortes e seguir adiante. Eu tento dar força às famílias [dos demais sequestrados]. Gosto de dançar. Danço num conjunto de baile. A primeira coisa que fiz depois de sair do cativeiro foi dançar. Muita gente aqui [em Israel] diz que parou de ter alegria e de viver, de fazer o que gosta, desde o 7 de Outubro. Eu sempre digo a todos: não façam isso. Continuem fazendo o que vocês mais gostam. Não deixem de viver.

Depoimento a
João Paulo Charleaux

O jornalista viajou a convite do StandWithUs Brazil, da Conib (Confederação Israelita do Brasil) e da Fisesp (Federação Israelita do Estado de São Paulo)

Europa pede proteção contra ameaças, diz ex-premiê da Itália

Para Enrico Letta, é preciso responder à demanda e ver se votos premiarão direita ou esquerda

ENTREVISTA
ENRICO LETTA

Michele Oliveira

MILÃO (ITÁLIA) O resultado da votação para o Parlamento Europeu estará ligado à percepção dos eleitores sobre a capacidade das forças políticas de responderem à necessidade de proteção, um sentimento dominante que permeia todos os países do bloco.

A afirmação é do ex-premiê italiano Enrico Letta, atual presidente do Instituto Jacques Delors, em Paris.

Desde quinta (6) e até este domingo (9), cerca de 370 milhões de pessoas em 27 países podem votar para escolher quem vai ocupar os 720 assentos da legislatura europeia.

Segundo Letta, proteção é a palavra-chave do momento na Europa, especialmente contra ameaças externas.

Esquivando-se de comentar possíveis resultados, Letta desconversa sobre bastidores que o apontam como próximo presidente do Conselho Europeu. "São só fofocas."

*

Como avalia a qualidade desta campanha e como acha que esta eleição vai entrar para a história? Esta campanha é melhor do que aquela de cinco anos atrás. Em 2019, as palavras mais recorrentes eram brexit, frexit, italexit, dexit [em referência a movimentos que defendiam a saída da UE de países como Reino Unido, França, Itália e Alemanha]. Ou seja, depois daquele grande sucesso de comunicação com a palavra brexit, a campanha foi muito condicionada pela tendência dos grandes países europeus de fazerem a mesma coisa.

Hoje "os exit" saíram de cena. O que aconteceu nos últimos anos, com a crise da Covid-19, a invasão russa na Ucrânia e a crise energética, fez com que todos, à direita e à esquerda, dessem-se conta de que a União Europeia e a integração são insubstituíveis.

As forças de ultradireita devem sair mais fortes das urnas, segundo as pesquisas. Como o senhor define este momento político na Europa, e quais são as causas? É um período em que na Europa se sente, em todos os países, a necessidade de proteção. Esta é a palavra-chave. Proteção contra ameaças externas, pois tem uma grande parte da Europa que faz fronteira com a Rússia ou com a guerra. As pessoas pedem proteção, e então veremos o que vai sair das urnas, se esse pedido de proteção vai premiar mais os partidos de direita ou os de esquerda. O que é certo é que será preciso dar uma resposta a essa demanda.

Quais são as questões mais urgentes para UE nos próximos cinco anos? São as três grandes despesas, novas necessidades, que a UE deverá financiar. A primeira é a transição verde e social. A segunda são segurança e defesa. A terceira é o alargamento do bloco. A primeira é certamente a mais importante. A transição terá custos muito altos, o Orçamento é muito pequeno para isso, então serão necessárias medidas extraordinárias para cobrir esses custos.

E em relação à segurança? Aqui o problema é que nos acostumamos a ter o guarda-chuva norte-americano. A Otan permanece como um ponto de referência e insubstituível, mas o problema é como ter condições de ter uma defesa mais integrada e uma Europa mais eficaz nessa área. É preciso ter mais integração, o que é outro objetivo difícil, porque existem muitas diferenças entre os países. Tem aqueles, como Polônia e Grécia, que gastam 4% do PIB em defesa, e outros como Itália, que gasta 1,3%. São coisas complicadas para administrar.

Na área da defesa, quanto o sr. está preocupado com o possível retorno de Donald Trump? Muito. Todas as coisas que eu disse até agora precisam de um contexto internacional estável e de alianças sólidas. Com os EUA de Joe Biden se encontrou um modus vivendi que funciona. As ameaças de Trump são muito perigosas para o futuro das relações entre Europa e Estados Unidos. Confesso que estou e estamos muito preocupados.

Para o sr., qual o estado atual da democracia dentro da UE? A Europa vive certamente uma fase de dificuldade, mas que não é típica ou só sua. O mundo ocidental vive hoje uma fase de fadiga democrática evidente. Nestas eleições, o primeiro número que eu vou querer conferir será aquele da participação no voto. Espero que seja superior do que em 2019, quando se chegou aos 50%. Mas objetivamente é necessária uma renovação democrática forte.



Enrico Letta, 57
Foi primeiro-ministro da Itália (2013-2014) e é o atual presidente do Instituto Jacques Delors, think tank em Paris dedicado a questões europeias. Foi presidente do Partido Democrático italiano (2021-2023), ministro em três ocasiões e eurodeputado. Está no sexto mandato como deputado federal.

Como fazer isso? É preciso que haja uma capacidade de tornar a participação dos cidadãos algo que não dura somente um dia, na hora de votar. Tenho convicção de que é preciso introduzir novas formas de democracia participativa. Não basta ser uma democracia só representativa, como conhecemos até agora.

Como vê hoje a perspectiva de um acordo entre UE e Mercosul? Sou a favor de seguir em frente com as negociações. Tenho muita confiança no que o Brasil pode fazer no futuro e acho que devemos trabalhar muito nas relações entre Brasil e Europa. Acho que com o presidente Lula podemos encurtar essas distâncias. É uma das grandes escolhas estratégicas dos próximos anos.

A posição do presidente Lula sobre a Guerra da Ucrânia, de neutralidade, pode ser um obstáculo neste momento? Bem, é óbvio que é uma posição diferente daquela europeia. Mas é uma posição com a qual devemos dialogar, justamente pela importância do papel que o Brasil tem.

Como avalia o papel de Giorgia Meloni, cortejada seja por Ursula von der Leyen, seja por Marine Le Pen? Tem muita especulação, vamos esperar o dia depois do voto.

Dá como certo o segundo mandato de Von der Leyen? Ela é uma candidata forte, foi bem nos últimos cinco anos e fez uma boa campanha. Trabalhei muito bem com ela.

Jornais italianos falaram de seu nome como possível sucessor de Charles Michel no Conselho Europeu. São só fofocas. Faço meu trabalho e só.



BIDEN E MACRON SE REÚNEM NO ARCO DO TRIUNFO E FALAM DE GUERRAS
Os presidentes dos EUA, Joe Biden, e da França, Emmanuel Macron, acompanhados de suas respectivas esposas, Jill e Brigitte, posam diante do Arco do Triunfo, em Paris Saul Loeb/Reuters

Milei, Lula e suas birras

Brasileiro poderia ser o adulto da sala e se posicionar acima de arroubos

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

Os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Javier Milei estão se aproximando de um encontro inevitável, ainda que, até aqui, ambos pareçam querer evitar um cara a cara.

O argentino, que chega a seus seis meses de governo nesta segunda (10), terá um pepino para resolver caso o Brasil peça extradição de foragidos investigados por participarem dos ataques de 8 de janeiro em Brasília. Milei permitirá que os apoiadores de seu amigo Jair Bolsonaro sejam devolvidos para que enfrentem a Justiça ou lhes dará refúgio?

Desde que teve início, a gestão Milei tem levado as relações internacionais de modo pouco convencional. Tem dado as costas para o Mercosul e para a região, enquanto deixa claro que seu foco está em estabelecer relação próxima com EUA e Israel. Deste modo, diz, estaria se afirmando como "um dos líderes mais importantes na defesa da liberdade".

Milei já tomou, neste semestre, vários banhos de realidade. A saber: não está sendo nada fácil aprovar no Congresso a sua Lei Ônibus, pois seu governo não tem maioria entre os parlamentares. Não foi possível eliminar todos planos assistencialistas como imaginava, afinal, muitos argentinos não têm conseguido chegar ao fim do mês por causa da inflação. Tampouco conseguiu conquistar os corações e os apoios dos governadores, todos de oposição, para realizar o tão desejado pacto de aliança nacional.

O caso dos fugitivos brasileiros mostra a Milei que, ainda que prefira manter contato próximo apenas com líderes, políticos e jornalistas alinhados a ele, não poderá entrar em uma fricção com o Brasil. Os dois países, além de serem sócios econômicos, compartilham uma fronteira que demanda atenção. Além disso, a chuva de investimentos que Milei previa para a Argentina não tem acontecido, e há pressão para que ele esteja mais presente no Mercosul.

Com isso em mente, Milei enviou uma carta a Lula. Demasiado informal, a missiva era seca e direta. Algumas linhas propondo encontro para falar de comércio bilateral.

O brasileiro, por sua vez, não respondeu de modo formal. É compreensível que Lula tenha se sentido ofendido pelas declarações de campanha de Milei —quando o argentino chamou o brasileiro de corrupto—, e mais ainda pelo fato de Milei ter recebido Bolsonaro quase como um chefe de Estado em exercício em sua posse.

Por outro lado, como líder mais experiente, o presidente Lula poderia ser o adulto da sala e se posicionar acima das declarações infelizes e dos arroubos do vizinho.

Se o argentino confirmar sua viagem ao G7, na Itália, é possível que ambos finalmente se vejam frente a frente. Mas o porta-voz de Milei afirmou que não há uma bilateral prevista para essa data. A melhor expectativa de um encontro será na reunião do Mercosul, em julho.

Milei não está correto quando afirma que a relação pessoal entre chefes de Estado não influi nem impacta a relação entre os países. O comércio entre Argentina e Brasil caiu 28,1% em relação ao mesmo período em 2023. Lula tampouco, ao se mostrar indignado e ao não mostrar interesse em alimentar a relação, que é necessária para ambos os lados.

É hora de deixar as cartinhas e as birras de lado. O bom clima de cooperação entre os países depende, sim, da proximidade de suas lideranças.

Plano de aliados para Trump 2.0 projeta reformas profundas

Projeto 2025 quer governo mais forte, demissão de funcionários e abordagem religiosa em políticas públicas

Fernanda Perrin

WASHINGTON "Um indivíduo deve ser livre para viver como seu Criador ordenou. Nossa Constituição nos concede a liberdade de fazer não o que queremos, mas o que devemos. Essa busca pela boa vida é encontrada principalmente na família — casamento, filhos, jantares de Ação de Graças e coisas do tipo."

O trecho acima poderia ter saído de uma obra religiosa, mas integra a principal proposta de plataforma para um novo governo Donald Trump.

Chamado de Projeto 2025, o plano é resultado de um esforço de mais de cem organizações conservadoras e nomes ligados a Trump, capitaneado pela Fundação Heritage.

O caráter radical e polêmico de muitas das propostas vem sendo explorado pela campanha de Joe Biden. O exemplo mais recente ocorreu na quinta-feira (6), quando o Comitê Nacional Democrata acusou o adversário "e republicanos por trás do Projeto 2025" de planejarem restringir o acesso ao aborto e a métodos contraceptivos — propostas que, de fato, estão no texto.

O projeto é dividido em quatro pilares. O primeiro é o "Mandato para Liderança", uma obra de quase 900 páginas em que propostas para orientar um novo governo conservador são detalhadas. Desde 1979, às vésperas da eleição de Ronald Reagan, a Heritage costuma lançar um documento do tipo.

Desta vez, são mais de 400 pessoas envolvidas. Cada capítulo é voltado para um departamento (equivalente americano a um ministério), agência e comissão federal — além da própria Casa Branca.

O segundo pilar do Projeto 2025 é a concentração de currículos e filtragem de interessados em trabalhar em um novo governo republicano. O terceiro é a "Academia de Administração Presidencial", um conjunto de cursos online para treinar pessoas sem experiência na esfera pública.

O último pilar é o "Manual dos 180 dias", um conjunto de propostas em elaboração a serem adotadas nos primeiros seis meses de governo para "levar alívio rápido aos americanos sofrendo das políticas devastadoras de esquerda", como explica o Projeto 2025.

Este não é o único plano proposto por uma organização conservadora, mas é o mais abrangente e com nomes de maior peso envolvidos. Embora não seja vinculado oficialmente à campanha de Trump — que diz que nenhum grupo fala pelo candidato —, muitos dos nomes são da órbita trumpista, e suas propostas ecoam declarações feitas pelo republicano.

O objetivo do projeto é evitar que se repita o cenário caótico observado em 2017, após a primeira eleição do empresário, quando o governo teve dificuldades para fazer nomeações e avançar seus planos diante da falta de experiência ou da resistência de membros da administração.

Assim, o Projeto 2025 funciona como um pacote completo de propostas e um quadro treinado e comprovadamente leal para implementá-las.

Os pilares do Projeto 2025 para Trump, se eleito em novembro

Mandato para a Liderança
Obra de quase 900 páginas dividida em capítulos escritos por mais de 400 autores com propostas para diversas áreas do governo

Eixos do Mandato
"Restaurar a família como o centro da vida americana e proteger nossas crianças"

"Defender a soberania, as fronteiras e a riqueza da nossa nação contra ameaças globais"

"Garantir nossos direitos individuais dados por Deus para viver livremente"

Banco de dados de pessoal
Concentração de currículos e filtragem de pessoas para futuramente serem recomendadas para trabalhar no governo e, assim, agilizar nomeações

Criação da Academia de Administração Presidencial
Treinamentos online para explicar como o governo funciona e como trabalhar na administração pública para quem não tem nenhuma experiência na área

Manual dos 180 dias
Formação de equipes e planos concretos para serem adotados nos primeiros seis meses de governo e "levar alívio rápido aos americanos sofrendo das políticas devastadoras de esquerda"

"Nosso objetivo é montar um exército de conservadores alinhados, verificados, treinados e preparados para começar a trabalhar no primeiro dia para desconstruir o Estado Administrativo", escreve Paul Dans, diretor do plano e ex-membro do governo Trump, na abertura do texto.

O "Estado Administrativo" designa a burocracia formada por funcionários de carreira de agências federais que, na visão desses conservadores, tomam decisões que deveriam estar fora de sua alçada.

Para retirá-los do caminho, o plano prevê a retomada do Anexo F, decreto de Trump no final de seu mandato que ampliava os poderes de demissão de funcionários públicos — e que foi revogado por Biden.

Em linhas gerais, as recomendações significam uma ampla reestruturação do governo americano, centralizando o poder nas mãos do presidente. Na agenda de comportamentos, o pano de fundo é uma visão conservadora cristã que prioriza o fortalecimento da família nuclear, fruto do casamento entre um homem e uma mulher.

Um exemplo é a limitação da independência do Departamento de Justiça por meio de um aumento significativo do número de nomeações políticas e submissão total à Casa Branca. Proposta semelhante é feita em relação ao FBI.

Ambos os órgãos são alvos de ataques constantes de Trump, que acusa o atual governo de instrumentalizá-los para persegui-lo politicamente — ao mesmo tempo em que promete instaurar inquéritos contra democratas se for eleito. Dois dos quatro processos criminais contra o empresário foram abertos pelo Departamento de Justiça.

No tema de imigração, o Projeto 2025 recomenda a criação de uma pasta específica a partir da união de diferentes órgãos — somando um quadro estimado em mais de 100 mil pessoas, ou a terceira maior burocracia do governo.

O texto recomenda ainda uma reforma do visto de trabalho H-1B, amplamente utilizado por empresas americanas que contratam estrangeiros, para que seja limitado apenas "aos melhores e mais brilhantes" e desde que não prejudique americanos.

Sem surpresas, aborto é um dos principais alvos do plano, que propõe a reversão da autorização de comercialização de pílulas abortivas. Nesse campo, o Projeto 2025 defende o incentivo a métodos como a tabelinha, enquanto recomenda a revogação da exigência de que planos de saúde cubram camisinhas e pílulas do dia seguinte. O Departamento de Saúde seria renomeado "Departamento da Vida".

No capítulo voltado ao Departamento de Educação, o texto propõe em sua primeira frase a eliminação da pasta. Em meio a um ambiente de frequentes embates entre pais e escolas sobre o que se ensina na sala de aula, o projeto afirma que a prioridade deve ser dada aos primeiros.

A questão que se coloca é se Trump vai seguir essas propostas. Embora o Projeto 2025 não o endosse formalmente nem sua campanha encampe o texto, a Heritage destaca que o empresário seguiu 64% das recomendações em seu primeiro ano de mandato.



MANIFESTANTES PRÓ-PALESTINA CERCAM CASA BRANCA PARA PEDIR FIM DA GUERRA EM GAZA
Ativistas pró-Palestina exigindo o fim do conflito Israel-Hamas e do apoio americano a Tel Aviv protestaram diante da sede da Presidência dos Estados Unidos neste sábado (8) Mandel Ngan/AFP

Candidatura do ex-presidente pode sobreviver à sua própria estratégia de negacionismo eleitoral?

OPINIÃO

David Wiswell
Escritor e comediante americano

Donald Trump atrai uma população de extrema direita, que, de forma bem ampla, pode ser dividida em dois grupos: a classe trabalhadora que se sente irritada e desfavorecida pelo sistema e grandes corporações que querem usar Trump para limitar a intervenção do governo e desfavorecer o primeiro grupo.

Nenhum dos grupos se incomoda com o fato de que a incapacidade de Trump de trabalhar dentro do sistema resultou em um número muito baixo de realizações legislativas durante seu mandato presidencial, porque nenhum deles gosta do governo.

Logo, um presidente ineficaz é o presidente perfeito.

Eles poderiam muito bem votar em um saco de areia ou em um balde de frango frito (o próprio Trump talvez votasse no frango). Na realidade, Trump forma sua popularidade explorando a ideia de que o sistema seja extremamente corrupto e que ele é o único que pode salvá-lo.

O problema que ele pode criar para si mesmo é que ele pode fazer seu trabalho bem demais. A narrativa eleitoral negacionista de Trump foi poderosa em termos de revitalizar seu apoio que havia diminuído e transformar falhas em vitórias, mas será que isso vai corroer sua contagem de votos no dia da eleição?

Nas eleições de meio de mandato de 2022, houve grande preocupação de que uma faixa de candidatos leais a Trump e negacionistas das eleições pudesse ser eleita para várias posições. No entanto, apesar do vasto apoio de que desfrutavam, eles perderam muito mais do que o esperado. Por quê? Bem, talvez em parte, se você convencer as pessoas de que o voto delas não importa... elas podem ouvir. Em uma eleição tão apertada, isso facilmente poderia custar a eleição para Trump.

O mais importante dessas perdas de 2022 foram os cargos estaduais de secretário de Estado, pois apenas quatro de doze negacionistas venceram. Isso é particularmente importante porque, na maioria dos estados americanos, essa função é responsável por supervisionar as eleições locais.

Notoriamente, em 2020, o secretário de Estado da Geórgia — que não era negacionista, mas era republicano — foi chamado e intimidado por Trump em um telefonema para "achar os votos" para vencer a eleição, dizendo que isso seria bom para seu partido.

[...]

Acho profundamente irônico que um candidato que se especializa em ineficácia de extrema direita possa perder porque foi realmente capaz de realizar algo

Se Trump tivesse sido bem-sucedido, ele poderia ter roubado a eleição, e um negacionista naquela posição poderia ter tornado isso possível.

A ironia de que você pode não ter conseguido emplacar um funcionário governamental corrupto para ajudá-lo a fraudar uma eleição porque você convenceu de forma muito convincente sua base eleitoral de que a eleição estava sendo manipulada por funcionários governamentais corruptos é incrível! É como uma "inception política". A estratégia política de Trump parece uma pintura de MC Escher desenhada com ketchup.

Recentemente, Trump usou sua influência sobre o Comitê Nacional Republicano (RNC, na sigla em inglês) para destituir sua presidente e colocar no lugar alguém totalmente imparcial... sua nora. Desde então, ela veio a público com acusações infundadas de fraude eleitoral, como votos de mortos e não cidadãos americanos em 2020. Também foi divulgada há pouco tempo pela imprensa uma prática padrão de contratação do RNC de perguntar se os candidatos acreditam que a eleição de 2020 tenha sido roubada.

Como sua função principal é estratégia eleitoral, isso pode soar assim: "Você acredita que o que fazemos aqui seja inútil?" "Sim." "Você é perfeito!"

A surpreendente eficácia de Trump no feito incrível de cultivar um movimento negacionista eleitoral quase sectário ao seu redor beneficiou-o financeiramente, demagogicamente e em seu domínio sobre seu partido, mas também pode ter custado a ele importantes funcionários estaduais e a própria crença no voto que pode fazê-lo perder a eleição.

Acho profundamente irônico que um candidato que se especializa em ineficácia de extrema direita possa perder porque foi realmente capaz de realizar algo. O que só significaria uma coisa: Vote saco de areia em 2028!



Trecho da praia de São Pedro, no Guarujá (SP); para chegar até o local, visitantes precisam passar por dentro de loteamentos Fotos Adriano Vizoni/Folhapress

Praias públicas têm acesso restrito em partes do litoral de SP

Regras amparadas por leis municipais já dão poder a loteamentos de vigiar quem entra e sai da faixa de areia

Clayton Castelani e Adriano Vizoni

GUARUJÁ E BERTIOGA (SP) Na primeira tentativa de acessar a praia de Tijucopava, no Guarujá (SP), o segurança do loteamento particular não abriu a cancela porque a estrada estava interditada desde fevereiro para reparos.

O caminho possível ficava adiante, no condomínio vizinho, onde outro funcionário perguntou qual quadra e lote seriam visitados. Ao saber que o destino era a faixa de areia, pediu o RG do motorista e contou quantas pessoas estavam no carro antes de entregar um crachá com o número de uma das cerca de 60 vagas do estacionamento.

A entrada é gratuita nessas praias acessíveis apenas por grandes áreas privadas pontilhadas por mansões no meio da mata atlântica. Mas as frequentes abordagens de seguranças e as restrições à circulação lembram ao visitante que aquele é um lugar ao qual ele não pertence.

No momento em que a chamada "PEC das Praias" inflama debates sobre o direito de uso de terras próximas ao litoral, a **Folha** visitou quatro empreendimentos imobiliários no litoral de São Paulo nos quais a vigilância de proprietários é legalizada e se apresenta de forma ostensiva. Modelos semelhantes também existem em outros pontos da costa brasileira.

Praias são um bem de uso comum e o acesso a elas é livre, garantido pelo Código Civil, e o texto da Proposta de Emenda à Constituição relatado pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) não pode mudar isso, diz o advogado Godofredo de Souza Dantas Neto, especialista em direito constitucional e urbanístico.

O que o projeto pretende é transferir os chamados terrenos de marinha em áreas urbanas da União para estados, municípios ou proprietários privados.

Essas áreas ocupam uma faixa de 33 metros a partir da linha de influência das marés (medida em 1831) e a aprovação da proposta está relacionada à garantia patrimonial para quem já ocupa esses locais, além de tirar dos cofres da União o dinheiro arrecadado com a atual cobrança de impostos.

Quando a questão envolve o acesso por áreas privadas, porém, essa liberdade garantida pela legislação civil brasileira encontra uma combinação de obstáculos criados por normas municipais.

No caso de quatro loteamentos no Guarujá, o controle de acesso é delegado aos proprietários e esse poder tem respaldo em legislações ambientais, segundo disse a prefeitura.

Nos dias de calor, quando já nas primeiras horas da manhã há o esgotamento do número de vagas nos estacionamentos públicos próximos às praias, só carros de proprietários e convidados passam pelas cancelas que dão acesso às sinuosas estradas com ótimo calçamento de blocos de cimento.

Distâncias de até cinco quilômetros até o mar por vias íngremes desencorajam o percurso a pé. Além disso, o carro é a melhor forma de chegar à entrada e, para continuar o percurso sem o automóvel, é preciso deixá-lo perto ou no próprio acostamento da rodovia, onde estará sujeito a multas.

Quem consegue avançar se depara com um trajeto sombreado pela floresta preservada de onde é possível espiar casarões com quadras de tênis, campos de futebol e piscinas, alguns com acesso direto às praias de areias claras e finas. Os mais distantes têm quadriciclos nas garagens. Imóveis que podem passar dos R$ 40 milhões em anúncios na internet.

Na areia estão proibidas tendas, barracas e a circulação de bicicletas. Placas pedem que não se faça barulho, tudo respaldado por leis municipais, diz a prefeitura.

Restrições compensadas por vantagens como banheiros limpos e chuveiros de água doce de uso livre, afirma o motoboy Marcelo Montes, 42. Surfista e frequentador da região há 20 anos, ele havia partido de Diadema, na região metropolitana de São Paulo, na manhã da última quarta (5) com a prancha presa ao teto do seu Volkswagen Gol para aproveitar as ondas de Tijucopava.

"É chato [haver restrição], mas a segurança e a infraestrutura compensam", diz Montes. "Acho que isso aqui não tem nada a ver com privatização das praias, que eu sou totalmente contra."

A infraestrutura é ainda mais impressionante no Iporanga, o mais conhecido entre os loteamentos da região. Criado em 1983, possui cerca de 400 casas distribuídas por 248 hectares —cerca de 2,5 quilômetros quadrados. Os estacionamentos públicos têm 95 vagas para acesso a três praias: São Pedro, das Conchas e Iporanga. O crachá colocado no carro determina para qual delas o visitante deve se dirigir e não é permitido ir com o veículo para o estacionamento de outra praia.

O relatório de impacto ambiental da Associação de Proprietários de Iporanga diz que 150 funcionários zelam pela área, entre os quais há 95 seguranças. Para chegar às praias, a **Folha** foi questionada por três deles, em diferentes pontos, sobre o destino e a intenção da circulação no local. A administração também poderia conferir a movimentação pelas câmeras.

Todos os serviços, como o tratamento de resíduos, são custeados pelos proprietários, afirma o biólogo Ronaldo Justo, gerente de meio ambiente do loteamento Iporanga. "As restrições são para garantir a sustentabilidade", diz.

Embora as regras ambientais confiram autoridade para as associações de proprietários controlarem os acessos, em ao menos um ponto, que diz respeito ao horário de permanência nas praias, a prefeitura diz que as entidades podem estar extrapolando sua autonomia.

Em linhas gerais, os condomínios liberam o acesso às praias enquanto o dia está claro. Apesar de afirmarem que a permanência noturna não é proibida, orientam aos visitantes que saiam à noite devido à ausência de salva-vidas, correnteza mais forte e pouca ou nenhuma iluminação nas vias.

A administração municipal afirma que a restrição de horários de permanência nas praias não é autorizada, mas recomenda aos frequentadores que evitem utilizar as praias ao anoitecer.

Em Bertioga, cidade vizinha ao Guarujá, o loteamento Riviera de São Lourenço é o que mais chama a atenção pela quantidade de edifícios à beira-mar. Diferente da primeira impressão, porém, a entrada não possui restrições, o carro pode ser estacionado na rua, e o acesso à faixa de areia é livre.

A Secretaria de Patrimônio da União não tem dados sobre a demarcação de terrenos de marinha no estado de São Paulo, embora diversos proprietários paguem impostos federais que caracterizam esse tipo de imóvel.

Independentemente de qual ente é o responsável pela gestão do espaço, prefeituras, governos estaduais e federal têm autoridade para desapropriar áreas para melhorar o acesso ao mar, afirma o advogado Godofredo Dantas Neto. "Basta declarar a área de interesse público para a construção de uma passagem", diz.

Praias em loteamentos privados

- Loteamentos com entrada na rodovia Guarujá-Bertioga
- Praias com acesso exclusivo pelos loteamentos






Google

Entrada de loteamento em Guarujá indica ponto para visitante passar pela portaria antes de entrar



As restrições são para garantir a sustentabilidade

Ronaldo Justo
biólogo e gerente ambiental de um loteamento



Basta declarar a área de interesse público para a construção de uma passagem

Godofredo de Souza Dantas Neto
advogado

Rei dos rolezinhos tem casa para funkeiros e 'biscoiteiros'

Empresário Darlan Mendes hoje ensina garotos ricos a falarem com a periferia

Rogério Pagnan e Jairo Marques

SÃO PAULO Em um imponente sobrado com 800 metros quadrados de construção, cinco quartos, piscina e quadra esportiva cravados em um chique bairro de Mogi das Cruzes, mora e trabalha uma das figuras mais emblemáticas da segunda década dos anos 2000, Darlan Mendes, 34, considerado o rei dos rolezinhos. Hoje ele mantém uma "fábrica" para transformar jovens em influenciadores digitais.

Os rolezinhos foram um movimento cultural que explodiu espontaneamente no final de 2013 e chegou a reunir mais de 5.000 pessoas, principalmente jovens e adolescentes de áreas periféricas. Em multidões, eles se encontravam em shoppings, parques e locais públicos, inicialmente em São Paulo, mas logo o fenômeno se alastrou para outras cidades do país.

Surpreendidos com o ineditismo do movimento, seguranças de espaços privados passaram a agir com truculência para tentar debelar os encontros. Alguns locais tentavam proibir os eventos na Justiça. Quando era acionada, a polícia tomava, muitas vezes, o lado dos seguranças e dos donos dos shoppings, o que acabou gerando um debate público a respeito da carência de áreas de lazer na periferia e da discriminação dos mais pobres.

"Então, assim, o shopping quando via o Darlan entrando, meu Deus do céu, já tinham dez seguranças atrás de mim, mesmo que não fosse o rolezinho. Nunca vi tanto segurança, acho que até os de folga eles colocavam, porque eles já falavam: 'o cão chegou, deve aprontar alguma coisa'", conta o próprio Darlan.

O agora empresário explica que o grande combustível dos rolezinhos naquela época foram os chamados "famosinhos do Facebook" (maior rede social da época), que conseguiam atrair o interesse dos jovens, catapultados pela habilidade de Darlan em organizar eventos.

"Eu não era conhecido na internet e tal, mas juntamos o útil ao agradável. Esses famosinhos tinham a força da internet e eu tinha os caminhos de como fazer dentro da lei, de como organizar, de como negociar, porque a gente teve que negociar", explica.

Uma década depois do movimento, Darlan continua a conviver e trabalhar com jovens da "quebrada", mas, agora, com um número reduzido.

Na DM House, como foi batizado o sobrado de Mogi, o empresário abriga 12 meninos e meninas talentosos e os prepara para fazer sucesso nas redes sociais e, também, para lidar com as consequências dele — como a entrada repentina de (muito) dinheiro.

A casa também ajuda jovens "não residentes", em número ainda maior, que aparecem por lá esporadicamente para serem lapidados. Nessa lista estão os garotos de famílias ricas que recebem orientações e macetes para se comunicarem melhor com o público da periferia, outro braço do trabalho de Darlan.

"Tem filhos de empresários, de dentistas, de médicos, tem gente de Tamboré, Alphaville, Cotia, Granja Viana [regiões de condomínios de alto padrão próximas a São Paulo]. Eles me procuram para conhecimento, expertise, aprender a trabalhar. Não é porque eles têm grana que eles não querem muito mais. Eles não, os pais, muitas vezes."

Segundo Darlan, esses alunos já têm dinheiro e tecnologia adequada para transmissões, mas buscam uma maior proximidade com o público de periferia, "que é o fã mais fiel e verdadeiro".

"Hoje o sonho da molecada não é mais ser jogador de futebol, não. Todo mundo quer ser influenciador digital. No caso desses garotos [ricos], eles não querem ser mais os 'meninos de prédio', os 'boys bobos', como tem as gírias utilizadas pela molecada da periferia. Então, eles querem ser as pessoas integradas, estar no meio."

Segundo Darlan, a casa ganhou protagonismo no competitivo mercado de criação de conteúdo ao investir nos chamados "biscoitos", um tipo de dublagem e divulgação de músicas nas redes sociais feita por jovens.

"Nossa casa é conhecida como 01, é a casa que tem o maior público de biscoito. Biscoito é aquele negócio de você colocar a música lá [nas redes sociais], vai a galera, junta a galera, põe a música e fica dublando, falando. São os vídeos que colocam as músicas em alta. É por isso que as grandes produtoras, a galera procura a gente hoje, por causa desses números que são grandes", diz.

Além dos biscoiteiros, a DM House tem outros tipos de talento, como cantores, comediantes, imitadores e até jogadores mirins de futebol. Em alguns casos, nem há tanto talento assim — mas um carisma a ser explorado, pela beleza ou, em alguns casos, até pela feiura, afirma o empresário.

"Eu pego uma megaprodução, faço um megaclipe e não dá nada. Eu pego um clipe, gravo com iPhone 15, sem rebatedor, sem nada, no meio do sol, e explode. Nós chegamos em uma era que, às vezes, o feio é mais valorizado do que o bonito", explica.

Para manter a casa, Darlan afirma investir cerca de R$ 30 mil mensais. Parte desse dinheiro vem de patrocínios e do trabalho de agenciador dos influenciadores.

O empresário afirma que, apesar de tantas mudanças ocorridas nos últimos dez anos, algo continua presente e que persegue meninos pobres, aonde quer que vão, como no sobrado de Mogi. Conforme diz, os vizinhos acionam a polícia ao verem os hóspedes da DM House.

"Já chamaram a polícia, chamaram a fiscalização da prefeitura. São vários e vários chamados. Falsas comunicações de crime para tentar fazer alguma coisa. Para a polícia vir, eles falam que são jovens negros em atitude de suspeita. Para mim é racismo. A polícia passa e vai embora, porque não existe nada", conta Darlan.

Ele diz que o movimento dos rolezinhos está adormecido e, para ele, isso não tem nada a ver com os pancadões — aos quais se diz contrário, embora seja do funk.

"Não sou a favor do pancadão de rua. Não sou a favor da perturbação, cara. Porque eu me coloco no lugar das outras pessoas. Sou a favor da organização, da diversão, da cultura, do lazer. Com respeito. Com respeito."


Darlan Mendes, o rei dos rolezinhos, mostra a 'fábrica' de influenciadores Nicollas Witzel/Folhapress

> "Hoje o sonho da molecada não é mais ser jogador de futebol. Todo mundo quer ser influenciador digital. No caso desses garotos [ricos], eles não querem ser mais os 'meninos de prédio'
>
> **Darlan Mendes**
> empresário

Ida de Lessa a Tremembé coloca preso e presídio em risco, diz sindicato de policiais

Tulio Kruse

SÃO PAULO Profissionais que trabalham na segurança dos presídios paulistas consideram que a transferência do ex-policial militar Ronnie Lessa para o Complexo Penitenciário de Tremembé, no estado de São Paulo, traz riscos à segurança dentro das unidades e do próprio preso.

Lessa, que responde pelo assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL) e seu motorista Anderson Gomes, teve a transferência autorizada pelo ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), Alexandre de Moraes na sexta (7).

Segundo o presidente do Sindicato dos Funcionários do Sistema Prisional de São Paulo, Fábio Jabá, as duas penitenciárias do complexo são inadequadas para um preso como Lessa. No processo, a SAP (Secretaria de Administração Penitenciária) também se manifestou no mesmo sentido.

Tremembé tem duas unidades masculinas. A Penitenciária Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra, chamada de P1, é a maior prisão do complexo, com 1.278 vagas e presos de diversos perfis. Está superlotada: hoje abriga 1.924 detentos.

Já a P2 é conhecida como o "presídio dos famosos" por abrigar condenados por crimes de grande repercussão. Para lá são levados os presos que correm risco em penitenciárias comuns devido à atenção no noticiário. Robinho, Alexandre Nardoni, Cristian Cravinhos, Gil Rugai e o médico Roger Abdelmassih são nomes que já passaram pela P2 ou estão lá até hoje.

Tem capacidade para 348 presos, e está com mais de 50 vagas ociosas.

Segundo Jabá, a P1 é dominada pelo PCC (Primeiro Comando da Capital), e Lessa correria risco de vida na unidade mesmo que seja colocado no chamado "seguro" — ala onde ficam os jurados de morte e integrantes de facções rivais, por exemplo.

"Na P1, ele morre", diz Jabá. A associação com milícias do RJ e a grande repercussão do crime, segundo ele, colocam Lessa como alvo da facção no presídio. Jabá diz que há casos de invasão do "seguro". "Isso vai criar uma instabilidade da prisão."

Já na P2, o problema é que a unidade não recebe presos ligados ao crime organizado, sejam de facções ou de grupos milicianos. "É uma unidade tranquila, mais fácil de trabalhar. E [Lessa] é um miliciano", aponta.

Para o representante dos policiais penais, o destino mais adequado para Lessa é o RDD (Regime Disciplinar Diferenciado), sistema mais rígido destinado a quem comete crimes dentro da prisão, ou presos que oferecem alto risco à sociedade. Isso, por enquanto, é inviável, pois o RDD só é aplicado por ordem judicial.

Em SP, o único presídio adequado ao RDD fica em Presidente Bernardes, no extremo oeste do estado. A decisão de Moraes determina que Lessa seja levado ao complexo de Tremembé, embora não defina em qual unidade.

A SAP também se posicinou contra. Em ofício enviado em 12 de abril a Moraes, o secretário Marcello Streifinger afirma que a unidade não tem capacidade de receber o ex-PM "em razão de seu perfil, antecedentes e ligações, bem como não há estrutura no sentido de manter o monitoramento indicado".

O texto sugere uma unidade em Presidente Venceslau como local mais apropriado.

Questionada sobre os apontamentos do sindicato, a SAP informou que "a decisão do STF estabelece que a inclusão do preso seja em unidade de Tremembé" e que a internação em RDD "só é possível por determinação judicial".

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Tinha 'eu te amo' na ponta da língua

EDUARDO SOARES NETTO (1936 - 2024)

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Eduardo Soares Netto pintava quadros assim como tocava caixinha de fósforo nas cantorias com os amigos. Sem estudar arte ou aprender a tocar instrumentos musicais pelo caminho formal, usava a inspiração vinda da sua alegria, dom inato que transformava qualquer tarefa em brincadeira.

Até quando devia ser mais firme com os três filhos, para cobrar estudo ou coisa parecida, brincava e acabava levando bronca também da mulher, Maria Elena Soares, 88.

As travessuras do pai também sobravam para os filhos. "A gente gostava muito de fazer juntos os quebra-cabeças de mil peças", diz a filha Renata Netto, 57. "Ele sempre levava no bolso algumas peças quando saía para o trabalho, para a gente não terminar. Quando chegava, de noite, encaixava as últimas pecinhas."

Maria Elena e os filhos Renata, Adriana, 61, e Luis, 60, eram seus maiores tesouros, e Eduardo fazia questão de lembrá-los, sem economizar, dizendo "você sabe que te amo muito?"

Criado em São Paulo, era o caçula do trio com Carmen e Consuelo, já falecidas. As amizades sempre foram duradouras das brincadeiras de infância em Higienópolis à vida adulta no Brooklin e na Vila Madalena.

Depois de terminar a escola, formou-se em economia, mas suas habilidades o levariam para outros caminhos. Assim como foi músico e pintor do seu jeito, também não se encaixou em jornadas de trabalho fechadas em um escritório.

"Escritório, para ele, era uma coisa complicada", diz Adriana. Assim, Eduardo tornou-se representante comercial, trabalho que permitia muita conversa e horários próprios, e depois foi corretor de imóveis.

Apaixonado pela vida, era derretido pela mulher. Foram apresentados na juventude, segundo Adriana, por Carmen, que era amiga de Maria Elena.

A combinação era tão inusitada quanto harmoniosa. Enquanto Eduardo era extrovertido, boêmio e sonhador, a mulher sempre foi recatada, caseira e pé no chão, segundo a filha Renata. Tinham a mesma idade, mas ela faz aniversário em 1º de janeiro. Como o dele era seis meses depois, brincava que "era muito, muito mais novo" do que a esposa.

A tranquilidade e o carinho de pai não significavam deixar as responsabilidades de lado. Sempre apoiou e incentivou os filhos.

Fã de pescaria e tênis, Dudu saiu de fininho e com a saúde boa, segundo a filha Renata. Ele morreu em 25 de maio, aos 87 anos, em decorrência de uma parada cardiorrespiratória. Deixa Maria Elena, os três filhos e seis netos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

6 em cada 10 famílias de baixa renda aguardam repasses de doações no RS

Governo gaúcho afirma que pagamentos 'têm sido de acordo com a capacidade de municípios'

Mariana Zylberkan

SÃO PAULO Mais de 20 dias após o governo do Rio Grande do Sul anunciar o repasse de R$ 2.000 à população de baixa renda afetada pelas enchentes em todo o estado, 6 em cada 10 famílias ainda não receberam o benefício, arrecadado em campanha de doações à gestão de Eduardo Leite (PSDB).

A chave Pix divulgada pela gestão Leite desde o início das cheias no estado acumulou R$ 120,9 milhões arrecadados até a última quinta-feira (5). Desse total, cerca de R$ 51 milhões serão destinados às famílias de baixa renda. Até o momento, 10 mil foram beneficiadas em 60 municípios.

Apesar de o Rio Grande do Sul concentrar mais de 1,1 milhão de famílias de baixa renda, o critério estabelecido pela gestão Leite para o recebimento da parcela única de R$ 2.000 abrange 25,5 mil famílias. Além de estar no Cadastro Único (CadÚnico), do governo federal, é preciso ter renda de até três salários mínimos, ter sido desalojado ou desabrigado e não receber outro benefício estadual voltado às vítimas das chuvas.

Em nota à **Folha**, o governo disse que os repasses das doações recebidas via Pix complementam o programa estadual lançado em janeiro após as cheias do ano passado, que destinou R$ 2.000 a 51,1 mil famílias de baixa renda. Além disso, o ritmo de pagamentos "tem sido de acordo com a capacidade de municípios para implementar o pagamento, considerando que muitos tiveram a infraestrutura severamente afetada".

O governo afirmou também que municípios com mais condições de recuperação tiveram prioridade no recebimento dos repasses para "garantir a distribuição e não sobrecarregar as estruturas das prefeituras".

Os primeiros repasses foram direcionados aos moradores das cidades de Arroio do Meio e Encantado, no Vale do Taquari, área mais afetada pelas inundações, onde morreram ao menos 36 pessoas e todas as 36 cidades ficaram debaixo d'água.

Nessa região, segundo o governo, as informações dos beneficiários já estavam cadastradas depois das enxurradas de 2023, quando a população de baixa renda também recorreu a repasses após a perda de suas casas. Nas cheias mais recentes, de 30% a 70% dos moradores do Vale do Taquari estão em áreas atingidas.

Um cronograma foi elaborado para os pagamentos iniciados no último dia 17. Eles serão concluídos até a próxima sexta-feira (14), de acordo com o governo estadual. Os próximos municípios atendidos serão Eldorado do Sul, Santa Maria e Rio Grande.

Para a deputada estadual Luciana Genro (PSOL), o critério criado para a distribuição das doações em dinheiro restringiu a quantidade de famílias beneficiárias. "Muita gente de baixa renda foi afetada e ficou de fora por não estar no CadÚnico", disse ela.

A deputada criticou a composição do comitê formado para definir os critérios de repasses das doações em dinheiro. Além de dez representantes do governo estadual, a comissão constituída por 23 integrantes é formada também por entidades privadas que representam os setores de comércio e serviços, agricultores, advogados e a Associação dos Bancos do Rio Grande do Sul. "[O critério] não passou por nenhum mecanismo democrático, nenhum representante eleito pela população votou", afirmou ela.

Segundo a gestão Leite, as famílias foram selecionadas a partir do cruzamento da geolocalização das moradias atingidas por enchente com informações de bancos de dados de programas sociais. Há previsão de que mais famílias entrem na lista de beneficiários após decreto estadual que elevou de 78 para 95 o número de municípios em estado de calamidade pública.

Moradores também relatam demora em receber o auxílio de R$ 5.100 do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. No caso, o trâmite é mediado pelas prefeituras, que devem enviar os cadastros das famílias afetadas ao governo federal. O sistema para o envio das informações foi implementado pelo governo federal há mais de dez dias. "Tem gente que nem acredita mais que receberá o valor", disse a deputada do PSOL.

Em Porto Alegre, a gestão do prefeito Sebastião Melo (MDB) enviou até a última quinta-feira (6) os cadastros de 73.801 famílias. No total, a capital teve 160.210 pessoas atingidas, a maior parte mora no Sarandi, bairro de população de baixa renda na zona norte, onde cerca de 26 mil tiveram as casas invadidas pelas águas.

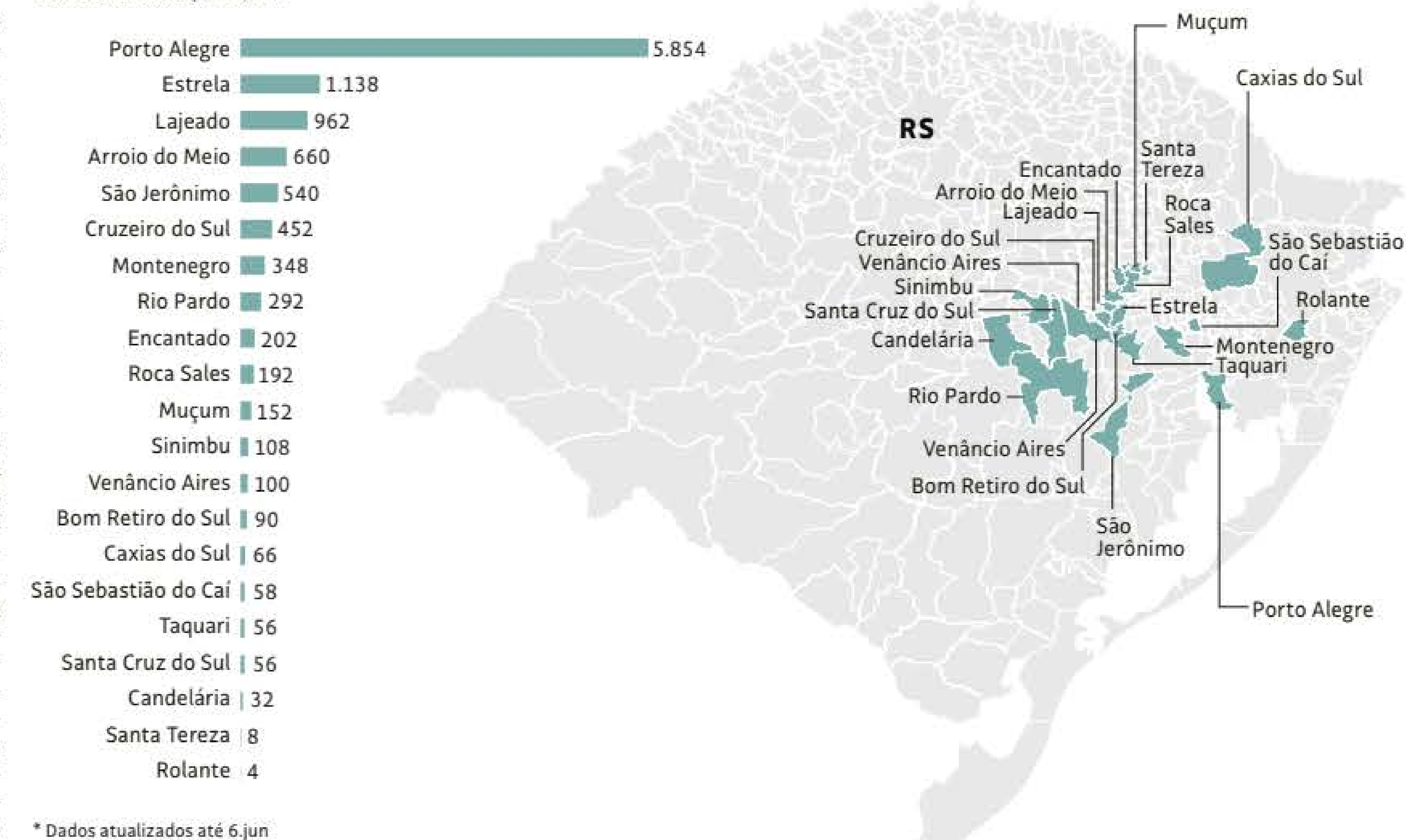
A gestão Melo afirmou à reportagem que os cadastros estão sendo feitos com celeridade. Procurado, o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional não disse a quantidade de repasses feitos a cada cidade gaúcha.

Em relação às doações de itens como alimentos, roupas, água e produtos de limpeza e de higiene, a Defesa Civil estadual informou que enviou 3,8 milhões de itens aos municípios até esta sexta. Água mineral está no topo das doações mais frequentes, além de alimentos, cestas básicas, roupas e higiene pessoal.

Até o momento, as cidades mais atendidas pela distribuição de doações ficam na região metropolitana de Porto Alegre, como Canoas, Eldorado do Sul, além da capital. Segundo a tenente da Defesa Civil, Sabrina Ribas, o fluxo de doações tem diminuído, mas os estoques ainda conseguem atender plenamente as demandas das prefeituras.

Cidades gaúchas que receberam doações em dinheiro

Valores distribuídos, em R$ mil



* Dados atualizados até 6.jun

Fonte: Governo do Rio Grande do Sul



O município de Canoas foi um dos mais atingidos pelas inundações no Rio Grande do Sul Bruno Santos - 20.mai.24/Folhapress

Moradores estão em barracas e sem luz um mês após enchentes

Leonardo Vieceli

CRUZEIRO DO SUL (RS) E RIO PARDO (RS) Após perder a casa no início de maio com a enchente do rio Taquari, no município gaúcho de Cruzeiro do Sul (a 120 km de Porto Alegre), o reciclador Caetano Giovanella, 67, passou o último mês inicialmente em um Fiat Uno e, depois, em uma barraca de acampamento, que recebeu como doação.

Ele não foi para um abrigo porque não desejava abandonar seus animais — seis cachorros e duas cabras. Dormir dentro de carros ou barracas foi o que restou para parte da população afetada pelas enchentes.

"Apareceu bicho abandonado demais aqui. Graças a Deus o pessoal tem trazido ração. Eu trato, gosto dos bichinhos", afirmou o reciclador em entrevista à **Folha** na quinta-feira (6), antes de ele encontrar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Giovanella estava entre os ex-moradores que receberam o petista no bairro Passo de Estrela, dizimado pela fúria do Taquari em Cruzeiro do Sul. Além de ficar sem a casa, ele também perdeu seu galpão de reciclagem na cheia. "Foi tudo", diz. "O bairro era ótimo, me criei aqui. A gente sente ao ter que sair. Vamos tomar outro rumo, mas é penoso."

O caso do reciclador é um exemplo das incertezas que afetam gaúchos cerca de um mês após o início das enchentes. Eles não sabem quando terão novas casas ou quando poderão retornar para as antigas.



Caetano Giovanella perdeu casa e passou a viver em carro e barraca em Cruzeiro do Sul Anselmo Cunha - 6.jun.2024/Folhapress

O eletricista aposentado Vergílio Dirceu de Castro, 75, teve a residência afetada pela cheia do rio Jacuí na região do balneário Porto Ferreira, no município de Rio Pardo (a 150 km de Porto Alegre).

Segundo ele, o telhado foi danificado, e apenas duas geladeiras foram salvas no endereço.

Além das perdas materiais, outro obstáculo que dificulta o processo de volta para casa é a ausência de serviços básicos, como o fornecimento de luz em parte da região após a enchente, diz o morador.

Na manhã desta sexta-feira (7), técnicos trabalhavam no conserto de postes e fios da rede elétrica do balneário. Conforme balanço divulgado pelo governo gaúcho na quarta (5), o estado tinha "apenas casos pontuais" de falta de luz.

"Não sei se em 90 dias consigo voltar para casa. Tomara que consiga antes", diz Castro.

Ele estima que, antes da enchente, em torno de 40 famílias viviam no balneário Porto Ferreira. A região era ponto de lazer e descanso às margens do rio Jacuí antes da cheia.

Com a casa atingida pela enchente, Castro procurou alojamento na residência de um amigo que vive perto dali. Ele diz que os moradores vêm se ajudando após a tragédia ambiental.



Adams Carvalho

Eu tô sabendo, pessoal

Peço encarecidamente para que parem de me escrever

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Devo ser justo, sair desta polarização infernal e agradecer ao Bolsonaro. Não fosse ele e o ódio que ajudou a engendrar em nossos pátrios, mátrios e frátrios corações, meu pai ainda estaria em Santa Catarina.

Vinte anos atrás, meu pai se mudou pra Florianópolis —a quem ele só se refere como "Floripa", até nos destinatários dos envelopes, num gesto de carinho que segue intocado, apesar dos funestos acontecimentos que em breve serão narrados.

Retomando: por duas décadas meu pai viveu num lindo apartamento, debruçado sobre o Atlântico, assistindo a belíssimos pores do sol, sem maiores preocupações além de se questionar se o plural de pôr do sol era realmente "pores do sol". (É, mas é feio demais e "crepúsculos" tampouco facilita, tem um ar meio gótico, o que traz o problema absolutamente paralelo a esta crônica que é escurecer no plural, em português).

Desde que meu pai foi pra Floripa, eu, meu irmão e a minha irmã tentamos, seguidamente, reimportá-lo. Demos a ele, inclusive, seis netos, mas meu pai é ardiloso. Dizia que com crianças tínhamos ainda mais razões para visitá-lo. Razões nunca faltaram, faltava é tempo, de modo que fui vê-lo bem menos do que gostaria. Ficávamos todos com saudades, imaginando se algum dia ele voltaria. Confesso que tinha perdido as esperanças.

Aí veio Bolsonaro. Em 2022, Santa Catarina deu 70% de seus votos ao capitão. Meu pai está longe de ser petista, mas lá por aquelas bandas todo mundo à esquerda do Mussolini é tido como PSTU. O clima foi ficando pesado. Meu pai não podia mais ir ao quilo sem se ver tragado para uma discussão política. Até o dia em que chegou em casa e encontrou um adesivo vermelho colado à sua porta —a informar os demais moradores do condomínio que ali vivia um "comunista". (Um comunista que dirigia um Mini Cooper, é fã do Spielberg, do Elvis, da Marilyn e do Tarantino, mas ainda assim, aos olhos dos aurriverdes vizinhos, um agente infiltrado do "perigo vermelho"). Foi então que meu pai, temeroso de que em breve tivesse que usar uma estrela vermelha costurada à roupa, decidiu que era a hora de voltar.

Ficamos felizes. O recebemos de braços abertos —e minha vida virou um inferno. Calma, nada contra o meu pai. Ele está ótimo e nos damos muito bem. O problema é que toda noite ele vai ao Bar Balcão, de onde já era frequentador assíduo antes de emigrar. Nos últimos 20 anos, também eu e meus amigos nos tornamos frequentadores e é aí que está o busílis da questão —seja lá o que for um busílis.

Todo amigo que o encontra tira uma foto e me manda. Modéstia à parte, tenho muito amigo. Meu pai também. Ou seja, faz quatro meses que o telefone começa a apitar lá pelas oito da noite e não para antes da uma da manhã. "Olha quem eu encontrei!". "Olha quem tá aqui no Balcão!". "Antonio, to tomando um chope com o seu pai!". "Você não acredita quem tá aqui!".

Eu acredito, minha gente. Eu sei que ele tá aí. Toda noite. Sei com que roupa, o que está comendo, bebendo, ao lado de quem está sentado. Tenho as fotos. Dezenas, talvez centenas delas. Cheguei a pensar que estes meses seriam perfeitos pro meu pai ser acusado injustamente de um crime. Álibis é que não faltariam.

Essa amabilidade coletiva é um dado muito bonito sobre o caráter do meu pai. Todos o amam. Eu também. Mas eu tenho filhos. Eu trabalho. Eu quero ler livros. Ver séries. Ter, enfim, aquilo que, até meu pai voltar à SP, eu chamava de "uma vida". Peço encarecidamente para que parem de me escrever. Ou terei que tomar uma atitude drástica e colar uma fita vermelha (ou, pior, verde e amarela) na porta do meu pai. Grato pela compreensão, sem mais, subscrevo-me.

| DOM. Antonio Prata | **SEG.** Marcia Castro, **Giovana Madalosso** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Vinhos brancos e rosés dominam o último sábado do Taste SP

COMIDA

Isabela Bernardes

SÃO PAULO Neste sábado (8), o último desta edição do festival gastronômico Taste SP, a tarde ensolarada em meio ao frio do outono fez as taças de vinho se multiplicarem pelo evento, com brancos e rosés dominando os brindes.

Entre as opções mais pedidas, estão os rótulos de duas marcas nacionais, a Salton e a Zanotto. Na primeira, famosa pelos espumantes, mas com opções para todos os paladares, as taças custam entre R$ 20 e R$ 29, enquanto as garrafas vão de R$ 69 a R$ 125.

"No primeiro fim de semana estava frio, então inevitavelmente as pessoas pediam mais tintos. Hoje, pelo calor, os espumantes são os mais pedidos", explica Luciana Salton, diretora executiva da marca gaúcha, que participa do Taste há mais de três anos. Nesta edição, uma campanha reverte todo o lucro aos afetados pelas enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul durante o mês de maio.

"Já arrecadamos mais de R$ 400 mil com parceiros e doações, que já estão sendo destinados para colaboradores atingidos, produtores rurais e para a infraestrutura das cidades", diz a executiva.

Perto dali, em outro estande, fica a Zanotto, marca da Vinícola Campestre, que também expõe diferentes rótulos e convida o público a participar de degustações —quem gostar pode levar taças ou garrafas, respectivamente, a partir de R$ 18 e R$ 40.

"Selecionamos alguns rótulos, dentre eles brancos e rosés, que estão saindo muito neste sábado. Da mesma maneira que nós atendemos na loja, estamos fazendo aqui, com prova de todos eles", explica Michelle Gonzaga, gerente da Campestre em Pinheiros, na região oeste da capital.

Além das diversas opções de vinhos e espumantes, o Taste também reúne, no Parque Villa-Lobos, restaurantes comandados por grandes chefs, que oferecem os carros-chefes dos seus cardápios em porções menores, para que o público possa provar diferentes opções. Cada casa apresenta um menu com três receitas, uma delas criada exclusivamente para o festival. Os preços vão de R$ 20 a R$ 55.

Neste edição do Taste, a oitava no Brasil, 31 restaurantes selecionados pelo consultor gastronômico Luiz Américo Camargo participam da evento —alguns deles apenas em alguns dias.

Neste final de semana, o último do evento, uma das novidades é o judaico Nosh, que serve sanduíche de schnitzel de frango (R$ 30) e um sanduíche especial de hering (um tipo de peixe) por R$ 35. A outra casa nova é o taiwanês Mapu, famoso pelos baos, os pãezinhos assados no vapor, recheados com porco desfiado ou nabo —uma unidade sai por R$ 25, e duas por R$45.

A **Folha** é parceira do Taste. Por isso, assinantes do jornal têm 20% de desconto no ingresso, que dá acesso às áreas comuns de restaurantes e expositores, incluindo palestras e aulas, shows de música ao vivo e DJs. Já o consumo nos bares e restaurantes é feito à parte, por meio de um cartão que o cliente carrega no evento com o valor desejado.

Taste Festival

Parque Villa-Lobos - av. Prof. Fonseca Rodrigues, 2.001, região oeste. De sex. a dom. Até 9/6. Ingressos a partir de R$ 65 em brasil. tastefestivals.com (assinantes Folha têm 20% de desconto)

INÊS 249

ciência

EUA e China travam nova corrida pela Lua

Rússia passou a ser coadjuvante; projeto sino-russo quer base no polo sul lunar, mesma meta dos americanos

Salvador Nogueira e Tatiana Harada

SÃO PAULO Na semana que passou, vimos uma sonda chinesa recolher amostras no lado afastado da Lua —algo que jamais havia sido feito antes. É mais uma demonstração das ambições do país para o futuro de seu programa espacial, que se propõe, embora não de forma declarada, a travar uma nova corrida com os EUA. Nesse cenário, os russos, pioneiros na exploração do espaço, tornaram-se meros coadjuvantes.

China e Rússia têm até agora trajetórias muito parecidas em seus programas espaciais, mas enquanto a primeira ascende, a segunda está em franca decadência. O colapso da antiga União Soviética, a partir de 1991, acabou obrigando a Rússia a viver de seu próprio legado. Até hoje as espaçonaves Soyuz, criadas em 1967, são responsáveis pelo envio de cosmonautas à Estação Espacial Internacional (ISS).

Em contraste, a China teve uma ascensão mais tardia, mas constante, atingindo degraus jamais alcançados antes por soviéticos ou russos —e, em alguns casos, até americanos.

Após lançarem o primeiro taikonauta ao espaço, em 2003, os chineses avançaram para desenvolver o programa de uma estação similar ao da antiga estação russa Mir. Inaugurada em 2021, a Tiangong faz concorrência à ISS (que reúne americanos e russos).

Em paralelo, a China expôs suas ambições lunares. Sua Chang'e 4, de 2019, foi a primeira da história a pousar no lado afastado da Lua, que não pode ser visto da Terra. E a Chang'e 6, em curso, trará cobiçadas rochas daquela região inexplorada do satélite até o fim deste mês para análise científica.

Para os próximos anos, as missões Chang'e 7 e 8 devem dar os primeiros passos no estabelecimento da IRLS (sigla em inglês para Estação Internacional de Pesquisa Lunar), iniciativa para criar um consórcio similar ao da Estação Espacial Internacional, mas liderado pelos chineses e concentrado na exploração lunar.

A Chang'e 7, planejada para 2026, descerá na região do polo sul da Lua com 21 instrumentos científicos, dos quais 6 frutos de parceiros internacionais. Já a Chang'e 8, para 2028, testará técnicas para uso de recursos locais.

São precursoras de futuras missões tripuladas ao satélite, que os chineses pretendem realizar a partir de 2029. A IRLS conta hoje com 11 membros, dos quais dois são fundadores: China (como protagonista) e Rússia (vindo a reboque).

Do lado americano, a campanha é pelos Acordos Artemis, arranjos bilaterais que visam preservar e ampliar a visão determinada pelo Tratado do Espaço, assinado em 1967, que foca a exploração pacífica do espaço e a proibição de que qualquer país declare posse de um corpo celeste.

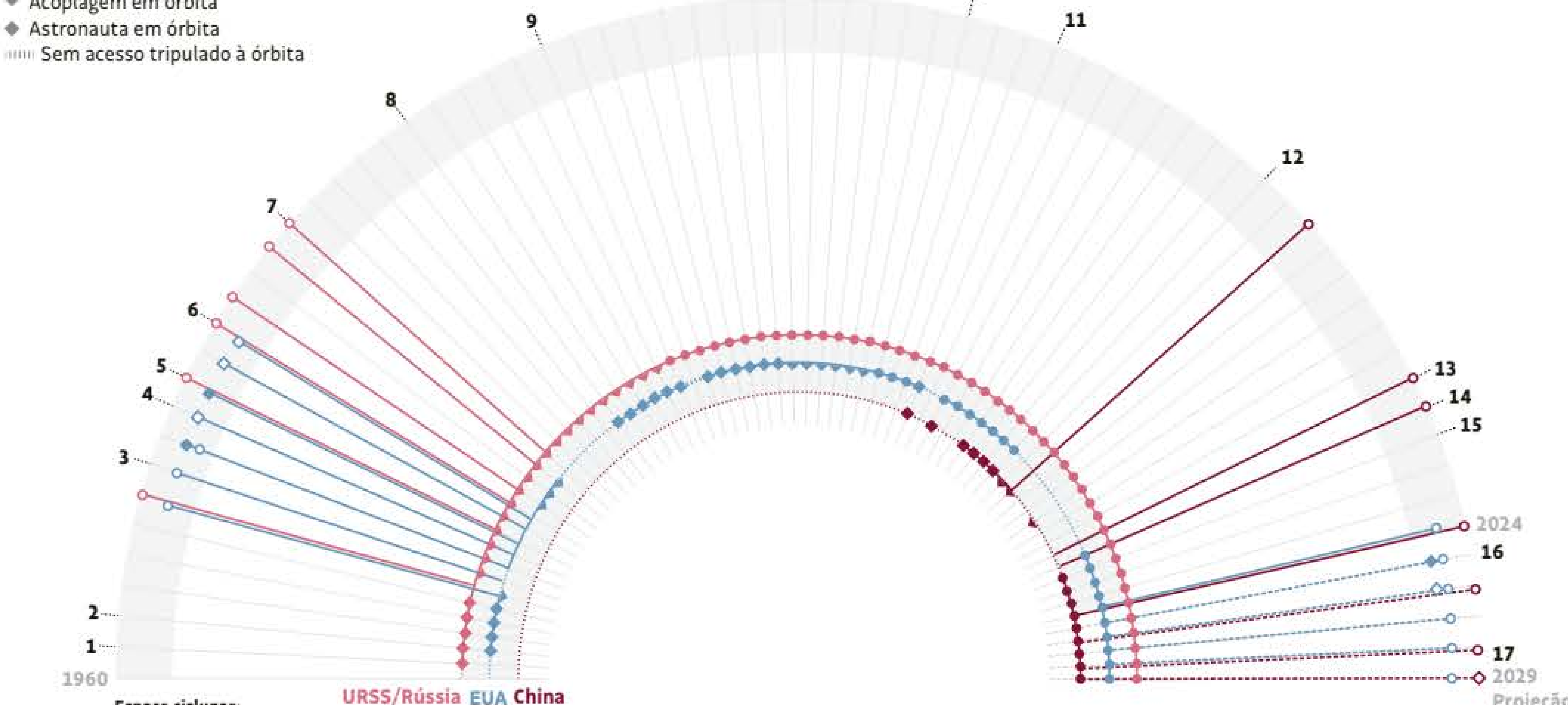
O objetivo é criar uma regulação internacional capaz de dar segurança jurídica a medidas como o estabelecimento de bases fixas na Lua e em outros corpos celestes, bem como a exploração de recursos naturais. China e Rússia não assinaram o acordo.

A iniciativa americana já tem 42 signatários, entre os quais França, Alemanha, Reino Unido, Itália, Canadá, Índia e Japão. O Brasil é um dos participantes.

Se isso lembra os dois blocos da época da primeira corrida espacial, na segunda metade do século passado, não é mera coincidência. De diferente, apenas a troca de liderança, antes Rússia (então URSS), agora China.

China substitui Rússia na corrida espacial com EUA

Capacidade em ao menos parte do ano
- ◇ Astronauta no solo lunar
- ○ Missão robótica de alunissagem (pontual)
- ● Estação multimodular tripulada com acesso independente
- ▼ Acoplagem em órbita
- ◆ Astronauta em órbita
- Sem acesso tripulado à órbita



Momentos-chave

1 1961 ■ Primeiro voo de um astronauta ao espaço, com Yuri Gagarin, na nave Vostok 1

2 1962 ■ John Glenn realiza o primeiro voo orbital americano numa cápsula Mercury

3 1967 ■ Russos lançam pela primeira vez uma espaçonave Soyuz, modelo em uso até hoje. A missão inaugural termina em desastre, com a morte de um cosmonauta

4 1969 ■ Primeira alunissagem tripulada, com a Apollo 11. Neil Armstrong e Buzz Aldrin se tornam os primeiros humanos a pisar na Lua

5 1970 ■ A Apollo 13 falha em realizar uma alunissagem e por pouco a tripulação não é perdida

6 1972 ■ O programa tripulado americano encerra suas missões lunares, com a Apollo 17

7 1976 ■ Última missão de alunissagem robótica do século 20, com a Luna 24

8 1981 ■ Primeiro voo do Columbia, inaugurando a era dos ônibus espaciais da Nasa

9 1986 ■ Russos iniciam a construção da Mir, primeira estação espacial multimodular da história

10 2000 ■ Estação Espacial Internacional (ISS) recebe sua primeira tripulação fixa

11 2003 ■ Chineses lançam sua primeira nave tripulada Shenzhou, com Yang Liwei a bordo

12 2011 ■ Nasa aposenta os ônibus espaciais, e os EUA ficam sem acesso tripulado independente à órbita

13 2019 ■ Primeira alunissagem robótica da história no lado afastado da Lua, com a missão Chang'e 4

14 2020 ■ EUA voltam a lançar seus astronautas com veículo americano, o Crew Dragon, da SpaceX

15 2021 ■ A China monta sua primeira estação espacial multimodular, a Tiangong

16 2025 ■ Missão Artemis 2, que deve levar astronautas às imediações da Lua pela primeira vez no século 21

17 2029 ■ Previsão para a primeira alunissagem tripulada chinesa

O fim do rinoceronte das neves

Divisão da espécie e pressão da caça humana levaram à extinção há 9.000 anos

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Os fãs de mamutes que me desculpem, mas, no zoológico das grandes feras da Era do Gelo, nada superava o charme e a imponência do rinoceronte-lanoso (Coelodonta antiquitatis). (Eu sei que designações científicas em latim são só convenção, mas como não amar um bicho que tem a palavra "antiguidade" no próprio nome?)

Um novo estudo montou a análise mais detalhada até agora sobre o fim do gigante, traçando um retrato um bocado instrutivo de como espécies tão imponentes podem acabar sendo apagadas do mapa-múndi.

"Mapa-múndi" aqui não é só força de expressão. De suas origens em algum lugar do planalto tibetano há cerca de 2,5 milhões de anos, o felpudo C. antiquitatis se espalhou por uma vasta faixa da Eurásia, embora não tenha atravessado a Beríngia (faixa de terra que, de tempos em tempos, existiu no atual estreito de Bering) rumo ao nosso continente. Há belas pinturas rupestres do bicho em cavernas da França, a oeste, e redutos do paquiderme na pontinha da Sibéria, a leste.

Como é que um mamífero gigante com essa distribuição geográfica invejável acaba se extinguindo? Trata-se de um daqueles casos clássicos em que o diabo mora nos detalhes, dizem os autores do novo estudo, que acaba de sair na revista científica PNAS.

Liderados por Damien Fordham, pesquisador da Universidade de Adelaide, na Austrália, eles cotejaram dados sobre fósseis, DNA antigo, clima e arqueologia. Essa massa de informações foi usada para simular o que teria acontecido com a população dos rinocerontes-lanosos entre 50 mil anos e cerca de 9.000 anos atrás, quando seus últimos exemplares morreram no nordeste siberiano.

Aliás, população não —populações, no plural, o que corresponde a uma das chaves para compreender o enigma do desaparecimento. Embora tenha viajado bastante pela Ásia e pela Europa quando havia condições ideais para isso, o bicho, na verdade, tinha uma capacidade média de migração bastante baixa ao longo de seu tempo de vida. Alimentava-se da vegetação rasteira que crescia em ambientes mais secos e abertos (basicamente, estepes) e, no inverno, é provável que usasse o chifre da frente para cavar camadas finas de neve para achar comida.

Tudo isso significa, segundo os pesquisadores, que as condições ambientais altamente variáveis do fim da Era do Gelo não eram as ideais para o bichão.

As idas e vindas do clima nessa época acabaram fragmentando as grandes áreas de estepe e substituindo parte delas por florestas. Isso dividiu a espécie em subpopulações que foram se tornando cada vez mais isoladas umas das outras.

Sem muita capacidade de viajar, foi ficando cada vez mais difícil encontrar bons parceiros, o que erodiu as chances de produzir filhotes saudáveis. Um último fator irônico: com a Era do Gelo esquentando, aumentou a umidade do ar, o que significava, no inverno, mais neve. Os animais não conseguiam escavar camadas mais grossas de neve para achar capim, perdendo, assim, o acesso à comida.

A cereja desse bolo da desgraça? Nós. O Homo sapiens se espalhou pelas regiões mais frias da Eurásia justamente nessa época. A pressão exercida pelos caçadores humanos, calculam os pesquisadores, era modesta, mas suficiente para dar uma última cotovelada rumo ao abismo numa espécie já bastante fragilizada.

É inevitável, claro, pensar em como histórias desse tipo estão se repetindo hoje. Mas, se isso parece desanimador, outra mensagem importante do estudo é que muitas coisas precisam dar errado ao mesmo tempo para que um grande mamífero suma. Sabemos o que fazer para impedir que a engrenagem continue girando.

Alzheimer em estágio inicial é marcado por foco no presente

Tratamento precoce para controlar a doença ajuda a manter a autonomia dos pacientes por mais tempo

Danielle Castro

RIBEIRÃO PRETO A nutricionista Lina Nonaka, 53, recebeu o diagnóstico de Alzheimer no começo deste ano e, de imediato, associou medicamentos e mudanças no estilo de vida para adiar os avanços da doença e manter-se independente.

O que ela não quer que mude, porém, são suas perspectivas de futuro. O foco agora é cuidar da saúde para acompanhar os filhos e estar presente em momentos importantes, como formaturas e casamentos. "Ver meus netos nascerem", diz ela.

Com o apoio da família, Nonaka mantém sua rotina. Faz compras, ajuda no preparo de refeições e frequenta lugares habituais. "Estou escrevendo o que tenho que fazer no dia a dia, porque fica visível, não fico dependendo da memória. Tenho que ficar com esse papel para poder ver o que já fiz ou o que tenho para fazer", conta. "Por enquanto, não tenho muitas dificuldades de autonomia."

Números reunidos pela ABRAz (Associação Brasileira de Alzheimer) apontam que receber o diagnóstico de Alzheimer ou alguma outra demência é algo que preocupa 80% dos brasileiros. Celene Pinheiro de Oliveira, geriatra e presidente da associação, observa, porém, que a maioria da população, incluindo profissionais de saúde, tem a crença errada de que a doença é inerente ao envelhecimento, o que faz com que deixem de buscar tratamento precoce e informações.

De acordo com relatório da Alzheimer's Disease International de 2019, o estigma é tão grande que 19,5% dos profissionais de saúde e 26,5% do público geral se esforçariam para manter seu quadro de demência em segredo. A previsão, contudo, é que os casos da doença no Brasil e na América Latina subam até 200% de 2019 a 2050 — o que exige uma nova percepção da doença.

Thais Bento Lima da Silva, gerontóloga, professora do curso de gerontologia da USP (Universidade de São Paulo) e diretora da ABRAz-SP, diz que o tratamento tardio para demências ainda é uma realidade no Brasil. Isso faz com que pacientes cheguem em estágio avançado, com poucas perspectivas de futuro.

"Quanto mais grave um quadro demencial, maior será a presença de alterações comportamentais, o prejuízo funcional e a dependência do indivíduo. Nesse sentido, quando a gente fala do tratamento no tempo certo, não é visando a cura, porque ainda não existe, mas uma melhor qualidade de vida para cuidador, familiares e pessoa que tem demência, porque terá respostas melhores", afirma.

O engenheiro mecânico Daniel da Rosa München, 53, recebeu o diagnóstico de Alzheimer em 2023. Buscou ajuda quando percebeu que episódios de falta de memória e desorientação começaram a surgir com mais frequência. Os sintomas incluíam sonolência excessiva, dificuldade de concentração e perda da noção de tempo.

A saída, para ele, foi colocar o foco no momento presente e continuar fazendo tarefas menos complexas, como lavar a louça e ir à academia. "O legal é as pessoas entenderem as dificuldades que a gente tem e nos ajudarem quando a gente precisar. Isso e saber a condição que a gente está é o mais importante", diz ele.

Sem tratamento, a autonomia média do indivíduo em estágio de comprometimento cognitivo leve dura cerca de sete anos, segundo o psiquiatra Lucas Mella, coordenador do Serviço de Psiquiatria Geriátrica e Neuropsiquiatria da Unicamp (Universidade de Campinas).

O tratamento precoce, por sua vez, permite prolongar essa independência de modo significativo, afirma. "A gente tem muitas alternativas para mitigar esse risco com redução da conversão para demência ao longo do tempo, com atividade física combinando aeróbia e anaeróbia pelo menos três vezes de 50 minutos por semana ou cinco vezes de meia hora", destaca Mella.

Manter uma vida ativa e com alimentação saudável, bem como controlar riscos vasculares, colesterol, diabetes, hipertensão e tabagismo, são hábitos que ajudam a retardar o declínio. Sintomas de depressão, apatia e alterações de sono fazem parte do prognóstico demencial e precisam de acompanhamento médico.

A tecelã aposentada Maria Martiniano Brito, 79, recebeu o diagnóstico de demência ao realizar uma tomografia de crânio. Com medicação, rotina ativa e acompanhamento médico, conseguiu estagnar a doença e manter a autonomia.

"Essa notícia, quando a gente recebe, tem aquele choque, mas o médico me deu remédios e faço tudo sozinha. Vou ao supermercado, à feira, cuido da casa, quase não paro e me sinto bem", diz Brito.

O diagnóstico mexeu com o dia a dia da família. A sobrinha Renata Martiniano de Brito, 43, começou com cuidados preventivos, como caminhada e mudanças na alimentação.

"Minha tia até agora não deixou de fazer nada do que já fazia. Temos que ficar mais atentas quando ela coloca uma coisa no fogo, não tem tanto equilíbrio, mas a vida dela segue normal", conta.

Carla da Silva Santana Castro, terapeuta ocupacional e docente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, pontua que é possível treinar habilidades específicas da cognição para manter o paciente autônomo por mais tempo.

"Esse treinamento tem foco em manter as habilidades de desempenho, identificando dificuldades apresentadas e treinando-as de modo que se possa compensar o déficit por meio de estratégias", afirma.

A proposta inclui ajustar o ambiente de casa e do trabalho para torná-los mais funcionais, seguros e fáceis de usar, além de implementar recursos como um calendário de organização de tarefas ou alarmes no celular para compromissos e medicações.

> "Quanto mais grave um quadro demencial, maior será a presença de alterações comportamentais, o prejuízo funcional e a dependência do indivíduo
>
> **Thais Bento Lima da Silva**
> gerontóloga

> "Essa notícia, quando a gente recebe, tem aquele choque, mas o médico me deu remédios e faço tudo sozinha. Vou ao supermercado, à feira, cuido da casa, quase não paro e me sinto bem
>
> **Maria Martiniano Brito**
> tecelã aposentada

Eduardo Knapp/Folhapress



Zanone Fraissat/Folhapress



Acima, a nutricionista Lina Nonaka, 53; ao lado, a tecelã aposentada Maria Martiniano Brito, 79

INÊS 249

esporte

ESPORTE AO VIVO | **10h** Alcaraz x Zverev — Aberto da França, ESPN2 E STAR+ | **15h** GP do Canadá — F1, BAND | **21h** Celtics x Mavericks — NBA, ESPN2 E STAR+

Swiatek conquista Roland Garros pela 4ª vez

Polonesa derrotou a italiana Jasmine Paolini neste sábado (8) por 6/2 e 6/1 e chegou ao quarto título em cinco anos

André Fontenelle

PARIS Assim que a polonesa Iga Swiatek, 23, ganhou o primeiro ponto contra a italiana Jasmine Paolini, 28, neste sábado (8), um gaiato gritou em francês, da arquibancada da quadra central de Roland Garros: "Vai, Jasmine, ainda não acabou!".

Ainda não tinha acabado, mas poucos tinham dúvida sobre o desfecho da final feminina do Aberto da França. Em apenas 68 minutos, Swiatek saiu vencedora com parciais de 6/2 e 6/1.

Este é o terceiro triunfo consecutivo de Swiatek em Roland Garros, e o quarto em cinco anos. Ela só tem mais um título de Grand Slam, o Aberto dos EUA de 2022.

A hegemonia da polonesa na quadra francesa levou a uma inevitável comparação com o "rei do saibro", o espanhol Rafael Nadal, quatorze vezes campeão em Roland Garros. Este ano, prejudicado por lesões e cirurgias, Nadal, 38, foi eliminado na primeira rodada, naquela que pode ter sido sua última participação no torneio.

A imprensa francesa cunhou até um verbo para definir o domínio de Swiatek: disseram que ela está "nadalizando" Roland Garros. Este ano, ela chegou a vencer uma partida por 6/0 e 6/0. Perdeu apenas um set em todo o torneio, na segunda rodada, contra a japonesa Naomi Osaka, 26.

Foi, porém, um enorme susto: Osaka, ex-número 1 do mundo, chegou a estar a um ponto da vitória. A polonesa precisou mostrar outra de suas qualidades, a resiliência, para virar a partida.

Na primeira vez que ouviu o neologismo, Swiatek não entendeu direito. Depois da explicação, se disse honrada: "Nunca esperaria que alguém me comparasse a Rafa. É bacana ser mencionada na mesma frase que ele".

A número 1 do mundo atribui sua afinidade com Roland Garros à lentidão do piso de saibro. "Eu posso me defender melhor e tenho mais tempo para atacar."

A sorridente Paolini, 28, número 15 do mundo, que disputava sua primeira final de Grand Slam e em Roland Garros nunca passara da segunda rodada, defendeu-se com bravura.

A italiana chegou a quebrar o serviço da adversária já no terceiro game e liderar por 2/1. Mas Iga devolveu a quebra logo depois e venceu todos os demais games do primeiro set.

Distribuindo paralelas e cruzadas e fazendo a pequena italiana de 1,63 metros correr de um lado para o outro da quadra, Swiatek não demonstrou a menor piedade. "Iga para presidenta!", gritou um fã a dois games do final.

O público parisiense, mais animado este ano do que de costume — a ponto de terem proibido bebidas alcoólicas nas arquibancadas no meio do torneio—, incentivou a italiana o quanto pôde. Mas a sensação de inevitabilidade tomou conta rapidamente de Roland Garros.

A premiação emocionou o público. O troféu foi entregue a Swiatek pelas ex-campeãs Chris Evert, 69, e Martina Navratilova, 67, maiores rivais dos anos 1970. Navratilova anunciou no ano passado ter se curado de câncer de garganta e de mama.

"Quase perdi na segunda rodada, mas vocês continuaram me apoiando. Merci beaucoup, je t'aime", disse a campeã ao público francês.

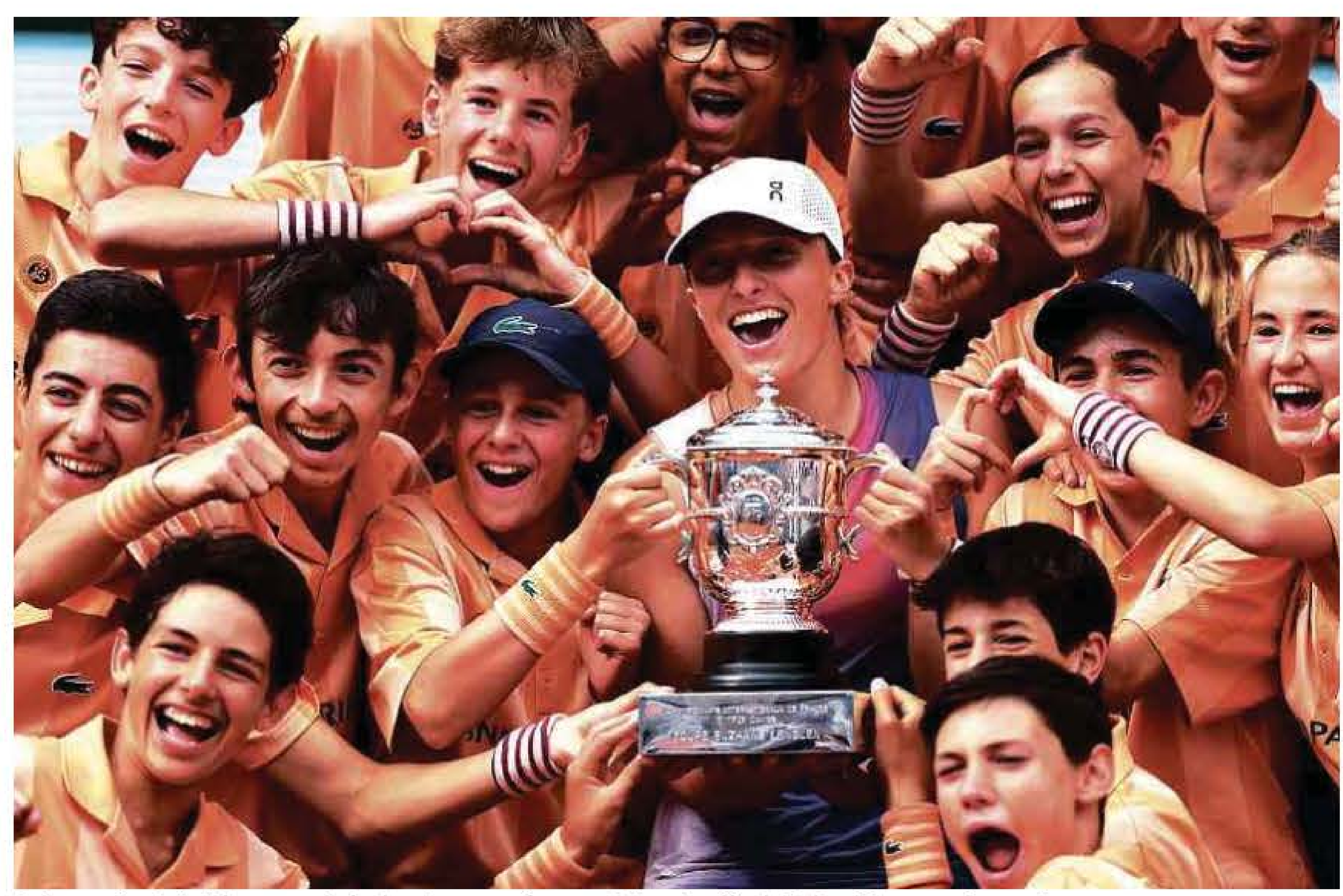
O tri consecutivo da polonesa é um feito raro. Na era profissional, desde 1968, apenas duas mulheres venceram Roland Garros três vezes seguidas: a iugoslava (nascida na Sérvia) Monica Seles (1990 a 1992) e a belga Justine Henin (2005 a 2007). A recordista de títulos é a americana Chris Evert, com sete.

Desde que o torneio se tornou internacional, em 1925, nunca houve uma campeã quatro vezes consecutivas. Duas francesas conseguiram o tetra antes disso, Jeanne Matthey (1909-12) e Suzanne Lenglen (1920-23).

Neste domingo, Roland Garros terá um campeão que não se chama Rafael Nadal ou Novak Djokovic pela primeira vez desde o suíço Stan Wawrinka, em 2015. Disputam a final o espanhol Carlos Alcaraz e o alemão Alexander Zverev.

Na coletiva após o jogo, na sala de imprensa da quadra Philippe-Chatrier, Iga elogiou a adversária. "Não foi tão fácil quanto o placar diz. Fui quebrada no início. Ontem e hoje de manhã, senti muito estresse. Consegui lidar com isso", comentou. "Sou perfeccionista, sempre coloco pressão em mim mesma. A expectativa foi muito grande desde o início do torneio, mas consegui melhorar a cada jogo."

"Ela mantém a intensidade em todos os pontos, e não é fácil aguentar", disse Paolini à **Folha**, sem perder o sorriso característico, após a derrota. Ela sobe para o sétimo lugar no ranking mundial.



Polonesa Iga Swiatek posa ao lado de crianças após conquistar o troféu de Roland Garros pela quarta vez Dimitar Dilkoff/AFP

O 4 a 3 do Engenhão pela última vez

A virada do Palmeiras ainda alimenta versão patética sobre a derrota do Botafogo

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

O dono da SAF do Botafogo segue na batida de querer transformar uma derrota humilhante em caso de polícia.

Pobres são aqueles que acreditam na cortina de fumaça de John Textor, o empresário estadunidense que não sabe perder, como a maioria dos cartolas e treinadores do futebol brasileiro, sempre em busca de conspirações onde o que há é incompetência e mediocridade por parte da arbitragem, o VAR intervencionista devidamente incluído.

Antes de Textor, muitos outros viram esquema para impedir que determinado clube ganhasse campeonatos outra vez ou, ao contrário, para que esse mesmo clube ganhasse de novo.

Que o mundo do futebol brasileiro é imundo ninguém precisa dizer para quem está há mais de 50 anos na estrada testemunhando, e denunciando, e sendo acionado na Justiça por bandidos, toda sujeira que há por baixo do tapete e por cima da estrutura, a começar pela CBF de João Havelange, Ricardo Teixeira, José Maria Marin, Marco Polo Del Nero, Rogério Caboclo e Ednaldo Rodrigues. (Na CBF a exceção foi Giulite Coutinho, entre 1980 e 1986.)

Nos clubes há também exceções, mas são raras, e os dirigentes sabem quais são.

O Botafogo vencia, em casa, o Palmeiras por 3 a 1, teve jogador expulso com rigor talvez excessivo, pênalti polêmico a favor desperdiçado, e levou a virada.

Tivesse vencido por 4 a 1, provavelmente desencadearia enorme crise no rival, até levasse a banqueira de juros extorsivos, patrocinadora e presidenta do Palmeiras a demitir o treinador Abel Ferreira, o mesmo que denunciava, também levianamente, esquemas ocultos contra seu time.

A ninguém ocorreu, e ainda bem, que Tiquinho Soares tivesse perdido o pênalti de propósito.

Nem a inteligência artificial, a que Textor recorre sem noção, levantou a suspeita: terá sido displicente o goleador botafoguense, terá feito um gesto anormal que permitiu ao goleiro Weverton — bem ele que não é considerado pegador de pênaltis— pegar a cobrança?

A sujeira de nosso futebol se denuncia com provas, com quadrilhas pegas com as mãos na botija (como a Máfia da Loteria Esportiva, em 1982, pela revista Placar), com gravações de diretor de arbitragem chantageando presidentes de clubes para sua campanha política (caso Ives Mendes, em 1997, pela TV Globo), ou com a confissão do árbitro manipulador Edilson Pereira de Carvalho, no Campeonato Brasileiro de 2005, pela revista Veja.

Além, é claro, dos casos de enriquecimento ilícito, lavagem de dinheiro, laranjas etc., como já se viu em tantos clubes, no Corinthians agora, sempre comprovados, até redundando em quedas de presidentes, em regra sucedidos por outros iguais, como aconteceu em decorrência de escândalos como os do contrato entre a CBF e a Nike, denunciado por esta **Folha**, e do Fifagate, em escala mundial.

Denúncias vazias servem apenas para justificar derrotas injustificáveis ou circunstanciais, erros de treinadores, goleiros, zagueiros, atacantes e assopradores de apito amadores e profissionais.

Que a rara leitora e o raro leitor discordem da atuação da imprensa e a critiquem à vontade.

Só não imputem ao jornalismo sério a cumplicidade ou a complacência com manipulação de resultados e com a atuação predatória das casas de apostas, muitas vezes grandes lavanderias de dinheiro e interessadas na lisura das competições exclusivamente quando derrubam a banca.

Não dá para se animar com a seleção nem com o Brasil

Seleção ficou fora das últimas cinco finais de Copa do Mundo, e país está em 89º lugar no IDH

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

De vez em quando um torcedor do Cruzeiro me pergunta por que não participo de eventos relacionados ao clube. Algumas vezes sou convidado, mas não aceito o convite, principalmente porque, como colunista, preciso manter total independência para criticar e elogiar, seja quem for.

O futebol e o mundo vivem de incertezas. Mesmo assim, com conhecimento, podemos analisar, divagar, imaginar o que poderá ocorrer até a próxima Copa do Mundo.

Vinicius Junior vai brilhar na seleção e no mundial como no Real Madrid? Para isso, a seleção terá de evoluir e ter mais qualidade individual do meio para a frente. Todos os grandes fenômenos da história do futebol atuaram em grandes times e ao lado de vários craques. Óbvio!

Vinicius merece ganhar a Bola de Ouro, porém o melhor do mundo é Mbappé, que foi grande destaque nas duas últimas Copas e conquistou o título com a França em 2018. Se os franceses tivessem vencido nos pênaltis em 2022 contra a Argentina, provavelmente ele teria sido escolhido o melhor do Mundial e do ano.

Alguns grandes craques antes de ganhar o título de melhor do mundo passaram por equipes inferiores, como Romário e Ronaldo no PSV, da Holanda, e Ronaldinho no PSG, da França, antes de o time francês ser milionário.

Messi e Cristiano Ronaldo, que reinaram no futebol durante uns 15 anos, jogarão a próxima Copa? Messi, por ser mais espetacular, fará mais falta à Argentina do que Cristiano à Portugal, ainda mais que ele, desde o último Mundial, tem ficado mais na reserva.

Se Messi se sentir desanimado, triste, o que nunca ocorreu, e quiser cuidar da saúde mental, certamente haverá uma grande pressão para convencê-lo a jogar.

Quando técnico Scaloni, surpreendentemente, disse logo após a conquista da última Copa América, no Maracanã, que estava difícil continuar na seleção argentina, muitos argumentaram que seria por causa da possível saída de Messi. Não acredito. Ele deve ter dito isso para pressionar os dirigentes que marcavam amistosos que ele não queria. Mesmo se a Argentina for mal na Copa América e nas Eliminatórias, Scaloni não perderá prestígio.

Existe possibilidade de Neymar voltar a ser um grande destaque da seleção na próxima Copa? Para isso, terá de passar por uma grande recuperação física e entrosar-se com Vinicius Junior, além de perder peso. Nas imagens atuais, Neymar parece um veterano em final de carreira.

Se a Alemanha ganhar a Eurocopa e Kroos for o craque da competição, será que os alemães o convencerão a continuar jogando por algum time e pela seleção no próximo Mundial? Vou torcer pela Alemanha na Euro para ver Kroos na Copa. Imagina o clássico entre Alemanha e Espanha? Quem vai acertar mais passes, Kroos ou Rodri? Deve terminar empatado, pois os dois raramente erram um.

Até onde Endrick chegará? Não sei se será excepcional ou se virará um fenômeno, grande craque. Penso que há uma pressa para já colocá-lo em lugar em que ainda não está.

As incertezas dominam o futebol e o Brasil. Independentemente do governo, do clube e das entidades que administram o futebol, ocorreram no país nas últimas décadas —com raras exceções, como o Palmeiras— péssimas gestões.

A seleção ficou fora das últimas cinco finais de Copa. O Brasil é a oitava economia do mundo e está em 89º lugar no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), com perda de duas posições no último ranking, de 2022. Não dá para ficar animado.



SpaceX/Reuters

IMAGEM DA SEMANA

A SpaceX realizou novo lançamento do Starship (foto) que pela primeira vez fez um pouso bem-sucedido, sobrevivendo à reentrada na atmosfera da Terra.

Entre os objetivos do lançamento desta quinta (6) estava o retorno controlado do primeiro estágio da nave, o Super Heavy, com um pouso suave no mar.

Apesar de algumas avarias ao foguete, as metas foram atingidas. O teste foi o quarto feito pela empresa de Elon Musk e saiu da base de Boca Chica, no Texas.

COMBO

Tiago Ribas
folha.com/combo



Cena do jogo 'Astro Bot' Divulgação

PlayStation desenha futuro com aposta em jogos 'live service'

SÃO PAULO A Sony realizou na última semana duas apresentações que ajudam a desvendar um pouco do que a empresa vislumbra para o futuro da marca PlayStation, tanto a curto quanto a longo prazo.

A primeira, mais focada em negócios e direcionada a investidores, marcou a estreia dos co-CEOs Hermen Hulst (games e estúdios) e Hideaki Nishino (consoles e periféricos) para o público geral. Os dois dividem a função que foi de Jim Ryan, que se aposentou em março deste ano.

A segunda foi a transmissão online "State of Play", que mostrou ao longo de pouco mais de 30 minutos os principais lançamentos da empresa para os próximos meses e alguns jogos que devem se destacar no PlayStation 5. Leia a seguir algumas das novidades que os eventos revelaram.

Consumidores de PC e mobile ganham mais atenção

Em busca de aumentar seu público consumidor de games, a Sony já vinha dando atenção especial a jogadores de outras plataformas, em especial no PC. Uma tendência que deve se ampliar no curto prazo.

Além de lançar periféricos e jogos antes exclusivos do seu console para computadores, a marca deve continuar a prática adotada em "Helldivers 2" e lançar seus games "live service" nas duas plataformas, segundo Hermen Hulst.

A data de lançamento de "God of War Ragnarök" para PC (19 de setembro), inclusive, foi um dos destaques da apresentação do último dia 30. No entanto, ao contrário do que especularam alguns fãs, a esperada versão de "Bloodborne" para computadores continua só como lenda.

Em iniciativa semelhante, a Sony também pretende ampliar sua participação em jogos para dispositivos móveis. Foi revelado, por exemplo, que o estúdio Neon Koi está desenvolvendo um título live service mobile. No entanto, os passos da Sony nesse novo território estão sendo bem calculados.

Mas o PlayStation 5 vai muito bem, obrigado

Quatro anos após seu lançamento, o PlayStation 5 já é a geração de consoles mais lucrativa da Sony, com cerca de US$ 10 bilhões (R$ 52,5 bilhões) em receita contra US$ 9 bilhões (R$ 47,5 bilhões) na geração anterior.

Segundo a empresa, apesar de não ter vendido tantas unidades quanto o PlayStation 4, os gastos na plataforma são significativamente maiores. Em média, cada usuário de PlayStation 4 rendeu US$ 580 (cerca de R$ 3000) extras para a Sony com o console, contra US$ 731 (cerca de R$ 3800) no PlayStation 5. Curiosamente, a arrecadação com venda de jogos caiu 12%, mas essa diferença foi suplantada por um aumento de 176% na venda de conteúdos extras.

Jogos "live service" ainda são a principal aposta

Os títulos "live service" tiveram destaque tanto na conversa com investidores quanto na apresentação sobre lançamento de jogos.

Para os executivos, a Sony destacou o trabalho da Bungie (da série "Destiny") com seu próximo grande lançamento: "Marathon", previsto para 2025. Além disso, destacou que 4 dos 9 estúdios adquiridos pela empresa nos últimos anos estão focados em projetos de jogos como serviço.

Em ano fraco, mascote Astro ganha um game

O simpático Astro, mascote do "time B" da Sony, ganhou destaque na apresentação do dia 30. O robozinho só havia protagonizado até agora títulos gratuitos que funcionavam como introdução para periféricos da empresa. Agora, o personagem será "promovido" e ganhará um título completo de plataforma 3D. "Astro Bot" (com lançamento previsto para 6 de setembro) contará ser para a Sony o que os jogos 3D de Mario são para a Nintendo.



PLAY

Dica de game, novo ou antigo, para você testar

Animal Well
(PC, PS 5, Switch)
Apesar de à primeira vista "Animal Well" ser um metroidvania como tantos outros, esse é um jogo muito mais sobre desvendar segredos do que batalha. Com controles precisos e uma ambientação misteriosa, o game obriga o jogador a pensar fora da caixa para resolver problemas e descobrir todas as peças desse verdadeiro quebra-cabeças interativo.

DOWNLOAD

Principais lançamentos dos próximos dias

11.JUN

"Rocket Knight Adventures: Re-Sparked"
R$ 127,07 (PC, Switch), R$ 149,50 (PS 4/5)

"V Rising"
R$ 214,90 (PS 5)

*Expansão
**Disponível no Xbox Game Pass

FRASES DA SEMANA



[A mentira nas redes] é um instrumento de covardes e egoístas. O algoritmo do ódio, invisível e presente, senta-se à mesa de todos. É preciso ter em mente que ódio e violência não são gratuitos

Cármen Lúcia
ministra, sobre fake news, na segunda (3), ao assumir presidência do TSE



Israel tinha o direito de se defender do ataque terrorista do Hamas, uma terrível organização que quer destruir Israel. Mas Israel não tinha o direito de ir a uma guerra total contra o povo palestino. É um desastre humanitário

Bernie Sanders
Senador progressista dos EUA, no domingo (2), sobre guerra Israel-Hamas



Representando as mulheres, ela que gosta de futebol. Normalmente mulher vai ao estádio e pergunta quem é a bola

Jorge Kajuru
senador, ao passar a palavra para Margareth Buzetti (PSD-MT), na quarta (5), durante CPI das Apostas Esportivas



Kajuru, hoje tem presidente de clube mulher

Leila Pereira
presidente do Palmeiras, em resposta à Kajuru, na CPI das Apostas, ao prestar depoimento



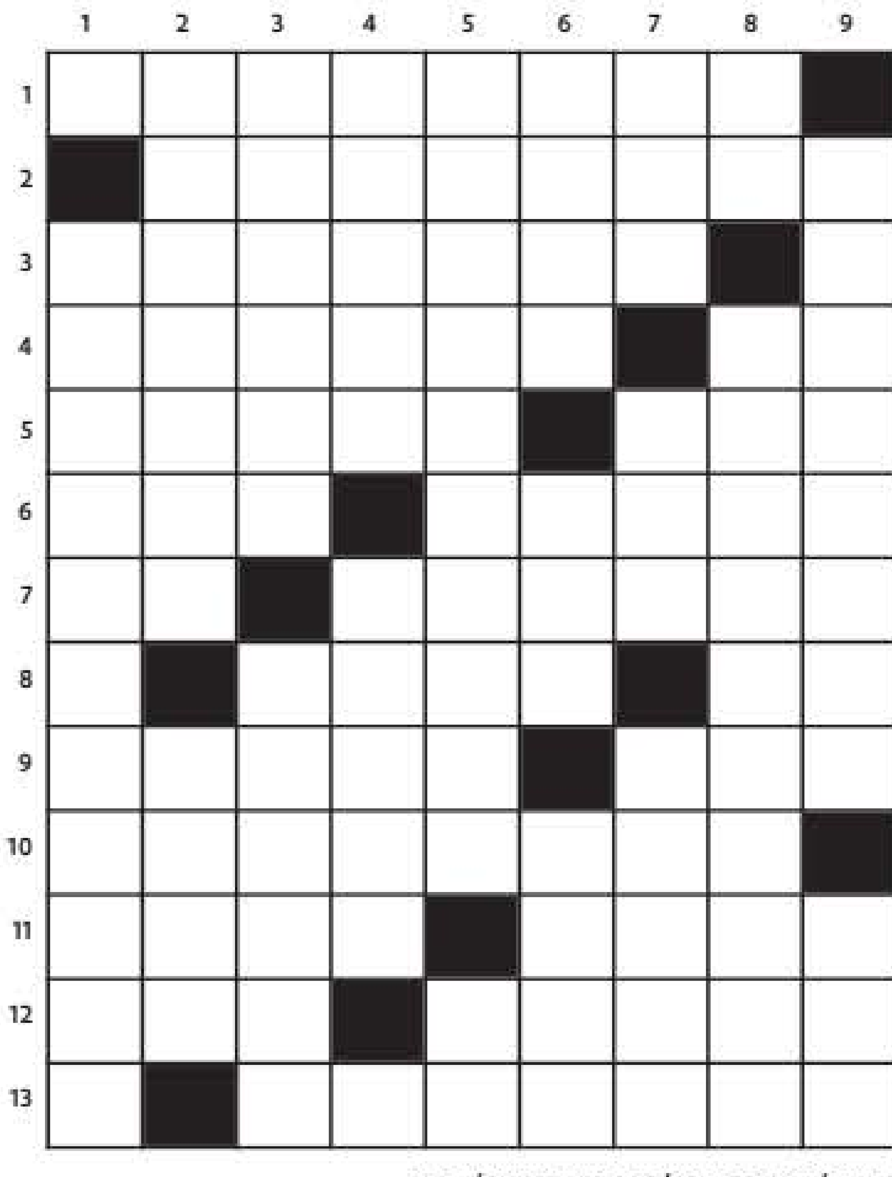
O que estamos vendo em chuva no Rio Grande do Sul nós vamos ver em estiagem, provavelmente na amazônia e no pantanal

Marina Silva
ministra do Meio Ambiente, na quarta (5), sobre aquecimento global

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Planta da família do xiquexique **2.** Ato de cobrir e aquecer os ovos com o calor do corpo (galinha) **3.** Barulhento **4.** Dois a dois / A sigla do estado das praias de Pipa e Ponta Negra **5.** Deslocamento espacial / O que muda de chiar para chicotar **6.** A 9ª consoante do alfabeto / O Júlio (1828-1905) autor de "A Volta ao Mundo em 80 Dias" **7.** (Pop.) Cocaína / Objeto usado para disfarçar a calvície **8.** Escavação própria para receber encanamentos / O ator Harris, de "O Segredo de Beethoven" **9.** Diz-se de vela com chama / Caminho ou estrada que conduz a algum lugar **10.** Passar a ter, adquirir **11.** Gordura / Formação dos carros na largada da F1 **12.** Reconhecer as palavras pelos sinais da escrita / Instrumento musical do samba e do pagode **13.** Embarcação usada para prestar pequenos serviços de transporte.

VERTICAIS
1. Esconderijo **2.** Amontoamento, aglomeração / Sólido geométrico com altura, base e vértice **3.** Ilha do Mediterrâneo com capital Nicósia / Abdome **4.** Completas, inteiras / Qualquer erva que serve de alimento ao gado **5.** Empurrar, dar encontrões em / Abreviatura de cilindradas, capacidade de um motor de explosão **6.** A atriz e apresentadora carioca Regina / Época histórica / Grau de transparência e luminosidade das pedras preciosas **7.** O eu / Que ainda não foi assado / Próprio do homem **8.** Antecedem o i, o ó e o u / Oposição a ideias de desenvolvimento, de progresso **9.** Ato de caçar, incitando a caça à corrida, especialmente com matilha de cães / (em cima de) Procurar com fins amorosos ou libidinosos.



HORIZONTAIS: 1. Cactácea, **2.** Chocagem, **3.** Ruidoso, **4.** Empate, RN, **5.** Curso, Cot, **6.** Ele, Verne, **7.** Pó, Peruca, **8.** Vala, Ed, **9.** Acesa, Via, **10.** Contrair, **11.** Unto, Grid, **12.** Ler, Cuíca, **13.** Escaler.
VERTICAIS: 1. Receptáculo, **2.** Acúmulo, Cone, **3.** Chipre, Ventre, **4.** Todas, Pasto, **5.** Acotovelar, CC, **6.** Casé, Era, Água, **7.** Ego, Cru, Viril, **8.** AE, Ronceirice, **9.** Monteada, Dar.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

		9						
5		8	3			6		2
			4	6	1			
2			9			3		7
1								5
9		7			4			8
			5	4	8			
8		5			3	7		6
						8		

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

4	6	9	8	5	2	1	7	3
5	1	8	3	7	9	6	4	2
7	2	3	4	6	1	5	8	9
2	8	4	9	1	5	3	6	7
1	3	6	2	8	7	4	9	5
9	5	7	6	3	4	2	1	8
6	7	2	5	4	8	9	3	1
8	4	5	1	9	3	7	2	6
3	9	1	7	2	6	8	5	4

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **9.jun.1974**

Uruguai conquista o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos

O Uruguai derrotou a Suíça por 3 a 0 e conquistou o título de campeão do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Paris-1924, nesta segunda-feira (9).

Um público gigantesco ocupou todas as dependências do estádio em Colombes e, durante a partida, aclamou continuamente os jogadores.

O primeiro tempo acabou com os sul-americanos em vantagem por 1 a 0. A etapa final decorreu com grande entusiasmo, com os europeus se esforçando para tirar a diferença. Mas, o time uruguaio fez mais dois gols.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br



MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br



Neca Setubal
Taxação dos super-ricos tem que ser encarada

[RESUMO] Aos 73 anos, educadora, bilionária e presidente do conselho da Fundação Tide Setubal lança autobiografia, revisita bastidores da campanha de Marina Silva em 2014, cobra debate sobre desigualdade por parte da elite e afirma que não sente nostalgia pelo Brasil do passado

Por **Bianka Vieira**

Neca Setubal na sede da Fundação Tide Setubal, em São Paulo Karime Xavier/Folhapress

Maria Alice Setubal diz que não saiu ilesa daquele 2014. O ano era de eleição presidencial, e Neca, como é conhecida, integrava o núcleo duro da campanha da então candidata Marina Silva. Juntas, varavam madrugadas discutindo estratégias e percorriam o país encampando o projeto político colocado à prova nas urnas.

*

Não foram poucos os reveses, e muitos deles são conhecidos publicamente. O acidente aéreo que matou Eduardo Campos (PSB), que tinha Marina como vice, e a campanha negativa do PT que culminou no derretimento dela nas pesquisas talvez sejam os mais emblemáticos. O que Neca traz à luz, agora, é o custo pessoal daquele pleito.

*

Passados dez anos, a educadora, presidente do conselho da Fundação Tide Setubal e integrante de uma das famílias controladoras do banco Itaú revisita bastidores inéditos da corrida eleitoral em "Minha Escolha pela Ação Social: Sobre Legados, Territórios e Democracia" (Tinta-da-China Brasil), autobiografia que será lançada por ela na próxima terça-feira (11).

*

Em uma das passagens, Neca conta que foi parar no hospital antes do primeiro turno de 2014. O diagnóstico? Estafa. "Dizer que foi fácil, não foi. Fiz terapia em 2015 e tudo", afirma, aos risos, à coluna. Daquela época, diz não nutrir ressentimentos contra o partido de Lula (PT), a quem apoiou em 2022. "Depois que superei, sou página virada. De verdade."

*

Neca conversou com a coluna no restaurante Oscar do Brasília Palace Hotel, durante uma visita à capital federal. Embora não fosse o caso naquela quinta-feira, ela conta que suas passagens por Brasília costumam incluir uma parada na sede do Ministério do Meio Ambiente, onde pode almoçar a sós com Marina, hoje chefe da pasta.

*

A relação com a amiga e a turbulenta campanha de 2014 são algumas das tantas histórias contadas por Neca nas 184 páginas que compõem sua autobiografia. Sua reconhecida trajetória como educadora é esmiuçada cronologicamente, passando pela criação da pré-escola Dominó, em São Paulo, pela fundação e consolidação do Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária) e pelo extenso trabalho da Fundação Tide Setubal, iniciado em 2006 em São Miguel Paulista, na zona leste da capital, e depois ampliado.

*

Ao falar sobre seus laços familiares, Neca descreve o banqueiro Olavo Setubal como um pai severo e instigante, e a mãe, Tide Setubal, como uma mulher à frente de seu tempo e fiadora da educação dos sete filhos.

*

Da figura paterna, traz histórias como os encontros improváveis que doutor Olavo, como era conhecido, costumava promover entre executivos do Itaú e figuras à esquerda, a exemplo de Luiza Erundina, ex-prefeita de São Paulo e hoje deputada federal pelo PSOL, e João Pedro Stedile, dirigente do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

*

"É um lado do meu pai que eu também redescobri. Ele trazia todas essas pessoas para almoçar, e sempre falava que, no banco, as pessoas precisavam abrir a cabeça, que o mundo era muito maior do que o Itaú. A política fez com que ele tivesse uma visão muito mais alargada do mundo. Ele queria que os executivos entendessem o Brasil."

*

Além da carreira como banqueiro, empresário e engenheiro, Olavo Setubal foi prefeito biônico da cidade de São Paulo de 1975 a 1979, nomeado pela ditadura militar (1964-1985). Os laços com o regime e a Arena divergiam das preferências políticas de Neca, sua única filha mulher. Aprovada no curso de Ciências Sociais da USP (Universidade de São Paulo) menos de dois anos após a edição do AI-5, ela aderiu a grupos ligados ao opositor MDB.

*

Neca diz que o período ditatorial foi "pessoalmente e emocionalmente difícil", mas contemporiza ao falar de Olavo Setubal. "Meu pai sempre teve esse jeito de gostar das ideias diferentes, de entender o que o outro está pensando."

*

Ela se recorda do dia em que foi à missa de sétimo dia de Vladimir Herzog, assassinado pelos militares em 1975. O então prefeito foi avisado por seguranças da presença de sua filha no local, ao que teria respondido: "Deixem ela". "Ele era aquele conservador liberal. Acreditava muito no Brasil, no desenvolvimento, no espaço público. Hoje em dia, acho que quase acabou esse conservador liberal. Foi engolido, se radicalizou."

*

Hoje uma septuagenária de 73 anos, Neca perdeu a mãe aos 26, em decorrência de um câncer. A educadora tinha dado à luz seu primeiro filho havia apenas 15 dias quando o óbito ocorreu. Tide tinha 52 anos.

*

"Foi um momento muito, muito difícil. Ela estava morrendo, e eu estava aprendendo a ser mãe, vivenciando o nascimento do meu primeiro filho. Era um pouco aquela sensação de que ela esperou ele nascer para morrer."

*

A educadora diz que sua relação com a mãe, um pouco conturbada na juventude, foi ressignificada com o passar do tempo. "Ela tinha um lado muito artístico, era uma pessoa muito carismática, que lia muito, gostava de música, de artes plásticas. E era, ao mesmo tempo, muito vaidosa e muito bonita. Ela queria que eu me vestisse super bem. Comprava um monte de roupa e eu não gostava, não queria", relembra, aos risos.

*

"Eu ficava brava. Na época, fazia Ciências Sociais, andava com calça jeans, lia todo 'O Capital'. Tinha esse tipo de conflito super bobo", acrescenta.

*

"Ela foi uma mulher muito à frente [do tempo]. Eu não tive uma mãe submissa, embora ela tenha tido um marido muito forte. Ela sempre se posicionava, tinha as opiniões dela — que, muitas vezes, não eram as mesmas do meu pai. Na época, eu não tinha consciência de como isso foi importante para eu buscar o meu caminho."

*

Ao se debruçar sobre a sua própria história, Neca deixa claro o incômodo que sente por seu nome ser comumente precedido pela alcunha de "herdeira". Ela, que é bilionária, ainda questiona supostos rótulos associados à elite econômica.

*

"Sempre chegava primeiro o Setubal para depois chegar a Neca", diz, ao falar sobre o peso de seu sobrenome e como ele ofuscava sua trajetória profissional. "Eu sempre tive que provar que era uma pessoa competente, que tinha conteúdo, que entendia de educação, que não era uma socialite metida a besta. Com os anos, isso deixou de ser uma questão."

*

"As editorias [jornalísticas] me colocam como 'a herdeira'. Às vezes, não põem nem meu nome [no título das reportagens]. Por ser mulher, eu apareço como herdeira. Mas os homens, não. Meu irmão José Luiz, que tem uma fundação, é médico, tem a filantropia, nunca foi herdeiro. Só eu que sou herdeira", ironiza, rindo mais uma vez.

*

Ao comentar o fato de bilionários serem também um emblema da profunda desigualdade social, a educadora pondera que é da elite, mas que se responsabilizou, a vida inteira, por trabalhos de ação social dedicados ao desenvolvimento da sociedade.

*

"Eu sou a pessoa que está falando em justiça social e em, por exemplo, taxação de riqueza. A gente tem que ter um tributo progressivo, isso tem que ser encarado de frente. A filantropia é importante, [debater] a questão da pobreza é importante, mas isso não basta num país com as desigualdades que a gente tem."

*

Neca afirma que se reunirá neste mês com a economista francesa Esther Duflo, vencedora do Nobel de Economia de 2019, autora de uma proposta de taxação dos super-ricos a nível global. A agenda é defendida pelo presidente Lula (PT) e pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e deve ser levada à cúpula do G20.

*

"Isso é uma causa que eu estou querendo puxar. Eu não fico em um discurso vazio. Acho que a gente [da elite] tem que ser consequente nos discursos. Só assim vamos conseguir avançar e começar a mudar a cara da sociedade brasileira."

*

Ao olhar para o Brasil de hoje com os olhos de quem viveu a redemocratização e participou do debate sobre de políticas públicas para a educação, Neca diz ver o copo "meio cheio, meio vazio". Se por um lado houve uma melhora notável na educação, diz, por outro o país teria estagnado em um patamar mediano.

*

"O lado vazio do copo é que ainda tem muito a ser feito em termos de qualidade. A gente avançou com o Ideb [Índice de Desenvolvimento da Educação Básica], mas ele marca a média. E você consegue melhorar a média melhorando os melhores. Quem fica para baixo, continua para baixo."

*

Neca se diz apreensiva com o lançamento da autobiografia, por ter encarado a empreitada, que compara a uma sessão de psicanálise no divã. Depois de revisitar toda a sua história, diz não sentir nostalgia.

*

"Acho que eu tenho essa coisa de construção, sabe? De ver que a gente tem a responsabilidade de construir um país melhor. Parece um clichê, mas eu acredito nisso. Aquele país 'certinho' [do passado] não incluía as pessoas negras, não estava colocando todo mundo na escola. Não era um país de verdade. Nunca existiu."

*

"Eu tenho 73 anos, e claro que gostaria de ter menos, mas não sinto saudades do tempo anterior. Nostalgia eu não tenho mesmo. Eu me gosto com a experiência que eu tenho hoje."

Regulação essencial

[RESUMO] Aprovação de lei para o vídeo sob demanda no Brasil, que enfrenta impasses no Congresso, é urgente para permitir que o audiovisual do país possa competir em um mercado com forte atuação de empresas estrangeiras. A norma deve tanto garantir espaço para obras nacionais no streaming quanto instituir uma tributação sobre as plataformas, revertida à produção de conteúdo brasileiro

Por ***André Klotzel***
Cineasta, dirigiu 'A Marvada Carne', entre outros filmes

Neste momento em que se discute a implementação de uma legislação que estabelece regras para o vídeo sob demanda (VoD), também conhecido como streaming, vale relembrar a frase atribuída a Glauber Rocha: "Um país sem cinema é como uma casa sem espelho". Esta frase é uma boa síntese do audiovisual na formação da identidade cultural de um povo.

Mas além de sua importância cultural, o cinema e o audiovisual são também uma indústria significativa que gera empregos, renda e divisas. A combinação dos aspectos culturais e econômicos multiplica a relevância estratégica da ocupação de mercado no cinema, na televisão e agora no VoD. Este último veículo está em fase de conformação a parâmetros de mercado por meio de projetos de lei que tramitam no Senado e na Câmara, a chamada regulação.

Essa regulação, no entanto, está muito atrasada. Para se ter uma ideia, o Brasil foi o primeiro país de língua não inglesa em que a Netflix se estabeleceu, em 2011. Ainda não temos uma regulação, enquanto a União Europeia se antecipou e, em 2010, aprovou sua primeira norma para o setor. Diversos outros países já têm regras implementadas, enquanto nós, que estamos entre os maiores consumidores de conteúdo audiovisual na internet, estamos com impasses em meio a discussões anacrônicas.

Em todos os lugares, a regulação abarca algumas questões genéricas, como informações, registros e acesso, mas também há dois eixos fundamentais que se complementam e dizem respeito à competição do produto local: a garantia de espaço para as obras audiovisuais nacionais e políticas de subvenção à produção.

Esses princípios são o ponto sensível da discussão, tanto para o VoD quanto para o cinema e a televisão. É comum vê-los questionados não só pelas empresas internacionais, diretamente interessadas, mas também pelo público leigo. Vale um esclarecimento a respeito.


A atriz Alice Carvalho em cena de 'Cangaço Novo', série original brasileira do Prime Video Divulgação

A taxação sobre a importação de produtos é um princípio básico da economia que visa garantir a competição justa e o desenvolvimento das indústrias locais, entre outros aspectos. Mas o cinema e o audiovisual, apesar de gerarem bilhões de dólares em divisas, não são considerados mercadorias banais: são cultura.

Pelas regras internacionais, a propriedade intelectual não pode ser taxada —apenas os objetos físicos podem. Dessa forma, se um livro é publicado no Brasil, ele não sofre taxação, mas a importação do objeto físico do livro é taxada. Assim, os filmes e todo o audiovisual, que não são objetos, entram com o pedigree cultural, sem pagar nada nesse mercado bilionário.

Agora, imagine qual seria a situação da indústria automobilística ou alimentícia do Brasil se não houvesse nenhuma barreira alfandegária. Elas naufragariam.

Para corrigir essa distorção evidente no audiovisual, estabeleceu-se mundialmente os dois eixos mencionados, garantia de presença da produção nacional e formas de subvenção do produto local, como compensação à não taxação.

A atividade audiovisual no Brasil pleiteia nada mais que a implementação desses dois pontos. Uma cota de 10% para filmes e séries brasileiros nas plataformas —com visibilidade desses conteúdos, que também deveria ser de 10%— e uma tributação sobre o faturamento das plataformas, que servirá para produzir os conteúdos por meio de investimento direto das empresas e do FSA (Fundo Setorial do Audiovisual).

Ou seja, as plataformas terão que desenvolver estratégias para incluir e financiar o audiovisual brasileiro e independente —por independente, entende-se que a propriedade intelectual das obras não é das plataformas— e evidentemente ter bons resultados com isso, porque esse é o negócio delas.

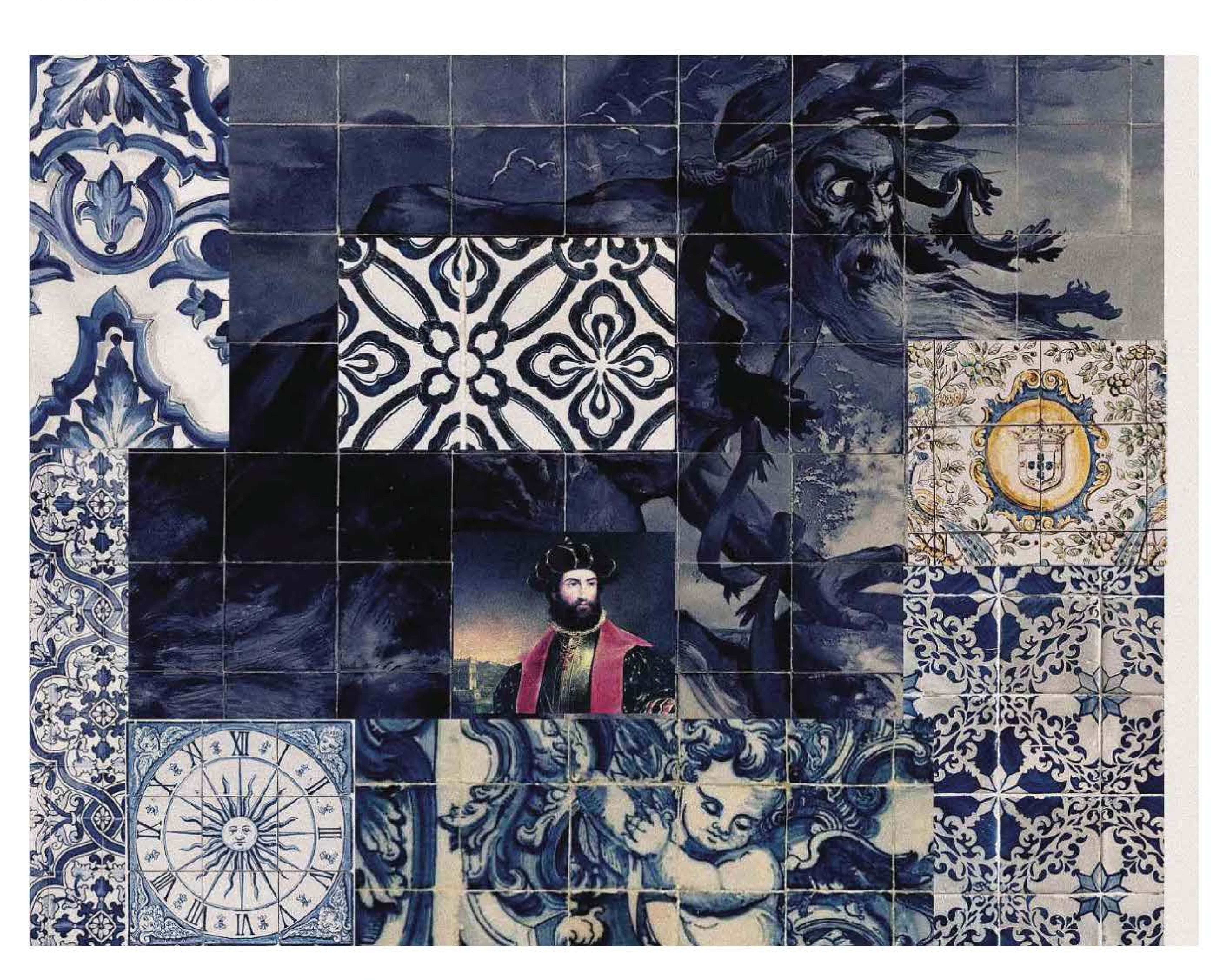
Essa estratégia, aplicada mundialmente, deu certo no cinema e na televisão por assinatura. No Brasil, a Lei da TV Paga (12.485, de 2011) é o exemplo mais claro e simples de explicar. Logo antes de a norma entrar em vigor, os canais estrangeiros monitorados pela Ancine (Agência Nacional do Cinema) exibiam apenas 1% de conteúdo brasileiro.

As programadoras estrangeiras não acharam boa a ideia de criação de cotas, que passaram a obrigar a maior parte dos canais de televisão por assinatura a exibir cerca de 4% de conteúdo brasileiro independente no horário nobre. Atualmente, os canais colocam mais de 15% de conteúdo brasileiro independente na grade porque perceberam que a demanda é bem maior.

Vale observar que, por pelo menos um aspecto, o VoD é a forma menos impositiva de oferecer audiovisual: observadas as limitações de cada plataforma, o espectador tem a escolha do que assistir e quando assistir; é o espectador que decide isso com um clique. A ele, deve ser oferecida a opção de escolher filmes brasileiros.

O Brasil gosta de ver o Brasil nas telas. Abram alas para o VoD passar. ←

Glenn Greenwald
Excepcionalmente, a coluna não é publicada nesta semana



O poeta do impossível

[RESUMO] Camões, cujo nascimento completa 500 anos, foi um poeta visionário, de imaginação poderosa, que ligou a história de Portugal à tradição greco-romana. Por vezes enigmática para o leitor de hoje, sua obra, sobretudo o épico "Os Lusíadas", parte de mitos como o de Perséfone para refletir a respeito de como a arte pode regenerar uma civilização destituída de valores

Por **Martim Vasques da Cunha**
Doutor em ética e filosofia política pela USP, é autor de "A Poeira da Glória" (ed. Record) e "A Tirania dos Especialistas" (Civilização Brasileira), entre outros livros

Ilustração **Silvis**
Designer gráfica e ilustradora

O único tema que preocupava Luís Vaz de Camões, nascido há 500 anos, era o impossível. No caso, era impossível Portugal se reerguer de uma decadência imperial já vislumbrada e que culminaria com o desaparecimento do rei dom Sebastião nas areias do Marrocos.

Era impossível o próprio poeta encontrar a expressão adequada para uma arte que sintetizaria o mundo antigo e o Renascimento. E era impossível ele descobrir alguma paz em um mundo dominado por um "desconcerto" que dilacerava a sua alma.

Após sua morte, também se tornou impossível compreender o enigma que o próprio Camões jogou para a posteridade. As pistas estão lá, nos versos, mas ninguém mais tem a bússola para decifrá-las.

A recepção crítica à obra camoniana se divide em dois grupos majoritários. O primeiro são os românticos que ainda acreditam em um vínculo biográfico direto entre os poemas e uma vida atribulada (representados por Almeida Garrett e Teófilo Braga, entre outros).

E os segundos são os modernos racionalistas, promotores da ideia de que Camões apenas imitava os clássicos e que, no fundo, pretendia ser um Petrarca lusitano (com expoentes como Vitor Manuel de Aguiar e Silva, Frederico Lourenço e Rita Marnoto).

Esse novo "desconcerto" implica que não há chance para o público ter acesso a uma terceira possibilidade. Camões foi, antes de tudo, um poeta visionário. Ele teve uma experiência interior, extremamente poderosa, a qual o religou a uma tradição cujos mestres foram Homero, Ovídio, Virgílio, Dante, depois Milton, Tasso e, surpresa das surpresas, Ezra Pound.

O que seria essa experiência? Voltamos ao tema do "impossível", em que a poesia está intimamente relacionada com o que significa viver em uma civilização e o que significa possuir alguma civilidade.

Este é o mote de "Os Lusíadas", épico concebido durante 12 anos, publicado em 1572 e que provoca comoção em algumas sensibilidades progressistas. Para muitos, é racista (por causa de suas observações antipáticas sobre os muçulmanos). Para poucos, é o último exemplar de um mundo que deveria ser redescoberto (devido às suas metáforas esotéricas, hoje tão distantes de nós quanto a Grande Muralha da China).

Na verdade, Camões não faz parte desta falsa dicotomia. Está acima disso tudo. A visão que o consumia era a de um mito que até hoje poucos conseguiram compreender adequadamente. É a história do rapto e estupro de Perséfone, filha de Zeus com Demeter, por Hades, o rei do inferno, que a desposou. A estadia da moça por lá durou seis meses tenebrosos. Depois, houve seu posterior (e miraculoso) retorno ao mundo dos vivos graças à persistência da mãe.

Quem teve esta intuição é Guy Davenport, em seu livro clássico (mas pouco conhecido) "The Geography of Imagination" (1981, reeditado recentemente nos EUA). Para ele, a deusa do subterrâneo (pois assim ela passou a ser conhecida, sempre cercada de plantas, flores e ervas) é a prova do poder da regeneração. E é este mito que fundamenta tanto a relação da poesia com a civilização como a função específica do poeta em criar (e recriar) a nossa civilidade.

Não era o artista que escolhia o tema de Perséfone. Era a própria donzela (ou "Koré", em grego, como também foi nomeada) que o selecionava. Ele seria parte de uma nobre linhagem. Inicia-se em Homero (a Circe da "Odisseia" é a primeira variante), passa por Virgílio (Dido na "Eneida") e Ovídio (no livro 5º das "Metamorfoses").

Atravessa Dante e Chaucer (Beatriz na "Divina Comédia", do primeiro, e a esposa de Bath de "Os Contos da Cantuária"), encontra Petrarca (a malfadada Laura do "Cancioneiro"), esbarra em Milton (a Eva de "Paraíso Perdido") e Shakespeare (a Dama Escura dos sonetos). E, finalmente, termina no modernismo de Ezra Pound, com a presença feminina invisível que salvaria o poeta de "Os Cantos" das loucuras ideológicas (o fascismo e o antissemitismo) que o possuíram durante o século 20.

Para Davenport, Perséfone simboliza o paradoxo entre civilização e civilidade: como a cultura pode sobreviver quando toda a virtude parece desabar? A história dela é a mesma narrada em qualquer grande épico produzido por esses poetas. Trata-se da metamorfose, na qual uma nação é forçada a cometer uma ação considerada impossível: morrer e ressuscitar diversas vezes no curso trágico da história humana.

Em "Os Lusíadas", Camões estrutura toda a sua grande obra ao redor deste mito, desde os mínimos detalhes até o panorama mais amplo. É um centro secreto, onde o "desconcerto do mundo" está registrado na aparente impossibilidade de que Portugal, desgastado após as grandes navegações, enfim tenha a sua primavera. Para o império lusitano daquela época, o labirinto da história já dava indícios de ser, com o passar dos anos, uma verdadeira descida ao submundo.

Assim, Portugal é Perséfone. Quem solucionou este enigma, concebido com incrível destreza artística por Camões, foi Ezra Pound.

As simetrias entre os dois poetas, separados por mais de três séculos, são espantosas. Ambos foram polêmicos em seu tempo (Camões seria boêmio, briguento e valente durante as conquistas lusitanas na Índia e na China; Pound era boêmio, briguento e defensor de Mussolini na Segunda Guerra); ambos tinham o virtuosismo do verso (tanto a lírica camoniana como os poemas curtos de Pound são modelos de precisão estilística); e ambos realizaram os épicos que registraram o fim de toda uma cultura humanista ("Os Lusíadas" são o canto do cisne de uma Europa que estava prestes se render ao Iluminismo; "Os Cantos" são um gigantesco fragmento sobre um mundo que jamais encontrará o seu paraíso, exceto nas ruínas do que foi o passado).

Apesar de Pound conhecer pouco da língua portuguesa e ter mínima estima por Camões quando jovem (disse que o lusitano era o "Rubens do verso", um insulto sofisticado para afirmar que ele era excessivamente barroco), claramente mudou de opinião durante a maturidade, como mostram os primeiros trechos de "Os Cantos".

Isto está registrado na coletânea organizada por Augusto de Campos e publicada recentemente aqui pela Editora Cobalto, intitulada apenas "Poesia". Pound cita explicitamente o famoso episódio sobre Inês de Castro, narrado em "Os Lusíadas" como o da amante de dom Pedro 1º (1320-1367), que se tornou rainha depois de ter sido assassinada pelos inimigos do monarca. É um dos motes dos versos que o perseguiriam nas décadas que demorou para terminar o seu monumental ciclo.

Continua na pág. C5


OS LVSIADAS de Luis de Camões.

COM PRIVILEGIO REAL.

Impressos em Lisboa, com licença da Sãcta Inquisição, & do Ordinario: em casa de Antonio Gõçaluez Impressor. 1572.

Continuação da pág. C4

No terceiro "Ur-Canto" (o experimento que Pound fez antes de iniciar de fato o seu épico), há referência à "voz altissonante" de Camões, e assim reconta o evento: "E Inês?/ Era uma aia da rainha,/ Sinecuras da corte em Portugal,/ E Pedro a amava, o jovem princípe/". Depois, ele incorpora um trecho de "Os Lusíadas": "'A que depois de morta foi rainha.'/ "Que entre flores"/ Como, antes, Prosérpina."

Ora, Prosérpina é outro nome para Perséfone. Tanto Pound como Camões reconhecem que ambas as moças representam "outras coroas", as mesmas que levam, no papel de dançarinas, o "leve fruto da tua alma e da tua cegueira" à nossa "era moderna". O padrão se repete no definitivo canto 3 do painel despedaçado de Pound, em que o poeta, sentado nos degraus da mansão de Koré (o Palazzo del Leoni, em Veneza), também relembra o assassinato de Inês de Castro.

Para Camões, o destino de Inês de Castro —ser rainha após a morte— é uma miniatura da ressurreição de Portugal. Os versos antológicos deixam evidente a relação: "Assim como a bonina [pequena flor], que cortada/ Antes do tempo foi, cândida e bela, Sendo das mãos lascivas maltratadas/ Da menina que a trouxe na capela,/ O cheiro traz perdido e a cor murchada:/ Tal está, morta, a pálida donzela,/ Secas do rosto as rosas, e perdida/ A branca e viva cor, com a doce vida".

A donzela é a mesma, sem dúvida, e ela será desdobrada, no decorrer de "Os Lusíadas", no episódio da Ilha dos Amores; terá suas ressonâncias no aviso do Velho do Restelo; na profecia do Gigante Adamastor; e na releitura do martírio de São Tomé (numa evidente simetria com o de Inês de Castro).

Também joga sua sombra na revelação final —semelhante mais a um desejo—, com o surgimento da "máquina do mundo", que enfim resolveria os tormentos do pesadelo da história.

Porém, o próprio poeta reconhece que isso tudo também se tornou impossível, ao perceber os limites da sua linguagem ("No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho/ Destemperada e a voz enrouquecida,/ E não do canto, mas de ver que venho/ Cantar a gente surda e endurecida."). É então que ele apela para o supremo erro dos homens de letras: o da expectativa apocalíptica.

Camões e Pound foram carrascos (e vítimas) desta "vertigem das palavras". Trata-se de uma expectativa na qual o tempo em que vivemos é apenas um hiato, uma brecha entre um momento passado, o surgimento de Cristo como o Messias, e um momento futuro, quando Portugal (ou qualquer outro país) seria por definição o Reino Cristão que guiaria o resto da humanidade para uma época de mil anos, repleta de paz e prosperidade, até o dia do Juízo Final.

Os dois poetas tinham plena certeza de que, enquanto este tempo existir, somos como doentes, enfermos que não fazem sequer o possível para que o futuro tenha a sua plenitude. A enfermidade, para eles, é de amor.

O remédio só pode ocorrer por meio de um amor místico, aparentemente destacado da realidade das coisas passageiras, mas também capaz de impulsionar Camões e Pound a defenderem ações bem decisivas e diretas.

No caso do primeiro, a ação de aconselhar, no final de "Os Lusíadas", ninguém menos que dom Sebastião a partir para a batalha de Alcácer-Quibir, ocorrida em 1578, numa atitude desastrosa que o transformaria no "Encoberto", ao desaparecer sem deixar vestígios. E no segundo, defender o duce italiano Benito Mussolini. Para eles, ambos seriam os monarcas simbólicos que enfim retornariam e liderariam a Europa à "paz de Cristo".

Já no final da vida, na década de 1970, Ezra Pound é resgatado do Hades, que construiu para si mesmo, pela donzela Perséfone: "O que amas de verdade,/ o resto é escória/ O que amas de verdade não te será arrancado/ O que amas de verdade é tua herança verdadeira/ Mundo de quem, meu ou deles/ ou não é de ninguém? Veio o visível primeiro, depois o palpável/ Elísio, ainda que fosse nas câmaras do inferno,/ O que amas de verdade é tua herança verdadeira/ O que amas de verdade não te será arrancado" (tradução de Augusto de Campos).

A vertigem das palavras que contaminou Camões e Pound é o centro subterrâneo que anima até hoje a tensão entre civilização e civilidade.

Nos nossos dias, por exemplo, até mesmo um pensador brasileiro perspicaz como Roberto Mangabeira Unger cai neste equívoco, ao defender, em seu tratado "A Religião do Futuro" (Leya), uma transcendência que seja uma "luta contra o mundo", na contramão de todas as revoluções que ocorreram na experiência religiosa da humanidade, o que implicaria uma mudança radical em "nossas relações com outras pessoas, não automática ou necessariamente, mas pelo esforço conjunto da imaginação e da vontade".

Contudo, a grandeza visionária de Camões —e é isso que falta aos seus intérpretes modernos— está no conhecimento de que a imaginação (ou a vontade do poeta) não é suficiente para retirar Perséfone do inferno e, assim, ressurgir a primavera de todo um país. É necessário buscar um outro mito, complementar ao da donzela do submundo, mas que também seja a ascensão além destas forças sombrias. Estamos falando, é claro, da história de Orfeu.

Este relato, também narrado em minúcias por Ovídio nas "Metamorfoses" (livro 10), fala do poeta-cantor que, apaixonado pela sua noiva, Eurídice, morta prematuramente, vai ao Hades para resgatá-la. Ele faz um acordo com ninguém menos que Perséfone —e esta aceita devolver Eurídice ao mundo dos vivos, desde que o poeta retornasse à superfície sem olhar para trás.

Infelizmente, o combinado não é cumprido, e Eurídice retorna ao inferno. Desolado, Orfeu canta sua tristeza para quem quiser ouvi-lo, até ser destroçado pelas Bacantes (seguidoras do deus Baco) em um rio e ter seu corpo espalhado pelo globo terrestre. Daí surgiu o conhecimento das artes, entre o da poesia, segundo alguns testemunhos.

Camões recria este drama ao seu modo em um dos seus poemas derradeiros, a célebre redondilha "Sôbolos Rios". É uma das sínteses mais perfeitas da arte ocidental.

Ela amarra o mito órfico com a trajetória do próprio poeta, fazendo a ponte entre o paganismo clássico, o Renascimento e o mundo judaico-cristão além de redimi-lo de sua desastrosa expectativa apocalíptica.

Há o exílio em Babilônia, a esperança de viver para sempre em Sião (Jerusalém), mas, no meio deste "desconcerto", há também a meditação sobre "aquele instrumento ledo/ [que] deixei da vida passada,/ dizendo: – Música amada,/ deixo-vos neste arvoredo,/ à memória consagrada.// Frauta minha que, tangendo,/ os montes fazíeis vir/ pera onde estáveis, correndo,/ e as águas, que iam descendo,/ tornavam logo a subir,[...]". Esses instrumentos (variantes da lira de Orfeu) são a própria obra de Camões, que aceitou outro impossível: o de que a perfeição da arte jamais reformará a precariedade da vida.

O que lhe resta é a lembrança de uma civilização que não existe mais, de uma Perséfone que nunca conseguirá se libertar do Hades. Neste ponto, a única alternativa é ser Orfeu, vitorioso no inferno, mas despedaçado no mundo dos vivos.

Como bem escreveu C.S. Lewis a respeito de outro épico gêmeo a "Os Lusíadas" —"Prefácio ao Paraíso Perdido", sobre a obra de John Milton, lançado agora no Brasil—, a arte deste tipo de poesia é "eminentemente civil". Não se trata de ser "civilizada", pois o poder e a luxúria vulgares "perverteram essa palavra além de qualquer redenção", justamente o ruído que há nos intérpretes modernos de Camões.

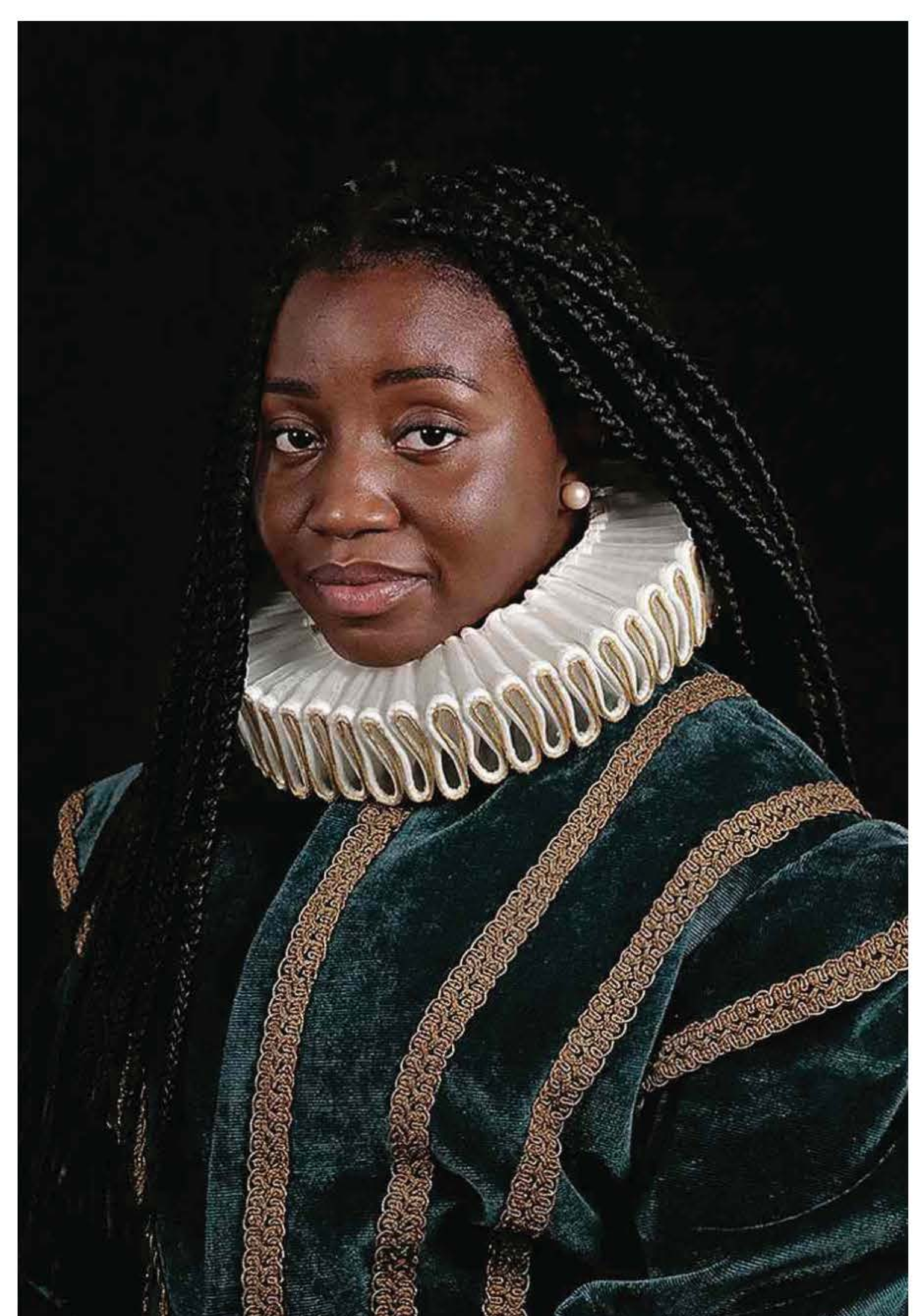
A arte do lusitano "é civil no sentido de que ela pressupõe naqueles que desejam fruí-la alguma disciplina em boas letras e boas 'maneiras'. Ela demanda que nossas paixões meramente naturais já tenham sido organizadas nas 'atitudes mentais' preferidas por estados democráticos ordenados e magnânimos", recusando assim a "luta contra o mundo" defendida por Mangabeira Unger e outros.

Na verdade, o horror à civilização e à civilidade sempre esconde um outro mito que rivaliza com os de Perséfone e de Orfeu: o de Prometeu, responsável por roubar o fogo sagrado do Olimpo. Assim, o historiador Amin Maalouf acerta quando afirma, em seu elucidativo "O Labirinto dos Desgarrados", que vivemos em um "esgotamento do mundo", onde tudo perdeu o seu sentido perene.

E é por isso que precisamos, mais do que nunca, recuperar a experiência visionária de Camões. Será ele, na sua descida ao Hades, que nos ajudará a cometer outro ato impossível —o de sobrevivermos à nossa própria arrogância. ←

Luís Vaz de Camões

Nasceu em 1524, em dia e mês desconhecidos. Pouco se sabe também sobre sua vida. Teria recebido na juventude uma sólida formação nos moldes clássicos, dominando latim, literatura e história antigas. Segundo relatos, levou uma vida boêmia e turbulenta. Em razão de um amor frustrado, autoexilou-se na África, alistado como militar, onde perdeu um olho em batalha. Depois partiu para o Oriente, onde enfrentou uma série de adversidades, foi preso várias vezes, combateu ao lado das forças portuguesas e iniciou sua obra mais conhecida, a epopeia "Os Lusíadas", publicada em 1572. Morreu em 10 de junho de 1580, pobre e isolado. Nas décadas seguintes, contudo, consolidou-se como o principal nome da literatura em língua portuguesa



Portuguesa posa com roupas e posição idênticas a de quadro icônico de Camões, projeto do fotógrafo João Francisco Vilhena Divulgação

Os rostos de Camões

[RESUMO] Imagens de Camões tornaram-se tão icônicas na cultura portuguesa quanto seus versos, popularizadas por uma marca que ganhou ares pop: a ausência do olho direito —ou seria o esquerdo? Idealizador de exposição em homenagem aos 500 anos do poeta comenta os enigmas que cercam essas imagens e o que elas revelam de todos nós que falamos português

Por João Francisco Vilhena
Fotógrafo e idealizador da exposição "O Rosto de Camões", em cartaz em Coimbra até 31/8

O que é a arte? O que é a criação? A arte é, de certo modo, a origem simultânea do artista e da criação. A arte encontra-se na concepção. A arte é o invento da humanidade, espelho do ser humano e da sua capacidade criativa, enquanto ser pensante e gerador de ideias, crenças e valores religiosos, políticos, simbólicos, marcados nas memórias, pela vida e morte.

O retrato como criação artística é das manifestações de arte mais importantes que existem, desde a Antiguidade até à época contemporânea. A figura humana é o centro e a representação de tudo, numa verdadeira evocação da alma.

Será que vislumbramos a alma de Camões em algum dos seus retratos? As primeiras imagens do poeta chegam-nos através do livro impresso e da gravura em metal. Será que esses retratos nos ajudam a refletir sobre o seu rosto? Para encontrar a essência da alma do poeta, procuramos a obra real e perguntamos-lhe: o que é e como é.

Os retratos mais antigos, que nos são dados a conhecer, encontram-se na obra "Discursos Vários Políticos", 1624, de Manuel Severim de Faria, onde o rosto de Camões é representado numa gravura. Na mesma obra encontramos, ainda, uma descrição do nosso poeta: "Foi Luís de Camões de meã estatura, grosso e cheio do rosto, e algum tanto carregado da fronte, tinha o nariz comprido levantado no meio, e grosso na ponta; afeava-o notavelmente a falta do olho direito, sendo mancebo teve o cabelo tão louro, que tirava o açafroado".

Quinze anos mais tarde, em 1639, a cegueira do poeta é transferida para o olho esquerdo na gravura de Pedro de Villafranca, publicada na obra "Lusíadas Comentadas", da autoria de Manuel de Faria e Sousa. De que modo a leitura deste retrato, da gravura do artista espanhol, interfere no nosso imaginário e como esse olhar atua sobre o mistério da iconografia camoniana?

Na Biblioteca da Ajuda, cuja origem remonta ao século 15, encontramos uma hipotética resposta a este enigma: um retrato de Camões, feito à pena, por Faria e Sousa, considerado à época uma das melhores plumas da Europa, no qual Villafranca se baseou para executar a sua gravura.

No desenho de Faria e Sousa, também faltava o olho direito. Pode ser que o pintor, procurando ser rigoroso na cópia da gravura transposta para a chapa de seu livro, tenha se esquecido de que a reprodução resultava no seu inverso. Ou pode ser que a gravura de Villafranca fosse uma tentativa de corrigir o desenho de Faria e Sousa, que seria uma cópia, e não o original.

A exposição é um manifesto fotográfico onde todos os retratados, de tons de pele, idades e sexos diferentes, se unem pela gola branca camoniana e nos revelam a luz, bela e tranquila, dos seus rostos, em uma unidade humanista e linguística

Parece não ter fim a ciranda misteriosa a respeito do rosto de Camões. Sabemos que o retrato em que Faria e Sousa se baseou para fazer o seu desenho é a gravura de A. Paulus, impressa em "Discursos Vários Políticos", que pode ter sido, também, baseada em retrato encomendado pelo padre Manuel Correia, amigo e comentador da obra de Camões. Esta gravura é o ponto de partida para a criação do modelo de imagem do poeta que nos acompanha até hoje.

Nos 500 anos da morte de Vasco da Gama (1469-1524), o navegador português que abriu um novo caminho marítimo para a Índia, celebram-se, também, os 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões. O poeta morreu em 10 de junho, quando se comemora o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

É curioso que duas datas tão significativas de ícones portugueses se cruzem neste ano de 2024. "Os Lusíadas", obra maior de Camões, canta as aventuras do povo lusitano e de Vasco da Gama.

O poema da grandeza de Portugal, contudo, é simultaneamente o início da sua decadência. Dom Sebastião morreu na batalha de Alcácer Quibir (4 de agosto de 1578) e Camões, em 1580, ano da crise dinástica e do nascimento do mito do sebastianismo. Portugal perdeu então a sua independência durante 60 anos, e a União Ibérica foi regida pela dinastia filipina.

Refletindo sobre todos esses aspectos, elaborei a exposição "O Rosto de Camões", reflexão pessoal, em forma de imagem fotográfica, inspirada no célebre quadro sobre o poeta: o retrato pintado a vermelho, gravura a buril, cópia do original que se encontra perdido, de autoria de Fernão Gomes, pintor português de origem espanhola, adquirido pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, em 1988, para o estado Português.

Este desenho a sanguínea estima-se que tenha sido feito entre 1573 e 1576. Pensa-se igualmente que é deste retrato que Camões se refere nas suas redondilhas: "Retrato, vós não sois meu; / Retrataram-vos mui mal; / Que, a serdes meu natural, / Fôreis mofino como eu."

Partindo deste quadro, onde o poeta é representado, melancolicamente, na tradição da pintura maneirista, concebi dez retratos, a cores, de dez figuras anônimas, com diversas idades e diferentes origens, de territórios de língua portuguesa.

Cinco homens e cinco mulheres, jovens e adultos, vestidos com gibões e a gola de Camões, a gorjeira branca, peça de vestuário utilizada por homens, mulheres e crianças, desde meados do século 16 ao 17. Parti do conceito de que todos somos Camões.

O número dez é o ponto de partida para o meu ensaio fotográfico. "Os Lusíadas" têm dez cantos e, tal como a "Odisseia" de Homero, o poema épico de Camões é composto por cinco partes.

O cinco é o símbolo do homem e do universo, da ordem e da perfeição. Dez é o número de conclusão e renovação, reflete a conexão entre o mundo material e espiritual; dez são os territórios onde se fala português: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

A fotografia é responsável pela reinvenção do olhar e da experiência sensorial, através da projeção de memórias e novas representações dessas mesmas memórias. A ideia que o ser humano tem de si está intimamente ligada à imagem que reconstrói com a realidade.

Neste período de angústia existencial e de uma profunda crise de valores sociais e culturais, é necessário criar condições para o surgimento de uma nova realidade baseada em uma dimensão verdadeiramente humanista, virada para todos, sem exclusão da cor, gênero, sexualidade ou idade.

"O Rosto de Camões" é um manifesto fotográfico onde todos os retratados, de tons de pele, idades e sexos diferentes, se unem pela gola branca camoniana e nos revelam a luz, bela e tranquila, dos seus rostos, em uma unidade humanista e linguística.

As relações humanas são uma mistura de bênção e maldição. Nestes tempos de individualização, a solidão é a grande ameaça da sociedade; o diálogo e a comunicação estão-se a perder. Temos por isso de "roçar a língua de Luís de Camões" e ter na voz de Camões "a voz de todos nós". ←

Um símbolo universal

[RESUMO] Representação das conquistas do passado, da resistência às adversidades do presente e da promessa de futuro glorioso, Camões foi apropriado por diversos grupos políticos para simbolizar valores portugueses

Por ***José Manuel Diogo***
Diretor da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Brasileira, é fundador da Associação Portugal Brasil 200 anos

Quaisquer que fossem as ideologias dominantes ao longo da história, Camões sempre mereceu admiração e respeito de todos os quadrantes políticos. Monárquicos liberais ou absolutistas, republicanos democratas ou ditadores, todos viram (veem) nele a personificação do melhor de Portugal. Sua obra transcende as fronteiras do tempo e da política, consolidando-se como um pilar da identidade lusa.

Luís de Camões, nascido há 500 anos, é frequentemente considerado o maior escritor de língua portuguesa e um dos maiores da literatura mundial. Sua maestria na arte poética, combinada com uma profunda compreensão da história e da mitologia, criou uma obra que se confunde com os valores e a alma do povo português.

"Os Lusíadas" não é apenas uma epopeia que narra as aventuras dos navegadores portugueses, mas também uma reflexão sobre a grandeza e as dificuldades de Portugal, suas glórias e suas tragédias, servindo a todos os grupos políticos como príncipe perfeito e garoto de propaganda.

Para os monárquicos, simboliza a glória do império português, exaltando a bravura e a determinação dos navegadores que desbravaram mares desconhecidos e estabeleceram um vasto império ultramarino. Sua poesia era vista como um tributo à nobreza e à coragem dos portugueses, características que a monarquia procurava perpetuar.

Os liberais, por outro lado, encontravam em Camões um espírito de resistência e liberdade. Uma vida atribulada, marcada por exílios e dificuldades, refletia a luta pela autonomia e pelos direitos individuais. "Os Lusíadas", com suas críticas veladas à tirania e à corrupção, inspirava aqueles que lutavam por reformas e pelo progresso.

Para os republicanos, Camões representava uma nova era. Eles reinterpretavam sua obra à luz dos ideais de igualdade e fraternidade, vendo nele um precursor dos valores republicanos. A habilidade do poeta em capturar o espírito do povo português e suas aspirações tornava-o um ícone da causa republicana.

Mesmo os regimes ditatoriais encontraram nele um recurso para promover o nacionalismo e a unidade. A exaltação das conquistas marítimas e a ideia de um destino glorioso para Portugal eram usadas para fortalecer a coesão nacional e a identidade coletiva.

De toda forma, sua obra sempre serviu como fonte de inspiração e orgulho para os portugueses. Ele representou e ainda representa o ideal de um país valente, resiliente e destinado a feitos grandiosos. Ao mesmo tempo, sua poesia não celebrava apenas um passado glorioso, mas também sugeria um sentimento de esperança e determinação para o futuro. Nenhum político faria melhor.

Mas o que tinha esse homem, que nasceu em dia desconhecido e morreu na miséria, para que, tantos séculos depois, ainda continue a convocar paixões, a suscitar metáforas, a reclamar passados e, sobretudo, a constituir-se como um símbolo para milhões de falantes da língua portuguesa?

Sua vida e obra possuem elementos que explicam essa duradoura relevância e inspiração, começando pelo mistério em torno de sua biografia. A falta de informações precisas contribui para a criação de uma aura quase mítica ao seu redor. Nascer em data e local incertos e morrer na miséria reforçam a imagem de um gênio incompreendido em vida, mas eternamente glorificado pela posteridade.

"Os Lusíadas" é uma epopeia monumental. Experimente ler em voz alta. O texto, que celebra as aventuras marítimas de Portugal e a descoberta do caminho para a Índia, está escrito com uma maestria técnica e uma profundidade de pensamento inigualáveis, capturando a essência da nação e sua identidade, tornando-se um marco na literatura mundial.

Além de "Os Lusíadas", a lírica de Camões, com sonetos, éclogas e outras composições, revela um homem de sensibilidade apurada com uma capacidade de expressão que toca profundamente as emoções humanas. Seu domínio da língua portuguesa e a beleza de seu verso transformaram-no no padrão pelo qual a literatura em português é frequentemente medida. O poeta é capaz de capturar a experiência humana em suas mais diversas facetas, desde o amor e a saudade até a luta e a esperança.

Camões também é um exemplo de resistência e perseverança. Sua vida atribulada, cheia de adversidades, desde o exílio até a prisão, passando pela pobreza, reflete a luta e a resiliência. Isso faz dele uma figura identificável para muitos que enfrentam dificuldades e, ainda assim, aspiram a grandes feitos. Representa a capacidade de triunfar sobre a adversidade por meio do talento, da dedicação e da paixão.

Era inevitável que a política se aproveitasse desse legado. Durante o período do Estado Novo, o regime de Salazar utilizou "Os Lusíadas" para promover uma visão nacionalista e imperialista de Portugal, exaltando o heroísmo e as conquistas dos navegadores como provas de grandeza nacional.

No século 19, durante a Regeneração, os liberais e republicanos, como já citado, também se apropriaram da imagem de Camões para difundir a ideia de um Portugal moderno e progressista. A propósito das celebrações do tricentenário da sua morte, em 1880, destaca-se o poeta como símbolo nacional e instrumento ideológico para os republicanos.

Teófilo Braga —autor de uma história de Camões, um dos principais arquitetos das comemorações e primeiro presidente da futura República portuguesa—, valeu-se de sua figura para promover a "revivescência" nacional e o patriotismo, celebrando o poeta como um ícone da liberdade e da soberania, "especialmente nas revoluções de 1640, 1820 e 1910".

Descreveu "Os Lusíadas" como um bastião da tradição e da moralidade portuguesa, essencial para a regeneração da pátria.

Em nossa era de conectividade global, Camões é referência para todos os falantes da língua. Sua obra unifica, servindo, mesmo quando evidencia diferenças e alimenta polêmicas, como uma ponte cultural que conecta pessoas em diversos países e contextos. Em um mundo cada vez mais interconectado, ele representa a riqueza e a diversidade da cultura portuguesa, assim como a força unificadora da língua.

Camões não é apenas um pedaço de história ou uma memória póstuma; é um ícone cultural vivo que encapsula o espírito da lusofonia e que, nas comemorações que a Associação Portugal Brasil 200 anos lhe dedica em Portugal e no Brasil, surge de múltiplas formas.

É o "estranho estrangeiro" que inspira intelectuais de países de língua oficial portuguesa a virem debater em Coimbra o que o legado do poeta representa hoje em temas como colonialismo, xenofobia e reparação.

Ele é o rosto que cabe em todos os lugares e todos os tempos. Na exposição "O Rosto de Camões", João Francisco Vilhena procurou esse sujeito em 10 pessoas anônimas, oriundas de 10 lugares, uma de cada um dos 10 territórios que hoje têm o português como língua oficial e, com elas, estilhaçou os conceitos de nacionalismo e xenofobia que ao longo do tempo se colaram à pele do poeta.

Com armas e palavras, se Camões fosse vivo hoje, seria o poeta de slam. O duelista de rua. O espadachim e o prisioneiro, o soldado e o fugitivo, o imigrante e o arrependido, o herói e o pobre, o fidalgo e o foragido, o vencedor e o derrotado, o amante e o enganado, o poeta e o político.

Substrato e hipertexto de uma nação impossível, promessa de um quinto império que nunca se há de cumprir, mas a qual não se pode escapar, Camões é o símbolo mais forte e universal de uma estranha forma de ser que habita em todos os falantes dessa língua que, como um ser vivo, se reclama "dele" para ser nossa. ←



Javier Milei (esq.) e manifestantes (dir.) durante cerimônia de comemoração, em Córdoba, da independência da Argentina Fotos Diego Lima - 25.mai.24/AFP

À espera do apoio dos céus

[RESUMO] Apesar do duríssimo ajuste fiscal, de cortes em programas sociais e da queda de renda da população, Javier Milei, que completa seis meses na Presidência argentina, mantém um grau de aprovação inimaginável quando assumiu. O governo, no entanto, enfrenta riscos de descontrole do câmbio, falta de apoio no Congresso e indigência administrativa. Se não aproximar a inflação da marca de um dígito anual e nem promover a recuperação da economia, escreve autor, o presidente ultraliberal sofrerá quando a maré política virar

Por **Fabio Giambiagi**
Economista especialista em finanças públicas e previdência social. Autor, entre outros livros, de 'Tudo Sobre o Déficit Público'

Zeitgeist é um termo alemão que significa o espírito de um tempo histórico. Um símbolo do zeitgeist argentino atual é o que aconteceu no Luna Park há poucos dias, quando Javier Milei, no seu papel de showman e dublê de presidente, apresentou seu novo livro e deu uma aula de duas horas antes de se fantasiar de roqueiro.

Na aula, com ares de chefe de seita, misturando menções a autores da Escola Austríaca que nenhum dos seguidores fanáticos que uivavam seu nome deve ter lido e com alusões pejorativas à "casta política", em um determinado momento criticou Keynes, talvez o economista mais famoso do século 20.

Foi o que bastou para que 5.000 jovens, em estado de catarse e ignorando quem era o personagem, berrassem: "Key-nes, la-drão! Key-nes, la-drão!", quiçá acreditando que se tratava de algum político envolvido em alguma falcatrua.

Há duas frases-chave para entender a Argentina hoje. A primeira é de um antigo poema de Jorge Luis Borges, que escrevendo sobre Buenos Aires e seus habitantes, diz que "no nos une el amor, sino el espanto/ será por eso que la quiero tanto". Esses versos foram utilizados muitas vezes por analistas locais para explicar alianças entre adversários em função da existência de um inimigo comum.

A segunda é de Julio María Sanguinetti, ex-presidente uruguaio que, depois da vitória de Milei, disse, com sabedoria de octogenário, que "só pode haver uma coisa pior para a Argentina que a vitória do Milei: seu fracasso".

Milei ganhou as primárias com 30% dos votos e a eleição com 55%: os dele e 25% "emprestados" por um eleitorado antiperonista que topava qualquer negócio para acabar com a hegemonia kirchnerista. Hoje, com seis meses de um ajuste duríssimo em curso, esse eleitor que fez leasing em favor de Milei pode estar não gostando da gestão atual.

Entretanto, quando ele vê os sindicalistas —um mais rico que o outro— fazendo duas greves gerais em seis meses —quando ficaram fazendo cara de paisagem durante todo o governo de Alberto Fernández, em que pesem os problemas da época— e Cristina Kirchner reaparecendo com sua figura espectral, fecha os olhos e, quando inquirido nas pesquisas, responde que apoia o governo e que ele ainda merece crédito, "porque si no vuelven los que estaban antes" (leia-se: "os que destruíram o país").

No Brasil, dizia-se em 2002 que a esperança venceu o medo. Na Argentina, o pânico alimenta a esperança. Pânico de que o governo fracasse, quando tem ainda sete semestres pela frente e sem alternativas claras contra ele. Nas palavras do jornalista Morales Solá, "o vazio é o principal aliado de Milei". Junto com a torcida de que "dessa vez as coisas darão certo, porque é um governo diferente".

Panorama em dezembro

Quando Macri passou o bastão a Fernández em 2019, a última transmissão de mando de um presidente argentino civil não peronista democraticamente eleito que ocorrera na data prevista na sua posse se dera em 1928.

Depois dos golpes contra Frondizi e Illia, da saída apressada de Alfonsín em um país devastado pela hiperinflação em 1989 e do colapso do governo De la Rúa em 2001, com sua fuga de helicóptero diante de uma praça de Maio enfurecida que ameaçava tomar a Casa Rosada, o grande feito de Macri foi concluir o mandato, apesar das cassandras do "clube do helicóptero" que vaticinavam para ele o mesmo destino que o de De la Rúa.

Como foi difícil chegar ao fim! Isso com um presidente que tinha sido duas vezes prefeito da maior cidade do país, comandava um partido nacional e estava alicerçado em uma coalizão com uma força respeitável.

Com esse retrospecto e dado que Milei tinha uma base de apoio de apenas 38 deputados em 257, nenhum governador nas 24 províncias do país e nenhum apoio até então relevante nas bases de sustentação tradicionais na Argentina —os sindicatos, o campo, os militares, a Igreja etc.— era compreensível que não poucos analistas temessem uma rápida debacle do presidente sem base partidária.

Acresça-se a isso uma inflação que, nos 12 meses antes de ele assumir, estava em torno de 160% e ficarão claras as razões do ceticismo acerca das suas chances que reinava entre muitos analistas na sua posse, em dezembro. Foi nesse contexto que "Pepe" Albistur, homem de negócios amigo de Alberto Fernández e esposo de uma conhecida política peronista, no verão, na praia, disse às gargalhadas sua frase golpista de que o governo Milei era "como a Páscoa: não sabemos se cai em março ou em abril".

O "lado cheio do copo"

Passado maio e com Milei firme, o governo pode exibir quatro trunfos. O primeiro é poder afirmar, como na velha frase do teatro espanhol, que "os mortos que você mata estão bem de saúde". O segundo é ter exibido um superávit nominal das contas públicas nos primeiros quatro meses do ano. O terceiro era, até meados de maio, um dólar paralelo "planchado" (parado) em níveis similares aos de dezembro, acompanhado de outros indicadores financeiros positivos, como uma forte queda do risco-país, embora no final de maio tenham ocorrido solavancos. Quarto, o mais importante, uma trajetória declinante da inflação mensal nos primeiros cinco meses do ano.

Com efeito, a inflação de dezembro, de estonteantes 25%, foi sucedida por taxas de 21%, 13%, 11% e 9% nos meses de janeiro a abril, respectivamente, com nova queda esperada para o intervalo entre 4% e 5% em maio. Para um país no qual, em outros episódios de

Continua na pág. C9



Continuação da pág. C8

desvalorização inicial da taxa de câmbio oficial, a inflação tinha tido uma trajetória em espiral, escalando rumo a taxas estratosféricas, é uma diferença e tanto.

A explicação de que o estrito controle fiscal é o que está determinando o sucesso da política atual vis-à-vis experiências anteriores pareceria, aparentemente, convincente. Cabe adicionar a isso algo que me foi dito, elogiosamente, por um amigo argentino: "Milei conseguiu a proeza de instalar o debate sobre a necessidade de combater o déficit público em um nível que agora virou tema de conversa de barbearia".

Problemas acumulados

"Eppur si muove" (entretanto, se move), disse Galileu, premido a declarar que a Terra era o centro do universo em torno do qual girava todo o resto. "Eppur non si muove", poderia dizer um crítico daqueles dados, apontando para os sinais de uma economia estagnada.

A rigor, seria uma crítica light, pois longe de "non si muovere", a produção argentina despencou —o outro lado da moeda da desinflação. A indústria e a construção mostraram recentemente quedas interanuais frente aos mesmos meses de 2023 da ordem de 20% e 40%. São níveis de contração dignos de pandemia.

Claro que os serviços servem como elemento amortecedor, mas mesmo assim o índice dessazonalizado da estimativa mensal de atividade econômica exibiu em março a sua sétima queda consecutiva. Mais ainda: essa variável, uma prévia do PIB, indica que o "carry-over" para o ano, ou seja, o número anual na hipótese do último dado disponível se conservar constante até dezembro, será de quase 5% negativos.

Isso em um ano em que a recuperação intensa da agricultura, após a pior seca dos últimos cem anos, deveria augurar um número bom, como no Brasil em 2023, puxado pela taxa fortemente positiva do agro.

A recessão é apenas o primeiro ponto de uma longa lista de problemas e dúvidas que vão se acumulando. A seguir, um resumo deles.

(1) Atraso cambial. Depois da maxidesvalorização inicial, o Banco Central instrumentalizou uma desvalorização nominal de 2% ao mês. É verdade que a inflação cedeu muito mais rapidamente que todos pensavam, mas o fato é que, dado o salto da taxa real no primeiro dia de governo, desde então o câmbio nominal oficial se desvalorizou 2% todos os meses, contra uma inflação que começou em 25% e depois foi caindo, mas em níveis ainda altos.

Isso significa que o câmbio real sofreu uma forte apreciação posterior ao dia da posse, processo que continuará nos próximos meses. Essa é uma história que tanto a Argentina quanto o Brasil conhecem muito —quando as autoridades se enamoram do câmbio apreciado— e que, em geral, não acaba bem. Como diz o economista Roberto Cachanosky, "na Argentina ter um atraso do câmbio é como o filme 'Casablanca': você pode assistir dez vezes, mas o final será sempre o mesmo".

(2) Pedaladas fiscais. É verdade que o governo conseguiu um superávit fiscal no primeiro quadrimestre do ano, mas ele obteve esse resultado não só às custas de uma violenta queda do valor real de todas as aposentadorias —inclusive as de menor valor— como também com diversos calotes, deixando de transferir recursos às províncias com interpretações de legalidade duvidosa ou "pedalando" despesas com entidades privadas, o que não é muito elegante para um governo que defende o "laissez faire".

A essas empresas, o ministro da Economia, Luis Caputo, utilizando o método do "devo, não nego, pago quando puder", impingiu a quitação da dívida acumulada já no governo atual mediante a entrega de títulos cujo valor de mercado é de 50% do valor de face —o que o jargão financeiro qualifica como "default". É por isso que as dúvidas sobre a sustentabilidade fiscal não conseguem ser dissipadas.

(3) Tolerância social. Que o governo conseguiu um grau de aceitação inimaginável no passado é algo que até os seus críticos reconhecem. A dúvida de todo o espectro partidário é: até quando?

Toda política, para ser bem-sucedida, precisa de dois elementos: uma temporalidade dos eventuais sacrifícios e uma perspectiva de futuro. Um aposentado cujo valor real dos rendimentos caiu 30% pode aguentar se tiver a confiança de que verá um país melhor, mas não conservará a docilidade se um ano depois não tiver uma percepção de progresso.

Isso vale para toda a lista de prejudicados pelo ajuste: indivíduos que recebiam "planos sociales", assalariados, funcionários públicos, micro e pequenas empresas etc. "O pior inimigo de Milei é o tempo", diz o consultor Gustavo Córdoba.

(4) Percalços legislativos.

Um aposentado cujo valor real dos rendimentos caiu 30% pode aguentar se tiver a confiança de que verá um país melhor, mas não conservará a docilidade se um ano depois não tiver uma percepção de progresso

No Brasil, já vivemos a experiência de quem fazia política levando a plateia ao delírio ao xingar os outros. Não se revelou a melhor estratégia para vencer a eleição seguinte. Milei vai pelo mesmo caminho, com um detalhe: ele carece de um centrão para socorrê-lo, se e quando as pesquisas deixarem de lhe sorrir

Até maio, o governo Milei foi composto de indivíduos com enorme estridência, mas sem a mesma habilidade para transformar sua contundência verbal em leis. Parece um time que opera com dez atacantes trombadores, com um treinador que esqueceu de escalar o meio-campo e a defesa.

(5) Gestão. Um governo não existe apenas para reduzir a inflação. Ele precisa mostrar outros resultados. Nesse sentido, a nova administração se aproxima da indigência. Nas palavras do jornalista Jorge Fernández Díaz, a inépcia passa a impressão de que ao governo "se le escapa la tortuga".

É um caos administrativo, com gente amadora nos mais diversos órgãos, ocupados por pessoas que não têm a menor ideia de como funciona o setor público. Só na semana passada, faltou gás veicular por imperícia administrativa e descobriu-se que o governo não estava distribuindo comida para os "comedores populares" estocada havia meses e a ponto de vencer.

À medida que tais deficiências ficam evidentes, a paciência com os erros tende a diminuir. Macri já anda dizendo: "Temos gente competente, mas ele só coloca os 'boludos'".

Tentando ver na bruma

Milei se elegeu com a bandeira da dolarização, que não foi colocada em prática por falta de matéria-prima (dólares). É claro que ter uma inflação mensal de 4% é melhor que uma de 25%, mas 4% ao mês dá 60% ao ano —e Milei não foi eleito para ter como conquista a segunda maior inflação da América Latina depois da venezuelana.

A Argentina está, há anos, sob a vigência do "cepo", um conjunto de restrições à operação com dólares que procura evitar um estouro da divisa norte-americana. Sair do "cepo" é a prescrição de dez entre dez economistas como base de qualquer política destinada a normalizar as relações com o mundo. Ao mesmo tempo, esse movimento precisa ser bem administrado, porque, se for mal calibrado, o dólar pode disparar e o governo "ir para o saco".

Ou seja, as restrições só poderão ser flexibilizadas quando o governo tiver confiança de que, no dia da flexibilização, não acontecerá nada especial com o dólar. Ao mesmo tempo, com "cepo" é muito difícil haver um boom de investimentos. Nos EUA, diz-se que essa é uma situação do tipo "catch 22". Por aqui, "se correr o bicho pega, se ficar o bicho come". Por enquanto, o "cepo" continua.

Avolumam-se os indícios de que o governo começa a se preparar para ir para o tudo ou nada nas eleições para o Congresso em 2025, quando o partido de Milei renovará apenas 2 cadeiras em 257, já que em 2021 o movimento que levou ele à Presidência estava apenas no começo. Milei aspira fazer tábula rasa, eleger uma grande bancada e ampliar seu grau de liberdade.

É uma estratégia que envolve riscos. Primeiro, porque se o seu crescimento se der às custas do partido do Macri, vai trocar seis por meia dúzia, uma vez que esse partido já vem votando com o governo. Segundo, porque em 2021 o peronismo fez uma eleição ruim, sendo pouco provável que perca muitas cadeiras na renovação parcial de 2025 comparativamente às que teve quatro anos antes. Terceiro, porque há dúvidas sobre até que ponto Milei conseguirá conservar o "momentum" se, até lá, a população não tiver tido uma percepção clara de aumento do emprego e do salário real.

Enquanto isso, Milei anda pelo mundo. Se encontra com Trump e diz que torce para ele reconquistar a Presidência —imagine o leitor a graça que isso causa a Biden—, vai à Espanha para um evento do Vox e diz que a esposa de Pedro Sánchez é corrupta, recebe uma premiação em Israel, esteve com Elon Musk etc.

Na globosfera da extrema direita mundial, é um popstar. Como mais de um analista notou, "ele parece mais interessado em ter sua imagem projetada para fora que em resolver os problemas do dia a dia dos argentinos".

Para um futuro indefinido, o governo acena com uma competição entre moedas, um mecanismo que todos entendem como uma forma não declarada de dolarização, mas com contornos por enquanto indefinidos. Não fica claro como evitaria um salto da cotação cambial, se houver livre flutuação.

Se Milei tiver sucesso em uma convertibilidade 2.0, seu partido não só ganhará as eleições de meio de mandato como ele provavelmente será reeleito. Entretanto, se o tempo passar, a inflação não se aproximar de um dígito anual e não houver a recuperação "em V" com a qual ele vem acenando, a fila de gente pronta para esperar por ele "na virada da esquina", no Congresso e no exterior, dará voltas no quarteirão.

Milei age como se estivesse condenado ao sucesso. Se estiver certo, seus inimigos políticos estarão liquidados. Se estiver errado, terá que comer vidro quando a maré política virar.

No Brasil, já vivemos a experiência de quem fazia política levando a plateia ao delírio ao xingar os outros. Não se revelou a melhor estratégia para vencer a eleição seguinte. Milei vai pelo mesmo caminho, com um detalhe: ele carece de um centrão para socorrê-lo, se e quando as pesquisas deixarem de lhe sorrir. Restará ver se, nesse caso, as "fuerzas del cielo" que ele tanto cita acorrerão em sua defesa. ←

Meu sonho é não me incomodarem

Tenho pouco interesse no que você exprime quando está acordado, imagina dormindo

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

É sempre a mesma coisa. Um amigo diz: "Não vai acreditar no sonho que tive ontem". E descreve pormenorizadamente uma situação absurda.

Ele tem dez anos e está na aula de ciências, mas de repente percebe que está todo nu e verifica que a professora é a sua mãe. Ou: está trabalhando e, quando olha à volta, constata que todos os seus colegas são ursos pardos, e ele está todo nu, e um dos ursos é a sua mãe, que também está toda nua. No fim da descrição entusiasmada do sonho, a pergunta sacramental: O que será que significa?

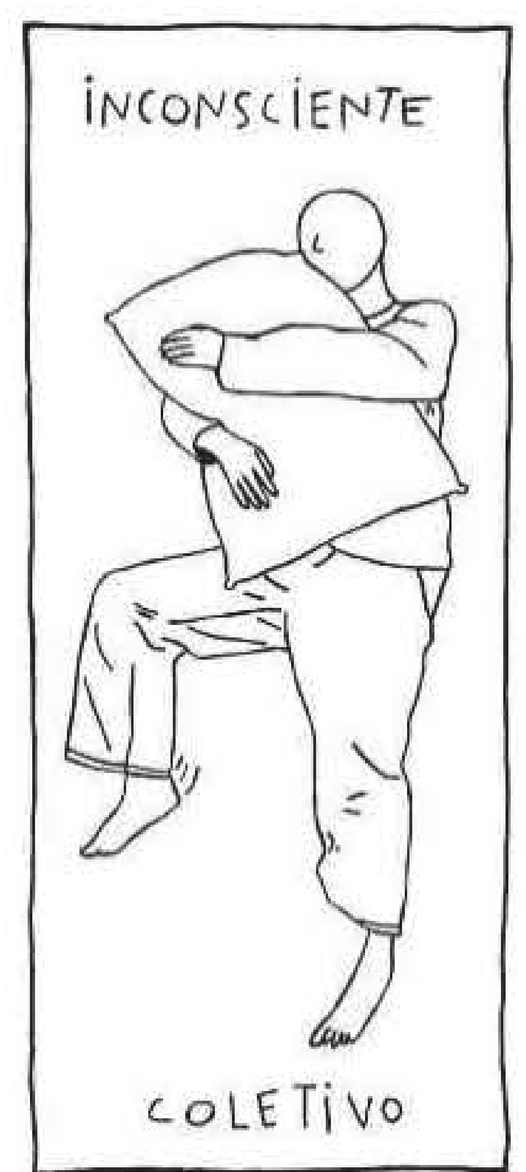
Talvez isso de aborrecer os outros com os seus sonhos não seja a coisa mais grave do mundo, mas tem me deixado cada vez mais irritado. Por isso, quando alguém me descreve enfadonhamente o seu sonho e depois pergunta "o que será que significa?", eu respondo: "Tem sorte, porque eu sei o que significa. Tive umas cadeiras de psicologia na faculdade e desenvolvi uma predileção especial pela interpretação de sonhos".

Curiosamente, e ao contrário do que se costuma pensar, todos os sonhos significam a mesma coisa. Significam que a pessoa que os relata é uma chata, egocêntrica, que está convencida de que os outros têm muito interesse nas excrescenciazinhas que o seu inconsciente gerou.

Pois bem, eu já tenho pouco interesse no que você exprime quando está acordado, agora imagina o que sinto pelo que produz quando está dormindo. Só numa época como esta é que alguém pode ser capaz de imaginar que é muito agradável partilhar com os outros um pedacinho de surrealismo aleatório que o seu cérebro concebeu durante a noite.

Sei que passamos muito tempo considerando tabu os problemas da saúde mental, mas vamos com calma. Concordamos todos que é importante falar de saúde mental, mas há sítios próprios para o fazer, e com gente devidamente habilitada. É igualmente importante falar sobre a saúde física, mas, se vier perguntar qual é a minha opinião sobre três verrugas que tens nas costas, eu também serei incompetente para diagnosticar.

Portanto, não sei. Não sei o que significam os seus sonhos. Se tivesse de apostar, diria que não significam nada. Percebo que está convencido de que é um fascinante enigma que é preciso decifrar, mas vai ter de fazê-lo sem a minha ajuda. Digo tudo isso e depois acordo. O que será que significa?



Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Suspense que se passa em um pub australiano chega ao sob demanda

The Royal Hotel
Prime Video, 16 anos
Thriller psicológico sobre duas mochileiras que ficam sem dinheiro nas férias e começam a trabalhar em um pub, o The Royal Hotel, no meio do nada na Austrália. O local é frequentado por trabalhadores de uma mina perto dali e não demora muito até a situação ficar insustentável para as duas. O filme, estrelado por Julia Garner e Jessica Henwick, foi baseado em histórias reais.

Bonus Track
Max, 12 anos
George, um garoto de 16 anos, sonha em fazer sucesso com sua música, mas ninguém acredita nele. Até que surge o novo aluno, Max, que é filho de artistas famosos, e ajuda George a se preparar para o show de talentos da escola. Os dois acabam se aproximando. O filme é uma comédia romântica jovem.

Conexões da Fé
Aquarius, 16 anos
O diretor indiano Pan Nalin documenta sua viagem ao Khumba Mela, principal festival de hinduísmo na Índia, onde encontra uma criança fugitiva, uma mãe que perdeu o filho, um guru de yoga e um homem santo que o fornece ganja —cannabis.

Festival Salve o Sul
Multishow e TV Globo, 14h30, 10 anos
Festival beneficente com renda para as vítimas das enchentes do Rio Grande do Sul, com transmissão ao vivo pelo Multishow e um compacto na TV Globo. Participações de Luísa Sonza, Pedro Sampaio, Ludmilla, Juliette, Preta Gil, Xand Avião, Lulu Santos e outros.

Amor Além das Grades
Lifetime, 22h50, 14 anos
Reality show que acompanha sete mulheres estrangeiras noivas de homens americanos detidos em prisões dos Estados Unidos. Os romances começaram por correspondência, evoluíram a distância e agora elas têm oportunidade de viajar ao país para encontrar os seus parceiros.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
O programa recebe um dos maiores nomes da música clássica brasileira, o pianista e maestro João Carlos Martins, que lança uma biografia. O maestro, que passou por 29 cirurgias nas mãos, vai falar sobre os planos para voltar a tocar.

QUADRÃO | Laerte



| DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Curadores de diversos países são a aposta da Bienal de São Paulo para 2025

SÃO PAULO A Bienal de São Paulo anunciou o time curatorial completo de sua 36ª edição, que deve acontecer no segundo semestre do próximo ano.

O curador geral da mostra, Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, diretor do Haus der Kulturen der Welt, em Berlim, nomeou como curadores Alya Sebti, Anna Roberta Goetz, Thiago de Paula Souza e Keyna Eleison, que ficam responsáveis pela principal mostra de arte contemporânea do Brasil. Henriette Gallus, que já foi assessora de imprensa da Documenta de Kassel, chefiará a comunicação da edição.

Em entrevista a este jornal, Ndikung disse que a edição vai representar a multiplicidade do mundo e tratar das urgências de se viver nos dias atuais, em diálogo com a última mostra, que, no ano passado, fez história ao ser composta majoritariamente por artistas não brancos.

Alya Sebti é marroquina e dirige a ifa-Galerie, na cidade de Berlim, onde desenvolveu pesquisas e exposições sobre as heranças coloniais nas sociedades contemporâneas. Ela estuda as linguagens artísticas no norte e oeste da África pós-independência.

Sebti também já curou a Manifesta de Marselha em 2020, a Biennale de Dakar em 2018, no Senegal, e foi diretora artística da Marrakech Biennale no ano de 2014, no Marrocos.

A suíça Anna Roberta Goetz pesquisa estratégias artísticas que desafiam hierarquias e narrativas prevalentes na sociedade. Goetz já trabalhou no Marta Herford Museum e no MMK Museum für Moderne Kunst Frankfurt, ambos na Alemanha, e foi curadora assistente do pavilhão da Alemanha na 55ª Bienal de Veneza, em 2013. Nos últimos cinco anos, ela tem se dividido e trabalhado entre a Europa e a Cidade do México.

Thiago de Paula Souza e Keyna Eleison são os brasileiros da equipe. Eleison é especialista em história da arte e foi uma das responsáveis pelo reconhecimento do cais do Valongo como patrimônio mundial da Unesco. Ela foi diretora artística do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Já Souza, que também é cocurador do 38ª Panorama da Arte Brasileira no MAM deste ano, participou da organização de importantes mostras de arte pelo mundo, entre elas a exposição "Some May Work as Symbols: Art Made in Brazil, 1950s-70s", no Raven Row, em Londres, e a 58ª Carnegie International de 2022, nos Estados Unidos.

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO NOS BAIRROS BELÉM



Cultura
Confira ótimas opções para passear com a família
Pág. 2

Acessibilidade
Infraestrutura em mobilidade é uma das melhores da cidade
Pág. 3

Comércio
O bairro tem de tudo e mais um pouco
Pág. 6

Uma vida em um só bairro

Parque Estadual do Belém Manoel Pitta

Fábio H. Mendes/Folhapress

Um dos bairros mais tradicionais da zona leste oferece atrações para todas as idades e clima de tranquilidade raro em São Paulo

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007. Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Alberto Rocha/Estúdio Folha



Museu da Imigração

Eduardo Knapp/Folhapress



Sesc Belenzinho



Parque Estadual do Belém Manoel Pitta

Jacqueline Brizida/Folhapress

Cultura em primeiro lugar

Atrações como o Sesc, Museu da Imigração e Fábrica de Cultura são ótimas opções para passear com a família, com crianças, em casal ou com um grupo de amigos no bairro do Belém

Imagine poder sair para passear, assistir a uma exposição, a um show, ir ao teatro, ver um espetáculo de dança, ou apenas saber mais sobre a cultura de imigração em São Paulo sem sair do bairro?

No Belém é possível. Só o Sesc Belenzinho oferece uma imensidão de atividades todo mês: dança, teatro, exposições, instalações, esporte, atividade física e cineclube são apenas algumas delas.

Com área total de 50.000 m², a unidade conta com piscinas internas e externas, comedoria (famosa pelos preços acessíveis), uma praça com ótimo espaço de convivência, biblioteca, sala de ginástica multifuncional, teatro, consultório dedicado à odontologia, quadras esportivas, espaço para desenvolvimento de tecnologia e artes, ginásio, salas de expressão corporal, espaço para brincar, cafeteria, lanchonete e muito mais.

A programação rotaciona e, por isso, sempre há algo novo em cartaz. Inclusivo e voltado para todos os públicos, o Sesc também oferece aula de introdução à internet para idosos, curso de marcenaria criativa, roda de brincadeiras para crianças, além de outras atividades.

É um excelente pilar comunitário, feito para todas as idades, grupos de pessoas e tipos de família.

Além do Sesc, o bairro do Belém também conta com um pilar de cultura dentro do parque Manoel Pitta. Situada em um dos mais de 200 mil m² do parque, a estrutura conta com a Fábrica de Cultura, o Teatro e Café Concerto, um playground e a Praça do Idoso. A área é destinada a atividades como dança, teatro, música, circo e xadrez.

Com programação extensa para crianças, por vezes recebe grupos que se dispõem a ensinar os pequenos a andar de bicicleta e patins. O parque abre todos os dias, das 6h às 18h, e fica na avenida Celso Garcia, 2593.

Para um passeio educativo, recomenda-se o Museu da Imigração. Um clássico no bairro da Mooca, mantém exibições de longa duração, exposições temporárias e outras programações educativas.

O museu conta a história da imigração no estado de São Paulo, mostra como se deram as relações entre as várias comunidades que aqui chegaram, o primeiro contato dessas pessoas com o Brasil, suas condições de viagem e a adaptação ao novo território. É um espaço de preservação da memória que busca compreender e refletir a respeito do processo migratório.

Conta também com alguns eventos anuais, como a Festa do Imigrante, oficinas e cursos, além de ações online e até lançamentos de livros.

SESC BELENZINHO
R. Padre Adelino, 1000
(11) 2076-9700

PARQUE ESTADUAL DO BELÉM MANOEL PITTA
Av. Celso Garcia, 2593
(11) 3279-7280

MUSEU DA IMIGRAÇÃO
R. Visconde de Parnaíba, 1316
(11) 2692-1866

Um bairro acessível

Infraestrutura em mobilidade faz do Belém uma das regiões mais interessantes para quem precisa se locomover em São Paulo

Uma das maiores dificuldades dos paulistanos se dá logo no começo da manhã, no trajeto casa-trabalho. Quem ainda não pode fazer home office às vezes gasta uma, duas, ou até três horas para chegar ao trabalho. Engarrafamentos, acidentes e imprevistos no caminho podem atrasar a vida de quem mora em São Paulo.

É por isso um privilégio morar em um bairro acessível como o Belém. Com mobilidade ímpar, a região é ladeada por algumas das vias principais da cidade, o que permite que o motorista chegue rapidamente a avenidas ou rodovias que estejam no seu caminho.

Avenida do Estado, Salim Farah Maluf e Alcântara Machado são apenas alguns dos exemplos que facilitam a locomoção para praticamente todas as zonas da cidade.

A marginal Tietê, a rodovia Presidente Dutra e a Ayrton Senna são vias de fácil acesso para quem mora no Belém e precisa se deslocar para fora da região metropolitana, ou para regiões mais remotas. Se for preciso chegar a Guarulhos, também não há problema. O aeroporto fica apenas a 30 minutos de carro, ou 50 minutos de transporte público.

Há também alternativas para quem precisa ir para o ABC Paulista, e apenas 1 hora e 30 minutos separam o bairro do litoral sul.

Se o carro não é uma opção, o bairro também oferece diversas alternativas de transporte público. Ladeado pela linha 3-vermelha do metrô, as estações Brás, Bresser-Mooca e Belém transportam os moradores da região tanto para a Barra Funda, na zona oeste da cidade, como para Itaquera, na zona leste.

A linha vermelha também se conecta com a estação de trem Barra Funda da CPTM, que chega a outros cantos da cidade.

O bairro ainda conta com diversas faixas exclusivas de ônibus, que facilitam o deslocamento por esse modal.

PARA DESESTRESSAR

Passar o tempo no transporte público, ou no carro, por mais ágil que seja, cansa. Praticar um esporte, ou apenas estar em movimento, pode ajudar a saúde mental e o bem-estar depois de um dia estressante no trânsito.

É por isso um privilégio ter um parque como o estadual Manoel Pitta próximo de casa. No coração do Belém, o parque conta com uma ciclovia e uma pista de caminhada, cada uma com 1,5 km de extensão.

As pistas podem ser um ótimo recurso para desestressar, praticar esportes, e tentar relaxar após um dia complicado de trabalho, ou os momentos no trânsito.

Rubens Chaves/Folhapress



Estação Bresser-Mooca

Fibra/Divulgação



Avenida Radial Leste

Robson Ventura/Folhapress



Parque Estadual do Belém Manoel Pitta

EstúdioFOLHA APRESENTA

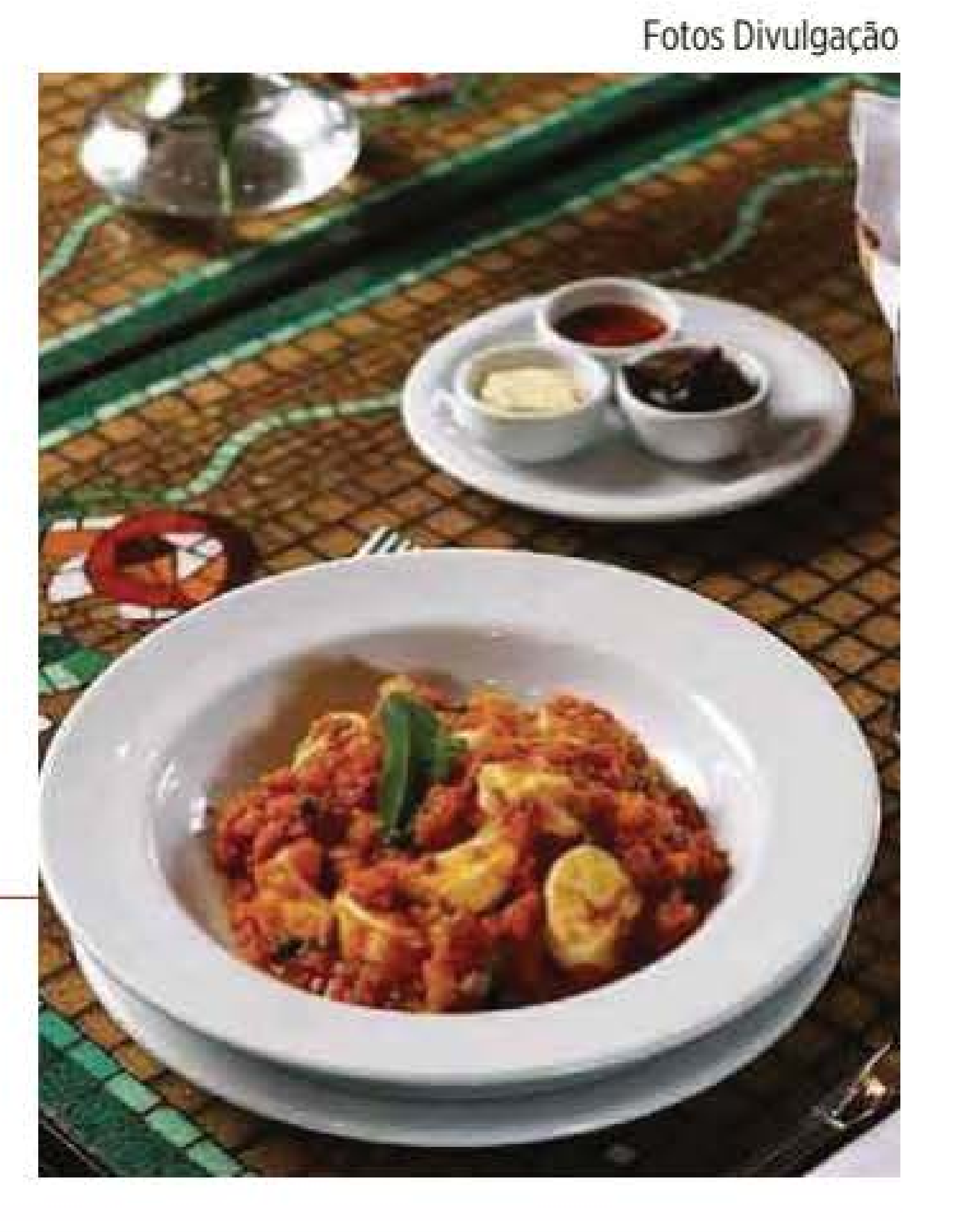
Fotos Divulgação



FARONELLA
R. Herval, 586
(11) 2692-2708

PIZZARIA IDEAL
Av. Álvaro Ramos, 798
(11) 2076-3933

DON CARLINI
R. Dona Ana Néri, 265
(11) 3208-2024





DEI CUGINI
R. Dr. Clementino, 469
(11) 2692-1878

Gastronopizza!

Veja onde comer uma tradicional pizza na região do Belém, e demais opções italianas para curtir o bairro

Mesmo quem não mora em São Paulo sabe como os paulistanos valorizam a cultura italiana. E, quando o assunto é pizza, a discussão fica ainda mais acalorada. Queijo na calabresa? Frango com catupiry? E abacaxi na pizza, pode?

Muitas vezes não importa o sabor, e sim, onde comer. O bairro do Belém é conhecido por abrigar algumas das pizzarias mais tradicionais da cidade e, com o nome, carregam também ótima qualidade e serviço, fazendo jus às décadas e décadas de sua história.

É o caso, por exemplo, da Ideal. Na esquina da avenida Álvaro Ramos com a rua Padre Adelino, é famosa por oferecer as famosas fatias no balcão desde 1940. Próxima ao Sesc Belenzinho e à estação Belém, da linha 3 do metrô, o lugar é quase um patrimônio cultural do bairro.

Outra pizzaria queridinha da região é a Faronella, também conhecida como a inventora do sabor carpaccio e demais opções menos ortodoxas como brocozola e a pizza de banana para sobremesa. Em algumas noites, a casa oferece música ao vivo, o que deixa o ambiente ainda mais aconchegante.

E, falando em tradição, um nome que não pode passar batido é o da pizzaria Dei Cugini, no Belenzinho desde 1985. A decoração rústica, o atendimento e as mais de 50 variações no cardápio fazem a alegria dos moradores da região.

NEM TUDO ACABA EM PIZZA

Ainda nas proximidades, mas um pouco mais ao sul da cidade, na Mooca, há diversas opções para quem quer comer fora.

Para quem ainda quiser comida italiana, o restaurante Don Carlini oferece massas e risotos, e sobremesas como cannoli recheado com creme de ricota com chocolate meio amargo e pistache tostado.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Fotos Alberto Rocha/Estúdio Folha

Foco no comércio



Shopping Metrô Tatuapé



Mooca Plaza Shopping



Shopping Anália Franco

Keiny Andrade/Estúdio Folha

Mercados, shoppings, lojas de rua, feiras livres: o bairro do Belém e seus entornos oferecem tudo e mais um pouco

Ao escolher um bairro para morar, é preciso se atentar para o comércio na região. Para as compras da semana, para emergências, não importa a ocasião, é sempre importante ter um supermercado, um shopping, uma farmácia e também uma loja de conveniência se necessário.

O bairro do Belém é perfeito para quem gosta –e precisa– morar perto do comércio. Só na estação Tatuapé há dois shoppings: o Metrô Tatuapé e o Metrô Boulevard Tatuapé. Um arsenal de lojas, cinema, praça de alimentação e mercados permitem ao morador do bairro resolver qualquer pendência quando o assunto é compras.

A região também conta com os shoppings Anália Franco e o Mooca Plaza Shopping, outras duas ótimas opções para quem mora nos arredores. Vale destacar que ambos são pet friendly, de modo que não é preciso deixar o bichinho em casa na hora de sair para passear.

Se o assunto for feira de rua, o bairro não deixa a desejar. Perto do Belém está a zona cerealista, que oferece um sem número de frutas, chás, flores, suplementos, materiais para higiene e limpeza, oleaginosas e até refrigerados. É uma opção boa e barata para quem busca grãos e cereais a um preço mais em conta.

O vizinho Brás é conhecido por ser um dos locais que abrigam a maior concentração de fábricas têxteis e confecções de roupas da cidade. Seja para compras no varejo ou no atacado, a região concentra peças para a moda feminina, masculina e infantil. É também um ótimo lugar para comprar roupa de banho e cama com valores acessíveis.

Uma vez na região, vale visitar o largo da Concórdia, a rua Oriente, a Barão de Ladário, a Maria Marcolina, a Bresser, a rua Rubino de Oliveira e a rua Maria Joaquina.

O comércio é tão intenso que acontece até na calada da noite. A famosa "Feirinha da Madrugada", que há anos opera na rua Rodrigues dos Santos, hoje ganhou uma nova estrutura rebatizada de "Circuito de Compras". Tradicional, a feira atrai milhares de pessoas todas as semanas.

O novo pavilhão, com mais de 180 mil m², teve um investimento grande da prefeitura, e conta com caixas 24 horas, praça de alimentação, um ambiente coberto para clientes e lojistas, estrutura acessível para pessoas com deficiência, segurança, estacionamento e banheiros gratuitos.

EstúdioFOLHA Rezende



APRESENTAM

Fibra/Divulgação

Living do decorado na Torre

Um home club completo

Com plantas que encantam famílias, solteiros e casais, Alive Home Club Belém está com as obras avançadas e irá entregar lazer de clube em localização privilegiada

Conforto para toda a família, lazer de clube, comodidade e localização privilegiada. O Alive Home Club Belém chega à zona leste para proporcionar conforto, bem-estar e qualidade de vida.

O empreendimento das incorporadoras Fibra Experts e Rezende oferece opções de plantas para todos os perfis de moradores. É impossível não encontrar um apartamento para chamar de lar.

Famílias que buscam morar com qualidade e conforto poderão escolher a residência que melhor atende às suas necessidades.

O Alive Home Club Belém terá apartamentos de um (30 m²), dois (40 m², 52 m², 62 m² e 80 m²) e três dormitórios (60 m² a 67 m²), com vaga de garagem.

Os apartamentos contarão com previsão para o nivelamento do piso do terraço com o living, infraestrutura para instalação de ar-condicionado e tomadas USB no dormitório principal e no living.

Todo o conforto e a praticidade das unidades residenciais se refletem nas áreas comuns do empreendimento.

O Alive Home Club Belém será um condomínio clube com infraestrutura de lazer completa. As áreas externas contarão com piscinas adulto e infantil, playground, churrasqueira e redário.

Os animais de estimação também receberão atenção especial e terão seu próprio pet place para diversão e exercícios.

Os moradores poderão receber convidados no salão de festas e no espaço gourmet, e a diversão de adultos e crianças estará assegurada com a brinquedoteca, o salão de jogos, a quadra coberta e fitness.

O empreendimento também contará com estruturas para tornar a vida mais prática, como coworking, lavanderia e bicicletário.

Terá também lojas no térreo, que acrescentarão ainda mais conveniência ao dia a dia.

Outro fator de destaque do Alive Home Club Belém é a localização privilegiada, a apenas 400 m do metrô Bresser-Mooca.

O morador terá a facilidade de escolher como se deslocar –a pé, de carro, bicicleta ou transporte público– pelo bairro e pela cidade.

É possível conhecer mais do empreendimento, visitando o decorado na torre, basta agendar uma visita.

EstúdioFOLHA APRESENTA



Completo
Bairro tem ótima oferta de comércio, serviços e mobilidade
Pág. 3



Ao ar livre
Varandas ganham atenção especial em projetos de decoração
Pág. 4



Bem-estar
Terapias alternativas ajudam a equilibrar corpo e mente
Pág. 6



Mobilidade privilegiada e fácil acesso

Av. Chucri Zaidan

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Alto da Boa Vista é uma ilha de tranquilidade e qualidade de vida em São Paulo, com áreas verdes e entretenimento para toda a família

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007. Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Fotos Fibra/Divulgação



Parque Burle Marx

Contato com a natureza

Alto da Boa Vista e região oferecem contato com a natureza e alternativas de diversão para toda a família



Clube Hípico Santo Amaro

O Alto da Boa Vista é um bairro único. Localizado na zona sul da maior cidade do país, oferece tranquilidade e contato com a natureza, um privilégio para quem mora em São Paulo.

A região é uma das mais arborizadas da metrópole, com ruas e praças repletas de árvores.

Também é cercada por parques que proporcionam diversas alternativas de lazer, descanso e prática de esportes.

O parque Severo Gomes, por exemplo, foi criado em uma área em que havia duas chácaras.

Ele tem trilhas arborizadas para caminhadas, um belo curso d'água, um bosque de amoreiras, canteiros e uma área de preservação permanente.

Os amantes da corrida podem se exercitar dando a volta no parque, por um percurso de cerca de 1 km.

O Severo Games também oferece aparelhos de ginástica, playground, biblioteca de livros infantis, trilhas e atividades monitoradas de educação ambiental.

O Clube Hípico de Santo Amaro, por sua vez, une a beleza de uma vegetação exuberante ao hipismo. Além de aulas e competições, o local também recebe feiras e eventos.

A partir do Alto da Boa Vista é possível acessar outros parques nos arredores.

O Ibirapuera é o mais icônico da cidade e tem estrutura completa de lazer, com playground, quadras, trilhas e pistas de corrida e bike, além de instalações culturais como o MAC (Museu de Arte Contemporânea), o Museu Afro Brasil e a Fundação Bienal, além do auditório Ibirapuera.

O parque Burle Marx, por sua vez, tem um jardim projetado pelo arquiteto e paisagista que dá nome ao espaço.

Outra área verde no entorno do Alto da Boa Vista é o parque do Cordeiro - Martin Luther King, com pistas para caminhada, corrida e skate, quadra de bocha, playground, miniciclovia, quadra poliesportiva e espaço pet, entre outras atrações.

O Alto da Boa Vista também permite acesso fácil e rápido a shoppings como Morumbi, Ibirapuera e JK Iguatemi.

Além de apresentarem ótimos mixes de lojas, eles também oferecem restaurantes, lanchonetes, salas de cinema e teatro para entretenimento de toda a família.

Os apreciadores de arte e cultura encontram no Alto da Boa Vista e em seu entorno algumas das principais casas de shows da cidade, como Tom Brasil, Credicard Hall e Teatro Alfa, destinos de espetáculos nacionais e internacionais.

Nessa região da cidade também está localizado o Action Park, maior parque de diversões indoor do Brasil, com 2.400 m² de camas elásticas, piscina de espuma, circuito ninja e outras atrações.

O Alto da Vista também abriga ótimos restaurantes que atendem a diferentes perfis e ocasiões.

O Moinho de Pedra, por exemplo, tem cardápio inspirado na filosofia naturalista, tendo como inspiração centros que são referência na culinária vegetariana, como São Francisco, Nova York e Colorado.

Já o 7 Molinos bistrô tem um deck agradável, com ar rústico, em que é possível provar pães, croissants, doces, bolos, tortas e sanduíches, além de refeições como steak tartare, ceviche e peixes.

O bairro também abriga pizzarias tradicionais como Forneria da Chácara e Sagrada Família.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Morumbi Shopping

Pacote completo

Com atmosfera tranquila e ampla oferta de comércio, serviços, educação e saúde, Alto da Boa Vista é o bairro perfeito para famílias em busca de qualidade de vida

O Alto da Boa Vista é um tesouro paulistano. Um bairro com ar calmo e tranquilo e ruas arborizadas, mas que ao mesmo tempo oferece a vibração e os serviços que tornam São Paulo um local especial para morar.

Com excelente localização e ótima estrutura de comércio e serviços, o Alto da Boa Vista atende às necessidades de toda a família.

O morador da região pode resolver diversas tarefas do dia a dia sem precisar usar o carro.

Pão de Açúcar, Extra e Dia estão entre as opções de supermercados dessa área da cidade, que também possui ótima variedade de hortifrútis, feiras livres e padarias.

Unidades das redes Petz e Cobasi garantem ampla oferta de produtos e serviços para os pets.

Além de ter um comércio de rua variado, o Alto da Boa Vista está localizado a poucos quilômetros de alguns dos principais shoppings de São Paulo, como Morumbi, Ibirapuera, Market Place e JK Iguatemi.


Estação Borba Gato


Estação Alto da Boa Vista

Fotos Via Mobilidade/Divulgação

Esses centros de compras apresentam lojas de diferentes perfis, do mais despojado ao alto luxo, além de serviços que tornam o cotidiano mais prático.

O bairro apresenta também uma ampla oferta de bancos, agências dos correios, hospitais e laboratórios (A+, Lavoisier e CDB, entre outros). Cuidar da saúde é mais fácil com opções ao lado de casa.

Algumas das melhores escolas da cidade estão localizadas no Alto da Boa Vista e em seu entorno, como os tradicionais Visconde de Porto Seguro e Pueri Domus.

O Spinosa, por sua vez, destaca-se no ranking como um dos mais bem preparados corpos docentes da cidade de São Paulo. Já a Chapel (EUA) e o The British College of Brazil (Inglaterra) oferecem ensino bilíngue.

A Universidade São Judas e o Senac também têm unidades na região.

LOCALIZAÇÃO

O Alto da Boa Vista apresenta uma mobilidade única. É servido pela linha 5-lilás do metrô, que tem três estações nos bairros e suas imediações: Alto da Boa Vista, Borba Gato e Adolfo Pinheiro, que proporcionam integração com as linhas 1-azul e 2-verde.

O bairro também oferece diferentes alternativas de trajeto de carro pelas avenidas Washington Luís, Roque Petroni, Vicente Rao, João Dias, Santo Amaro e Vereador José Diniz, além da marginal Pinheiros, entre outras. O aeroporto de Congonhas está a apenas 15 minutos do bairro.

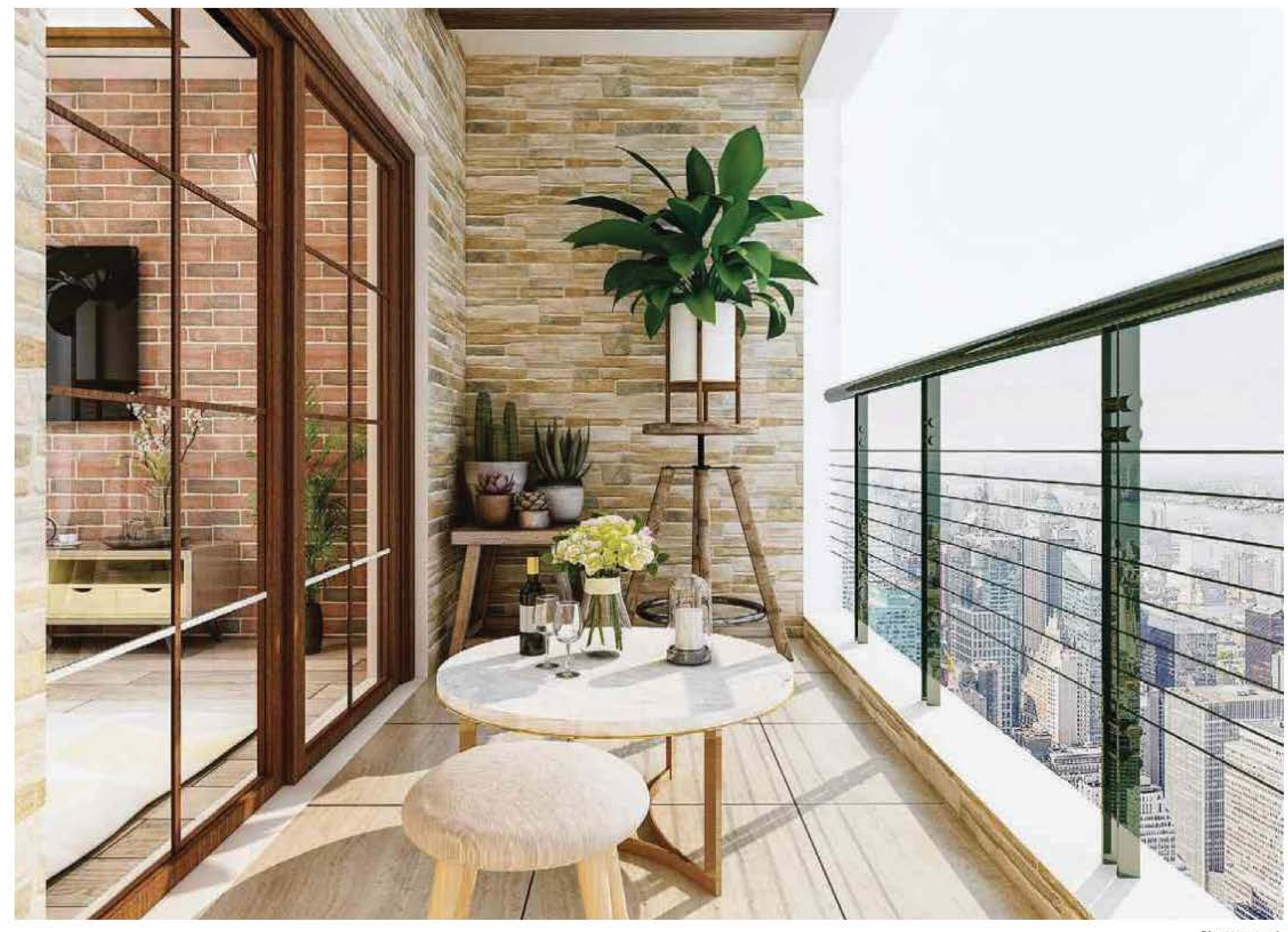
Corredores de ônibus em grandes avenidas, ciclovias e ciclofaixas completam o leque de opções para quem quer se movimentar pela cidade com tranquilidade e agilidade.

Com sua atmosfera de cidade pequena e infraestrutura de metrópole, o Alto da Boa Vista é o bairro perfeito para famílias que buscam tranquilidade sem abrir mão do que São Paulo tem de melhor.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Uma varanda, muitos estilos

Áreas externas podem ter diferentes funções e incorporar diversos elementos de decoração versáteis e atuais


Shutterstock

Antes de começar a decorar a varanda é necessário definir qual será o uso (ou usos) para aquele espaço.

A área externa do apartamento pode ser uma área de lazer e descanso, para refeições, home office ou mesmo uma extensão da sala de estar. E é a partir dessa definição que será possível elaborar o projeto de decoração.

Alguns preceitos valem para todos os usos: uma varanda ampla pode ser setorizada, ter diferentes usos e receber móveis maiores. Varandas pequenas pedem móveis menores.

As cores também merecem atenção especial. Pense neste espaço como outro cômodo do apartamento, ele deve se coordenar com o interior da casa. Uma sala de estar em tons pastéis não combina com uma varanda com cores fortes.

Paredes nas laterais da varanda são ótimas áreas a serem exploradas. A incorporação de estantes, treliças e trilhos adiciona flexibilidade que pode ser usada para exibir vegetação, armazenar coisas e até pendurar cadeiras dobráveis ou almofadas sobressalentes.

Em varandas menores, assentos modulares ou cadeiras dobráveis que podem ser facilmente movidos oferecem diferentes arranjos para os convidados.

Cobrir caixas com almofadas ou investir em bancos-baús feitos sob medida são outras formas de adicionar assentos casuais e ao mesmo tempo abrir espaço para armazenamento.

No setor de descanso de uma varanda grande ou em espaços menores que tenham essa função, redes em formato de casulo garantem aconchego e uma peça interessante para a decoração.

Durante a pandemia, com o aumento do uso do home office, as varandas passaram a incorporar também essa função.

Ter uma área de trabalho no terraço assegura luz natural o dia todo, frescor e uma vista mais interessante do que a de espaços internos. Também é possível garantir privacidade ao fechar a porta.

Para montar o home office na varanda primeiro é necessário checar se há pontos de energia elétrica no local.

A luz natural aumenta a produtividade e ilumina todo o ambiente, mas muito sol pode ser prejudicial tanto para o trabalho como para os equipamentos. É importante observar a movimentação da luz do sol antes de escolher a posição da mesa e também investir em uma boa cortina.

Os móveis também precisam ser resistentes à luz solar.

Para organizar o trabalho, prateleiras e nichos são uma ótima opção. Além de não atrapalharem a passagem, continuam sendo úteis mesmo que a varanda perca essa função.

A gastronomia também ganhou mais atenção durante a pandemia, com as pessoas cozinhando mais em casa.

A varanda também pode ser decorada como uma extensão dessa experiência gastronômica.

Ter um ambiente para refeições na área externa é uma ótima oportunidade para receber convidados e tornar as refeições do dia a dia mais agradáveis.

Mesas com bancos criam um ambiente mais descontraído. Varandas pequenas podem usar mesas retráteis presas à parede.

Um bar também pode dar um toque especial a essa área do apartamento. Um frigobar estiloso, uma pia e uma bancada são elementos básicos. Copos bonitos e utensílios expostos em prateleiras dão o toque final.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Fotos Shutterstock



Reflexologia

Cuidados alternativos

Novas terapias ganham força ao proporcionar bem-estar e melhoria na saúde

Na busca pelo equilíbrio entre corpo e mente, cada vez mais pessoas têm descoberto os benefícios de terapias alternativas.

Essas práticas atuam em problemas físicos e emocionais que alteram o equilíbrio do organismo e levam ao agravamento de doenças e condições psicológicas.

Assim, ajudam no controle do estresse, da ansiedade, do nervosismo, do desânimo e da tristeza, entre outras questões, melhorando a sensação de bem-estar e ajudando na saúde holística.

Conheça práticas alternativas que ajudam a harmonizar corpo e mente e melhorar a qualidade de vida.

ACUPUNTURA

Uma das terapias alternativas mais conhecidas, a acupuntura é uma prática da medicina tradicional chinesa. Agulhas são aplicadas em pontos energéticos do corpo que se relacionam a determinados órgãos. Os efeitos do tratamento ajudam a aliviar dores crônicas, reduzir dores tensionais, prevenir enxaqueca, além de auxiliar no bom funcionamento do corpo.

AYURVEDA

É uma prática criada na Índia que se baseia na análise do Dosha, que é o perfil biológico de cada indivíduo. Existem três doshas (Vata, Pitta e Kapha), cada um deles com características próprias. As pessoas possuem os três doshas, mas em proporções diferenciadas em cada indivíduo. A Ayurveda busca equilibrar os doshas por meio de técnicas de massagem, nutrição, aromaterapia e fitoterapia, entre outras, para diagnosticar, prevenir e curar.

BIODANÇA

Também chamada de psicodança, é baseada em um sistema de integração afetiva e de desenvolvimento humano por meio de vivências desenvolvidas com o uso dos movimentos da dança.

MUSICOTERAPIA

Utiliza a música para tratamento de problemas psicossomáticos. Pode ser realizada com o paciente passivo, somente escutando o musicoterapeuta tocar, ou ativo, também fazendo música. A musicoterapia ajuda no desenvolvimento de habilidades comunicativas e de autoexpressão.

QUIROPRAXIA

Essa terapia tem por base o sistema músculo-esquelético, principalmente da coluna vertebral do paciente. Pode ser usada tanto para tratar como para prevenir problemas relacionados ao desalinhamento da coluna vertebral.

REFLEXOTERAPIA

Também ligada à medicina tradicional chinesa, consiste na aplicação de pressão com os dedos das mãos em pontos energéticos situados nas plantas dos pés e nas palmas das mãos, que estão ligados a órgãos do corpo, para promover equilíbrio energético.

CROMOTERAPIA

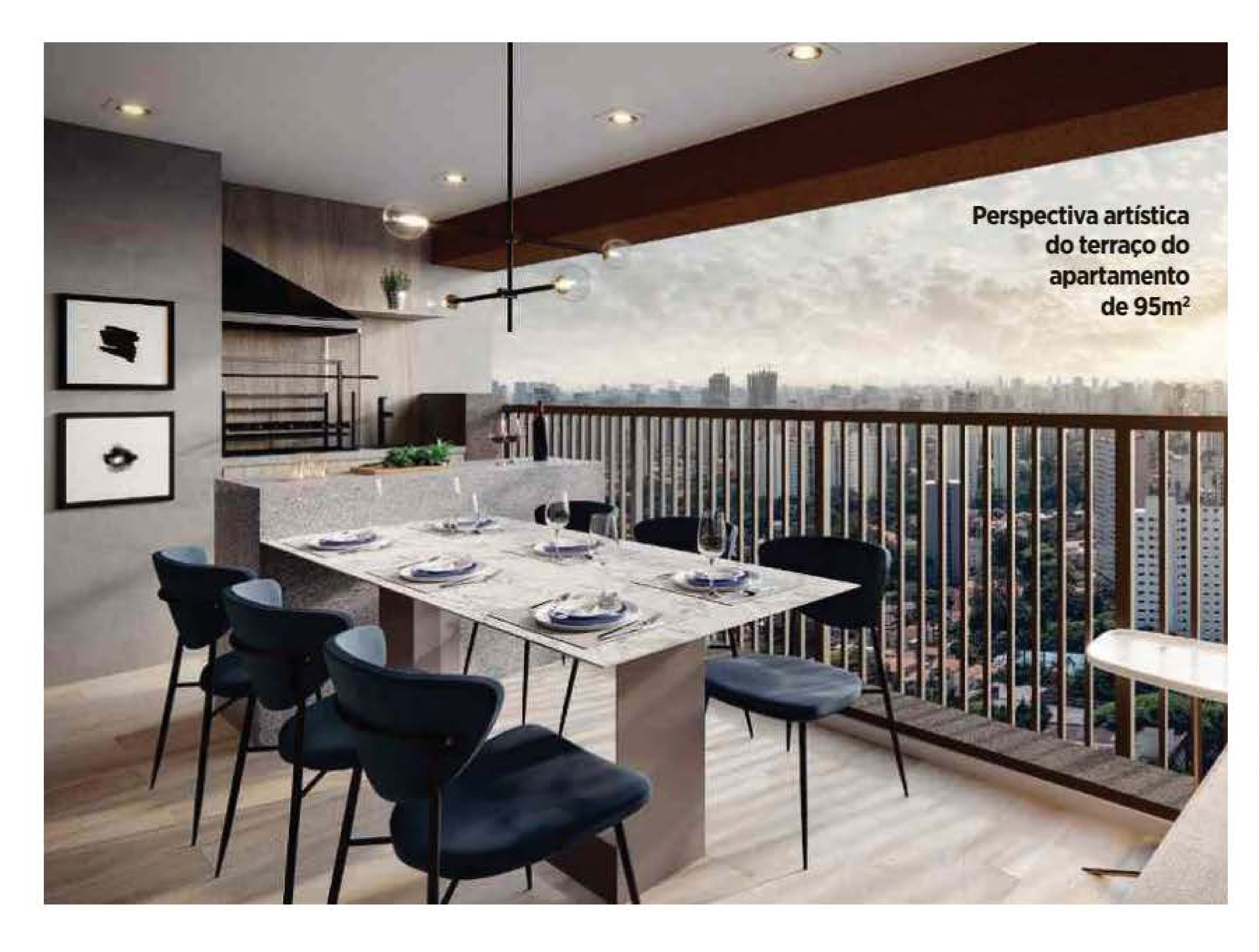
Utiliza as ondas emitidas pelas cores para tratar problemas de saúde, com o objetivo de harmonizar o corpo. Durante a sessão, o paciente pode ter um feixe de luz direcionado ao seu corpo ou estar em ambiente iluminado por determinado tom.

EstúdioFOLHA



APRESENTAM

Fotos Fibra/Divulgação



Perspectiva artística do terraço do apartamento de 95m²



Perspectiva Ilustrada da fachada do Hi View Alto da Boa Vista



Conforto e bem-estar

Com suas obras iniciadas, o Hi View Alto da Boa Vista oferece plantas amplas, lazer completo e uma vista exuberante

Espaço, conforto, aconchego, diversão e comodidade se unem no novo empreendimento da Fibra Experts no Alto da Boa Vista.

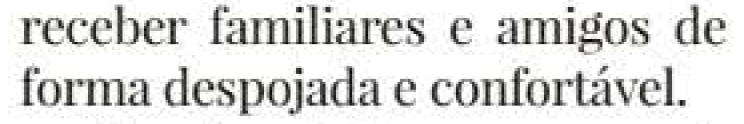
O Hi View chega a um dos bairros mais valorizados da cidade com apartamentos de alto padrão amplos que atendem a todas as necessidades da família.

As plantas terão 95 m², com três dormitórios, e 125 m², com três suítes, e vagas de garagem.

Além de unidades residenciais inteligentes e confortáveis, as famílias também poderão usufruir de áreas comuns e de lazer que agregam diversão, conforto e comodidade.

O projeto de arquitetura é do MCAA, a decoração de interiores, da Três Arquitetura, e o paisagismo será feito pelo Estúdio Aiye.

Ao ar livre, o empreendimento Hi View Alto da Boa Vista contará com piscinas adulto e infantil com lounge, quadra, playground, fitness externo e praça. Uma área com churrasqueira e hidromassagem irá permitir ao morador



receber familiares e amigos de forma despojada e confortável.

Nas áreas internas, os convidados poderão usufruir do salão de festas e do espaço gourmet equipados e decorados.

Jovens e crianças terão salão de jogos e brinquedoteca à disposição para os momentos de lazer. E também será possível manter a boa forma e a saúde fazendo exercícios no espaço fitness interno.

Para tornar o dia a dia mais prático, o Hi View Alto da Boa Vista também irá oferecer coworking, bicicletário e beauty space.

Todas essas comodidades e o conforto dos apartamentos se completam com uma vista privilegiada da cidade de São Paulo e uma localização única.

O empreendimento está localizado em uma área nobre da capital paulista, a cerca de 650 m da estação Alto da Boa Vista (linha 5-lilás), a 700 m da estação Adolfo Pinheiro do metrô, a 2,5 km da ciclovia da marginal Pinheiros e a poucos minutos das avenidas João Dias, Luís Carlos Berrini e dos Bandeirantes.

Ao redor, uma ampla oferta de comércio, serviços, lazer e áreas verdes tornam a vida familiar ainda mais agradável.

Além disso, é um grande hub de conveniência para quem busca um dia a dia mais conectado, prático e uma oportunidade para morar ou investir. O HW Studios oferecerá tudo isso em uma torre totalmente independente do Hi View Alto da Boa Vista e contará com studios de 24 m² e 25 m², com o melhor lazer da região.

mercado
folha em defesa da energia limpa

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 9 DE JUNHO DE 2024 1



Instalações da Gás Verde, do Grupo Urca, em Seropédica (RJ); unidade de refino de biogás em biometano é a maior da América Latina Eduardo Anizelli/Folhapress

Combustível vira produto nobre em aterro, destino de 60% do lixo do país

Resíduos sólidos urbanos sustentam produção de biometano, idêntico a gás de poços de petróleo

SÉRIES FOLHA
ALÉM DO LIXO

Alexa Salomão

RIO DE JANEIRO São cerca de 350 carretas com lixo entrando e 31 caminhões saindo carregados com cilindros de biometano, produto idêntico ao gás natural extraído dos poços de petróleo, com a diferença de que emite uma fração dos gases de efeito estufa de seu correlato de origem fóssil.

Assim é a rotina diária na área em Seropédica, no Rio de Janeiro, onde os 110 veículos que operam para a Ciclus Ambiental, da Simpar, realizam 350 viagens por dia para aterros sanitários do grupo, a partir dos quais a Gás Verde, do Grupo Urca, produz energia de resíduos.

A reciclagem energética, ou recuperação energética, como se chama essa atividade, é uma das modalidades de reaproveitamento de resíduos que mais avançam no Brasil.

Ela transforma aterros sanitários —destino final de quase 60% dos resíduos sólidos urbanos do país— em grandes complexos com captação de biogás e geração de energia.

Em Seropédica, a reciclagem energética ganhou uma escala particular. O aterro sanitário da Ciclus é o maior da América do Sul, com 3 milhões de m³ (metros cúbicos), o equivalente a mais de 250 campos de futebol. A unidade da Gás Verde é a maior produtora de biometano da América Latina.

O biometano é obtido a partir da purificação do biogás, que é emitido de material orgânico em decomposição, como lixo, restos de produtos agropecuários e até esgoto. Numa conta de padaria, 2 m³ de biogás produzem 1 m³ de biometano. O processo é antigo. Os chineses tinham biodigestores para tirar gás de esterco na Idade Antiga.

Aterros sanitários que não fazem reciclagem energética são fontes emissoras de gás metano na atmosfera provenientes da decomposição livre do lixo. O metano, o segundo gás de efeito estufa mais importante depois do CO_2, é muito mais potente que o CO_2, apesar de sua vida útil ser mais curta. Estudos apontam que o metano é responsável por aproximadamente 30% do aquecimento global desde a Revolução Industrial.

No Brasil, o líder em potencial de extração de biogás e biometano é a agropecuária. No entanto, o aterro sanitário se mostrou a fonte mais rápida a ser explorada por estar próxima a centros urbanos, seus postos de gasolina e suas redes de abastecimento elétrico.

A oferta, porém, também é inferior ao potencial. Apenas 2.181 do total de 5.568 municípios do país se declararam predispostos a implantar um aterro sanitário no lugar dos tradicionais lixões, medida essencial para a gestão dos resíduos e o controle na emissão de gases. Persiste o uso do lixão, com seus problemas ambientais, sociais e de saúde pública.

No Brasil, o biometano ganhou força após o uso ter sido parametrizado e regulamentado, em 2016, pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

O produto, que valia bem menos que o gás fóssil, hoje chega a valer 30% mais por causa da relação entre oferta e demanda.

"A energia é um produto nobre da reciclagem de material orgânico que a gente demorou muito tempo para entender o valor e viabilizar economicamente", afirma Carlos Canejo, professor do mestrado profissional em ciências do meio ambiente da Universidade de Veiga de Almeida, no Rio, e consultor nas áreas ambiental e de gestão de resíduos.

"A gente começou a colher os primeiros frutos de uma gestão de resíduos mais assertiva e tecnológica só recentemente. Por outro aspecto, é como se a gente estivesse saindo agora da Idade Média, porque ainda precisamos convencer as pessoas a não jogar lixo em terreno baldio."

A busca pelo biometano avança especialmente em dois segmentos empresariais, a produção industrial e a logística de transporte.

Essas áreas buscam descarbonizar as suas operações reduzindo o consumo ou mesmo abandonando o uso do gás de petróleo, carvão mineral e diesel, com redução nas emissões de gases de efeito estufa de mais de 80%, a depender da fonte substituída.

A Gás Verde opera 18 plantas de biogás e biometano no Brasil. Apenas de biometano, produz 160.000 m³ por dia. A empresa investe para ampliar a produção do combustível.

"Hoje temos dez térmicas de energia elétrica movidas a biogás em aterros que a gente está convertendo para biometano", explica o empresário Marcel Jorand, CEO da Gás Verde e cofundador do Grupo Urca.

"Com elas, hoje a gente produz mais de 1 milhão de m³ de biogás por dia, que a gente converte em energia elétrica. Vamos passar a converter tudo em biometano, chegando a um volume de 600.000 m³ por dia já em 2026."

A operação de Seropédica é um raio-X da engrenagem que permite economia circular voltada à geração de energia.

A Ciclus Rio tem a concessão para fazer a gestão dos resíduos sólidos da cidade do Rio de Janeiro e atende outros municípios, como Itaguaí, Mangaratiba, São João de Meriti, Piraí, Miguel Pereira, além de Seropédica e clientes privados.

A Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) recolhe o lixo e entrega nas estações de transferência da Ciclus —cinco ao todo—, movimentando cerca de 10 mil toneladas de resíduos por dia.

Nas estações, os resíduos são transferidos dos caminhões de coleta para as carretas. Cada carreta transporta a carga de quatro caminhões até o aterro de Seropédica, chamado pela empresa de CRT (Central de Tratamento de Resíduos).

O local foi preparado para funcionar como um aterro sanitário bioenergético, com camadas de proteção para deter a contaminação do solo e um sistema de drenagem com mais de 350 poços interligados por tubulações para captar, por hora, 24.000 m³ de biogás.

Diariamente, são produzidos 576.000 m³ de biogás, cerca de 10% do total nacional, o que evita o lançamento na atmosfera de 20.000 m³ de gás metano, o equivalente à emissão de 300 mil veículos leves, ou cerca de 5% da frota na cidade do Rio.

A Ciclus utiliza parte do biogás na geração de energia elétrica para se abastecer e também vender no mercado livre.

A maior parcela, 67%, segue para a Gás Verde por meio de tubulações. Em sua unidade, diariamente, a Gás Verde transforma esse biogás em 130.000 m³ de biometano. Na sequência, o produto é comprimido e injetado em cilindros para o transporte em carretas, também movidas a biometano.

O biometano da Gás Verde abastece 40 postos no Rio e é utilizado por empresas como a rede de supermercado Dia, a fabricante global de vidros Saint-Gobain, o grupo L'Oréal de produtos de beleza e a indústria de bebidas Ambev, que com ele transformou a unidade de Cachoeira de Macacu (RJ) na primeira cervejaria do Brasil movida 100% a biometano.

Segundo estimativa da ABiogás (Associação Brasileira do Biogás), se o Brasil utilizasse todo o seu potencial de produção, incluindo esgoto e agronegócio, além dos resíduos, seria capaz de produzir 6 milhões de m³ de biometano por dia e gerar 800 mil empregos.

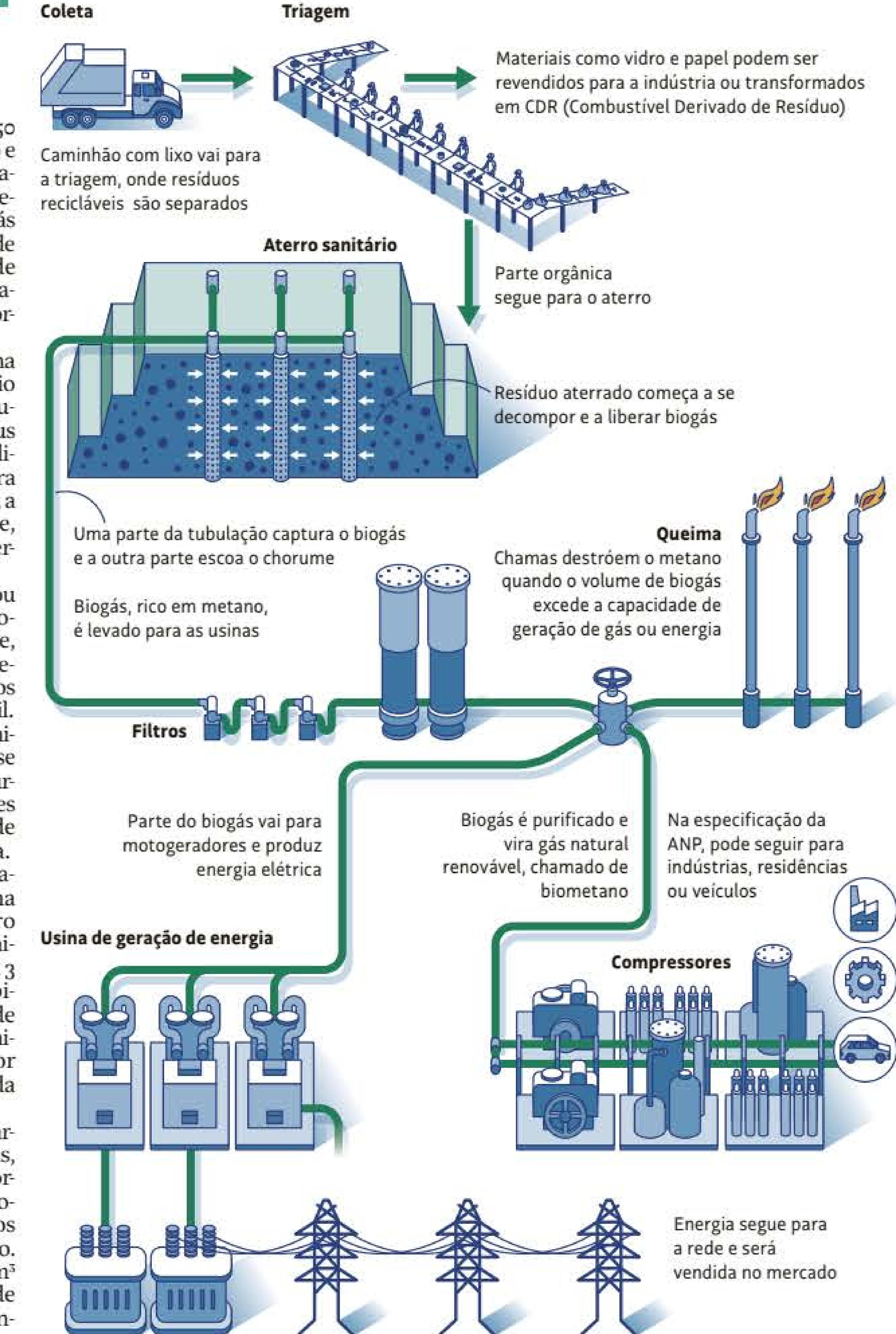
Hoje, o país produz uma fração disso, 985.000 m³ por dia. Apenas seis unidades estão habilitadas pela ANP para a produção comercial. Outras 14 operam em regime de autoprodução.

Há uma fila com 22 plantas aguardando a liberação da agência. Sondagem da entidade aponta que o setor se mobiliza para tirar do papel 90 aterros sanitários com produção de biogás até 2029.

Na avaliação de Renata Isfer, presidente-executiva da ABiogás, a demora faz parte do processo natural de aprendizado para lidar com um novo produto.

"O mercado foi estruturado para trabalhar com o gás natural de fonte fóssil. Tanto os empreendedores do setor quanto os técnicos da ANP estão num processo de aprendizagem para calibrar as regras", afirma.

Como funciona um aterro sanitário com produção de biogás e eletricidade



Infografia Luciano Veronezi e Gustavo Queirolo

PAINEL S.A. | *Julio Wiziack*

painelsa@grupofolha.com.br

Gabriele Mazzini

Desigualdade no Brasil dificulta replicação de lei europeia de IA

Gabriele Mazzini é o coordenador da comissão que editou a Lei de Inteligência Artificial aprovada recentemente pela União Europeia. O advogado italiano viajou pelo mundo e, pela primeira vez, veio ao Brasil, onde, segundo ele, viveu uma de suas experiências mais marcantes: um almoço numa churrascaria.

O Brasil deveria copiar a lei europeia para IA? Depende. Em países como o Brasil há, por exemplo, muitas pessoas que precisam de crédito. Será que a IA e os dados disponíveis permitirão o acesso àquelas sem histórico de crédito? Se você pensar em sistemas tradicionais, talvez nosso modelo não funcione no Brasil. É importante avaliar se uma determinada proposta regulatória faz sentido no contexto de cada país.

A lei de IA na Europa coíbe o poder excessivo das techs? A lei se concentrou em garantir que os sistemas de inteligência artificial sejam de confiança, respeitem a saúde, a segurança e os direitos fundamentais das pessoas. A lei não distingue o ator, se é uma grande ou pequena corporação.

Mas ela englobou funcionalidades oferecidas por certas plataformas, como o ChatGPT. Sim, mas seja de uso geral ou não, todos os modelos estão sujeitos a certas regras. A preocupação foi manter o mercado aberto.



Raio-X
Advogado com LLM pela Harvard Law School e doutorado pela Universidade de Pavia (Itália). Foi conselheiro-geral do Millennium Villages Project, uma iniciativa do economista Jeffrey Sachs, da Universidade de Columbia (EUA), em países da África. Atua ainda como associado do MIT

Quais são os maiores riscos dessa tecnologia? Penso no impacto da IA na nossa força de trabalho ou capacidade de, como humanos, garantir a palavra final sobre as coisas.

A preocupação é garantir que a IA não substitua habilidades humanas? Quanto mais delegamos à IA, mais perderemos certas habilidades cognitivas. Não acho que isso seja um risco agora. Mas se continuarmos a desenvolver a IA e a integrá-la descuidadamente na nossa sociedade, talvez [seja um risco].

Deixar que o Google funcione como nossa memória, por exemplo? Exatamente. Podemos também nos esquecer de como fazer cálculos.

Por que Alemanha, França e Itália resistiram a regras aprovadas? A lei da IA se concentrou em produtos finais: um sistema de recomendação para bancos, um algoritmo para decidir quem contratar ou como demitir. Essa é uma área emergente. Temos grandes players nos EUA, China e também na Europa. Acho que os três países defendiam que não regulássemos demasiadamente a tecnologia, deixando o código de conduta, digamos, para ser discutido no G7, em nível global.



Militares cantam hinos do Exército durante celebração do Dia do Soldado, em Brasília Gabriela Biló - 25.ago.22/Folhapress

Exército gasta R$ 20 mi ao ano com pensão de 'falsos mortos'

Benefício garantido em lei é pago a familiares de militares expulsos da Força

Cézar Feitoza

BRASÍLIA O Exército gasta mais de R$ 20 milhões por ano com o pagamento de pensões para famílias de 238 "mortos fictícios", como são chamados os militares expulsos da Força por condenações no Judiciário.

A lista é composta por 38 oficiais e 200 praças que perderam o posto e a patente por terem cometido crimes ou infrações graves cujas penas somam mais de dois anos de reclusão. As pensões são pagas a 310 familiares.

É a primeira vez que os dados sobre os "mortos fictícios" são tornados públicos. A lista foi obtida por meio da Lei de Acesso à Informação pela Fiquem Sabendo, organização sem fins lucrativos especializada em transparência pública, e repassada à **Folha**.

A figura jurídica do "morto ficto" (ou "morto fictício") foi criada para atender à lei 3.765, de 1960.

A legislação definiu que o militar expulso da Força não poderia perder o direito à pensão militar, já que, durante o tempo em que serviu, parte do salário era recolhida para custear o benefício.

Os militares expulsos passaram a ser considerados "mortos fictícios", e os familiares ganharam o direito de receber o salário do oficial ou praça condenado — o benefício não pode ser pago ao militar.

Nove coronéis estão entre os "mortos fictícios" do Exército. Um deles, Ricardo Couto Luiz, foi preso em 2014 com 351 kg de maconha prensada em um fundo falso de um furgão no Rio de Janeiro.

Segundo a Polícia Federal, o coronel deixava sua farda pendurada num cabide no interior do veículo, mesmo já sendo militar reformado, para tentar inibir eventuais revistas.

Ricardo Luiz foi condenado pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2015, e o processo transitou em julgado (quando não há mais possibilidade de recursos) em 2020. O STM (Superior Tribunal Militar) só confirmou a perda do posto e da patente em 2022. Há três anos, a filha do coronel recebe mensalmente R$ 13,4 mil.

Um outro caso é o do coronel Paulo Roberto Pinheiro, que foi condenado por um esquema de fraudes em contratos do Hospital Militar de Área de Recife. Segundo o Ministério Público Militar, um grupo de oficiais abria processos de compras para o almoxarifado e combinavam com a empresa vencedora para não entregar os itens contratados.

Pinheiro teve a "morte fictícia" reconhecida em 2023 — e sua esposa passou a receber quase R$ 23 mil mensais como pensão.

A **Folha** procurou os advogados dos dois coronéis para comentar o assunto, mas não obteve resposta.

"As Forças Armadas se mantêm como uma espécie de estamento privilegiado dentro do Estado brasileiro [...] que não se sujeita às mesmas normas que os outros funcionários públicos civis", avalia Lucas Pedretti, professor de história estudioso sobre a transição da ditadura militar para a democracia.

Pedretti argumenta que as Forças Armadas conseguiram manter privilégios no fim da ditadura que se perpetuaram. "Talvez seja a hora de a sociedade brasileira ter clareza de que tem um lugar para onde a gente deve começar a fazer esse debate [corte de privilégios do funcionalismo]", diz.

As pensões fazem parte de um conjunto de benefícios que militares possuem no âmbito do SPSMFA (Sistema de Proteção Social dos Militares das Forças Armadas). Só em 2023, os gastos com pensões chegaram a R$ 25,7 bilhões.

A legislação que beneficia a carreira passou por diversas alterações. Em 2001, o então presidente Fernando Henrique Cardoso assinou medida provisória criando diversas restrições — entre elas, determinou que filhos de militares pudessem receber pensão até 21 anos (caso fosse estudante, até 24 anos), não mais até a morte.

> "As Forças Armadas se mantêm como uma espécie de estamento privilegiado dentro do Estado brasileiro [...] que não se sujeita às mesmas normas que os outros funcionários públicos civis
>
> **Lucas Pedretti**
> professor de história

FHC, porém, permitiu que os militares pudessem permanecer com o direito da pensão vitalícia para filhos caso autorizassem um desconto extra de 1,5% na folha salarial.

O Congresso Nacional aprovou em 2019 uma lei que reestruturou as carreiras nas Forças Armadas. Nas pensões militares, as principais mudanças foram o aumento de 7,5% para 10,5% do desconto na folha e a definição de que os beneficiários também terão de pagar a taxa enquanto receberem os valores.

A lei também estipulou que o beneficiário não receberá o salário completo do "morto fictício" caso ele não tenha terminado o tempo mínimo de serviço. "Ou seja, o oficial [...] que perder posto e patente deixará aos seus beneficiários a pensão militar correspondente ao posto que possuía, com valor proporcional ao tempo de serviço".

Durante o processo de obtenção dos dados via Lei de Acesso à Informação, a Força se negou a enviar informações detalhadas e chegou a apresentar números divergentes.

O caso chegou à Controladoria-Geral da União, que obrigou o Exército a enviar os dados completos por não haver previsão legal para o sigilo.

Em 2023, as demais Forças Armadas já haviam tornado públicas suas listas dos "mortos fictos". A Marinha e a Aeronáutica, somadas, pagam pensões a pouco mais de 300 familiares de militares expulsos.

A existência da figura jurídica do "morto fictício" ganhou atenção durante o governo Jair Bolsonaro (PL).

O major Ailton Barros era amigo próximo do ex-presidente. É investigado pela Polícia Federal por ter participado do esquema de falsificação da carteira de vacinação de Bolsonaro, Mauro Cid e familiares, além de ser alvo do inquérito sobre os planos golpistas após a vitória de Lula (PT) nas eleições de 2022.

Barros foi expulso do Exército após ser condenado pela Justiça Militar por uma série de investigações internas — em uma delas, foi investigado por atropelar um integrante da Polícia do Exército que tentou parar o seu carro em uma ocorrência de trânsito na Praia Vermelha, no Rio.

A redução de despesas com pessoal das Forças Armadas voltou a ser debatida entre integrantes do governo e do Tribunal de Contas da União nos últimos meses. O presidente da corte, Bruno Dantas, foi quem levou a discussão a público em entrevista à **Folha**.

As defesas por uma revisão dos gastos das Forças Armadas, em especial com as pensões e inativos, gerou preocupação nas cúpulas militares, que decidiram manter vigilância contra eventuais tentativas de redução de benefícios.

'Do jeito que está não dá', diz Ometto, sobre tributos na gestão Lula

Fernanda Brigatti

GUARUJÁ (SP) Rubens Ometto, sócio-fundador e presidente do conselho de administração da Cosan, disse neste sábado (8) que o governo federal está "mordendo pelas bordas" para aumentar a arrecadação e tira dinheiro da iniciativa privada para um Estado que "nunca diminui de tamanho, só cresce".

"Do jeito que está, com o governo metendo a mão, querendo taxar tudo, e com os juros desse jeito, não dá", afirmou o empresário, ao participar pela manhã de evento organizado pelo grupo empresarial Esfera, no Guarujá, litoral paulista.

Na avaliação do empresário, o governo federal dribla as legislações aprovadas por meio de normas e regulamentações que visam elevar a arrecadação.

"Isso aconteceu com a mudança da regra do Carf, com a regra do aproveitamento do ágio nas aquisições, com a mudança do crédito presumido no IPI [imposto sobre produtos industrializados], com a mudança do crédito no uso dos créditos do PIS/Cofins, que saiu nesta semana, e a desoneração da folha."

Ometto foi aplaudido ao dizer que "dinheiro na mão da iniciativa privada rende muito mais para o país do que na mão do governo."

Ao abrir sua fala, o executivo disse que evitaria "o copo meio cheio" sobre o potencial do Brasil. "Eu quero falar do que está errado."

Além do que considera ser uma sanha arrecadatória do governo federal, Ometto disse que o empresariado convive com insegurança jurídica. "Se o governo organizasse tudo isso e controlasse a questão fiscal, os juros cairiam pelos motivos certos e aí esse país voltaria a crescer, voltaria a se desenvolver. Como vimos, aliás, no governo do Lula 1."

Em painel posterior, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, defendeu a medida de compensação à desoneração enviada pelo governo Lula ao Congresso e disse que o texto não pode ser lido "isolado no tempo" e que não há muitas opções para compensar a perda de receita com a desoneração da folha até o fim deste ano.

Segundo Durigan, o déficit zero aprovado no Orçamento para 2024 só será cumprido, mantida a desoneração, com alguma alternativa ao impacto projetado de R$ 25 bilhões.

INÊS 249

Lula sem crédito, Haddad sem fundos

Se governo não tiver rumo fiscal, quase qualquer frase do ministro vai causar tumulto

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Fernando Haddad teve uma conversa inglória com administradores de dinheiro grosso na sexta-feira, como se sabe. Os vazamentos do que teria dito o ministro da Fazenda provocaram pânico extra nos mercados financeiros.

Versões do que Haddad falou foram parar em grupos de Whatsapp, reconhecido centro de exibicionismo e de difusão de mentira, burrice e fofoca.

Gente de "o mercado" que estava na reunião quis aparecer ("olha, sou 'insider'") ou foi pautada por sócios e patrões para passar qualquer informação materialmente relevante. Outros fizeram fofoca com desleixo incompetente ou picareta.

Tanto faz.

Mesmo que Haddad ou o ministro da Fazenda "x" tome todos os cuidados com o que diz, não tem controle estrito sobre o que dá a entender, óbvio. O ministro, porém, parece não compreender o alcance do que fala mesmo em público, que dirá em reunião com financistas ou bucaneiros. Além do mais, dá a impressão de acreditar que os donos do dinheiro deveriam trocar cálculos de risco e retorno pela admiração dos esforços e das realizações dele, de Haddad. Agiu assim na Câmara, no dia do "fantasminha". Mas nem é essa a questão de fundo.

Especula-se sobre o que Haddad diz porque se acredita que o ministro não terá a palavra final nem mesmo sobre o seu programa ameno de contenção de déficit e dívida (arcabouço fiscal). Muito menos deve ter poder de decisão sobre correções mais duras de rota, caso o ajuste faça água.

Tanto faz se essa intepretação é verdade — e em parte é. É a crença na praça. De concreto, tal opinião se traduz em juros e dólar mais salgados. De abstrato, há boatos e mitos: o governo não largaria as metas até 2026; Haddad vai pedir o chapéu; está cansado; foi sabotado pelos colegas de ministério; derrubaram seu plano mais profundo de contenção de despesa (INSS, saúde, educação etc.).

Lula tem perdido crédito. Acredita-se cada vez menos que vá conter o aumento da dívida pública; teme-se que vá intervir no Banco Central. Grosso modo, é simples assim.

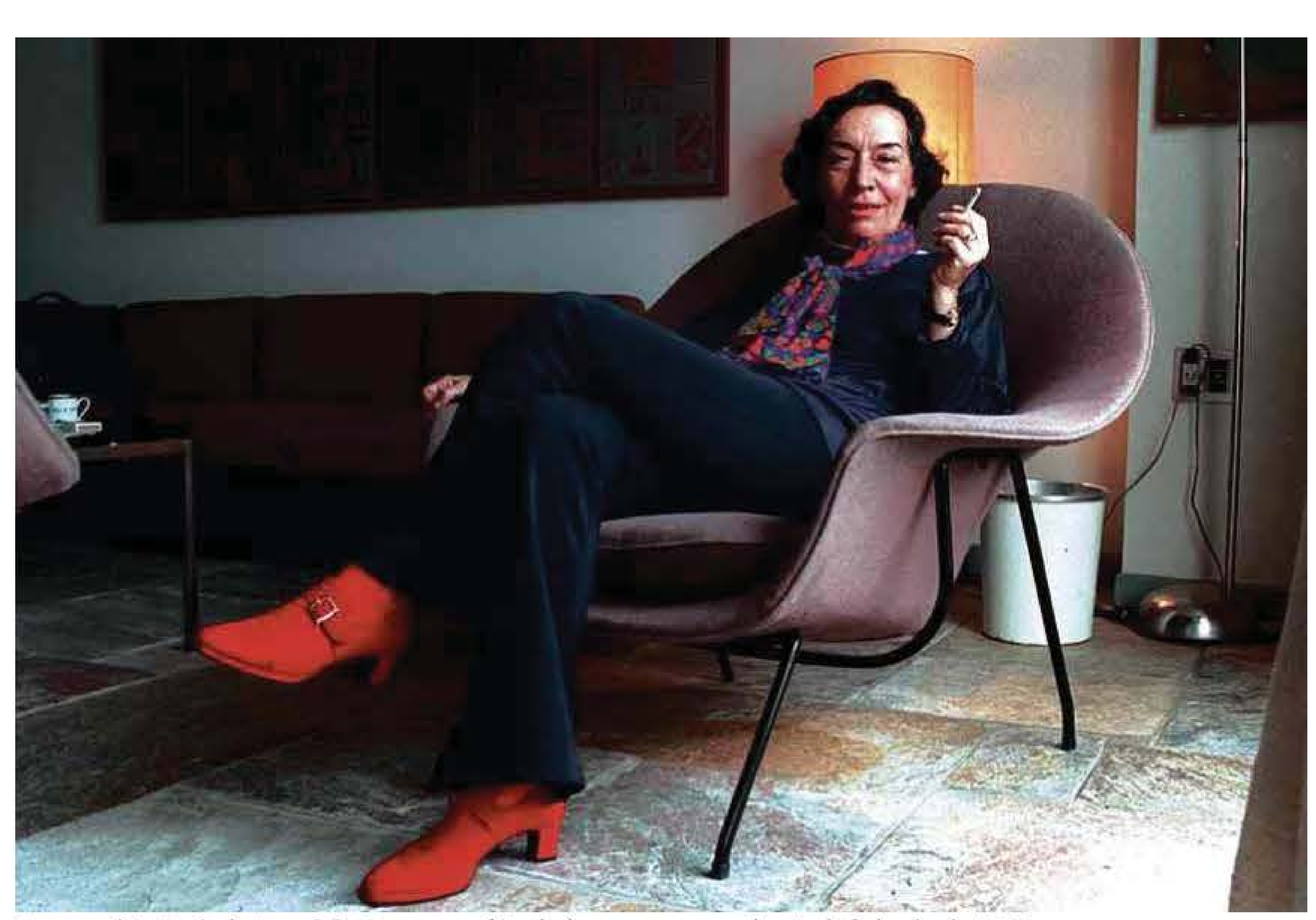
A taxa de juros média que incide sobre a dívida (taxa real implícita) está nos piores níveis em 18 anos (desde quando há dados disponíveis), perdendo apenas para poucos meses de 2008 e 2009 e para 2017. Isso é efeito da Selic pavorosamente alta, mas também de taxas de juros de longo prazo elevadas (e subindo) por causa do descrédito do governo. Se continuar assim, vai dar besteira.

Na sexta, os mercados daqui já viviam tumulto além da conta por causa dos EUA. Com a pimenta das fofocas sobre Haddad, algumas taxas subiram meio ponto percentual, brutal. Mas, repita-se, coisa parecida havia acontecido no "fantasminha day".

Qualquer indício de que pode haver mais relaxamento de meta causa estouros de boiada. Quando o ministro critica a incompreensão, a ingratidão ou a conspiração dos donos do dinheiro, dá a impressão de que ficou sem bala, que não sabe ou não tem mais o que fazer a não ser reclamar. Parece confirmar o boato de que perdeu poder em um governo que não está disposto a conter dívida e déficit, entre outros sinais de que pode fazer coisas doidivanas.

"Melhorar a comunicação" e adotar protocolos estritos de discurso podem até ajudar um tico. Fica mais difícil por causa do fato de o ministro estar sob ataque da elite irritada com impostos. Que tenha de arrumar dinheiro desesperadamente, aos trancos e barrancos, causa imenso desgaste político. Para piorar, teve o azar de ver o caldo engrossar nos EUA. O desastre gaúcho. A direita que põe a faca no pescoço de Lula 3 no Congresso.

O problema de fundo, porém, é que as declarações de Haddad valem tanto quanto pesa o crédito do governo Lula. Qualquer sinal que confirme o imaginado descompromisso de Lula 3 com as contas públicas vai entornar o caldo.



A economista Maria da Conceição Tavares, em foto de época em que era deputada federal pelo PT-RJ Bel Pedrosa - 19.abr.1994/Folhapress

Morre aos 94 anos a economista Maria da Conceição Tavares

Defensora de projeto desenvolvimentista, tornou-se uma das maiores influências da esquerda não marxista

Oscar Pilagallo e Yuri Eiras

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO Morreu neste sábado (8), aos 94 anos, a economista Maria da Conceição Tavares, economista desenvolvimentista que se tornou uma das maiores influências da esquerda não marxista no Brasil.

Segundo amigos e familiares, ela estava em casa, em Nova Friburgo (RJ), e morreu dormindo, durante a madrugada. A morte foi confirmada pelo reitor da UFRJ, Roberto Medronho.

De acordo com pessoas próximas à família, não haverá velório. O corpo será cremado somente com a família presente. Deve haver uma homenagem póstuma à economista portuguesa.

Ao deixar para trás os rigores da ditadura salazarista e do inverno português, no início de 1954, Maria da Conceição Tavares dava, aos 23 anos, uma guinada definitiva em sua vida.

Acostumada aos tristes fados lisboetas, essa "europeiazinha quadrada", como se autodefiniria mais tarde, desembarcou no Rio de Janeiro em pleno Carnaval, ao som da marchinha "Saca-rolha", o grande sucesso daquele verão. O contraste cultural se estendia ao ambiente político: o Brasil, sob Getúlio Vargas, era uma democracia.

Essas mudanças todas marcavam o início de sua aventura no país adotado: participar da construção de uma civilização nos trópicos. O entusiasmo com que se dedicou à ambiciosa tarefa foi despertado durante a ebulição intelectual que caracterizou o governo de Juscelino Kubitschek, iniciado em 1956. Não por acaso, no ano seguinte, ela adotaria a cidadania brasileira.

O terreno em que Conceição Tavares se movimentaria já estava definido desde os tempos de Portugal. Por vocação, continuaria no meio acadêmico. Recém-formada em matemática, voltou aos bancos escolares para estudar economia. Formou-se em 1960, pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), e em seguida foi treinada na Cepal (Comissão Econômica para a América Latina).

Na UFRJ, teve como professor Octavio Gouvêa de Bulhões, um expoente da corrente liberal, cuja ênfase era o equilíbrio fiscal. Na Cepal, porém, deixou-se facilmente convencer pela teoria que privilegia o desenvolvimento. "Fui formada dentro de duas escolas de tradições antagônicas", afirmou certa vez. "É por isso que até hoje consigo falar com os dois lados, quando tenho paciência."

Com frequência, ela não tinha. Suas explosões em público a tornaram mais conhecida do que suas teses. Se a elite brasileira a aborrecia com seu conservadorismo, ela dizia que essa classe privilegiada era um "lixo"; se o presidente FHC se revelava diferente do intelectual que ela conhecera, tachava-o de "traidor". Assumia-se uma "portuguesa dramática".

Foi por seus argumentos, porém, e não pela estridência com que os expunha, que Conceição Tavares se tornou uma das maiores influências da esquerda não marxista no Brasil. A economista desancava o imperialismo, mas não se tratava apenas de retórica inflamada. Ela apontava a assimetria entre economias centrais e periféricas como um obstáculo concreto a ser superado. E mostrava seu roteiro.

O ponto de partida se encontrava na própria escola cepalina: a ideia de que o desenvolvimento deve ter por base a industrialização voltada para o mercado interno. Mas como colocar isso em prática num país atrasado como o Brasil? É aí que entra o conceito da "industrialização retardatária", que Conceição Tavares ajudou a elaborar. Em resumo, é a defesa da participação do Estado no processo de atrair investimento e tecnologia para viabilizar a produção de bens de capital, sem o que a industrialização não reduz a dependência externa.

Dos anos 1960 a 1980, ainda longe da atenção do grande público, Conceição Tavares ocupou espaços em que era possível aplicar sua visão heterodoxa da economia — o avesso do enfoque monetarista, dominante nos centros do poder. Entre outras atividades, foi assessora do governo socialista de Salvador Allende no Chile, um governo em que a economia também passou por turbulências como inflação acelerada e escassez de produtos básicos, como pão e carne.

De volta ao Brasil, em 1973, ajudou a disseminar o pensamento cepalino na UFRJ e na Unicamp, onde lecionou.

O prestígio profissional e o reconhecimento de seus méritos acadêmicos, até por parte de adversários, ajudaram a empurrar Conceição Tavares para o front da política partidária. Economista do PMDB desde os tempos de oposição ao regime militar, ela se tornaria figura pública em março de 1986, quando, emocionada, chorou diante das câmeras de TV ao apoiar o Plano Cruzado, anunciado dias antes para combater desigualdades sociais, a maior bandeira de sua vida.

O plano anti-inflacionário —obra dos "meus meninos", como se referia aos ex-alunos que estavam no governo Sarney— congelou preços, elevou salários e teve vida curta. O fracasso do Cruzado levou Conceição Tavares a um período de silêncio.

A economista só se desligaria do PMDB depois da eleição presidencial de 1989, por considerar que o candidato que assessorava, Ulysses Guimarães, tivera votação inexpressiva devido a um boicote da legenda.

As novas gerações a conheceram mais pela militância petista, iniciada em 1994, quando foi eleita deputada federal pelo Rio de Janeiro. O mandato coincidiu com o início do Plano Real, do qual ela foi crítica de primeira hora, ao chamar atenção para a inconsistência da valorização cambial como âncora para os preços. Em 1996, quando a crise ainda não havia estourado, comparou: "O Cruzado foi para o espaço, mas não quebrou o país. Já o Real pode quebrar o país, mas o plano continuará bem".

Em 1998, quando previsões sobre o câmbio já haviam se concretizado, Conceição Tavares não tentou se reeleger. De outras tribunas, inclusive no artigo mensal que escrevia na **Folha**, manteve elevado o tom da crítica a FHC.

Com a ascensão do PT ao poder em 2003, a economista se veria, pela primeira vez, na posição de madrinha de funcionários do primeiro escalão, como Carlos Lessa, na época presidente do BNDES —o banco de fomento onde, quase meio século atrás, com o sotaque carregado de recém-chegada, ela começou a trabalhar como analista matemática.

Seis meses após a posse de Lula, porém, ela já não poupava a equipe econômica. Considerava politicamente inaceitável que o Estado brasileiro fosse destruído a pretexto de um ajuste fiscal impossível de ser mantido devido aos juros elevados. O apoio inicial começava a dar lugar ao "fogo amigo".

Mais tarde, chamou de "imbecil" a política de juros de Lula, mas sem negar apoio ao presidente. A economista também elogiou Dilma Rousseff, classificando-a como "essa menina competente", desde os tempos em que ela era responsável pelo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

REPERCUSSÃO

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República
"Uma das maiores da nossa história. Foi uma economista que nunca esqueceu a política e a defesa de um desenvolvimento econômico com justiça social."

Rosângela Silva, a Janja
Primeira-dama
"Obrigada, professora Maria da Conceição Tavares!"

Dilma Rousseff
Ex-presidente do Brasil, presidente do banco dos Brics
"Minha amiga e professora era uma mulher brilhante e profundamente comprometida com a soberania nacional, tendo atuado decisivamente na construção de um Brasil menos desigual."

Aloizio Mercadante
Presidente do BNDES
"Debatedora perspicaz, contundente e de formação heterodoxa, defendeu em sua vasta obra que a economia é um instrumento para melhorar socialmente e politicamente uma nação."

Ministério da Fazenda
Em nota
"Corajosa, criticou de forma arguta decisões de política econômica implantadas em descompasso com a justiça social. Seu forte espírito público inspirou centenas de economistas no país."

Marcio Pochmann
Presidente do IBGE
"A mestre do desenvolvimento com justiça social que jamais desistiu do Brasil. Deixa uma trajetória exemplar de educadora engajada no que de melhor o pensamento crítico gerou no Brasil."

Felipe Salto
Economista-chefe da Warren Investimentos
"Seu legado na ciência econômica e na política é marcado pela combatividade e pela ideia de que não se dissocia o pensamento econômico da militância para melhorar a vida dos que mais dependem do Estado, reduzir as desigualdades e promover o desenvolvimento com justiça social."

Whindersson Nunes
Influenciador e comediante
"Aos 94 anos, ela deixa esse plano, até o fim da vida sem preguiça de pensar. Fiquem com esse sorriso bonito que muitas vezes se escondia atrás da mulher falando firme."



A engenheira Cristina Pinho, conselheira consultiva na Shell e membro do conselho de administração da Ocyan Arquivo pessoal

Mulheres que trabalham em alto-mar relatam desafios

Ambiente predominantemente masculino demanda 'jogo de cintura', apontam

Stéfanie Rigamonti

SÃO PAULO Quando entra no refeitório da embarcação onde trabalha por 14 dias consecutivos antes de passar outros 14 dias em terra, Raylaine se sente um "pontinho" diferente entre 200 trabalhadores homens. "Você chega e todo mundo te olha, não tem jeito."

A segurança do trabalho Raylaine Silva, 29, da Ocyan, companhia fornecedora do setor de óleo e gás que faz parte do grupo Novonor (ex-Odebrecht), trabalha há oito meses em embarques.

Mesmo já estando acostumada a um ambiente masculino, ela diz que sentiu estranheza na primeira vez que esteve em alto-mar.

"Às vezes sinto vergonha. Mas isso vai melhorando depois. Com o tempo, eles também acabam se acostumando com a presença feminina no dia a dia", afirma.

Como seu trabalho exige uma carga de liderança para orientar e fiscalizar o uso correto dos EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), Raylaine conta que precisa de jogo de cintura para ser ouvida, inclusive nos treinamentos que faz com as equipes.

"Tem que ter jeito para se impor sem parecer que está mandando", diz.

Essa é a mesma sensação da Fabiana Capiche, 37, que trabalha como enfermeira embarcada há mais de dez anos, quatro deles na sua atual empresa, a Foresea, que faz afretamento e operação de sondas para águas ultraprofundas.

Fabiana é a única enfermeira de seu turno em um dos hospitais da embarcação, então acaba se tornando responsável por praticamente tudo o que acontece no local.

"Diferentemente de um hospital comum, em terra, o profissional da saúde offshore [no mar] precisa se ocupar da fronha do travesseiro até o cuidado com os pacientes. É uma função de liderança", conta.

Ela diz que já ouviu de homens que suas instruções não eram importantes e, no meio de uma reunião, um rapaz se recusou a escutar o que ela tinha a dizer. Outro problema são piadas de cunho sexual, queixa comum entre as profissionais dessa área.



> Às vezes sinto vergonha. Mas isso vai melhorando depois. Com o tempo, eles também acabam se acostumando com a presença feminina no dia a dia. Tem que ter jeito para se impor sem parecer que está mandando.
>
> **Raylaine Silva, 29**
> segurança do trabalho na Ocyan

Quando a mulher precisa ser mais assertiva para ser ouvida, acaba sendo taxada de "brava". A engenheira de petróleo Gleyde Moreira, 38, que está há 13 anos na SLB, empresa francesa prestadora de serviços para o setor de óleo e gás, diz que esse é um relato comum entre suas amigas de profissão.

Ela já trabalhou embarcada em campos nos Estados Unidos, no golfo do México, em Moçambique e no Brasil, mas, depois que se tornou mãe, optou por trabalhar em terra na companhia, relata.

Em 2014, Gleyde assumiu a função de supervisora de processos e se viu em uma situação de ter que "se provar o tempo todo" para ganhar respeito.

Ela afirma que já foi a maior especialista do mundo de uma sonda específica e, certa vez, o funcionário de uma empresa parceira, para a qual a SLB prestava serviços, quis tirar dúvidas sobre essa sonda com um subordinado de Gleyde.

"Ele nem se questionou se a especialista era eu ou meu subordinado. Foi perguntando direto para ele, e eu deixei isso acontecer para ver até onde ia. Uma hora meu subordinado não soube responder e me perguntou. Quando o rapaz viu que eu era a especialista, ficou com vergonha e pediu desculpas", lembra.

Gleyde afirma que, apesar de sua empresa ter um código de conduta que protege as mulheres, o setor de óleo e gás no Brasil ainda tem uma cultura muito machista.

Segundo ela, seus turnos costumam nas embarcações cerca de 200 homens para, no máximo, cinco mulheres.

Empresas do setor têm adotado programas para aumentar o número de mulheres trabalhadoras.

A engenheira Cristina Pinho, 65, conselheira da Ocyan, ressalta, no entanto, a importância da presença feminina desde o topo da hierarquia das companhias, como no conselho de administração, onde acontecem as tomadas de decisão, para que haja uma mudança de cultura corporativa.

Cristina tem uma longa carreira em cargos de gerência na Petrobras, onde trabalhou embarcada entre 1989 e 2004. Ela diz que hoje os canais de denúncia das empresas funcionam, mas, quando começou, havia casos graves de assédio moral e sexual que não eram punidos.

"Conheço mulheres que não se sentiam seguras nos seus camarotes, porque homens ameaçavam entrar lá", lembra.

"Com o tempo as empresas foram obrigadas a tomar providências, porque aumentou o número de mulheres nas companhias. E a diversidade de pensamentos nos conselhos também ajuda. Hoje a punição para esse tipo de caso é severa, gera demissão", diz.

Cristina encabeça ao lado de outras mulheres o Women Corporate Directors, organização global que estimula a inclusão de mulheres em conselhos de administração das companhias.

Embora esse ainda seja um longo caminho a ser trilhado, o ambiente corporativo para as mulheres do setor já tem dado sinais de melhora.

Fabiana Capiche, da Foresea, diz que, embora haja casos isolados de resistência às suas instruções, no geral a empresa onde trabalha dá voz ativa para ela assumir uma postura de comandante, como a sua função exige.

Gleyde Moreira, da SLB, adiciona que há mais compreensão hoje também com relação à maternidade. Ela conta que a empresa deu opção a ela sobre voltar ou não a trabalhar offshore depois que nasceu sua filha.

Além das iniciativas das empresas, Fabiana ressalta que os homens estão cada vez mais conscientes e diminuiu bastante uma prática que era muito comum em outros tempos de um rapaz acobertar sempre o que o outro fazia de desrespeitoso em relação às mulheres.

"Muitos deles até se revoltam com o que o colega faz, porque eles pensam que poderia ser com a filha ou a mãe deles", afirma ela. "Apesar das dificuldades, eu posso dizer que me sinto aceita no meu meio".

Engenheiras civis ainda sofrem preconceito e assédio na área

Vitória Macedo

SÃO PAULO Imagine um canteiro de obras. Movimentação para todos os lados, vigas e cimento em um ambiente cuja maioria dos trabalhadores é homem. Mulheres por ali, na construção civil, são poucas ou quase nenhuma, principalmente na liderança.

Quando a engenheira civil Aline Guasti Teixeira, 35, entrou em uma obra pela primeira vez, em 2009, de cara percebeu uma diferença no jeito em que era tratada.

A começar pelo espaço, que muitas vezes não atendia a questões fisiológicas de uma mulher, além dos assobios e cantadas que ouvia. O longo dia a dia na obra era exaustivo fisicamente e mentalmente.

Ela não é a única a se sentir dessa forma. Para 77% dos profissionais do setor, ainda há preconceito com a atuação feminina, aponta uma pesquisa feita pelo Portal AECweb e o Sienge Comunidade, em conjunto com o Ecossistema Tecnológico da Indústria da Construção, da Softplan.

O levantamento foi respondido por 619 funcionários, dos quais 68% eram mulheres arquitetas e engenheiras.

Teixeira sempre gostou de passar maquiagem, estar com a unha feita e usar vestido. Depois de frequentar as obras, ela conta que passou a evitar esse tipo de roupa e vestir mais camisas, com o objetivo de não ser mais incomodada.



Aline Guasti Teixeira, CEO da Mconsult Engenharia Karime Xavier/Folhapress

O ambiente machista é tido como um dos fatores limitantes para 16% dos entrevistados na pesquisa. Assédio sexual e moral foram denunciados por 15% dos entrevistados. A maioria (65%), portem, diz que na empresa em que trabalham homens e mulheres são tratados de forma equânime.

A engenheira civil Danielle Ramos, que atua na elaboração, revisão e verificação de projetos arquitetônicos, estruturais e hidrossanitários, afirma que o assédio ainda acontece com as mulheres na área, mas com as redes sociais elas estão mais informadas.

"Algumas pessoas passam por aquela situação porque dependem daquilo", diz. "Têm conta para pagar no fim do mês ou filhos para sustentar."

Muitas vezes, o desrespeito não vem dos funcionários na obra, mas de gestores, diretores e CEOs. É o que afirma a engenheira Maria Natalia Villagran de Dios. "Às vezes, o desrespeito velado vem de cima, não de baixo, como muita gente pode achar", diz a gerente de processos e qualidade na Dimas Construções. "Normalmente, vem de pessoas que possam vir a sentir sua autoridade questionada."

Antes mesmo de chegarem no mercado de trabalho, mulheres já enfrentam desafios na universidade. Villagran de Dios conta que foi a única mulher a se formar na sua turma. "Parece que eles estão te treinando para o mercado, porque não é fácil ser mulher estudante de uma carreira majoritariamente masculina, com professores homens", afirma.

Desde cedo ela sabia que queria trabalhar em canteiros de obras, pois sua mãe, arquiteta, sempre a levava para frequentar tais lugares. Mas a referência próxima não é regra com muitas mulheres.

A pesquisa mostra que a falta de referência é fator limitante para atuação das mulheres na construção civil. Mas Villagran de Dios acredita que isso vem mudando. "As meninas estão conseguindo chegar no final da faculdade também provavelmente por modelos que vieram abrindo o caminho", diz a engenheira.

Ela vê sua geração como referência. "Somos as mulheres que acabaram não se casando tão novas, não tendo filhos tão novas, então acabamos criando uma massa de volume de pessoas muito grande que o mercado foi obrigado a absorver", afirma.

A maternidade é vista por 10% das pessoas que responderam a pesquisa como limitador às mulheres na engenharia. Teixeira sentiu na pele sua carreira mudar após ter um filho há quatro anos. Ela percebeu que estava ausente na criação do filho e, quando ele recebeu o diagnóstico de autismo e falou à empresa que precisaria se ausentar para cuidar dele, foi demitida.

Na pesquisa, 68% dos profissionais dizem que é mais difícil conseguir uma posição de destaque sendo mulher na construção civil. Por isso, muitas vão empreender. É o que aconteceu com Teixeira, que fundou a MConsult e criou um canal no YouTube no qual produz vídeos conteúdos técnicos sobre engenharia.

Além disso, ela fundou o projeto A Metamorfose das Mulheres que Constroem, que faz mentoria, palestras e grupos de conversa, apoiado pelo Crea (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia).

"O que dói não é ser hostilizada por um homem, porque a gente acaba ficando anestesiada, o que destrói é não ser apoiada por outra mulher", diz. É um espaço de fazer um networking que, de acordo com a pesquisa, é dominado por homens na área.

Mas é a partir de grupos como esse que ela e as outras engenheiras acreditam estar mudando o cenário da construção civil. Para 73% dos respondentes do levantamento, as mulheres têm conquistado mais espaço em posições de liderança na construção civil.

"Os dados trazem mais visibilidade à pauta, a pesquisa serve como um sumo para que mulheres dentro de companhias consigam fazer esse movimento", diz Paula Lunardelli, diretora executiva e fundadora da Prevision, que foi adquirida pela Softplan. "Muitas delas tem uma mulher lá dentro querendo fazer acontecer e às vezes não consegue achar argumento suficiente para isso."

mercado



Nextage Fillie, robô da empresa THK apresentado na Fooma Japan 2024 Philip Fong/AFP

Com gestos mais sutis, robôs ganham espaço em restaurantes

Tecnologia tornou autômatos precisos o suficiente para embalar marmitas e até rechear bolinhos de arroz

OPINIÃO
TEC

Leo Lewis

FINANCIAL TIMES Revolução, disse Mao Tsé-Tung, não é uma festa de jantar. Talvez sim. Mas isso não significa que, quando a revolução chegar, não haverá comida envolvida.

Na semana passada, em Tóquio, para uma multidão que visitou uma feira da indústria de produção de alimentos da Ásia, a inteligência artificial e robôs apresentaram seus planos para assumir o controle.

Avanços tecnológicos feitos nos últimos anos, afirmam os defensores humanos dos robôs, deram a eles algo que sempre faltou: mãos inteligentes, macias e com noções de espaço. São mãos para o trabalho de embalador, que pegarão primeiro o espaguete e os bolinhos cozidos no vapor; depois o frango frito, biscoitos delicados e onigiri, bolinhos de arroz japonês, com salmão grelhado.

Não havia como disfarçar as ambições dos robôs. Esse não era o momento para uma saudação conciliatória à iminente redundância humana nem um aceno à necessidade de moderação.

As fileiras de autômatos de processamento de alimentos —uma variedade que incluía Foodly, Delibot e Nantsune Scorpion— não estão ameaçando conquistar por subterfúgio ou atrito, mas são um manifesto pela substituição sem que tentem se desculpar.

Compre nossas máquinas hoje, disseram os representantes de vendas da feira com centenas de fabricantes, e você poderá dispensar seus funcionários humanos amanhã. Folhetos mostrando os talentos cada vez mais brilhantes dos robôs retratavam as pessoas como silhuetas cinzentas na linha de produção do futuro —fantasmas daqueles que um potencial comprador não precisaria mais empregar.

E as multidões, principalmente japonesas, chinesas, coreanas e taiwanesas na exposição Fooma Japan —não coincidentemente representando as nações mais desequilibradas demograficamente da região— vieram exatamente para isso.

A indústria de produção de alimentos tem margens mais estreitas e muitas vezes é um ponto fraco para ganhos de produtividade.

As empresas querem IA e robôs: ao contrário de outros setores, o debate é todo sobre produção e preço. A população em declínio do Japão e anos de estagnação deram ao país uma ausência de temor —historiadores futuros podem concluir imprudência— em abraçar a automação alimentada por IA. Outras nações sabem que terão que fazer o mesmo muito em breve.

Nesse contexto, a exposição Fooma representa uma camada de múltiplas revoluções— algumas desejáveis, outras necessárias. A mais óbvia delas é a produtividade: os últimos números do governo na indústria de produção de alimentos do Japão a colocam substancialmente abaixo da manufatura geral. Um relatório do banco central do Japão de 2022 lamentou os poucos ganhos de produtividade e a lentidão com a qual os recursos tendiam a se mover de setores de baixa para alta produtividade.

A melhoria virá, o relatório concluía, com duas revoluções na alocação de recursos e —criticamente— um mercado de trabalho mais líquido onde os trabalhadores buscam as habilidades necessárias para setores de maior produtividade. O Japão precisa de robôs alimentados por IA embalando marmitas e preenchendo bolinhos de arroz, em outras palavras, para que seu estoque em declínio de capital humano possa fazer outro trabalho.

A revolução mais proeminente em exibição em Tóquio, segundo veteranos desses eventos, era tecnológica e estava em curso. Essa indústria sempre abraçou a automação, mas também conviveu com lacunas em seus processos —como controle de qualidade— onde apenas os humanos se encaixam atualmente. O Japão, cujas lojas de conveniência e supermercados exigem uma imensa produção diária de refeições prontas para comer, é especialmente consciente disso.

Vários artigos recentes sobre manipulação de alimentos por robôs destacam o problema: quando o alimento é poroso, escorregadio, pegajoso ou facilmente quebrável, as mãos humanas tendem a ser a única opção para certas partes do processo.

Mas agora, combinando sensores mais elaborados, ferramentas de IA para lidar com substâncias desiguais e sobrepostas, com ferramentas de agarrar mais sensíveis, isso não é mais verdade: as mãos dos robôs podem pegar suavemente uma porção de massa do tamanho preciso de uma tigela ou selecionar três pedaços de frango frito de um tanque de milhares. Eles podem trabalhar um pouco mais devagar do que as pessoas, concordam os vendedores, mas nunca dormem.

A Fujiseiki estava entre várias as empresas agora capazes de vender processos totalmente automatizados, do início ao fim, para o normalmente trabalhoso processo de montagem de marmitas, onigiris e outros alimentos pré-cozidos embalados.

O aspecto mais marcante dessa nova geração de robôs de mãos macias, no entanto, foi a maneira como seus manipuladores dizem que irão substituir os humanos: em pequena escala no nível da empresa individual, mas dezenas de milhares em toda uma indústria.

Seja o pessoal de vendas explicando as economias de custo, sejam os folhetos mostrando os trabalhadores fantasmas prestes a serem substituídos, os revolucionários estarão tirando empregos —ou libertando humanos, dependendo do seu ponto de vista— dois ou três de cada vez.



Novela da desoneração continua

Elevar imposto de exportadoras é péssimo para a produtividade da economia

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Em 2012, a presidente Dilma resolveu desonerar a folha de pagamentos. O objeto da medida eram setores da indústria de transformação que estavam sendo afetados pela competição da China. Com o passar dos anos, passou a boiada e inúmeros outros setores foram incluídos.

Desde 2015 tentamos acabar com essa política pública. Todos os trabalhos sérios que conheço documentam que ela não surtiu os efeitos pretendidos. O retorno social é muito baixo diante do custo fiscal.

No Brasil, qualquer política pública, uma vez criada, se transforma em permanente. Hoje, os 17 setores não são os mesmos que foram objeto da medida. Vários são setores de serviços que não sofrem competição da China.

O Supremo Tribunal Federal decidiu que, para a manutenção da desoneração da folha de salários, o Congresso, com o Executivo, precisa encontrar alguma base de tributação para compensar a perda.

Na terça (4), o governo enviou ao Congresso uma medida provisória, a MP 1.227, como uma sugestão para compensar as perdas de arrecadação com a desoneração da folha de salários. A medida é muito ruim.

O PIS/Cofins é um tributo que opera para muitos setores no regime não cumulativo. Significa que incide sobre as vendas do produto ou serviço ofertado pela empresa líquido (descontado) dos impostos que foram pagos nos insumos que a empresa adquiriu. As empresas, quando compram insumos, adquirem um crédito dado pela PIS/Cofins que incidiu nesses insumos e, quando forem pagar o imposto na sua produção, recuperam o crédito.

E se a empresa for exportadora? Como na exportação não incide Cofins, como ela faz para recuperar o crédito? Até terça-feira passada, a recuperação do crédito para as empresas exportadoras ocorria por meio de redução de outros tributos que a empresa recolhe para a Receita Federal. Por exemplo, o Imposto de Renda e a CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido).

O 5º parágrafo da MP 1.227 estabelece que a empresa não pode mais compensar o crédito da Cofins com outros impostos. Se a empresa exportar, operação em que não incide a Cofins, ela terá que pedir ressarcimento do crédito na Receita Federal.

O problema é que a Receita leva um ano para responder ao pedido e não tem prazo para pagar, e os juros somente começam a ser contados após um ano do recebimento do pedido de ressarcimento da empresa.

O governo alega que não pode ressarcir o crédito com Imposto de Renda pois ele é compartilhado com estados e municípios. Mas o mesmo não se aplica à CSLL. A MP 1.277 poderia permitir que a CSLL devida pela empresa pudesse ser empregada para ressarcimento dos créditos.

As medidas passaram a valer na própria terça-feira, sem que houvesse a noventena — o intervalo de 90 dias entre a criação de um tributo e sua efetiva cobrança.

De qualquer forma, esse artigo 5º da MP não representa uma nova arrecadação. Há somente uma postergação da compensação do crédito em razão da demora da Receita em ressarci-lo. Esse artigo da MP não atende ao comando do STF.

O artigo 6º da MP na prática elimina vários subsídios, quase sempre à exportação. Tive grande dificuldade de entender do que se trata exatamente cada medida. Em quase todos os casos, temos um crédito que foi concedido — uma maneira de o Estado subsidiar a produção de um bem — e a MP estabelece que o crédito somente pode ser compensado por Cofins que a empresa tenha a pagar. Novamente, se for uma empresa exportadora, fica sem saída. E, para os casos do 6º artigo, há a vedação ao ressarcimento diretamente com a Receita.

Sem entrar no mérito de cada medida do 6º artigo da MP, não faz sentido alterar as regras de cobrança de impostos sem que haja algum prazo para as empresas se ajustarem. A ampla reclamação das empresas faz todo o sentido.

A MP tem uma característica que tenho notado aqui neste espaço, que é focar o ajuste fiscal na elevação de impostos sobre as maiores empresas. No caso, empresas que exportam. É péssimo para a produtividade da economia. Há farta literatura que documenta esse fato.

Que confusão a política pública errada da desoneração da folha tem causado.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — megaleilões

FERNANDO JOSE CERELLO G. PEREIRA, Leiloeiro(a) inscrito(a) na JUCESP sob o nº 844, com escritório à Alameda Santos, nº 787 – Conjunto 132, Bairro Jardim Paulista – São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Compra e Venda de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças, no âmbito do Sistema Financeiro de Habitação-SFH nº 10160800802, datado de 05/07/2021 e Instrumento Particular de Retificação e Ratificação do Instrumento Particular de Compra e Venda de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças, no qual figura como fiduciante **Viviane da Silva Sanches**, brasileira, solteira, maior, não mantendo união estável, empresária, portadora da CI-RG nº 48.433.432-3-SSP/SP e CPF/MF nº 403.606.808-36, residente e domiciliado na cidade de São José do Rio Preto – SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 17 de junho de 2024, às 15h00**, no endereço do leiloeiro, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 273.157,59 (duzentos e setenta e três mil, cento e cinquenta e sete reais e cinquenta e nove centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do Credor Fiduciário, constituído pela Casa Residencial localizada na Rua José Clemente de Lima, nº 269 – Bairro Jardim Santa Cecília, Andradina/SP com a área construída de 187,71m² constante na Certidão de Valor Venal e seu respectivo terreno constituído por parte do Lote nº 10-A, da Quadra nº 58, com a área de 300,00m². **O imóvel encontra-se melhor descrito e caracterizado na matrícula nº 9.959 do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Andradina – SP.** Obs.: i) Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97; ii) Regularização e encargos perante os órgãos competentes de eventual divergência da área construída e do terreno que vier a ser apurada no local, correrão por conta do comprador. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **27 de junho de 2024, às 15h00**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 266.562,44 (duzentos e sessenta e seis mil, quinhentos e sessenta e dois reais e quarenta e quatro centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.megaleiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.megaleiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.megaleiloes.com.br e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção **HABILITE-SE**, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO – O SIPROEM - SINDICATO DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE PORTO FELIZ, ALUMÍNIO, ARAÇARIGUAMA, ARAÇOIABA DA SERRA, BOITUVA, CAPELA DO ALTO, CERQUILHO, CESÁRIO LANGE, IBIÚNA, IPERÓ, MAIRINQUE, SALTO, SÃO ROQUE, SOROCABA, TIETÊ, TATUÍ E VOTORANTIM – CNPJ 11.889.304/0001-78, por seu representante legal abaixo assinado, convoca todos os seus associados, para Assembleia Geral Ordinária, a ser realizada aos catorze dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro, às 10:30 h em primeira chamada e às 11 h em segunda e última chamada, com qualquer número de presentes, que ocorrerá em sua sede, Rua Barão do Rio Branco, 176 – Centro, Porto Feliz SP, para deliberação e aprovação, sobre o art. 4º, letra d e art. 12º de seu Estatuto Social. Sandra Maria Sampaio Nunes, Presidente. Porto Feliz, 09 de junho de 2024.

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Vinte de Junho de dois mil e vinte e quatro, às dez horas); 2 Leilão (Vinte e quatro de Junho de dois mil e vinte e quatro às dez horas) -Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt nº -1089-F, Vila Nova, Jaú/SP CEP 17.202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.º 27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário BEM VIVER REGINOPÓLIS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA -EM RECUPERAÇÃO JUDICIAL**, 14.586.504/0001-40, nos termos do instrumento particular firmado em 21/01/2015 com os devedores fiduciantes **PAULO SERGIO DE SOUZA,** Brasileiro, Gerente Bancário, **portador do CPF/MF 082.700.628-47, e do RG 16.668.451X,** e sua conjugê **EVELYN MACHADO SALVADOR,** Brasileira, Administradora, **portador do CPF/MF 262.400.698-25, e do RG 27.290.409-0 SSP/SP**, residentes e domiciliados na cidade de São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 20/06/2024 ás 10 horas com lance mínimo igual ou superior **R$ 147.476,94 (Cento e quarenta e sete mil, quatrocentos e setenta e seis reais e noventa e quatro centavos)** -atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de nº 7, quadra G (atual RUA PEDRO FERNANDES GONÇALVES), com área total de 180 M², melhor descrito na matricula de nº 17.975 do Oficial de Registro de Imóveis e anexos Comarga de Pirajuí -SP. Cadastro Municipal 08.0141.0395.001, sem benfeitoria, deocupado, Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 24/06/2024 ás 10 horas com lance mínimo igual ou superior **R$ R$ 154.695,03 (Cento e cinquenta e quatro mil, seiscentos e noventa e cinco reais e três centavos)** nos termos do art.º27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — megaleilões

FERNANDO JOSE CERELLO G. PEREIRA, Leiloeiro(a) inscrito(a) na JUCESP sob o nº 844, com escritório à Alameda Santos, nº 787 – Conjunto 132, Bairro Jardim Paulista – São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº 10157930702, datado de 28/04/2021, no qual figuram como fiduciantes **Uilson Roberto Paes de Moraes,** portador do RG nº 2.021.869-7-SSP/SP, inscrito no CPF nº 111.127.118-64, policial militar, e sua mulher **Renata dos Santos Sauda de Moraes,** portadora do RG nº 24.963.112-X-SSP/SP, inscrita no CPF nº 162.981.808-93, agente de trânsito, brasileiros, casados pelo regime da comunhão parcial de bens, residentes e domiciliados na cidade de São Paulo - SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 17 de junho de 2024, às 15h00**, no endereço do leiloeiro, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 408.512,71 (Quatrocentos e oito mil, quinhentos e doze reais e setenta e um centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do Credor Fiduciário, constituído pelo Prédio (Sobrado residencial), situado na Rua Professor Manoel Nogueira Padilha Sobrinho nº 91 e seu respectivo terreno na Gleba "S", da Vila Souza, no 40º Subdistrito Brasilândia, no Bairro Vila Francos, na Cidade de São Paulo - SP, possuindo a área construída de 111 m² (lançada no cadastro municipal – nº 108.008.0115-5) e terreno com 110,85 m². **O imóvel encontra-se melhor descrito e caracterizado na matrícula nº 117.374 do 18º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo - SP.** Obs.: i) Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97; ii) Regularização e encargos perante os órgãos competentes de eventual divergência da área construída que vier a ser apurada no local, correrão por conta do comprador. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **27 de junho de 2024, às 15h00,** no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 270.354,75 (duzentos e setenta mil, trezentos e cinquenta e quatro reais e setenta e cinco centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.megaleiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.megaleiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.megaleiloes.com.br e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção **HABILITE-SE**, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA — megaleilões

FERNANDO JOSE CERELLO G. PEREIRA, Leiloeiro(a) inscrito(a) na JUCESP sob o nº 844, com escritório à Alameda Santos, nº 787 – Conjunto 132, Bairro Jardim Paulista – São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº 10150500305, datado de 25/09/2020, no qual figuram como fiduciantes **Bruna Nunes da Silva**, empresária, portadora do RG nº 37.047.967-1 – SSP/SP, inscrita no CPF nº 402.693.188-66 **e Lucas Nunes da Silva**, engenheiro civil, portador da cédula de identidade RG nº 37.047.968 – SSP/SP, inscrito no CPF nº 400.486.188-88, brasileiros, solteiros, maiores, residentes e domiciliados na cidade de São Paulo - SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 17 de junho de 2024, às 15h00**, no endereço do leiloeiro, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 562.720,41 (Quinhentos e sessenta e dois mil, setecentos e vinte reais e quarenta e um centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do Credor Fiduciário, constituído pelo Apartamento sob nº 38, localizado no 3º andar do Residencial Villa Bella II, parte integrante do "Residencial Villa Bella" e Vaga de garagem nº 152, Tipo "I", pequena e descoberta, localizada no platô 02 do Residencial Villa Bella, situado na Avenida Albertina Vieira da Silva Gordo nº 212, no 8º Subdistrito – Santana (Vila Aurora), na Cidade de São Paulo – SP, com as seguintes áreas: **Apartamento:** área útil de 68,76 m², área comum de 24,81 m², área total de 93,57 m², correspondendo-lhe a fração de terreno de 0,8530% **e Vaga de Garagem:** área útil de 8,40 m², área comum de 11,81 m², área total de 20,21 m², correspondendo-lhe a fração ideal de terreno de 0,0797% m². **O imóvel encontra-se melhor descrito e caracterizado nas matrículas nºs 106.909 e 106.910 do 3º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo - SP.** Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **27 de junho de 2024, às 15h00**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 307.843,43 (trezentos e sete mil, oitocentos e quarenta e três reais e quarenta e três centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.megaleiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.megaleiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.megaleiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção **HABILITE-SE**, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO – ELEIÇÕES SINDICAIS

Pelo presente Edital, faço saber aos que tiverem conhecimento, ou vierem a ter, que no dia 26 de Julho de 2024 das 00h00min às 23h59min, no Estado de São Paulo, em votação eletrônica através do sistema www.votati.com.br, com regulamento e horário a ser divulgados até 10 dias antes do pleito (Artigo 73 dos Estatutos Sociais), serão realizadas as eleições do Sindicato dos Empregados em Empresas de Processamento de Dados, de Serviço de Computação, de Informática e de Tecnologia da Informação e dos Trabalhadores em Empresas de Processamento de Dados, de Serviço de Computação, de Informática e de Tecnologia da Informação do Estado de São Paulo – SINDPD, para composição da Diretoria, Conselho Fiscal, Delegados Representantes ao Conselho de Entidade de grau superior a que está filiada (efetivos e suplentes), e conselho de ética, nos termos do Artigo 75 dos Estatutos Sociais, fica aberto o prazo de 10 (dez) dias para o registro de Chapa, cujo encerramento dar-se-á no dia 19 de junho de 2024. Os interessados deverão apresentar requerimento em três vias, acompanhados de todos os documentos exigidos pelo Artigo 76 dos Estatutos Sociais, indicando a composição da Chapa e respectivos cargos, dirigido ao Presidente do Sindicato. A Secretaria Administrativa Eleitoral funcionará na sede social da entidade, no horário de funcionamento da entidade das 9:00 às 17:00 horas, na Avenida Angélica, 35, Santa Cecília, São Paulo, Capital, onde se encontrarão, à disposição dos interessados, pessoas habilitadas para atendimento, prestação de informações referentes exclusivamente ao processo eleitoral e fornecimento de recibo correspondente às Chapas que vierem a ser regularmente registradas. Fica aberto o prazo de 03 (três) dias, de acordo com o Artigo 84 dos Estatutos Sociais, para impugnação de candidatos, a contar da publicação da relação das Chapas registradas. Até 05 (cinco) dias antes do pleito será afixada, na sede da entidade a lista de eleitores qualificados conforme artigo 91 dos Estatutos Sociais. Não obtido quórum, serão realizadas novas eleições no dia 26 de agosto 2024, nas mesmas condições e horários do escrutínio anterior, o mesmo ocorrendo se houver empate, concorrendo nesta apenas as Chapas que obtiverem exatamente o mesmo número de votos.

São Paulo, 9 de junho de 2024.

ANTONIO FERNANDES DOS SANTOS NETO – PRESIDENTE

REGISTRO DE IMOVEIS E ANEXOS DE PIRASSUNUNGA
AVENIDA NEWTON PRADO, 2796 – CEP. 13631-040

E D I T A L

Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica desta comarca de Pirassununga, FAZ SABER que a **TCT2 Empreendimentos Imobiliários SPE S.A** depositou junto a este Oficial de Registro de Imóveis, a documentação necessária, protocolada sob número 175.019, em 12/04/2024, **para intimação** do **Sr. Charles Davi Dutra Doneda,** com os seguintes endereços: Rua Aristides Pombani nº 1505 – Jardim das Laranjeiras, Rua João Consentino nº 291 – Jardim das Laranjeiras e Rua Humberto Magno de Oliveira s/n – lote 21 quadra W – Terrazul BA, todos em Pirassununga, **a purgar a mora do débito em atraso**, decorrente do contrato de financiamento garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 01/07/2020, registrado sob nº.7, na matrícula nº. 38.077, deste Oficial, tendo em vista que, esgotadas as tentativas legais e normativas, não foi possível intimar o destinatário, que se encontra em lugar incerto e não sabido.

Procede-se a expedição do presente edital, que deverá ser publicado por três (3) dias, na conformidade com o disposto no parágrafo 4º., do art. 26, da Lei federal 9.514/97, para que o referido devedor fiduciante, fique **INTIMADO** a, no prazo de quinze (15) dias, se dirigir a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Avenida Newton Prado nº. 2.796, centro, Pirassununga - SP, para o fim de efetuar o pagamento do referido débito, que importa, em data de 06/06/2024, em R$14.659,94 (quatorze mil, seiscentos e cinquenta e nove reais e noventa e quatro centavos), sujeito a atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e às despesas de cobrança, somando-se, também, os encargos que vencer no prazo desta intimação. Dado e passado nesta cidade e comarca de Pirassununga, aos 06 de junho de 2.024. Eu, Thaís Helena da Costa Risi, conferi e subscrevi.

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 124/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

TÉCNICO DE ELETROENCEFALOGRAFIA PARA RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 10/06/2024 às 14h do dia 14/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **Ensino Médio**, expedido por escola oficial ou reconhecida, ou Declaração de Conclusão do curso fornecida pela escola;

Taxa: R$ 45,00 (quarenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 36h/semanais.

Salário: **R$ 2.525,96**
(dois mil, quinhentos e vinte e cinco reais e noventa e seis centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 125/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

ASSISTENTE SOCIAL PARA RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 10/06/2024 às 14h do dia 14/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **Serviço Social**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 30h/semanais.

Salário: **R$ 4.585,69**
(quatro mil, quinhentos e oitenta e cinco reais e sessenta e nove centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 126/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO NEONATOLOGISTA PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 10/06/2024 às 14h do dia 14/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **Medicina**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **Pediatria** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Pediatria** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.

Salário: **R$ 9.118,97**
(nove mil, cento e dezoito reais e noventa e sete centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 20/06/2024 até as 17h do dia 21/06/2024 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 127/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO CIRURGIÃO TORÁCICO PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 10/06/2024 às 14h do dia 14/06/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **Medicina**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **Cirurgia Torácica** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Cirurgia Torácica** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.

Salário: **R$ 9.118,97**
(nove mil, cento e dezoito reais e noventa e sete centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br


Edson Ikê

Melhor ter um pouco mais de pressão

Dados do clima indicam um desastre possível em razão da inação

Marcos Lisboa
Ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia.

O seminário em homenagem a José Alexandre Scheinkman, realizado em maio, no Insper, cobriu temas da sua impressionante contribuição para a economia e a política pública, reunindo alguns de seus coautores.

Uma delas talvez tenha surpreendido: as pesquisas sobre a mudança climática e a relevância de ações de política pública para atenuar seus efeitos econômicos e sociais.

Os estudos sobre o clima têm alguns argumentos consolidados em meio a muitas incertezas.

O aquecimento global acima de 1,1ºC desde o período pré-industrial tem influência da atividade econômica. Existe uma forte correlação entre o nível de emissão de CO_2 e a renda por habitante dos países.

Além disso, esse aquecimento leva a mudanças estatisticamente significativas em eventos climáticos, como enchentes e ciclones.

A evidência indica que a atividade econômica desde a industrialização contribuiu significativamente para o aquecimento global. Mas existem incertezas sobre o tamanho do seu impacto, assim como para a extensão e a frequência das possíveis catástrofes climáticas, como as enchentes recentes no Rio Grande do Sul.

Até agora, os dados indicam impactos ainda relativamente moderados, mas não se sabe bem o quanto podem piorar nas décadas à frente.

Em razão dessa incerteza, alguns argumentam que seria melhor esperar antes de adotar medidas de precaução. Muitos governos resistem a adotar um imposto sobre carbono, assim como implementar políticas públicas que mitiguem possíveis catástrofes ambientais.

A resistência surpreende.

No nosso cotidiano, tomamos diversas medidas preventivas contra eventos raros, porém possíveis. Fazemos seguro de casa e de automóvel para acidentes ou roubo.

Aprovamos diversas medidas legais para garantir a segurança de fábricas e estradas contra a ocorrência de eventos extremos, mas que ocorrem eventualmente.

Gestão de risco, adotar medidas preventivas contra as perdas possíveis, deveria ser tema corriqueiro na gestão privada e na regulação pública. Ainda mais quando o risco de catástrofes climáticas parece aumentar.

A incerteza sobre eventos extremos torna necessária a atuação do poder público. A dificuldade de mensurar os riscos, cuja chance de ocorrer saberemos apenas décadas à frente, dificulta as soluções de mercado, como seguros privados.

Além disso, existe um problema de coordenação. Se os demais não cuidam das medidas preventivas, todos sofrem, e eventuais ações individuais revelam-se ineficazes.

Comecemos pela incerteza sobre o tamanho do problema. Na sequência, tratamos da importância da ação preventiva ante a incerteza.

Certeza e verdade são temas da religião. Mas não da ciência, que busca, por meio de modelos simplificados e da melhor estatística disponível, estimar as possibilidades, discriminar as conjecturas mais prováveis e identificar as medidas possivelmente mais adequadas.

Existem muitos percalços na prática da ciência. Os riscos podem estar mal avaliados, os modelos podem estar mal especificados.

Os protocolos da ciência, contudo, nos ajudam a reduzir a incerteza das nossas previsões e recomendações de política pública. Aparentemente, é o que melhor se pode fazer.

No seminário em homenagem a Scheinkman, Harrison Hong destacou a variação das estimativas dos modelos climáticos sobre os impactos do aquecimento global.

A grande maioria dos modelos indica, por exemplo, aumentos modestos do número de ciclones e dos verões mais quentes. Alguns modelos, porém, estimam impactos bem maiores.

Lars Hansen, Prêmio Nobel de Economia, relatou as muitas estimativas sobre os impactos de 100 gigatons de carbono em 144 modelos de impacto climático.

O impacto sobre o aquecimento pode variar de 1ºC a 3ºC nos anos seguintes, permanecendo estável nas décadas seguintes. Na grande maioria desses modelos, os efeitos ficam pouco acima ou abaixo dos 2ºC. Em alguns, contudo, os efeitos são bem mais extremos.

Esse é o quadro. A emissão de carbono decorrente da atividade econômica contribui para o aquecimento global, o que aumenta a frequência de eventos catastróficos. Quanto exatamente? Não sabemos.

As estimativas de Hong indicam que, na sequência desses eventos, o crescimento anual da renda cai, em média, perto de 0,4%. A catástrofe destrói vidas, capital e recursos. A perda de renda continua nos anos seguintes, demorando a ser superada. As ações das empresas de capital aberto se desvalorizam.

Pior, a cada catástrofe, aumenta a chance de um outro evento grave nos anos seguintes. Tragicamente, os desastres tendem a se comportar como matilhas: a ocorrência do primeiro significa maior probabilidade de ocorrência de outros nos anos seguintes.

Hong documenta como as populações de países passam a estar mais atentas aos problemas climáticos depois de catástrofes. E como, em geral, seus governos passam a gastar mais com medidas preventivas.

Os países que adotam políticas de prevenção sofrem bem menos nos eventos seguintes. Os que pouco se preparam têm perdas bem maiores.

Outros temas tratados no seminário destacaram as contribuições mais recentes de Scheinkman, como a análise do impacto do desflorestamento na amazônia sobre os "rios voadores": o incrível mecanismo complexo que leva chuvas para a floresta, o Centro-Oeste e mais ao sul, beneficiando o país e, em particular, o agronegócio.

A amazônia destoa na comparação com os demais países. Há muito mais emissão de carbono do que seria esperado, quando se controla pela renda da região, como mostrou Juliano Assunção. E o desflorestamento prejudica os "rios voadores", reduzindo as chuvas.

Empresas do agro deveriam se preocupar com o tema. O negacionismo de alguns não ajuda.

Há muito o que ser feito para o bem comum. Estradas elevadas acima do nível das possíveis enchentes, recuperação da floresta na amazônia, medidas para a contenção de deslizamentos,

manutenção dos sistemas de proteção, além da restrição à edificação em áreas de risco, como as sujeitas a deslizamentos ou enchentes.

Hansen destaca que a tecnologia talvez nos salve. Investimentos em pesquisa para produzir equipamentos sustentáveis podem superar os mais graves problemas.

Ele ressalta, contudo, que existe muita incerteza sobre o prazo para o desenvolvimento dessas tecnologias. Melhor apoiar as propostas para induzir a redução de carbono e recuperar a floresta na amazônia. Além de cuidar das medidas preventivas.

O descuido da política pública com o meio ambiente aumenta os riscos de catástrofes.

| **DOM.** Ana Paula Vescovi, Marcos Lisboa, **Candido Bracher**



Passageiro da Bark Air, companhia aérea nos EUA que oferece viagens a cães em jatinhos de luxo Eduardo Munoz/Reuters

Nova companhia aérea nos Estados Unidos quer que todos os cachorros voem na 1ª classe

Aleksandra Michalska

NOVA YORK | REUTERS Uma nova companhia aérea dos EUA oferece viagens para cachorros em jatinhos de luxo e busca agradar tanto aos pets quanto aos seus donos —desde antes da decolagem.

O voo inaugural da Bark Air ("bark", em inglês significa latido) ocorreu no fim de maio entre Nova York e Los Angeles.

O CEO da empresa, Matt Meeker, afirmou que a ideia veio após a dificuldade que enfrentou para transportar Hugo, seu cachorro da raça dogue alemão.

"Não pude viajar com ele por longas distâncias e tive a ideia de que deveria haver uma companhia aérea que atendesse cachorros", afirmou Meeker, que também fundou o BarkBox, um serviço de assinatura para produtos para cães, que está hoje sob o guarda-chuva da Bark Inc.

"Nós oferecemos de tudo ao cachorro, tentando diminuir a sua ansiedade e estresse, para que eles tenham uma experiência confortável e sem medo a bordo do avião", afirmou o CEO da companhia.

A experiência começa com um lounge cheio de guloseimas —para os animais— e um check-in bem rápido.

A Bark Air também oferece um spa a bordo para os cães, com "champanhe para cachorros" e "barkaccinos", como batizou os agrados.

A companhia aérea pretende vender dez passagens por voo, com limite para transportar até dez animais, embora as aeronaves de luxo possam comportar até 15 pessoas (ou seja, mais de um dono por pet).

A passagem para um cachorro e seu dono acompanhante custa US$ 8.000 para um voo internacional ou US$ 6.000 em um voo doméstico dentro dos Estado Unidos.

Meeker, porém, espera uma queda nos preços no futuro.

"Estamos operando no prejuízo agora no começo. A ideia é que, com o tempo, tenhamos um caminho claro para reduzir o preço para o consumidor e também diminuir os nossos custos. E isso vem com escala e mais rotas", afirma.

Atualmente, a Bark Air voa apenas entre Nova York, Los Angeles e Londres. A empresa pensa em adicionar voos para Paris, Milão, Chicago, Seattle e rotas sazonais para a Flórida e o Arizona, após ter recebido 15 mil pedidos para a inclusão de novos destinos.

Tóquio terá app de namoro por natalidade

TÓQUIO | AFP A capital do Japão lançará seu próprio app de namoro. A medida faz parte do plano do governo para aumentar a baixa taxa de natalidade do país, disseram autoridades locais na terça-feira (4).

Usuários terão que comprovar que são solteiros e assinar um documento que garanta que desejam se casar. O app também exigirá comprovante de salário.

"Sabemos que 70% das pessoas que querem se casar não participam ativamente de eventos ou de apps de namoro", disse uma autoridade de Tóquio responsável pelo novo aplicativo. "Queremos dar-lhes um empurrãozinho."

As autoridades municipais japonesas às vezes organizam eventos para pessoas se conhecerem e se relacionarem, como tentativa de conter a baixa taxa de natalidade do país, mas é raro que desenvolvam seus próprios aplicativos.

Em 2023, o Japão teve o oitavo ano consecutivo queda na taxa de natalidade, de 5,1%, com 758.631 nascimentos. O número de mortes foi de 1.590.503.

O país enfrenta escassez de mão de obra, e o primeiro-ministro, Fumio Kishida, prometeu medidas para tentar aumentar natalidade como ajuda financeira às famílias e melhor acesso a cuidados infantis. ★